

A EVOLUÇÃO DA TERAPIA DE VIDA PASSADA

ELAINE DE LUCCA
ALEXANDRE POSSATO

A EVOLUÇÃO DA TERAPIA DE VIDA PASSADA

ELAINE DE LUCCA
ALEXANDRE POSSATO

Após 30 anos de TVP no Brasil, a psicóloga demonstra que esta técnica é mais que uma psicoterapia - é uma iniciação espiritual

® 2010 Elaine de Lucca, Alexandre Possato
São Paulo - SP - Brasil

3ª Edição - 2010

2ª Edição - 2002

1ª Edição - 1998

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lucca, Elaine de

A evolução da terapia de vida passada /

Elaine de Lucca, Alexandre Possato - São Paulo,
2010.

1. Psicoterapia. 2. Reencarnação e psicoterapia.
I. Possato, Alexandre. II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Terapia de vida passada: Terapia psíquica 615.852

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema “retrieval ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, seja este eletrônico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Capa: Criação de Cássia Caetano,
diretora de arte e artista plástica
pós-graduada em Linguagens Visuais.
Contatos: (11) 8119-8105
e-mail: cassinha6@hotmail.com

*Obra já publicada anteriormente como **Regressão; a evolução da terapia de vida passada.** – 2ª Edição 2002.*

AGRADECIMENTOS

*Agradeço aos meus pais pela oportunidade
mais preciosa de evolução: a vida.*

*Aos meus irmãos e amigos pela consideração
e apoio que me dedicaram todos esses anos.*

*A todos os meus pacientes por terem confiado em mim
e pelo privilégio de ter aprendido com eles.*

*A Vera, minha secretária, tão companheira
e amiga, pela lealdade incontestada
e carinho contínuo.*

*Ao Alex Possato, escritor, por ter trabalhado
as palavras com a maestria que eu imaginei.*

*Ao meu marido, tão querido,
pelo companheirismo, paciência e
amparo ao longo dos tempos.*

*A todos os amigos espirituais pela
energia carinhosa de apoio, proteção,
persistência e intuição.*

*A Deus pela chance de desenvolver o espírito,
crescer e progredir através do amor pela vida.*

ÍNDICE

Prefácio.....	13
Introdução por Elaine Gubeissi de Lucca.....	17
Introdução por Alex Possato.....	25
1 - O Caso Lia.....	29
2 - Terapia de Vida Passada (<i>A terapia do auto-conhecimento</i>).....	81
3 - O Caso Gabriela.....	119
4 - Reencarnação e carma.....	193
5 - O espaço entre vidas.....	223
6 - Espíritos - Eles estão entre nós.....	261
7 - A terapia que vai além dos pacientes.....	295
Bibliografia.....	309

PREFÁCIO

Por que nós temos tantas doenças, problemas de relacionamento, instabilidade?

Existem vidas passadas?

Nós carregamos conosco problemas, defeitos, dívidas de vidas passadas?

Já não basta tudo o que temos que aguentar na vida de hoje?

Por que, então, se existe reencarnação, não nos lembramos de nada?

Os questionamentos sobre os percalços da vida, o sofrimento, as injustiças que sofremos, o êxtase, quem somos, para onde vamos, são temas que excitam a curiosidade de todos os povos do mundo, desde a mais remota antiguidade até os dias atuais. Não apenas religiosos e teólogos se aventuraram em opinar sobre Deus, vida e morte; pesquisadores, filósofos, cientistas, místicos, visionários, pessoas honestas e outras nem tanto deixaram e deixam a sua contribuição, seus esclarecimentos, opiniões.

Tal diversidade de idéias e pensamentos, como não poderia deixar de ser, originou incontáveis linhas filosóficas, terapias, tratamentos, religiões, postulados. A Terapia de Vidas Passadas, forma de tratamento desenvolvida relativamente há pouco tempo, é um fato incontestável, e vêm atraindo um número crescente de interessados no assunto, por uma única e simples razão: pacientes, muitos dos quais procuraram diversos outros tipos de tratamento para seus problemas, vêm obtendo resultados fantásticos após passarem por algumas sessões de TVP. A duração da terapia varia de caso a caso, mas pode-se afirmar que não é um tratamento demorado, e este fato a difere de tantas outras linhas psicoterápicas - geralmente não existe

a necessidade de longos períodos de visitas ao consultório do terapeuta.

Em 30 anos de TVP no Brasil, a técnica amadureceu, evoluiu, conquistou adeptos e também a crítica de muitos setores. É um fato normal. O Homem, como ser sectarista, muitas vezes trocou a razão pela intolerância, transformando embates puramente ideológicos em motivo de pilhérias, descrédito, discriminação, isto se focalizarmos apenas um âmbito mais ameno. O simples fato de ainda não se compreender totalmente evidências, fatos comprovados, depoimentos, pesquisas, não significa necessariamente ser a TVP fruto de fantasia, imaginação, alucinação ou alguma outra explicação simplista comumente disferida pelos incrédulos. Pode-se, por que não, recusar-se a acreditar em reencarnação e vidas passadas, porém os resultados práticos não podem ser negados: o paciente realmente melhora após passar pela terapia. Psicoterapeutas do mundo inteiro estão comprovando em seus consultórios esta realidade - muitos, inclusive, cartesianos por formação, foram obrigados a reformular totalmente seus conceitos, perante os fatos presenciados durante os trabalhos de regressão.

De maneira geral, o público brasileiro e, principalmente, as pessoas que necessitam do auxílio da TVP, não sentem dificuldades em aceitá-la. Reencarnação, vidas passadas, espíritos, são assuntos que não causam tanto espanto na nossa cultura miscigenada, em transformação, captando ecos dos mais diferentes povos do mundo, numa congruência um tanto difícil de entender. Aqui não é incomum misturar conceitos católicos com candomblé, budistas podem muito bem frequentar sessões espíritas, sem grandes problemas. É a demonstração não apenas da tolerância de credos, mas da inter-relação de todas as religiões - todas as filosofias sérias conduzem a um único caminho.

Da mesma forma, nossa cultura heterogênea nos predispõe a crer nas relações entre saúde e espiritualidade, e isto não é incoerente. A TVP, nascida em meio à medicina dita “científica”, vem resgatar as antigas tradições xamânicas, com um detalhe

que a distingue: não existe mais o cunho do exotismo, esoterismo, curandeirismo. Firmando-se como um novo degrau para a psicologia, a Terapia de Vida Passada une conceitos espirituais e terapêuticos em um caminho único. A ruptura entre a velha medicina ortodoxa, que busca causas orgânicas para todos os males - e não as encontram - e a nova medicina que está se vislumbrando para o próximo século passa obrigatoriamente por este ponto: encarar o ser humano não exclusivamente como ser orgânico, o Homem máquina, cujos distúrbios se devem a um defeito “mecânico”. O Homem é um ser composto por células, sim, mas é também um espírito, fonte e condutor de energia, uma individualidade que interage e é influenciada por todo o Universo que o cerca - tanto o visível para nossos olhos, como também o invisível.

A ciência hoje entende que a matéria nada mais é que energia condensada. O que isso significa? Significa que nós, e tudo que está ao nosso redor também é energia. É muito lógico imaginar que a doença, de maneira genérica, pode ser causada, como também evitada, por fatores imateriais, inorgânicos. Todas as nossas experiências geram emoções, energias que podem ser canalizadas e exteriorizadas em forma de alegria, êxtase, ou por outro lado, depressão, úlcera, por exemplo. Trabalhando sobre estas emoções, a TVP não reluta em recuar no tempo para encontrar a verdadeira origem dos sintomas dos pacientes. Se existem vidas passadas, ainda não há como provar. Porém, as evidências da Terapia sinalizam pela veracidade da reencarnação - mais que isso, demonstra as relações entre comportamento (do presente e do passado) e enfermidades, culminando num caminho terapêutico rápido e eficaz.

INTRODUÇÃO

por Elaine Gubeissi de Lucca

Por que escrever este livro?

Trabalho com a Terapia de Vida Passada há 30 anos, desde que esta técnica foi introduzida no Brasil, em 1980, através do estudo da obra de Morris Netherton em nosso país. Desde então, mais de dois mil pacientes atendidos e 26.000 horas de regressão presenciadas, sinto-me a vontade em poder afirmar que a TVP é uma realidade que vem ajudando as pessoas, de uma maneira extremamente rápida, a combater sintomas os mais variados, como fobias, tensão pré-menstrual, insônia, problemas de relacionamento, alergias, enxaquecas, depressão, etc.

Formada desde 1975 em Psicologia, sempre tive alguma dificuldade em aceitar alguns dos conceitos acadêmicos estudados durante os anos de faculdade. Por que são necessários meses, anos de terapia, sem o paciente, em muitos casos, perceber resultados expressivos em seu relacionamento cotidiano? Por que existe uma dependência inconsciente na relação terapeuta-paciente, onde o indivíduo afetado por problemas diversos se vê compelido a frequentar constantemente o consultório, sentindo-se incapaz de *caminhar com suas próprias pernas*?

Estas minhas dúvidas, aliadas à crescente espiritualização que me envolve desde o tempo do curso de normalista em colégio de freiras, começaram a operar mudanças na minha maneira de pensar. Ao mesmo tempo em que procurava definições para o meu rumo profissional, a religiosidade antes expressa na tradição católica, expandiu-se para outros conceitos. Era o início de uma nova etapa.

Exercendo a psicologia nos moldes tradicionais, estava me submetendo durante vários anos à psicoterapia, e por isso

podia avaliar com maior critério as limitações das linhas ortodoxas. Paralelamente, comecei a estudar com maior objetividade os assuntos relativos ao espírito, desbravando além dos dogmas nos quais fui criada, envolvendo agora os conceitos de carma, reencarnação, obsessão, entre outros. Procurava um caminho que unisse minhas aspirações profissionais como terapeuta à este universo dinâmico e lógico da espiritualidade.

Casei-me em 1983, e Gabriel, meu marido, auto-didata em filosofia oriental e yoga, colaborou ainda mais para a abertura da minha consciência, ampliando o meu conceito holístico do universo. A metodologia cartesiana de exercer a psicologia não mais fazia sentido para mim - pelo contrário, passei a considerar o ser-humano como um todo, uma parte integrante do universo, *ator, roteirista, diretor e espectador do seu próprio filme*. O que isto significa? Que o Homem age e recebe a láurea de uma vida mais feliz, ou não, conforme o seu desempenho. Neste momento surgiu a TVP em minha vida, terapia capaz de conscientizar os pacientes da realidade de que é possível viver melhor, libertando-os dos sintomas de desequilíbrios, além de demonstrar a veracidade de todo o conhecimento e vivência espiritual que eu havia adquirido até então.

É importante dizer que desde o começo me identifiquei completamente com este tipo de terapia, nunca quis nem procurei distorcer a técnica, conciliando-a com outras formas de terapia, porque achava a maneira que aprendera como sendo a correta, ou seja, a melhor maneira de alcançar bons resultados era obedecendo ao método proposto. Não me cabe julgar outros profissionais que utilizam a regressão em concomitância com outras formas de tratamento, mesmo porque seria antiético, porém gostaria de deixar claro que existem formas e formas de trabalhar com vidas passadas, e a não obediência a um método, poderá implicar em um resultado não satisfatório para o paciente, cuja alta deve ser o objetivo primordial do psicoterapeuta.

Eu e meu marido partimos para a realização de um projeto conjunto, onde realizo o meu trabalho exclusivamente

utilizando a TVP e ele ministra sessões de Kali Yoga, a milenar terapia hindú. Consideramos o nosso trabalho como congêneres: as técnicas são diferentes, mas o objetivo principal é o mesmo: o auto-conhecimento.

A exposição correta da maneira como trabalho e os resultados obtidos após a alta do paciente é um dos objetivos deste livro. Apesar de haver alguns títulos em português sobre a TVP, imagino que muitas pessoas não entendam exatamente o que vem a ser a terapia, surgem dúvidas a respeito de como os pacientes vão sendo curados, qual o papel do psicoterapeuta... Fantasia e imaginação, assim como a ação de alguns exploradores da boa fé das pessoas contribuem para formar uma aura mística em torno deste assunto, que é sério e objeto de estudos há várias décadas.

A idéia em torno da necessidade da existência de um livro que esclarecesse um maior número de pessoas, mostrando-lhes um caminho para a solução dos seus problemas começou a surgir entre meus próprios pacientes, que frequentemente me indagavam o porquê de eu não escrevê-lo, divulgando o meu trabalho e a minha experiência. Muitos chegaram ao meu consultório após passarem por outros tipos de terapia, sem obterem resultados significativos, e afirmaram que se soubessem da existência da TVP há mais tempo, teriam me procurado. Outros já haviam feito regressões sem, no entanto, perceberem alguma melhora no seu estado, e também tiveram progresso. Um livro, portanto, seria um projeto tentador, após tantos pacientes recuperados, e tão pouca informação sobre a terapia. Desde que assumi a idéia de expor meu trabalho através de uma obra escrita, tinha consciência de que não saberia passar com a clareza necessária tudo o que eu desejava, além de não ter tempo suficiente para me dedicar a esta tarefa, já que o consultório me ocupava e ocupa praticamente todo o meu horário. A solução era encontrar um escritor que pudesse não somente transcrever casos interessantes, como também captar o “espírito” da TVP e o meu método de trabalho, com discernimento e imparcialidade. Não

posso deixar de agradecer à paciente Márcia, cuja sensibilidade indicou-me o caminho para encontrar tal escritor. Conheci Alex, e conforme a obra foi tomando forma, pude notar que a comunhão de pensamentos e idéias foi se cristalizando, para culminar num texto que muito me apraz - o casamento entre o que eu queria transmitir e o que foi escrito ficou perfeito. Fica também o meu apreço e amizade ao jovem escritor.

Todos os casos relatados são reais, somente os nomes são fictícios - também foram suprimidos ou modificados dados que pudessem identificar os pacientes, que, por outro lado, concordaram em ver os detalhes do tratamento divulgados. Foram tantos os gestos solidários, foram tantos pacientes que nem se importavam com o sigilo, que tive a ingrata tarefa de selecionar os casos, transcrevendo apenas uma pequena parte. A boa vontade demonstrada por todos os pacientes que apoiaram este projeto, deixa-me profundamente agradecida. Eles me mostraram, com esta atitude positiva, uma fé na TVP, baseada nas próprias experiências, e um desejo que mais pessoas possam ser beneficiadas pela terapia.

A TVP não é um processo milagroso, e o simples fato de ver vidas passadas não significa muita coisa - seria apenas um assunto para satisfazer curiosidades ou suscitar controvérsias. Cabe ao terapeuta trabalhar cada emoção, orientar o paciente quanto ao significado de tudo o que é visto nas sessões, conscientizando-o das relações entre a regressão e os sintomas apresentados, assim o processo terapêutico se realizará de maneira satisfatória. E este é um ponto essencial: o terapeuta tem que estar plenamente consciente daquilo que está fazendo, daquilo que busca alcançar, tem que confiar 100% na eficácia da TVP e dessa forma poderá transmitir esta certeza ao paciente.

Todos os que procuram uma forma de terapia, querem encontrar uma solução para aquilo que os fazem sofrer, e estão predispostos a aceitar a opinião do especialista. Entretanto, não induzo ninguém a acreditar na reencarnação, pois este não é o meu trabalho e a crença ou não em vidas passadas não tem

relação com a eficácia da terapia. Invariavelmente oriento todos os meus pacientes a respeito da técnica e da teoria, explico-lhes o método, demonstrando claramente que toda a base do tratamento pressupõe experiências de vidas passadas, e somente a partir da concordância do paciente, começamos a terapia.

No caso em que o paciente não esteja *realmente* disposto à submeter-se ao tratamento pela TVP, oriento-o sobre outras formas de terapia que podem ajudá-lo, pois não considero a minha técnica como a única capaz de produzir resultados positivos, caso contrário, eu e meu marido não teríamos nossos consultórios no mesmo local, cada qual trabalhando com métodos diferentes.

Poucos são os casos onde o paciente não entra em regressão - a partir do momento em que ele aceita iniciar o tratamento, já está consciente sobre a terapia, e possui uma motivação interna muito maior que qualquer bloqueio: ele quer sanar seus problemas. Nos casos onde a pessoa não vai ao meu consultório por sua espontânea vontade, por exemplo, pela minha experiência, posso dizer que geralmente os resultados não são satisfatórios. Com pessoas extremamente orgulhosas, que se acham incapazes de terem errado nesta ou em outras vidas, também pode ocorrer o bloqueio. No entanto, este tipo de paciente é uma minoria. Nesta situação, quando não se consegue regredir, eu encaminho para outro tratamento - muitos sentem-se bem com o trabalho de Kally-yoga desenvolvido pelo meu marido. Pessoalmente, não procuro aplicar um método diferente de psicoterapia devido ao grande número de pessoas que aguardam para fazer a TVP.

O meu objetivo sempre foi desenvolver um trabalho profundo, duradouro e ao mesmo tempo rápido, em busca da diminuição e resolução dos problemas. Somente quem sofre pode descrever a sensação do que é estar bem num curto espaço de tempo. Nunca me conformei com terapias longas, onde anos, dinheiro e paciência são gastos com resultados muitas vezes inexpressivos. Não quero criticar qualquer tipo de tratamento,

convencional ou não, somente desejo demonstrar a eficácia da TVP em praticamente todos os casos que tratei.

Muitas dúvidas ocorrem, não apenas entre os descrentes, mas até entre profissionais terapeutas que, em maior ou menor grau, aceitam a TVP como um método eficiente. Questiona-se quando um paciente pode ou não entrar em regressão, se outros métodos são mais indicados, se a regressão vai complicar os sintomas, etc. A priori, todo o paciente está preparado para passar pelo processo. em nenhum momento seleciono quem vai ou quem não vai fazer a TVP - somente após tentar a regressão e ele demonstrar bloqueio é que encaminho para outro trabalho. Devo frisar mais uma vez que isso quase nunca ocorre.

Acredito que, estando o terapeuta plenamente consciente da sua tarefa, procedendo de maneira ética, procurando sempre ampliar seu embasamento teórico, conservando a mente aberta para todas as formas de conhecimento, não haverá mais dúvidas: a TVP é um grande avanço nas linhas terapêuticas.

Sempre na primeira sessão realizo a anamnese, uma entrevista onde procuro saber a história da vida do paciente, desde a concepção até o momento das queixas que o levou a me procurar. Na segunda sessão em diante, é realizada a regressão e após o término de cada sessão faço as relações entre os problemas atuais relatados com o que foi visto nas regressões. Não importa o número de vidas a serem vistas, enquanto existir o problema, trabalho com a idéia de que existem mais fatos ocultos, não revelados. A primeira vista, pode parecer que é um tratamento demorado, que sempre haverá algo a ser visto, mas isto não corresponde à verdade - em média, o paciente tem alta em três meses, em sessões semanais de duas horas.

O paciente é induzido, depois de um trabalho de relaxamento, a ver apenas o que tem relação com a sua queixa, com o seu problema. Conduzo seu inconsciente através de perguntas, porém jamais induzo as respostas. Por exemplo, quando um paciente diz sentir dores de cabeça, faço o relaxamento e peço que ele repita constantemente: “Tenho dor de cabeça”; “tenho

dor de cabeça”. Então, solicito que ele vá até um *momento passado* onde apareça uma das origens para essa dor de cabeça constante. Esse *momento passado* pode ter ocorrido tanto nesta vida atual - um acidente na infância, por exemplo - como em qualquer outro momento. Meu objetivo não é provar a reencarnação, não pergunto a respeito de nomes de famílias, datas, locais, trajes, utensílios que possam identificar em que época e local está se desenrolando os fatos. O sentimento e as sensações do meu paciente é que são importantes e a maneira espontânea pela qual tais sensações são relatadas me dá a certeza da veracidade.

Durante todos esses anos presenciando regressões em meu consultório, seria incoerente eu imaginar que os pacientes são atores interpretando situações imaginárias, onde o ódio, o amor, a dor, a solidão, o medo, a angústia, lágrimas e risadas afloram em minutos, sem que se esteja realmente sentindo estas emoções.

Já se realizaram muitas pesquisas e estudos a respeito dessas visões teoricamente sobre vidas passadas, e este assunto também será abordado. Eu tomo tudo o que é relatado pelos meus pacientes como verdadeiro, e é sobre estas sensações que pratico o meu trabalho terapêutico. Os resultados práticos, ou seja, a alta, me anima a prosseguir por este caminho, reforçando, dia após dia, a certeza das minhas convicções.

É interessante notar que mesmo pacientes céticos, após a primeira regressão, não discordam que aquelas imagens e sensações vistas estavam gravadas no subconsciente, tal a vivacidade e a intensidade da experiência. Apesar de todo o realismo, não há o menor perigo da pessoa ficar “presa” ou traumatizada porque, de acordo com o método que pratico, demonstro as relações entre os fatos vistos na regressão e a vida atual, e conscientizo o paciente de que o conteúdo da regressão é passado - a medida em que ele se libertar desse passado, compreendendo seus erros e acertos, conseguirá também se libertar dos problemas atuais, que são intrínsecos aos problemas passados.

INTRODUÇÃO

por Alex Possato

- Ela faz TVP e quer escrever um livro a respeito...
- Faz o quê?
- TVP, Terapia de Vida Passada. Você quer conhecê-la?
- Sim, vamos conversar.

Desliguei o telefone, sem ter uma noção muito exata sobre o que seria, qual o assunto do livro, e quem seria a Elaine.

Uma amiga dos tempos da faculdade de jornalismo se comprometeu a me apresentar a Dra. Elaine (ela se recusa a aceitar o tratamento formal), psicóloga que há anos trabalha com esta forma de terapia. A TVP, até o momento, era uma técnica completamente desconhecida para mim, e fiquei interessado em saber quais os motivos para me propor escrever um livro sobre o assunto e que tipo de material havia.

A princípio, sempre achei o tema fascinante: reencarnação, vidas passadas, influência dos espíritos, a lei do carma são assuntos presentes no meu cotidiano desde os tempos de infância, quando ouvia, um pouco temeroso, os bate-papos sobre fenômenos paranormais na minha família. Minha avó, de criação católica, foi testemunha do que a parapsicologia costuma se referir como *poltergeist*, e a credence popular genericamente denomina *casa mal-assombrada*. Narrava, com seu ar sóbrio e natural, os estranhos acontecimentos ocorridos naquela velha casa de Taubaté, interior de São Paulo, lá pelos longínquos anos 30: objetos voavam inexplicavelmente, espatifando-se pelas paredes, sons ecoavam noite adentro, batidas rítmicas e constantes nas paredes não deixavam ninguém dormir, motivo pelo qual recorreram até aos serviços do padre, que não soube como solucionar o problema.

Na minha pré-adolescência, comeci a procurar revistas e livros espíritas, esotéricos, alternativos, e fui concebendo a

minha idéia de universo, Deus, caminho do Homem, tentando ser consciente, lógico e analítico, evitando aceitar coisas esdrúxulas ou fantasiosas ao extremo. Considero-me um curioso e aprendiz sobre esse assunto, não um especialista - seria presunçoso e irreal da minha parte. Como tal, um *fuçador* de filosofias espirituais, cheguei até o oriente, onde pude conviver durante aproximadamente um ano entre os membros da religião Mahikari, na pequena e bucólica cidade de Kameyama, sudeste do Japão.

Após uma espécie de curso de iniciação, descobri, perplexo, pessoas pertencentes a uma cultura totalmente estranha à minha falando coisas que fazem parte da minha crença pessoal, assuntos presentes, conforme relatei, desde a infância: influência dos espíritos, obsessão, o poder da cura pela imposição de mãos, massagens terapêuticas, leis de amor, humildade e caridade. Uma realidade que eu ainda não havia percebido estava diante de mim, de maneira prática: filosofias sérias, mesmo não tendo ligações culturais entre si, professam na mesma direção, ou alegoricamente, falam a mesma língua.

Voltei deste período no Japão com um livro pronto na bagagem, mas não tive a oportunidade de publicá-lo, devido a uma dessas *peças* que a vida nos prega: em viagem pela América do Sul acabei, em poucos meses, casando e sendo pai da minha pequena e irrequieta Elena - isto representou outra forma de responsabilidade, outras prioridades, enfim, um certo tempo para reestruturar a vida. É, a vida é interessante. O fato de ter conhecido minha esposa Theresa, alemã residente em Berlim, em Machu-Pichu, Peru, numa situação onde nenhum de nós dois deveríamos estar lá, mas por uma série de *coincidências* ocorreu, realçou outra crença minha: certas *coincidências* nada mais são que o carma agindo, e só podem ser explicadas através de laços vindos de outras vidas.

Elaine e seu marido Gabriel me receberam com um sorriso de boas-vindas e um monte de livros sobre regressão e terapia de vidas passadas, material que pela primeira vez tive oportunidade de entrar em contato. Descobri pesquisadores, doutores em diversas áreas que, sem estarem ligados à nenhuma

religião ou filosofia específica, ousaram afirmar a existência da reencarnação, a influência dos espíritos em nossas vidas e a possibilidade terapêutica da regressão à vidas passadas.

Não tive nenhum problema em conciliar minhas idéias e meu pouco conhecimento com as “novidades” que fui descobrindo nas conversas com o casal. Os dois dividem o tempo entre o trabalho no consultório (Gabriel desenvolve um tratamento terapêutico baseado na Kali Yoga - uma técnica por ele desenvolvida que, de uma forma adequada à época atual, permite às pessoas uma harmonização rápida e precisa) e o estudo, o que equivale a dizer que são fonte quase inesgotável para um agradável e instrutivo bate-papo.

Das periódicas reuniões que realizávamos, onde discutíamos não só TVP; da leitura e análise dos casos tratados pela Elaine, que ilustram este livro; da pesquisa em um farto material impresso; das muitas horas de fitas gravadas e rascunhos contendo comentários sobre casos e a técnica aplicada pela terapeuta, esta obra foi tomando sua forma final, onde procurei demonstrar com imparcialidade o trabalho extremamente profissional e idôneo realizado pela amiga (hoje posso me colocar assim), como também procurei atestar a seriedade e eficácia da TVP. Para tanto, usei submeter-me a uma longa sessão de regressão onde, pasmado, vi surgirem três vidas completamente diferentes, repletas de emoções, imagens e situações distintas para cada vida. Não fui Napoleão, não fui príncipe ou nobre - fui uma pessoa comum, em situações comuns, com defeitos, virtudes e atitudes coerentes com a época vivida. Ao longo de mais ou menos seis horas, passei da Ásia para, talvez, a Europa, fui rico e pobre, chorei, ri, senti medo, raiva, amei e desprezei. Sentimentos normais, sim, mas o fundamental é que são sentimentos vindos de dentro do meu eu, sentimentos que eu aceito como sendo lógicos e relacionados com minha personalidade.

Como eu não tinha graves problemas emocionais ou outro tipo de problema que justificasse a procura da terapia, não posso dizer que o fato de ter feito uma regressão mudou radicalmente a minha vida. Por outro lado, sinto-me no compromisso

de dizer que em todos os aspectos que posso observar, tanto no sentido emocional, como no sentimental, como no profissional, há um progresso. Será por causa da TVP?

Um fato considero fundamental: a TVP é um dos caminhos para a abertura ou a reavaliação de conceitos pessoais sobre a vida, o destino, nossas atitudes, nossos direitos e nossos deveres. Ela leva o ser humano a assumir as responsabilidades de ser humano. O paciente tratado por esta terapia percebe que têm todas as ferramentas para construir a sua vida de maneira que lhe traga tranquilidade de consciência e paz de espírito e, por que não dizer, felicidade.

O que também merece destaque é o número de casos em que pacientes com problemas físicos, perturbações e lesões psicossomáticas, recebem alta em período relativamente curto.

Creio que as evidências dos fatos trazidos pela TVP merecem uma análise isenta de dogmas, preconceitos e recriminações intolerantes, desprovidas de lógica e conhecimento. A incredulidade irracional é tão perniciosa quanto a credulidade obcecada. A discussão construtiva é uma das dádivas que devemos à civilidade e à liberdade de expressão. Logicamente, acreditar ou não é uma opção pessoal.

CAPÍTULO 1

O caso Lia

Antes de entrar em mais detalhes sobre a terapia em si, vou descrever um caso completo, exatamente como ele foi evoluindo, pois penso que é a melhor maneira de se compreender o processo em si, desde a chegada do paciente até a alta. Alguns autores preferem transcrever casos linearmente, onde as regressões são vistas desde o nascimento até a morte, porém não é assim que ocorre no meu consultório: o paciente, espontaneamente, vai a determinado momento, guiado apenas pelas minhas perguntas e induções referentes aos problemas discutidos na anamnese. A partir do momento que aflora alguma imagem, conduzo o inconsciente do paciente, cronologicamente, para frente ou para trás, de acordo com os fatos marcantes que vão sendo relatados, mas sempre tomando o cuidado de perfazer toda a vida, pois acontecimentos importantes para a compreensão do caso como um todo podem estar escondidos em qualquer fase.

Somente o constante pedido de repasse pela vida que faço e o desapego à ordem cronológica possibilita a revelação de detalhes sugestivos, importantes, que demonstram a personalidade do paciente nesta vida em que está sendo revista, e me cabe organizar os dados, as relações com a vida presente.

Tudo tem relação: uma criança espancada e trancada dentro de um cubículo, fato tão comum nos jornais atuais, logicamente vai sofrer traumas gravíssimos, talvez claustrofobia, enfim, terá marcas psicológicas por toda a vida. Alguém que sofre abusos sexuais, provavelmente terá problemas sexuais. Pessoas agressivas, violentas, também recebem uma carga de reação, além de poder enfrentar problemas com a própria consciência. Nada mais natural e aceito nos dias de hoje.

Da mesma forma, quando pacientes relatam, durante a regressão, traumas que sofreram ou ações inescrupulosas que praticaram, concílio com os problemas atuais apresentados.

“A vida não vale a pena...”

Lia teve uma infância paupérrima. Nascida em Sergipe, nono rebento de um total de dez filhos, passou todas as dificuldades no seio de uma família sem condições financeiras, sem estudo, onde o sacrifício era uma obrigação diária.

A relação entre seus pais, desde o casamento, sempre foi tumultuada: a mãe, então solteira, apaixonou-se por um parente, porém viu seus planos ruírem quando tudo foi descoberto. Acabou casando-se por obrigação, e nunca aceitou o marido imposto pela família.

O clima dentro da casa era um inferno, as brigas constantes deixavam Lia com medo e sentimento de culpa pela situação. Sua mãe, cujo gênio era fortíssimo, sabia usar da chantagem quando queria conseguir algo, ou apenas para se colocar no papel de vítima. A menina ouvia constantes reclamações, insinuando que ela também era culpada pelo caos familiar, e isto a deixava transtornada. Nada que ela fazia era certo - entrou para um grupo de teatro, e foi repreendida severamente. Por que não posso fazer o que quero? Por que tenho que viver tudo isso, nesta família que parece tão estranha a mim?

Quando ele apareceu, não teve dúvidas. Era o homem da sua vida. Já o conhecera anteriormente, não sentira grande coisa, mas nesta festa, foi diferente - a paixão nasceu repentinamente. Durante anos, Marcos e Lia viveram um grande romance, porém, apesar dos dois se amarem, o casamento não se concretizou: o rapaz não quis levar a idéia avante porque procurava alguém que pertencesse à mesma religião.

Separaram-se, mais por vontade dele.

Lia passou a ter uma vida muito insegura. A depressão tornou-se uma companheira constante, e a falta de confiança

em si prejudicou todos os aspectos da sua vida. Não conseguiu se formar, trabalhava sempre em sub-empregos, sem vislumbrar nenhuma carreira que a atraísse. Suas atitudes inconsequentes faziam-na largar de qualquer serviço na hora que bem entendesse. Neste período, ainda jovem, sem perspectivas, começou a beber e fumar, usou drogas e, conforme relata, sentia-se muito vulgar. Chegou a fazer alguns abortos.

Após a decepção com Marcos, mesmo sem nunca esquecer-lo, encontrou outro homem e acabou se casando. Esforçava-se por ser uma boa esposa, tiveram um filho, mas o relacionamento não durou muito.

Um dia, Marcos reapareceu na sua vida, quinze anos após terem se conhecido. Ele também não havia sido feliz afetivamente e, finalmente, se casaram. A grande paixão que houve no primeiro momento não havia mudado, os dois, até hoje, se compreendem em todos os aspectos e são felizes sexualmente. Com um razoável padrão de vida, Lia teve mais dois filhos, e hoje vive num bairro de classe média alta, em São Paulo.

Porém, mesmo tendo casado com o homem que amava, mesmo não passando dificuldades financeiras, mesmo tendo um bom relacionamento entre o marido e filhos, sente-se perturbada por problemas pessoais que a atormentam desde a infância. A insegurança e o medo de tudo estavam transformando qualquer situação em motivo para depressão. A gravidez dos três filhos foram complicadas, correndo o constante risco de aborto, e isso a deixava muito deprimida: após o parto, tinha vontade de fugir do hospital sem levar o filho, sentia que não teria forças para cuidar do bebê e de todo o trabalho que uma criança despende. Entre altos e baixos, esforça-se em ser boa mãe e boa dona-de-casa, alternando momentos de completo desânimo, onde perde completamente o senso de autoridade, sendo subjugada pelos filhos e pela própria empregada.

Quando eu a conheci, este era o seu quadro, agravado por outros problemas: ainda bebia muito, motivo pelo qual sofria constantes acidentes de trânsito. Sua aparência também deixava muito a desejar. Nunca se cuidou, tanto no vestuário quanto

fisicamente. Depois que teve o primeiro filho, engordou trinta quilos e não mais recuperou sua forma física. Continuava fumando em excesso. Por fim, apresentava uma micose no dedo médio da mão direita, que já fora tratada de muitas formas, e nunca desapareceu.

Era esta a paciente abatida, angustiada e insatisfeita com a vida que veio procurar uma explicação, mais que isso, uma solução para todos esses problemas que a estava arrastando para o pior. “*A vida não vale a pena...*” disse-me ela com o olhar cabisbaixo e resignado, nesta primeira conversa.

Rica, bonita, solitária e insegura

Uma semana após o nosso primeiro encontro, Lia retornou, com seus trajes simples e despreziosos, carregando todos os problemas relatados, porém com a firme intenção de encontrar soluções.

Como sempre faço, perguntei como foi a semana, se aconteceu algum fato marcante, se teve problemas de saúde e utilizo todos esses dados como tema para a sessão. A experiência demonstra que, geralmente, os fatos que de alguma forma preocuparam o paciente durante a semana imediatamente anterior à sessão, servem como *chave* para a *abertura* do inconsciente, é um acesso que aflora naturalmente e deve ser aproveitado. Comumente, tudo tem relação com as causas que levaram a pessoa até meu consultório.

Lia era insegura, porém não tímida. Ela não sentia dificuldades em relatar seus problemas cotidianos, e foi descrevendo a semana sem titubear.

Disse-me que esteve mais segura após a nossa entrevista, e mesmo com a visita da sua mãe, conseguiu ter paciência e não se deprimir, como normalmente acontece após a visita. Desde a infância, como já vimos, até o momento, Lia sempre teve sérios problemas de relacionamento com a mãe - apesar de tentar ajudá-la e compreendê-la, a mãe não correspondia, continuando com

o gênio impulsivo, dominador, subjugando a filha que, por sua vez, deixava-se dominar.

Aproveitei este aspecto, o sentimento de culpa sempre presente em minha paciente, para iniciar a regressão. Lia instalou-se confortavelmente no divã, perguntei-lhe se estava com frio, ela meneou a cabeça, e então comecei o relaxamento. O relaxamento não é um processo demorado - após alguns minutos, pedi para ela ir a um momento passado onde ela tivesse sentimento de culpa. Disse-lhe para repetir constantemente a frase: *tenho sentimento de culpa, eu sou culpada, tenho sentimento de culpa...* A monotonia da sua voz repetindo a frase era acompanhada pelo rápido movimento do globo ocular, sob as pálpebras cerradas, e por ligeiras contrações musculares. Esta movimentação um pouco frenética do globo ocular, também conhecida pela sigla em inglês REM, *rapid eyes movement*, é característica das pessoas quando estão sonhando, e também ocorre quando o paciente está percebendo imagens no inconsciente.

Estamos num quintal grande, local onde sempre vamos brincar, perto de casa.

Meu irmão está gritando, chorando. Meu primo bate no meu irmão, eu faço maldades com ele também. Tenho oito anos, os meninos são menores, esta é uma cena da minha infância no nordeste. Tenho prazer em fazer maldades, mas ao mesmo tempo sinto pena do meu irmão; eu poderia defendê-lo e não o fazia. Se pudesse, hoje eu lhe pediria desculpas.

- Faça isto então, peça perdão.

Como nada mais lhe vinha à mente, disse-lhe para ir a um momento passado onde se sentisse tão culpada e má como na situação que narrou. Na regressão, procuro não deixar as emoções escaparem, estou sempre perguntando, sugerindo frases para serem repetidas - o paciente, uma vez que está consciente, apesar de relaxado, não tem muito tempo para formular idéias, modificar aquilo que está aflorando no inconsciente.

- O que você vê, o que lhe vem à mente?

É um vaso lindo, todo trabalhado, enorme, repleto de flores. Ele está na ponta de uma escada de mármore. Eu estou na sala, o piso também é de mármore. Minhas roupas são finas, estou bem arrumada, devo ter por volta de 35 anos.

Sou a dona da casa, tenho dinheiro, empregados, também me acho bonita, mas sinto um tédio enorme, não tenho nada para fazer, a vida é monótona - passo o tempo andando no jardim, lendo ou simplesmente pensando em futilidades. Dentro desta situação enfadonha, começo a beber e a comer muito. Vou engorçando, fico inchada, sou uma mulher desanimada, triste...

Eu queria tanto ter alguma companhia, alguém para compartilhar a minha vida, mas não tenho ninguém. Os dias de sol, onde a beleza da natureza é mais radiante, não me provocam nenhuma impressão. São apenas dias que vão passando. Somente sinto algum prazer quando bebo, algumas vezes acorrido com uma compulsiva necessidade de beber.

Já estou velha, meus cabelos estão escassos e brancos, estou enrugada, inchada, fraca, não saio mais da cama. Vou morrer, não tenho mais forças nem vontade de continuar vivendo. É tudo muito rápido. Sinto como se eu me desprendesse do corpo, posso observá-lo inerte na cama, observo o quarto, a decoração. Não vejo mais nada...

- O que você diria, se pudesse, neste momento da sua morte?

- Eu gostaria de ter alguém...

O paciente, quando está vendo uma vida, geralmente não inicia da infância para a velhice, de forma cronológica - ele parte de um determinado momento, muitas vezes avança muitos anos, outras vezes retrocede. As situações também não surgem de maneira ininterrupta, como um roteiro pré-estabelecido. Frequentemente tenho que intervir com perguntas e insinuações, solicitando que se avance ou volte alguns anos. Como o objetivo da terapia é a melhora do estado do paciente, muitas vezes tenho a desagradável tarefa de quebrar descrições singelas de paisagens bucólicas, ou a narração de

situações interessantes, mas sem aplicações práticas para a terapia. Muitas pessoas conseguem falar durante minutos sobre a beleza de um vale cortado por um rio caudaloso, o ar refrescante da primavera e a fragrância das flores impregnando tudo ao redor... Na situação contada pela paciente Lia, acima, não procuro interromper, ao contrário, procuro saber mais, pois ela está relatando o seu estado de espírito, suas fraquezas, decepções e quiçá, realizações, e por isso tenho que saber o que originou tudo isso, porque ela morreu tão solitária e desiludida. Peço então para ela voltar para a infância desta vida passada.

Sou uma criança com mais ou menos cinco anos de idade. Moro na mesma casa que já descrevi, tenho pai e mãe, porém eles são muito ausentes, parece que não se importam muito comigo. Nesta idade, isto não me incomoda muito.

Sou alegre, brinco no jardim, uso um vestido comprido, rodado e branco, com anáguas. Falo o tempo todo sozinha. Há um homem, um empregado, que cuida de mim. Ele é muito sério, calado, mas está sempre por perto e é bom para mim.

Estou crescendo, agora tenho por volta de dez anos. Estou lendo um livro, me sinto só. Meu pai está em outra sala, lendo também, minha mãe não está em casa. Eles não são carinhosos, somente se preocupam com a minha aparência, mandam-me arrumar o cabelo, a roupa... Vivo irritada, mas não respondo, sou quieta, polida, não choro. Sempre peço licença, me retiro e vou para o quarto, onde deito, fico olhando para o teto e pensando. Gostaria de ter amigos, gente com quem eu pudesse brincar, mas não falo nada para meus pais.

Hoje é dia da minha festa. Faço quinze anos, comparecem muitas pessoas, minha casa está bonita, toda enfeitada. Que superficial! Todos me cumprimentam, mais por formalidade - ninguém vem conversar comigo. Acho que sou um pouco estranha. Meu temperamento é introvertido, sou fechada e sinto enorme dificuldade em falar com as outras pessoas. Não estou alegre nem triste, apenas entediada, apática. Não consigo nem manter um diálogo com aquele empregado, que é a pessoa mais próxima - ele continua cuidando de mim.

Fiz dezoito anos e nada mudou. Sou uma moça bonita e introvertida. Quase não saio, sinto-me desprezada, jogada fora. Tenho que mudar tudo isso, tenho que encontrar amizades, conhecer novos lugares. Resolvo trabalhar. Falo com meus pais, eles não são favoráveis mas também não impõe restrições. Faça o que quiser, dizem.

Minha determinação não durou muito. Sou insegura, medrosa, tenho receio de enfrentar o mundo, acabo me bloqueando nesta vidinha monótona. Gostaria de ter uma vida normal, fazer festas, sair, passear, viajar, ter amigos... Ah, se eu tivesse coragem... Pouco a pouco vou acostumando com a rotina. Meus pais morrem num acidente, não sinto tristeza, nada, para mim foi como se eles nunca tivessem existido.

Nesta época, por volta dos meus trinta e dois anos, começo a gostar da sensação do álcool. Bebo, vou gostando, e acabo bebendo cada vez mais. Acordo péssima, deprimida, passo mal, tenho vergonha de mim mesma e quando estou assim deixo-me estirada sobre a cama, o dia inteiro.

Este foi mais ou menos o momento em que Lia iniciou a narrativa desta vida, e então, como ela já havia descrito os fatos até o momento da morte, e eu não tinha maneira ou possibilidade de saber se ainda havia alguma situação importante que não foi revelada neste espaço de tempo visto, pedi-lhe que voltasse para quando ainda era um bebê, nesta mesma vida.

Sou um bebê bonito e saudável. Quando ainda estava na barriga, minha mãe reclamava muito das dores, da aparência, eu me sentia uma intrusa. Nasci perfeita, fui crescendo e tinha, materialmente, tudo o que queria. Desde pequena, este sentimento de solidão veio me acompanhando.

- *Existe algum fato, alguma situação que te prende nesta vida, algum fato que ainda não vimos?*

- Não, não vejo mais nada.

- *Vá então, novamente, para o momento da sua morte, naquele*

leito no seu quarto, onde você estava deprimida, solitária, viciada em álcool, sentindo a falta de uma companhia.

Não sei quantos anos tenho. Talvez uns 70. Estou horrosa: enrugada, poucos cabelos brancos, tenho vergonha de mim mesma, sinto muita fraqueza. Gostaria de ter alguém...

- O que lhe acontece após a morte? Você consegue ver para onde você vai?

Sim, é uma espécie de hospital. As pessoas correm, alguns parecem enfermeiros, há muitas pessoas neste lugar. É estranho, não existem objetos, estou perdida, não sei onde estou, sinto-me desesperada, choro, peço ajuda. Um rapaz jovem, cabelos lisos, claros, olhos também claros, se aproxima.

- Não tenha medo, acompanhe-me.

Andamos por um longo corredor, claro, iluminado por uma luz natural e acolhedora, e chegamos num jardim. Plantas, flores, pessoas, o dia ensolarado, tudo reflete uma harmonia estranha... Continuo perdida, passo por pessoas mas ninguém fala comigo. Procuo encontrar o final deste jardim, porém ele continua até onde minha vista alcança, parece infinito. Andamos até encontrarmos com um casal de senhores, que me recebem delicadamente. É só o que vejo.

Agora vamos lembrar toda esta vida que você nos relatou. Passando por tudo, desde a infância até a morte, como também este espaço para onde você foi após a morte, procure ver se existe ainda alguma coisa que a prenda à esta vida. Permita-se lembrar.

Tem algo que não vi e está surgindo agora. Estou num barco, tudo está escuro, o mar está muito agitado, a água invade a pequena embarcação. Há um homem comigo, ele é meu namorado, mas nosso relacionamento não está bom, nós brigamos neste dia. A água encharca nossas roupas, ele grita por socorro e consegue acender uma lanterna ou candeieiro. Minhas forças estão se exaurindo, mas o medo, a apreensão me faz agarrar em

todas as partes fixas que encontro. Penso na morte, não quero morrer, tenho 30 anos.

Um barco pesqueiro se aproxima, gritamos com todo o nosso fôlego. Ele nos viu, estamos salvos. Tenho muito frio, meu corpo dói. Recebo uma bebida quente, cobertas e permaneço apática. O rapaz, meu namorado, me olha, não falamos nada, estou muito magoada.

Os pescadores nos acolheram numa vilazinha, onde passamos a noite. Ao amanhecer, conseguimos condução até a cidade e vou para minha casa, a mesma que vi anteriormente. O homem que cuida de mim me recebe.

Como você conheceu este namorado?

Foi num bar. Estou sentada numa mesa, com outra mulher que não sei quem é, sinto um impulso enorme de ficar alegre. Sinto-me ligeiramente alterada, conversamos bobagens, quando observo aquele homem no balcão. Me insinuo com um sorriso, e convido-o para sentar. A moça que me fazia companhia vai conversar com outras pessoas, deixando-me a mesa livre. O rapaz, porém, demora em aceitar meu convite. Antes, sai para falar com seus amigos, e me deixa esperando. Continuo pedindo bebida, uma atrás da outra. Ele volta, conversamos e bebemos durante longo tempo, estou completamente bêbada.

Torno-me vulgar, convido-o para ir até minha casa e subimos para o quarto. Por algum capricho meu, não quero fazer sexo e rejeito todas as investidas dele, que não se conforma. Também bêbado, ele torna-se violento, grita, quer me bater. Meu empregado aparece e o coloca para fora de casa. Sob efeito do álcool, acabo dormindo pesadamente.

No dia seguinte, estou péssima, a cabeça está estourando, sinto-me suja, indecente. Acho que aquele homem me odeia. Contudo, na mesma noite volto ao bar e o encontro novamente. Estou sóbria, conversamos, ele me pede desculpas mas diz que também errei, porque o provoquei. Sem mágoas, convido-o para almoçar em casa, e com o tempo ele passa a me visitar

regularmente. Tornamo-nos amigos, e eu faço um esforço enorme para me apaixonar. Ele era sincero, gentil e atencioso.

Não sinto nada, porém. É apenas uma amizade, uma companhia, nada mais que isso.

Certo dia combinamos para passear de barco. O dia está atrativo, pode ser uma boa distração. Nesta época, no entanto, eu já era dependente do álcool - bebia muito, constantemente, e quando bêbada, tornava-me agressiva. Eu havia comprado um instrumento para o barco do rapaz, mas ele começou a criticar a qualidade do aparelho, diz não ser bom. Sempre bebendo, começo a ofendê-lo. Digo que está apenas interessado no meu dinheiro, chamo-o de aproveitador. Brigamos muito, ele fica muito magoado comigo. Descanso um pouco, tento refletir, e percebo que estou estragando a única amizade que tenho. Procuo fazer as pazes, peço-lhe perdão, mas ele não aceita, diz que não quer me ver nunca mais. Enquanto manobra o barco para retornarmos, o mar começa a se agitar, e somos apanhados pela tempestade...

Passado algum tempo após este episódio, procuro-o algumas vezes. Sou recebida friamente, com indiferença, fico profundamente ferida. Acabo cada dia me isolando mais do contato exterior, não desejo mais ver ninguém, e assim vou vivendo até falecer.

Faça outro repasse por esta vida, veja se ainda existe algum fato ou emoção que te prenda nela. Lia diz que não há mais nada. Então começo a conversar com seu inconsciente, demonstrando-lhe as relações em tudo o que ela viu com a vida presente.

- Veja como você ficou apegada a este passado e como muitos dos sentimentos estão se repetindo. A necessidade, o vício do álcool está presente em ambas as vidas. Da mesma forma que você agia com vulgaridade quando bêbada, hoje, nesta vida atual, repetiu a mesma atitude, conforme você mesma me disse.

Outro ponto é sua vida profissional. Agora você não consegue se firmar em nada, teve vários sub-empregos, é tão insegura quanto foi nesta vida que acabamos de ver, onde não teve coragem de enfrentar o trabalho. Você, hoje, não se arruma bem e nem controla o peso, apesar de ter condições para fazê-lo. Isto é uma revolta contra a atitude de seus pais, contra esta vida que você teve, onde era bonita, rica e bem vestida, mas não era feliz. Você não quer ser mais esta moça, onde a estabilidade material convivia com a insegurança extrema, com a falta de confiança em si, com o complexo de culpa.

Agora, você teve que passar muitas dificuldades materiais, e mesmo hoje estando razoavelmente bem, ainda tem problemas financeiros. A culpa de ter possuído dinheiro, beleza, conforto, e não ter sabido aproveitar, lhe bloqueia a possibilidade de conquistar os bens materiais, de se cuidar e tornar-se bela...

- Você compreende isso?

- Sim - acena minha paciente com um ligeiro movimento da cabeça.

- Pois bem, então você pode se perdoar pelos seus erros, seus vícios, por não ter trabalhado?

- Sim.

- Você também pode perdoar seus pais pela falta de carinho, de atenção, por não terem correspondido às suas expectativas? Perdoa também aquele namorado, que não soube te desculpar? Lia repete o mesmo movimento afirmativo.

Liberte-se então de todo esse passado. Perceba que tudo aquilo, todas as sensações e sentimentos foram reais, coerentes, nesta vida passada. Porém, hoje nada mais disso é real. Conscientize-se que você nasceu novamente, num corpo sadio, perfeito, seu contexto de vida hoje é completamente diferente, hoje você não é solitária, tem marido e filhos, um lar, hoje você está livre para trabalhar, para emagrecer, para não beber.

Liberte-se completamente deste passado. Compreenda que hoje é uma nova vida e agora é um novo momento da sua vida, onde nada mais disso, estas sensações e sentimentos negativos devem permanecer em você.

Sinta dentro de si o perdão pelos próprios erros, porque errar é natural, é humano, e ali você era uma pessoa passível de erros. Perdoe todas as pessoas que não corresponderam às suas expectativas porque, assim como você errou, todos também erram e todos merecem o perdão. Você pode fazer isso?

- *Sim - repete.*
- *Então vamos terminando.*

Como sempre faço, peço que o paciente imagine uma luz muito verde que, na cromoterapia, é a cor da transformação, da regeneração, do equilíbrio.

Imagine e sinta esta luz de verde intenso... Ela vai penetrando pelo centro da sua testa, e vai envolvendo seus ossos, seus órgãos, músculos, até suas células... Conforme esta luz vai se espalhando pelo seu organismo, você vai sentindo se transformar toda aquela energia velha, do passado, em energia nova, de equilíbrio, paz, saúde, bem estar... Sinta que agora esta luz se expande para fora do seu corpo, criando uma aura de luz ao seu redor. Com esta sensação de equilíbrio, bem estar, vamos terminando. Vá se sentindo aqui, comigo, no divã, mexa seus pés, mãos, abra os olhos...

Conforme o paciente volta ao normal - muitas vezes eles se sentem cansados - conversamos sobre tudo o que vimos, esclareço as perguntas e mais uma vez verificamos as relações entre uma vida e outra.

Lia estava atônita com tudo que o seu próprio inconsciente revelou. Sugeriu até incredulidade, mas ao mesmo tempo tinha a certeza de que todas as cenas e, principalmente, os sentimentos revelados eram carregados dentro dela e repetidos no seu cotidiano.

Eu pareço um animal...

Minha paciente me relata que, no dia em que saiu da sessão anterior, sentiu-se muito enjoada, e assim passou toda a semana. Era tanto o mal estar que não conseguiu fumar. Foram seis dias difíceis. Entrou em depressão, começou a achar que nada faz sentido e seria melhor morrer. Para completar, pegou uma forte gripe, com dor de garganta, tosse e febre.

É normal que estes sintomas surjam antes das sessões. É o sinal e a dica para trabalhar algo que está aflorando ao

subconsciente e por isso trabalho em cima destes problemas mais recentes, porém, é claro, sem esquecer os motivos que trouxeram a paciente ao meu consultório.

Depois do relaxamento, sugeri a ela que fosse até um momento passado onde tenha ocorrido algum motivo que pudesse ter gerado este enjôo, a depressão, a tristeza, a falta de vontade de viver e a gripe.

- Repita: A vida não tem sentido, eu prefiro morrer...

Há um balanço, preso numa árvore, uma menina de vestido branco está brincando. Esta é a única árvore, em meio a um vasto campo. Eu sou esta menina. Estou ficando com medo - o céu está escurecendo muito rápido, pingos grossos de chuva começam a cair, tenho medo, tenho medo. O céu está quase negro, os relâmpagos e trovões me apavoram.

- *O que você diria, se pudesse?*

- Socorro! Alguém me ajude!

- *O que você faz, então?*

Saio correndo. Sei que tem um celeiro mais ou menos próximo. Já estou toda molhada, gelada, estou tremendo. Consigo chegar ao celeiro - é de madeira, um pouco destruído, com muitas goteiras. Lá procuro me abrigar, encolhida num canto, tenho muito medo. Acho que tenho uns dez anos.

Estamos no verão, a chuva passou. Atravesso o campo, revejo o balanço, mas quero voltar rapidamente para casa. Avisto minha casa. É de madeira, simples, bonita, construída num bosque. Uma mulher, minha mãe, me espera e me repreende por não ter voltado antes. Ainda estou com a roupa úmida, ela me enxuga, diz que posso ficar resfriada. Sinto muito frio. Minha mãe cuida de mim, me dá roupas secas, um chá quente e vou para cama. Durante algum tempo não me sinto bem, devo estar gripada, mas vou melhorando.

Nesta casa também mora um menino, é meu irmão e nós nos damos muito bem. Fazemos os afazeres de casa juntos, carregamos água do poço, ajudamos minha mãe. Ela se veste

com um vestido comprido e avental, tem cabelos longos, compridos, é bonita. Meu pai é lenhador, fica muito tempo ausente, mas quando estamos juntos, nos trata muito bem. É uma vida tranquila.

- Como é sua vida após esse incidente? - perguntei-lhe depois de um curto momento de silêncio.

Ando por uma estradinha no campo. Carrego livros, vou aprender alguma coisa. Chego à casa de uma senhora, onde há mais três moças, entre treze e dezesseis anos. Aprendemos costura, culinária, boas maneiras, porém sou um pouco desajeitada e preguiçosa, a senhora, minha professora, está sempre me censurando. Eu não ligo nem um pouco. Tenho treze anos, já penso em rapazes, estou sempre sonhando.

Vou constantemente fazer compras num armazém e sinto uma atração por um rapaz que trabalha na cidade. Ele também sente alguma coisa por mim, mas tudo não passava de rápido bate-papo.

Hoje é dia de festa, uma festa regional. Todos comparecem, há música e dança. O moço também está. Sou nova, meus pais não me deixam dançar. Porém, vou me afastando das pessoas, o rapaz vai me seguindo e nos encontramos longe dos olhos de todos.

Ele é atrevido, procura me beijar e rasga meu vestido, deixando-me com muita raiva. Saio correndo, não tenho mais vontade de vê-lo, vou ao encontro da minha mãe.

- O que aconteceu com seu vestido? perguntou severamente, vendo-me rasgada e amarrotada.

- Cai da cerca - menti descaradamente.

Tive vergonha, medo de contar a verdade e ela não acreditar. Minha mãe também não acreditou na minha desculpa, mas não disse nada.

Em casa, à noite, senti-me suja, magoada. Deus não me perdoará, pensava. Não consigo dormir, não tenho ninguém para relatar o ocorrido, acho que meus pais jamais me perdoariam.

O tempo passa, continuo indo ao curso, mas estranhamente sinto-me mais madura, diferente, conservo uma estranha amargura dentro de mim.

Estou andando pelo campo, em direção ao curso. Há alguém atrás de mim. É o rapaz. Começo a correr, ele é forte, mais rápido, me alcança, derruba-me sobre uma pedra.

- Largue-me, eu te odeio, solte-me!

Luto desesperadamente, ele rasga minhas roupas, vai me violentar...

- Eu te odeio, eu te odeio!

A fisionomia de Lia se contorce, num misto de raiva, medo e luta.

Percebo uma pedra próxima, desfiro um golpe rápido, entre as têmeoras, ele cai, sangrando muito. Não sei o que fazer. Estou suja, rasgada, com sangue, vou até o rio me lavar.

Chego em casa e sou obrigada a falar a verdade para minha mãe, não dava para esconder. Entretanto, ela não me compreende, julga-me culpada, diz que me ofereci e que devo ser julgada. Quando meu pai voltou, ela diz a sua versão da história, deixando-o muito abatido. Não retruco, não falo nada. Pouco tempo depois chegam umas pessoas, vestidas com roupas escuras, o moço está entre eles, com um curativo na cabeça. Ele mente perante meus pais, perante aqueles homens:

- Esta mulher se ofereceu, é vulgar, deve ter parte com o diabo, temos que castigá-la.

Eles não fazem nada comigo, mas minha vida se transformou num inferno. Meus pais não me defenderam, ao contrário, cortaram grotescamente meus cabelos, fiquei horrível. Sinto-me culpada e desprotegida, meus pais me fazem sentir assim. A partir desse momento, sou obrigada a fazer todo o serviço de casa, não há mais carinho, tenho que fazer as refeições isolada dos outros, ninguém me dirige a palavra.

Trabalho muito e choro ao lembrar o quanto era feliz. Periodicamente, minha mãe, rudemente, corta meus cabelos com faca.

- *O que você diria, se pudesse, nesse momento?*

- Não corte meu cabelo... *Neste momento, a paciente chora muito.*

Tenho por volta de vinte e cinco anos. Meus seios são presos com faixas, minhas roupas são mal cortadas e confeccionadas com panos grosseiros. Posso ir às festas, mas fico escondida na cozinha. Meu irmão vai estudar em outro lugar, muito distante, acho que não o verei mais.

Os anos passam, tenho uns quarenta anos quando meu pai morre. Acabo trabalhando ainda mais, pois minha mãe está velha e, em pouco tempo, tornou-se inválida. Dou-lhe comida na boca, limpo suas necessidades na cama, ela não fala mais.

Ela acaba morrendo, e então vem algumas pessoas, conhecidos da família, ajudar a enterrá-la, porém ninguém me olha. Pareço um animal selvagem, sem ninguém, todos me evitam. As poucas vezes que apareço na cidade, sou hostilizada pelas crianças, desprezada pelos adultos.

Acho que é uma época muito atrasada, conservadora, todos são muito ignorantes, as pessoas têm uma pele muito clara, acreditam em deuses e demônios. O chão, constantemente está enlameado, por onde passam carros de boi e cavalos. Na cidade há uma casa de cultos, grande e bonita, com bancos e um altar no fundo, onde destaca-se uma grande cruz de madeira escura. Não posso compartilhar da vida social. Sei o que as pessoas pensam a meu respeito, e me auto-deprecio. Passo a comer com as mãos, não há motivos para ter vaidade ou compostura.

A casa está nojenta, o cheiro de fezes e sujeira atraem ratos e insetos. Estou muito fraca, quase não consigo andar, estou com frio e muita fome. Junto um resto de energia e fecho as janelas, para ficar um pouco menos frio naquele ambiente repulsivo. Como eu gostaria de poder limpar tudo... Queria um prato de sopa, alguém que me ajudasse... A fraqueza me domina, estou morta.

Meu espírito vai para algum lugar muito escuro. Não sei onde é. Estou sendo carregada numa maca, sinto-me ainda muito fraca, meus olhos não se abrem. É um longo caminho.

Chego a um pátio enorme, sem nada, sem móveis ou paredes, tudo está encoberto por uma fumaça, uma névoa.

Continuo deitada, fraca, mas minha cabeça começa a pensar mais claramente. O tempo vai passando, encontro uma mulher numa cadeira de rodas. É minha mãe. Ela me fita tristemente, não conversamos, apenas nos olhamos. O lugar é triste, deprimente. Pessoas cuidam de mim, mas sinto falta de carinho, compreensão; apesar de ser bem cuidada, sinto uma tristeza profunda.

Um dia, recebo uma visita. Um senhor se aproxima, pega minhas mãos, observa-me com um olhar singelo e bondoso. Ele sorri e me leva até um local ensolarado, um bonito jardim. Muito alegre, o senhor conversa sobre o campo, as flores, mostra-me a beleza da natureza, diz que posso brincar com as crianças... Progressivamente, vou melhorando, minha tristeza vai desaparecendo, começo a trabalhar com plantas, com a terra. Ofereço um buquê de flores para este senhor, que muito me ajudou. Sinto-me forte, sadia... não vejo mais nada.

Peço-lhe então que reveja toda a vida narrada, e caso alguma coisa a prendesse ainda nessa vida, se algo não tivesse ficado claro ou faltasse alguma coisa, ela se lembraria quando eu contasse de três à zero. Como Lia afirmou que estava tudo bem, comecei a fazer as correlações entre o que foi visto nessa sessão com a vida atual e também com a sessão anterior.

Veja que você passou praticamente toda essa vida sem poder se arrumar, mostrar o corpo, cuidar dos cabelos, pois eram atos proibidos, feios, errados, e isto, naturalmente, reflete hoje, quando você não tem muitas preocupações estéticas, não sente desejo de estar melhor fisicamente e não consegue sentir-se sensual. Carregando para esta vida de hoje o sentimento de culpa anterior, quando todas as pessoas fizeram-na aceitar uma pena não merecida, você, inconscientemente, continua se punindo injustamente. O medo de ser julgada erroneamente acarreta o medo de ser e sentir-se bonita.

Chamaram-na de vulgar, leviana, e presentemente, muitas vezes você se sentiu nesta situação, até assumindo a vulgaridade, o que lhe trouxe dificuldades no relacionamento com outras pessoas. O sentimento de culpa

lbe faz muito sensível às críticas quanto ao seu comportamento, à sua personalidade, impedindo a sua reação, a sua defesa - você aceita até as críticas destrutivas, colocando a sua auto-estima a um nível muito inferior.

Morreu feia, magra, com fome e solitária. Hoje, tem fome compulsiva e o fato de ser gorda é uma defesa espontânea contra esta vida triste e sofrida. Estes fatos estão claros para você?

- Sim, acena Lia com a cabeça.

Tudo isto faz parte de um processo de evolução que você teve que passar, é um passado remoto, que não volta mais. Sendo assim, você pode perdoar seus pais que não aceitaram a sua palavra e impuseram uma vida de privações, bem como pode perdoar as pessoas daquele lugar que lbe feriram injustamente?

- Sim, repete o movimento afirmativo.

Então, perceba que você não teve culpa de nada, apenas os fatos se sucederam desta forma, e serviram para um grande aprendizado. Se, porventura, alguma culpa ou sentimento negativo estão guardados dentro de si, perdoe-se, com a consciência de que o erro é humano, todos nós temos o direito de errar, e nada do passado deve permanecer atuando negativamente em nós; hoje é tudo diferente, você tem a capacidade de construir sua própria vida com felicidade, pois é jovem, sadia, não vive sozinha, tem uma bela família, força para trabalhar e fazer seu destino.

Perceba que os sintomas que sentiu durante a semana fazem parte desta vida vista hoje - da mesma maneira que a vida foi triste, angustiante, você passou a semana também sentindo-se muito mal, com gripe, enjoos, depressão e falta de vontade de viver. Tudo isto foi um reflexo das cenas e emoções que estavam aflorando ao seu subconsciente - lembre-se que estas coisas desagradáveis não fazem parte da sua vida atual. Liberte-se, pois, de tudo isso.

Pergunto se tudo está claro, a paciente diz que sim, e então encerramos a sessão como habitualmente faço, conversamos sobre o que vimos, Lia diz se sentir mais leve, confiante e, por fim, acrescenta:

- É interessante que há muito tempo venho conservando meus cabelos curtos mas, há um mês, decidi que não vou mais cortá-los, quero deixá-los longos e cuidados. Você acha que tem alguma relação com o que vi hoje?

- Parece muito provável...

A atriz e a bruxa. Surge uma explicação

Vera, minha secretária, avisou que Lia havia chegado. Seu semblante não aparentava felicidade. Disse-me que sentiu impaciência e ansiedade, seu estado de ânimo levou-a a exagerar na comida e no cigarro. Contudo, não bebeu.

A forte gripe sentida na semana da última sessão desapareceu. O problema principal era com relação às pessoas ao seu redor.

“Convivo com muitas pessoas doentes, alguns viciados em drogas”, relatou, “e o sofrimento deles me fazem também sofrer”. “É difícil lidar com isso”.

Nas nossas últimas sessões, vimos duas vidas onde a paciente relatou vidas de sofrimento, sem ter, aparentemente, dado motivos para merecer tal angústia. Acredito que nada na vida ocorre por acaso, tudo há um motivo, uma explicação, e por isso, após o relaxamento, pedi que procurasse a razão para estas duas vidas, o que aconteceu antes delas, por que teve que ser tão injustiçada?

Duas pessoas conversam numa carruagem, eu estou um pouco mais afastada, junto com outra pessoa. Um tablado, cordas balançando, pessoas, somos artistas... Sou uma mulher, por volta dos vinte e sete anos, bonita, sou uma atriz. Eu trabalho com três rapazes, fazemos apresentações juntos e tenho um relacionamento com um deles. Porém, não o amo. Ele, sim, está perdidamente apaixonado, mas sou volúvel, sedutora e independente. Odeio pessoas fracas, dependentes, este jovem quer que eu seja apenas dele, que estejamos sempre juntos. Não sei viver assim...

Muitos homens me procuram, uso da minha beleza com orgulho, sou cobiçada e isto me dá prazer. Meu pretenso namorado reclama do meu desprezo, mas não reage. Que bobo! As vezes brigamos, tento afastá-lo, e ele não desiste.

O homem que nos dirige não gosta das minhas atitudes. Ele sabe que saio com muitos homens e acha que isso pode estragar a reputação dele. Não sou idiota, sei que a maior parte dos homens assistem ao espetáculo apenas para me ver. Ele também sabe disso, o diretor depende de mim.

Nós vivemos viajando. Chegamos à uma cidade grande, será a primeira vez que vamos atuar num teatro de verdade, com um palco, cortinas enormes - a estréia me deixa excitada, ansiosa e nervosa.

Preciso beber alguma coisa para relaxar. Bebo um pouco, me sinto melhor. Posso ouvir o ruído das pessoas no teatro, está cheio... Tenho que me sair bem. Bebo mais um pouco, e vou ficando confiante, estou bonita, nada vai dar errado. A minha cena não é a primeira, o espetáculo já começou, ainda há tempo de tomar mais um pouco. Sei tudo que tenho que fazer no palco, decorei tudo.

Estou um pouco tonta, não importa, vou entrar. O texto, acho que esqueci uma parte. O diretor me olha fixamente, percebe que não estou bem, mas não diz nada, não há mais tempo, tenho que entrar. Subitamente, o pânico me invade, esqueci tudo. Entro, é um desastre completo, o elenco tenta me ajudar, dar as dicas, tudo em vão. Bebi demais, perdi a concentração, comecei a chorar, foi um fiasco.

O diretor inventou alguma desculpa e cancelou a apresentação, porém não me perdoou. Chamou-me de irresponsável, egoísta, vagabunda... Concordei com tudo. Meu namorado tentou me consolar, disse coisas bonitas, tive pena dele.

No dia seguinte, não quis beber nada, eu posso desempenhar meu papel e assim o fiz. Eu estava linda, tudo ocorreu perfeitamente, fomos muito aplaudidos, fiquei radiante. Mandaram-me flores, alguns admiradores me fazem elogios, um homem rico me convida para jantar e aceito.

Quando volto, o jovem está me esperando. “Você nunca irá me amar, não é?” Peço que ele me esqueça, eu sou a estrela e vou sair com quem eu quiser. Ele não reage, apenas me olha com tristeza, carente, e isto me irrita mais ainda. Brigo com ele,

sinto prazer em ferí-lo e finalmente coloco-o para fora. Ele é um idiota, penso. Procuo dormir, mas toda a excitação daquela noite me trouxe um sono intranquilo, perturbado. Vozes e um movimento incomum me despertou.

Levanto-me, coloco uma roupa e vou ver o que está acontecendo. A cena ficou marcada em minha mente. O corpo esguio do rapaz balançava sem vida, sustentado por uma forte corda presa ao pescoço. Seus olhos esbugalhados pareciam me procurar. Ódio, pena, remorso, não sei o que sentir.

Tenho que continuar. Gosto de música, dança, ir a lugares bonitos, procuro me divertir mas não consigo. Dedico-me muito à minha profissão e faço sucesso - o aplauso do público é meu único prazer. Continuo vaidosa e arrogante, e faço tudo para a minha realização como atriz. Torno-me dona de uma companhia, com artistas trabalhando para mim, e não mais procuro outros homens para compartilhar minha vida afetiva.

Estou na meia-idade, um homem se apaixona por mim, mas não o quero. No fundo, sinto-me responsável pela morte do rapaz e acabo evitando qualquer investida que represente envolvimento emocional. A idade me traz a auto-crítica: sinto-me má e egoísta. Tive sucesso e uma vida material estável, mas na velhice sinto-me alquebrada pelo sentimento de culpa.

Passo os últimos anos numa casa que comprei com o dinheiro do meu trabalho. Morro de velhice.

- *O que lhe passa pela cabeça no momento da sua morte?*

- Que fui má e egoísta. Gostaria que aquele rapaz me perdoasse.

- *Há mais alguma coisa que você vê com referência à essa vida?*

- Sim, o moço está aqui...

- *É o moço que se suicidou?*

- Sim.

- *Pergunte por que ele ainda está lhe acompanhando.*

- Ele diz que eu o fiz sofrer muito mas mesmo assim sente ainda atração por mim, quer estar junto.

Converso então com este espírito, usando a paciente como intermediária, dizendo que hoje a moça é outra pessoa, em outra vida, e

está consciente de que não deveria ter agido daquela forma. Perguntei se ele acompanhou as outras vidas vistas e ele respondeu afirmativamente. Expliquei-lhe que todas as ações, positivas e negativas, resultam numa consequência, como ele mesmo viu, e aquela moça que o feriu também foi ferida em outros momentos, porque ela é a única responsável pelos atos praticados. Mostrei também que a atitude dele não foi correta, uma vez que poderia ter escolhido outro caminho. O suicídio nunca é uma solução. Ele poderia, agora, seguir a sua evolução, pois tudo dependia apenas da vontade dele.

Ambos se perdoaram. Lia diz que ele tira o nó ainda preso ao pescoço e se vai, bonito, confiante, por uma escada iluminada.

Praticamente todos os meus pacientes relatam, durante as sessões, estarem acompanhados por espíritos relacionados com vidas passadas. Dizem-me que eles procuram intervir na vida, no pensamento, muitas vezes acintosamente, movidos por desejo de vingança, possessividade, outros apenas para estarem juntos às pessoas que se sentem ligados. Nestes casos, procuro conversar com estes espíritos, mostrando-lhes que a permanência deles junto à pessoa prejudica o desenvolvimento de ambos.

Lia disse não ver mais nada em relação à esta vida, e assim, como ainda tínhamos tempo, expliquei-lhe que o fato de ter sido orgulhosa, fria, interesseira, egoísta, deve ter alguma origem. Sendo assim, sugeri que localizasse o momento passado antes da vida como artista onde ela possuía estes defeitos em sua personalidade.

Relutante no começo, ela começou a falar:

Sou mulher, não sou muito velha mas aparento muito mais. Estou num quarto horroroso, fedorento, asqueroso, tudo em volta é repugnante. As minhas mãos seguram um punhal e um outro objeto que pertencem a uma pessoa. Eu a odeio. Estou amaldiçoando-a, tenho pensamentos horríveis contra ela, quero que ela sofra muito. Sinto muitas dores. *A paciente contrai os músculos faciais, expressando ódio e dor ao mesmo tempo.* Acabo, jogo-me num canto, com a respiração ofegante.

Já estou melhor. Saio de casa para recolher ervas, sou uma bruxa horrorosa, minhas roupas cheiram mal, meus cabelos

são desalinhados e sujos. Retorno à minha casa, uma tapera escura, pois não gosto de deixar a luz entrar. Uso minha magia contra várias pessoas, não apenas uma. Tudo o que desejo, acontece. Algumas se machucam, outras não podem mais andar, uma mulher ficou com o rosto transfigurado. Eu quero é vingança. Vingança contra todos eles.

Minha vida é vazia, porque todos me temem. Fiz muito mal, quero me transformar num monstro, me entregar ao demônio, por isso coloco muitas coisas dentro de uma caneca grande - isto me levará ao inferno. Tomo. Meu estômago queima, arde, parece estar explodindo, morri.

- Volte mais para trás no tempo, quando ainda era uma criança, veja como foi sua infância, por que se transformou nesta mulher horrível. Como vivia, onde estava?

Sou bonita, jovem, tenho um cabelo lindo, estou usando um belo vestido.

Participo de uma reunião da igreja do lugar onde moro, há pessoas contentes, eu brinco com as crianças e também estou contente. Observo uma senhora, ela é bondosa, é a pessoa que cuida de mim. Não tenho pais - eles foram assassinados injustamente por algumas pessoas da cidade, porém não sei mais que isso.

Com esta senhora, aprendo a ler, ela sempre diz para ser bondosa, ter bons sentimentos. Como ela é idosa, morre quando ainda sou jovem. Antes de morrer, conta-me que uma pessoa poderia ter salvo a vida dos meus pais mas não falou nada. Fico muito revoltada. Agora que ela se foi, não tenho ninguém, estou triste, e vejo meu ódio aumentando cada dia mais. Os projetos de vingança começam a se formar na minha mente. Conforme o ódio toma conta de mim, passo a desejar o mal para todas as pessoas das famílias envolvidas na morte dos meus pais. Torno-me antipática, as pessoas já não gostam mais de mim.

Num lugar grande, uma espécie de biblioteca, encontro uns livros enormes, de magia, e através deles vou treinando minhas energias para fazer o mal, e conforme estudo e pratico a magia

negra, começo a entrar em contato com o demônio. Faço um pacto com ele. “Dê-me a vingança que pretendo e depois pode fazer o que quiser comigo!”, esta é a minha confabulação.

Neste momento já não sou mais bonita. Consigo provocar acidentes, lanço pragas, faço com que o mal aconteça e vou destruindo a vida de cada pessoa daquela família, mesmo os descendentes que não tiveram participação no assassinato dos meus pais.

Encontro uma forma de me encontrar com o homem que não revelou a verdade antes do crime e impiedosamente relato todas as maldades que fiz para a família dele. Seu pedido de perdão, misericórdia, desculpas não me comovem. Sinto prazer na sua dor.

Enfim, meu objetivo foi cumprido. Todos sofreram, não tenho mais nada a fazer. Acabo com a minha existência, tomando o conteúdo daquela caneca...

- Existe alguma coisa, algum sentimento ainda ligado à esta vida, alguma emoção que você não viu? Lembre-se agora.

- Não... Sim... Há alguém comigo. Ele quer o mal para mim.

Lia demonstrava sentir imenso desconforto, como se uma força, um peso estivesse por sobre o seu corpo, exercendo uma pressão angustiante.

- É horrível, tenho medo, ele me olha fixamente...

- *Quem é ele?*

- É o demônio com o qual fiz o pacto. Ele quer que eu seja tão má quanto fui anteriormente. Não aceita que eu não esteja lhe servindo.

- *Então vamos conversar com ele.*

Este é um espírito com um sentimento de ódio maior que o espírito que se apresentou anteriormente. O método de desligamento é o mesmo - procuro esclarecer a diferença das vidas pregressas com a atual, mostro a evolução atravessada durante este caminho. Todas as pessoas tem a capacidade de decidir qual direção tomar, e Lia, aprendendo com seus erros, estava bem distante daquela mulher odiosa que apenas pensava em fazer o

mal. Ele, o espírito, também tinha esta opção, a opção de evoluir e ser feliz. O fato de perseguir uma pessoa, com intenções maléficas, traz a dor para ambos, não era necessário que isso acontecesse. Expliquei que temos muitas vidas e muitos corpos diferentes. “Veja, olhe para esta moça aqui deitada e verifique que não é mais a mesma”, enfatizei. Fui mostrando, através do esclarecimento, que o melhor a fazer era cada um seguir o seu caminho, afinal de contas o “demônio” nada mais era que um espírito em evolução. Ele também poderia planejar um corpo e uma vida nova, e voltar à Terra para fazer algo melhor. Finalmente, ele se foi, acompanhado pelos “Mestres de Luz”, maneira como denomino os espíritos que têm por missão auxiliar os menos evoluídos.

Com a minha paciente ainda profundamente relaxada, faço as correlações entre as duas vidas vistas hoje com as duas anteriores. Na vida em que ela foi artista, mostrou-se fria, orgulhosa, sem amor e solitária por opção. Poderia ter amado, dividir sua atenção com outras pessoas, mas não quis. Sentimento pior foi demonstrado nesta vida em que não só deixou de amar como também espalhou o mal, cultivou o ódio e a dor.

Nas sessões anteriores, desejou ser amada, ter companhia, e não teve. Parece-me uma aplicação clara e lógica da lei de causa e efeito: procurou um amor, amizades, não encontrou. Preciso ser muito rejeitada para aprender a amar verdadeiramente. Preciso sentir o desprezo para entender o sentimento que provocou no rapaz que rejeitou, quando artista.

Na vida onde foi acusada, injustamente, de ter seduzido o rapazinho que a tentou violentar, e por isso carregou o sentimento de culpa durante toda esta existência até hoje, provou da mesma injustiça de ter feito o mal, como bruxa, até às pessoas que não tinham ligação direta com o assassinato dos pais - elas sofreram por motivos que nem tinham conhecimento.

Ainda na vida como artista, usou e abusou do corpo como instrumento de prazer sem envolvimento sentimental, provocando até, indiretamente, a morte do rapaz. Consequentemente, foi chamada de vulgar e sedutora, em vida posterior, mesmo sem sê-lo. Acusou o moço de fraco, inseguro - exatamente desta forma você se comportou na vida da jovem alcoólatra.

Lia concordou com estas colocações.

Veja que na sua vida atual, mesmo tendo se sentido um pouco vulgar durante algumas fases da sua vida, soube procurar um amor verdadeiro, um

pai para seus filhos, alguém que compartilhasse sua vida, continuei. É um grande progresso.

O fato de você desprezar o seu corpo, a boa forma física, também tem relação com as vidas vistas. Das quatro vidas vistas, somente na vida como atriz teve o cuidado de conservar a beleza, mais por obrigação da profissão. Mesmo assim, não soube aproveitar a sua beleza exterior, porque interiormente você preservava sentimentos negativos.

Toda a maldade que desejou e provocou como bruxa, voltou em vidas repletas de sofrimento e incompreensão. Apesar de conservar alguns maus sentimentos, você, Lia, não mais sentia prazer com o mal, apenas sentia a dor.

A vida como atriz e como bruxa lhe acarretou grande sentimento de culpa, refletido nas vidas posteriores e hoje também. Tendo se suicidado com o veneno, é normal que lhe ocorra a vontade de morrer. Os resquícios destas vidas ainda persistem: você sente ódio nas horas de nervosismo e revolta. Culpa quando se faz sofrer pelos problemas dos outros, quando não se permite ter um bom emprego, ganhar dinheiro, ser bonita. A culpa por ter falhado no passado gera insegurança, falta de confiança em si, você se sente não merecedora da felicidade.

Nada disso é necessário. A própria lei de evolução se encarregou de sanar os débitos, colocando à sua frente situações difíceis, mas onde você teve e tem amplo domínio das suas ações para apressar o seu desenvolvimento. Perceba que você vem evoluindo durante os tempos. A maldade excessiva, o orgulho, a frieza de sentimentos, a solidão, tudo isto veio desaparecendo gradativamente. Veja que hoje você não precisa sofrer pelo sentimento dos outros. Não é você que provoca o sofrimento deles. Pode ajudá-los, com amor. Isto é evolução.

Apreendeu a amar, lutar pelo homem que ama, ter paciência - pois esperou por ele durante quinze anos -, está sabendo criar seus três filhos e, mesmo com as dificuldades, se desdobra em ser boa mãe e companheira... Não há necessidade de culpa - o passado está morto, não existe mais.

Você pode continuar se transformando cada dia, pois é esse o seu desejo, foi este o motivo pelo qual me procurou. Conforme vai se transformando e evoluindo, pode perceber que nada mais destes sentimentos negativos devem permanecer pois nada disso combina com a sua vida de hoje. Você não é má, vingativa, chega até a ser submissa, destruindo-se por uma culpa

do passado, impedindo-a de ser feliz. Não é necessário destruir seu corpo com os vícios, pois você sabendo se perdoar, não existe culpa. Hoje aprendeu a amar e portanto merece ser feliz.

Agora pode entender o quanto foram importantes aquelas duas vidas onde viveu só, desprezada, rejeitada - através daquelas dores e sofrimentos conseguiu evoluir e chegar neste ponto atual.

Tendo concordado com as relações, terminamos esta sessão, não sem antes conversarmos bastante. “Sempre tive a sensação de ter alguma força negativa me atrapalhando, a mesma sensação que senti hoje, quando aquele espírito perverso se apresentou. Agora, percebo que aquilo foi embora. Sinto-me muito melhor”.

Outras vidas solitárias

- Oi, tudo bem? Como foi a semana?

- Ih, nada bem. Estou muito preocupada com os negócios do meu marido - não estão indo nada bem. Além disso, tenho dores pelo pescoço, no corpo todo, sinto-me morta de cansaço. Meu filho pegou uma virose, fiquei abatida, dormindo mal e, para completar, estou no período pré-menstrual e me sinto muito tensa.

- Mas não há nada de bom? Perguntei, tentando encontrar alguma melhora no estado da moça.

- Sim, sim. Sinto-me mais segura, diferente do que fui até há pouco tempo. Quando é necessário autoridade para lidar com meus filhos, estou sabendo usá-la. Não senti necessidade de fumar, beber ou comer em excesso e isto me deixa contente. Até estou me arrumando melhor, porém ainda não me sinto totalmente confortável, é um pouco estranho.

Após nosso bate-papo inicial, direcionei a sessão para os sintomas relatados - cansaço e dores no corpo. Lia tirou os sapatos, deitou-se, fizemos o relaxamento e então a induzi a buscar as causas destas dores e cansaço.

- Repita: meu corpo dói, estou muito cansada. Sinto cansaço, meu corpo dói. Repita.

Vejo uma mulher numa cama de hospital, alguns aparelhos, uma enfermeira mede o pulso da pessoa doente que, no entanto, não parece estar muito mal. Eu sou um médico, faço cirurgias, corro muito, há muito trabalho. O hospital não tem muitas condições. Tenho que me desdobrar, fico tenso, várias horas acordado, em pé, e sinto dores por todo o corpo. Realizo uma operação nesta mulher. Uso os objetos como quem sabe o que faz. Após um longo trabalho, encerro a operação. O estado dela é grave, os outros da equipe estão apreensivos, tensos, assim como eu. Agora não há mais nada para fazer.

Entro numa salinha, há uma poltrona velha, preciso descansar algumas horas. Acordo com o barulho das pessoas. A mulher operada morreu. Nesta noite, ocorrem outros óbitos, e isto me deixa triste. É sempre esta rotina.

Vou envelhecendo, sempre trabalhando como médico. Minha vida é este hospital, inclusive resido aqui. Uma doença grave na garganta corrói minhas energias, estou sempre exausto, não posso me alimentar direito, porém nunca disse a ninguém sobre meu estado. Sinto a sensação de dever cumprido - não me casei, não tinha tempo para pensar em mim, dediquei-me ao hospital unicamente.

Sei que estou morrendo. Tenho uma dor na garganta insuportável. Fiz o que pude para salvar as pessoas. Morro no mesmo hospital onde vivi quase toda a minha vida, cercado pelos companheiros de profissão, que nada puderam fazer por mim.

- *O que você diria neste momento, se pudesse falar?*

- Continuem o trabalho, cuidem do hospital.

Eu morri agora. Atravesso uma grande porta, muitas pessoas me esperam, são velhos amigos que vão cuidar de mim até que eu possa estar pronto para trabalhar.

Pedi então para Lia retornar para a infância.

Uma casa grande, típica de interior, com janelas próximas à calçada. Não há muros. Tenho aproximadamente nove anos,

uso calças curtas, me interesse por livros. Minha família me incentiva nos estudos. Meu pai é médico, minha mãe é uma dona-de-casa quieta, porém forte e inteligente.

Com o passar do tempo, torno-me um jovem estudioso e dedicado - não penso em casar nem em ter filhos - a medicina é a única coisa que penso. Meu pai trabalha neste hospital que mais tarde tornou-se meu lar. Quando ele morreu, não pude fazer nada para evitar, e achei que minha única motivação era me dedicar ao mesmo hospital onde ele trabalhara durante tanto tempo. Não ganhei dinheiro como médico. Tudo o que eu tinha era revertido em benefício do hospital. Assim foi minha vida.

Como não foi visto mais nada em relação à esta vida, perguntei-lhe se esta vida veio antes ou depois das outras vidas que vimos. Ela disse que veio depois. Sendo assim, mostrei-lhe o caminho de crescimento, em relação às vidas passadas, mostrei-lhe o quanto ela conseguiu resgatar nessa existência como médico.

Enquanto, anteriormente, dedicou sua alquimia, sua magia para fazer o mal e ferir pessoas, nesta vida dedicou-se exclusivamente a salvar pessoas, sacrificando sua vida pessoal, e mesmo sofrendo de uma doença grave, (o mal na garganta ainda era um reflexo do veneno tomado ao se suicidar na vida como bruxa) sentindo um cansaço extremo, morreu satisfeito. Isso é muito importante, enfatizei. Liberte-se apenas do lado negativo, das dores, do cansaço, a dor nas pernas, a sensação de que não pode descansar, pensar em si... O lado positivo está dentro de você e deve permanecer. Você trabalhou com afinco, demonstrou altruísmo, porém não há a necessidade de trabalhar até a exaustão. Seu contexto, hoje, é diferente, você pode ter momentos de descanso, apesar de cuidar de todos os afazeres. Hoje sua garganta não precisa doer, seu corpo não precisa doer, se liberte de tudo isso.

A paciente me disse compreender e aceitar. Então, pedi que seu inconsciente se deslocasse pelo tempo, indo a um momento passado que tivesse relação com sua tensão pré-menstrual.

Repita: a menstruação me deixa exausta...

Ferragens retorcidas, tem uma mulher presa nela, esmagando a barriga e a bacia. Há muita confusão, as pessoas tentam

ajudar, a dor é atroz. Sou eu que estou ali. Meu útero foi atingido, muitos ossos se quebraram, nunca mais serei normal. Não posso mais ter filhos.

Depois de um longo tempo, vou me recuperando, mas é impossível andar normalmente, e as dores me seguem por toda a vida. Eu trabalhava num local, como uma confecção têxtil, e um descuido meu provocou o acidente. Sou casada, porém após o ocorrido, meu marido vai ficando mais distante, brigamos muito, até o ponto em que ele diz não me querer mais e vai embora.

Continuo a trabalhar na fábrica, vivendo amargurada, solitária, desgostosa com a vida e com meu destino. Envelheço assim, nada de novo acontece.

Estou só, dói todo o corpo, principalmente minha região inferior, não trabalho mais, morro fraca, muito fraca...

- Volte para antes do acidente. Como era sua vida?

Uma casa, meu marido e eu vivemos felizes, alegres. Eu sou jovem e cheia de disposição, assim como ele. Trabalhamos juntos, fazemos planos: filhos, viajar, comprar coisas.

Acontece o acidente. Em poucos segundos estou presa, com ossos quebrados, órgãos arruinados, perco muito sangue. Tenho raiva, acho que foi uma injustiça o que ocorreu comigo.

Perguntei se ainda havia alguma coisa a ser vista em relação à esta vida. A paciente respondeu que não. Perguntei então se esta vida veio antes ou depois das vidas vistas na semana passada (a da atriz e da bruxa). Ela me disse ter vindo depois. Então comecei a fazer as correlações.

Tudo indica, disse-lhe, que esta “injustiça” que caiu sobre seu casamento, sobre sua saúde, sobre a sua vida em geral, é um resgate daquela vida da magia. Você, fazendo o mal a vários membros de uma família, interrompeu o andamento normal da vida deles, causando acidentes, doenças, mortes, destruindo casamentos, disseminando a infelicidade. O mesmo aconteceu com você. Estava bem, vivia feliz com seu marido, planejando ter filhos, e quando menos esperava, através da mão do destino, sofreu o acidente, tornando-se estéril, deficiente, perdeu o marido, acabou triste, solitária e sofrendo muito.

Veja que o sentimento de injustiça, a raiva que você sentiu por ter sofrido o acidente não são corretos. Para toda a ação existe uma reação, e foi assim o seu caminho de aprendizado. Hoje não há mais motivos para sentir as dores no corpo, o cansaço, o sentimento de solidão e tristeza, pois isso tudo faz parte do passado. O seu caminho de evolução continua sempre - você agora casou com o homem que ama, tem três filhos e sente-se feliz com eles, e mesmo com algumas dificuldades, está obtendo muito progresso. Nada a impede de ser feliz.

Perceba também uma coisa importante: o quanto a tensão pré-menstrual tem a ver com a moça que sofreu o acidente, impedindo-a de ter filhos, com os órgãos reprodutores atingidos irremediavelmente, resultando até na perda do marido. A menstruação sempre está ligada à vida da mulher, em relação à procriação e à sexualidade. Não poder ter filhos, o marido a abandonar, a vida sexual frustrante, o fim do casamento, toda esta lembrança fica gravada a nível inconsciente, ressurgindo sempre na época da menstruação, porque menstruação sempre lembra gravidez, parto, casamento, vida sexual. Liberte-se disso também. Você não é mais a mulher estéril, infeliz e solitária. Liberte-se deste passado.

Entenda também que o fato daquela mulher ter morrido magra não significa que hoje você tenha que ser gorda como forma de defesa. Ser magra hoje é estar consciente com o seu momento presente, estar coerente com o seu desejo de vida presente, é sentir-se bem e saudável.

Em busca de um amor verdadeiro

Lia está progressivamente melhor. Diminuiu sensivelmente o cigarro, não bebeu mais, consegue controlar o peso e prosseguir no regime. Neste dia, somente reclamou de dor de cabeça, devido à um atraso na menstruação. Disse ter se sentido desanimada, mas quando o ciclo menstrual retornou, sentiu-se melhor, somente um pouco cansada.

Não sentindo outros problemas, solicitei que a paciente procurasse a origem deste atraso na menstruação, da dor de cabeça e do cansaço.

Vejo ovelhas. Há um menino cuidando delas, ele gosta do trabalho. Eu sou uma mulher, este menino é meu filho. Faça

muitas coisas, tenho que arrumar toda a casa, fazer a comida e trabalhar no campo. Tenho outros filhos, não tenho marido. Devo estar com uns trinta e três anos.

Peço para ela voltar no tempo, mostrando-me como teve os filhos, quem era o pai...

Ele está bebendo, fica sempre embriagado, e além deste vício, ele não ajuda no trabalho, não faz nada. Brigo muito com ele, chamo-o de vagabundo e bêbado. Ele não se importa, diz que não liga para nossa família, que tem outra mulher e um dia ele vai se encher e nos abandonar. Realmente, após muitas brigas, ele pega suas coisas e vai embora com outra.

Não fico entristecida, até gosto. Ele não era um bom marido e um bom pai, e por isso foi melhor ter ido embora. A partir deste momento, tenho que me desdobrar com todas as responsabilidades, trabalho, cuidado das crianças pequenas, e à noite estou exausta. Porém ainda encontro tempo para conversar com eles, contar histórias, fazer o papel de pai e mãe ao mesmo tempo. Eu os amo muito.

Os anos vão passando e eles, conforme crescem, vão me ajudando muito. Sinto-me um pouco fraca devido à vida dura do campo, mas emocionalmente estou bem.

Vou me debilitando rapidamente, sinto que meu corpo não aguenta mais o trabalho, sinto dores e fico triste por sentir aproximar minha morte. Não quero deixar meus filhos sozinhos. Penso na solidão que foi minha vida, em tudo o que fiz, e morro. Apenas peço para meus filhos se cuidarem, um ajudar o outro. Neste momento, estou fraca, debilitada e magra.

- Volte para antes do casamento e veja como era sua vida.

Eu morava na mesma casa, com meus pais, e já trabalhava, cuidando das ovelhas. Um dia, chega um forasteiro, que fica sentado numa pedra, me observando. Ele elogia a maneira como trabalho, começamos a conversar, eu um pouco tímida

por estar falando com um estranho, mas o convido para conhecer meus pais. Com simpatia, ele cativa a amizade de todos, e começamos a namorar. Logo engravidado e nos casamos.

Pouco a pouco vou percebendo sua verdadeira personalidade. É malandro, odeia trabalhar sério, deixa tudo nas minhas mãos. Nascem os outros filhos, são cinco, e a responsabilidade de uma família grande o afasta cada vez mais. Bebe muito, constantemente desaparece sem avisar, nunca trabalha, o resto eu já vi...

- Há alguma coisa para ser vista a respeito desta vida? - pergunto-lhe.

- Não, não vejo nada.

Então vamos ver as correlações desta vida com as outras e com a sua vida presente.

Perceba que você casou porque estava grávida, e conforme os outros filhos foram nascendo, o marido foi ficando mais distante, alheio à responsabilidade. Aí encontramos a relação com sua tensão pré-menstrual: o nascimento dos filhos foi, paulatinamente, destruindo o seu casamento e, por outro lado, lhe sobrecarregando de responsabilidade e trabalhos. Apesar de você gostar muito deles, teve que dedicar toda a sua vida para a criação e educação deles, além de dar conta de todo o trabalho no campo. Isto lhe trouxe muito cansaço, fraqueza, preocupações, dores, e estes sintomas estão se repetindo agora, inconscientemente, no período menstrual.

Hoje, apesar da situação financeira não estar tão confortável, é o seu marido que trabalha, você apenas fica em casa, cuidando dos filhos e, de uma maneira geral, você tem boas condições materiais. Veja que você pode estar com seus filhos ao seu lado, tem uma empregada para lhe ajudar, é tudo diferente que aquela vida de luta diária.

Mais uma vez, ser magra representou uma vida sem um companheiro, uma vida de muito trabalho, o que não significa que você tenha que ser gorda hoje para afastar os resquícios desta memória de sofrimento. Isto é uma defesa, e você não necessita dela. Sua vida hoje é outra. Liberte-se disso, estar bem com seu corpo é estar bem consigo mesma, com seu marido, com sua família...

Lia aceitou minhas palavras com um rosto confiante. Não havendo dúvidas, sugeri então que ela fosse até uma vida onde descobríssemos algumas

das origens para esta vida que acabara de ver. Por que casar-se grávida, com um marido alcoólatra, irresponsável, ter que se desdobrar no trabalho? O que havia acontecido antes desta vida que acabou de ver? (Muitos dos motivos já foram vistos em outras vidas - vimos em muitas das sessões que a paciente nos relatou vidas onde evitou a união conjugal, entregando-se à solidão e à bebida, não assumiu a responsabilidade de ter filhos, não amou sua família. Mas, sempre que há outras vidas com extrema coligação aos sintomas, a paciente consegue ver).

Uma figura triangular, com uma ponta no meio, no centro de um gramado, é de metal, há mesas e cadeiras. Algumas pessoas estão sentadas em volta, observando. Tem um homem com uma roupa comprida, parece uma batina. É um objeto de energização, ele está no meio.

Eu sou mulher, um homem me acompanha, saímos do jardim. Uso um vestido comprido, tenho um colar diferente no pescoço. Enquanto caminhamos pela rua, vamos conversando e começamos a discutir. Digo a ele que fui infiel. Ele me agride, fica transtornado, me joga no chão, parece querer me matar. É o meu marido.

- Não te quero mais, não o amo, tenho outro homem - grito em meio à raiva e à dor.

Provoco-o e a agressividade dele aumenta. Algumas pessoas tentam intervir, aproveito a confusão e fujo correndo. Volto àquele jardim, vou conversar com o homem que dirige aquele estranho culto. Digo a ele que confessei tudo para meu marido. Esta pessoa não me recebe bem, não me dá nenhum apoio.

- Você errou, não deveria contar nada! - me repreende. Quanta ingenuidade! Por acaso pensou que tínhamos alguma coisa? - completou, deixando-me inconsolável.

- Estou grávida... E é seu...

A esta revelação, ele reage com indiferença. Fala que este filho pode não ser dele, e também, mesmo que fosse, ele não o quer. Saio do local cabisbaixa, sem saber para onde ir. Acabo voltando para casa, converso com meu marido. Ele está deprimido,

falamos durante muito tempo, por fim pedimos desculpas recíprocas e fazemos as pazes. Tenho um aborto espontâneo; em meio ao sangue, perco meu filho.

As feridas entre eu e meu marido não cicatrizaram. Ambos sentimos que o amor morreu. Sinto-me culpada, triste por esta situação e meu marido também sente o mesmo. Não temos filhos, eu não quis tê-los com o homem que não amo. Nossa vida vai ficando vazia, ele se entrega à bebida e morre após uma queda acidental, provocada pelo seu estado de embriaguês.

Não tenho mais nenhum motivo para continuar vivendo. Sempre sinto como se ele ainda estivesse comigo, me observando e me culpando pelo fracasso do nosso casamento. Começo a sentir muitas dores no estômago, e isto me tira a vontade de comer. Enfraqueço rapidamente, tenho dor de cabeça, morro com sentimento de culpa.

Solicito à Lia que volte para antes do casamento.

Trabalho entre livros, estou pesquisando sobre filosofia, história. Sou jovem, tenho família, não somos ricos nem pobres. Conheço meu marido, ele é professor, trabalha comigo, passamos a maior parte do tempo juntos. É inteligente, galante, simpático e me sinto atraída por ele. Na verdade não o amo, porém sinto que ele está apaixonado por mim. Resolvemos nos casar.

Vamos vivendo, meu marido sente que não o amo e torna-se inseguro. Foi quando conheci o outro rapaz, numa espécie de congresso, ele me seduz, é muito bom sexualmente. Temos um caso ligeiro, eu engravidado e então conto tudo ao meu marido.

Morro com muita raiva daquele homem que me desprezou.

- *Você ainda vê alguma coisa à respeito desta vida? - indago.*

- *Sim, o marido é o mesmo da vida anterior.*

Faço o esclarecimento da situação, como já mostrei anteriormente, e parece ficar claro que o marido desta vida é o mesmo da vida da camponesa, vista anteriormente.

- Ele está aqui! Diz que todo este tempo esteve perto de mim, queria que eu fosse com ele agora. Vêm se esforçando a tempos para me levar com ele. Está muito triste, chora, afirma perceber agora o erro em se entregar à bebida, e por isso ter deixado aquela existência prematuramente.

Travo o diálogo, peço a ambos que se perdoem, pois os dois erraram, e explico ser a situação agora impossível para que estejam juntos. “Você está em um plano diferente, ela não poderá ir consigo pois hoje vive uma nova situação, não é mais a esposa do passado, possui marido e filhos... Siga seu caminho, permita-se receber a ajuda dos “mestres de luz”, eles te guiarão, mostrarão como você pode programar uma nova vida. Talvez em outro momento, pois a morte não existe, será possível vocês estarem juntos outra vez, compartilhando uma mesma existência”. A entidade aceita partir.

Nas correlações, peço que ela perceba por que ele bebia tanto. Já era uma compulsão, provavelmente adquirida na vida em que ela o traiu. Neste caso, pôde perceber porque foi traída e abandonada, quando era uma camponesa - foi uma resposta à traição da vida anterior. Casou-se grávida, não foi amada, teve muitos filhos, porque não quis ter filhos com aquele homem que não amava...

Ela passou a compreender toda a tristeza, solidão, toda a relação com o fato da menstruação, gravidez, filho, vida sexual.

Como ainda estamos trabalhando o fato da paciente ter tensão pré-menstrual, solicitei que localizasse a origem de ter três filhos sem planejamento, nesta vida atual, além de alguns abortos - a maternidade e a tensão pré-menstrual sempre estão relacionadas, conforme verifico no meu trabalho. Já havíamos visto diversas vidas onde a paciente se recusou a ter filhos - um indício para o carma de ter tantos filhos em momentos não esperados e para a tensão - mas poderiam haver outras encarnações ou uma, em específico, que fosse mais significativa para explicar a situação vivida atualmente pela paciente. (Acredito que chegamos ao mundo com todo o planejamento, sabendo quais caminhos teremos que passar - é o conceito do carma. No entanto, tenho ampla certeza no nosso poder de transformar o carma, não totalmente, mas de forma que tenhamos condição de buscar e encontrar amor, compreensão, felicidade, mesmo enfrentando os percalços do dia-a-dia. Caso contrário, todo o meu trabalho terapêutico seria inútil).

Estou numa casa, numa região litorânea, eu e um homem estamos fazendo amor. Gosto muito de estar com ele, apesar do medo de engravidar. Sou jovem, moro com meus pais, e meu pai é severo e moralista. Tive uma criação rígida, austera, e por isso tenho certeza que a família nunca aceitaria o fato de eu ficar grávida antes do casamento.

E é isso que acontece. Fico apavorada e vou procurar o rapaz. Ele imediatamente sugere que façamos um aborto. Aceito. Ele me leva para um local escondido, onde um homem realiza este trabalho. É horrroso, sinto náuseas, vomito na rua, meu namorado me consola, porém em alguns dias ele desaparece sem dizer nada.

Fico angustiada, não tenho ninguém para conversar, pedir um apoio, ninguém sabe o que aconteceu. Um dia alguém me diz que meu ex-namorado está com outra mulher, e saber este fato acabou de me arrasar completamente.

Eu o amo, ele não pode fazer isto comigo! - pensava, ainda carregando uma grande culpa pelo aborto. Estava muito carente, e nesse estado o reencontrei na rua, conversamos rapidamente, porém o tempo suficiente para demonstrar que ainda sentia atração pelo moço. Não demonstrando nenhum remorso, ele me convidou para um encontro, e eu, mesmo querendo falar não, aceitei.

Sinto-me usada. Sei que ele não quer nada sério comigo, e tenho raiva de mim mesma por amá-lo tanto. Arrumo outros namorados, mas continuo encontrando-me com ele esporadicamente. Por fim, canso-me desta vida, quero encontrar alguém para casar, que me ame e me faça feliz. Namoro com um homem, ele se apaixona por mim e casamos.

Fiz isso para não ficar sozinha, eu não o amo. Nosso relacionamento, em pouco tempo, vai se deteriorando. Brigamos muito, meu marido me culpa e, no fundo, sei que têm razão, pois nunca fui uma esposa dedicada, bebo constantemente e me entrego à depressão.

Estamos brigando novamente, eu e meu marido. Ele diz que não me aguenta mais e vai embora. Eu choro, imploro para

ele não ir, é tudo em vão. Ele parte, deixando-me angustiada, vendo no álcool a única forma de me aliviar. Estou embriagada, não quero que ninguém me veja neste estado. Minha cabeça não funciona mais logicamente, vejo toda a vida como um lixo, eu me sinto um lixo. Tenho impulsos de me matar, algo dentro da minha cabeça está martelando neste sentido. Não penso durante muito tempo. Estou decidida a acabar com tudo, nada valeu a pena. Gostaria tanto de ter um marido que eu pudesse cuidar e amar, assim como ser correspondida, gostaria de ter um lar, filhos, cuidar de casa... Tomo um veneno e talvez, pelo efeito do álcool, a dor não foi tão profunda...

Quando lhe perguntei se havia alguma coisa em aberto, algo para ser visto, Lia apenas disse não vir nada mais à mente, e comecei a fazer as ligações.

Aí, mais uma vez, encontramos você envolvida com o problema do álcool. Sempre que a situação está difícil, sempre que as coisas não acontecem do jeito que você gostaria, tem o hábito de beber, se auto-flagelar, buscando a morte, chegando até ao suicídio, como neste caso. É sempre uma repetição de atitudes que você vem tomando durante muitas vidas. Mesmo evoluindo, tendo vidas melhores, ainda traz esta falta de confiança em si, esta facilidade de se abater diante das situações adversas, sempre pensando que a vida não vale a pena. A problemática emocional também se repete: novamente o desencontro amoroso, a falta de capacidade de amar ou dedicação de amor à pessoa errada, levando-a à solidão e à angústia. Outro aspecto a ser citado: a vida sexual desregrada e o aborto ainda são motivos que hoje lhe causam a tensão pré-menstrual. Veja que não teve filhos - são várias vidas em que não os teve, e morre desejando estar com alguém ao seu lado, uma família... Por isso, hoje, foi mãe sem planejar.

Peço que se liberte de tudo isso. Com o aprendizado adquirido, essas atitudes só tiveram sentido nas vidas passadas, mas ocasionaram muito sofrimento, não sendo mais necessário. Veja que a vontade de ter um lar, cuidar da casa, do marido e dos filhos está se realizando hoje. Casou-se com o homem que ama; mesmo tendo esperado tanto por ele, soube usar da paciência, virtude adquirida através do seu desenvolvimento. Você mudou, sabe

disso, e tem todos os motivos para ser alegre, viver, progredir, e é isto que vem fazendo, superando os obstáculos, corrigindo as imperfeições, e portanto liberta-se de todos os vícios e fraquezas que tem relação com suas vidas passadas, mas não com seu momento presente. Perceba que a medida em que se liberta desse passado, passará a se sentir cada dia melhor. Agora você entende como ter os filhos lhe era importante?

O despertar da auto-confiança

Estávamos a pouco menos de dois meses de tratamento. Este é um tipo de sessão do qual me regozijo falar. Na verdade, não ocorreu uma sessão nos moldes que estou acostumada na minha rotina diária - foi mais uma conversação amigável onde Lia preferiu discorrer sobre a sua semana, seu estado de espírito no momento.

Nem bem adentrou, julguei perceber em seu sorriso e em seu olhar algo novo, até então desconhecido para mim: determinação. Não me decepcionei.

- Hoje não desejo fazer a regressão. Prefiro conversar sobre minha semana.

Sua firmeza me deixava muito a vontade para ouvir suas palavras. Concordei, logicamente. Eu estava curiosa e deixei minha paciente falar.

É interessante, disse-me ela. Aparentemente, nada mudou - meu marido continua com a situação financeira problemática, o comércio não está indo bem, deixando-o preocupado e taciturno. As pessoas com as quais convivo continuam mais ou menos do mesmo jeito. No entanto, nunca me senti tão bem em toda a minha vida. Estou sabendo apoiar meu marido, aconselhá-lo, ouvi-lo, não estou me limitando, como antigamente, a me martirizar calada, sem ação. Pelo contrário, encontro dentro de mim a confiança de saber que posso mudar a situação, comandar a minha vida em função do meu progresso e, conseqüentemente, do progresso da minha família.

Citando exemplos de situações envolvendo seu marido, filhos, amigos e conhecidos, e a forma de reação diante delas,

Lia demonstrou uma clareza de pensamento, uma colocação coerente em relação à maneira de agir, dando exemplos claros de uma sabedoria ainda não demonstrada. Não tentou se esquivar dos problemas ou das pessoas problemáticas - conseguiu ajudar de forma correta, não deixando, contudo, que fosse envolvida pelo pessimismo das circunstâncias. Para uma pessoa que tinha dificuldades de se impor numa simples discussão doméstica com a empregada, demonstrou um grande progresso. A única insegurança que disse ter sentido foi em relação ao que aconselhou às pessoas; não sabia se estava com razão ou não.

Mostrei-lhe que, de acordo com os exemplos que ela me relatara, todas as atitudes foram baseadas no bom-senso, que suas palavras não demonstravam uma segurança esnobe, impositiva. A dúvida quanto estar certa ou não residia na sua própria incredulidade referente à mudança repentina, fruto da redescoberta da sua sabedoria interior.

Se emocionalmente Lia estava bem, sua auto-estima também estava em alta. Todos os seus sintomas apresentados até então não reapareceram. Parou de beber desregradadamente e abandonou o fumo. Realizou um jantar entre amigos e, enquanto os convidados bebiam, contentou-se com um copo de cerveja para acompanhar. Quanto à fome compulsiva, continuou com mais ênfase numa dieta que começara logo após nossas primeiras sessões, e para sua satisfação, a balança acusou alguns quilos a menos.

Com certeza, foi uma grande semana e a paciente tinha amplos motivos para estar satisfeita consigo mesma. Conforme se despreendeu dos vícios e sentimentos negativos do passado, foi paulatinamente expondo a sua vontade de viver e progredir, com coragem, inteligência e determinação. Descobriu uma semana feliz, mesmo cercada pelas mesmas situações anteriores. Eu, pelo meu lado, compartilhei da sua felicidade, ao ver retribuído desta maneira o meu trabalho.

Sessão oito

Depressão, angústia, falta de confiança em si, exagero no fumo, bebida e comida, obesidade, nervosismo, irritação, medo, sentimento de culpa, desleixo e uma micose no dedo eram os problemas relatados em nosso primeiro encontro. Durante o tratamento, outros sintomas apareceram: tensão pré-menstrual, cansaço sem causas aparentes, gripe.

Com a ficha na mão, estava analisando o caso Lia, imaginando como ela se apresentaria nesta sessão que logo se iniciaria, após a alentadora semana que passou. Logo vi que o caso estava se desenvolvendo muito bem. A paciente não sentiu nenhum dos problemas voltarem e considera-se cada dia mais forte. Solicita que busquemos a origem da micose no seu dedo médio da mão direita. Claro, concordo. Vamos à regressão. Foi feito o habitual relaxamento e Lia iniciou sua narração.

Um prédio antigo, duas crianças brincam, eu sou uma delas e devo ter por volta dos oito anos. Estou correndo, a outra menina vem atrás, vou entrar num pátio, atravesso uma porta pesada e grossa. Tenho que fechar rapidamente a porta, para ela não passar. Na euforia, não prestei atenção no que estava fazendo, e acabei batendo a porta sobre minha própria mão. Começo a chorar, dói muito. A outra menina entra e fica preocupada, pois três dedos estão com uma coloração arroxeada. Acho que quebraram alguns ossos. Sou tratada, porém durante muito tempo minha mão permanece inchada. Somente depois que ela voltou ao tamanho normal, percebi que um dedo ficara deformado.

Morro de vergonha, procuro sempre escondê-lo das vistas das outras pessoas. Com frequência ele lateja muito. Consigo realizar meus trabalhos perfeitamente, mas sinto um grande desconforto em olhar para minha mão.

Cresço, há um rapaz que gosta de mim. Eu não gosto dele, e faço de tudo para evitá-lo. Finalmente, ele desiste. Vou trabalhar num lugar onde fazemos tecidos. Há outras pessoas que trabalham no local.

Conheço outro rapaz, nós começamos a namorar e depois de algum tempo, nos casamos. Ele é bom para mim, não temos problemas. Somente meu dedo nunca melhorou. Agora estou percebendo - é a mesma vida que sofri o acidente, quando trabalhava numa fábrica de tecidos. Tudo estava bem até este dia. Daí para frente meu marido fica insatisfeito, não posso ter filhos, a situação se complica até o momento em que ele vai embora. Fico triste e sozinha, sinto-me culpada por não poder gerar filhos. Gostaria que tudo fosse diferente.

Envelheço, ando devagar e com dificuldade, estou fraca e magra. Não tenho fome, penso na solidão em que me encontro, nas minhas deficiências, penso que gostaria de ser mais feliz.

Começo a conversar com a paciente. Mostro que da primeira vez que surgiu esta vida, o problema do dedo não havia ficado claro porque não vimos a infância. Disse-lhe o quanto é importante verificar tudo, do começo ao fim, uma vez que sempre podemos encontrar a origem de problemas em qualquer fase. Também realço o fato de que não poder ter filhos, apesar de querê-los, está relacionado com as outras páginas onde não os teve por escolha própria.

Como ainda temos tempo, peço a ela que procure outra vida que tenha relação com o fato do dedo não sarar, apesar de todos os tratamentos.

Vejo um casal de namorados numa escada, ao ar livre. Chega uma senhora, ela fica muito brava, puxa-me pelo braço, chamando-me de vagabunda. Devo ter uns quatorze anos e sinto muita raiva e vergonha desta atitude dela. Sou empurrada para casa, minha mãe me bate, diz que não presto, me humilha e me magoa. Diz que não tenho idade, que sou pecadora e Deus vai me castigar. Choro muito neste dia.

Eu gosto do moço e continuo encontrando com ele escondida, sempre que posso. Minha mãe está constantemente me vigiando, e como trabalho em casa, fazendo as tarefas domésticas, não tenho muito tempo de encontrá-lo.

Em casa, sou muito mal-tratada. Tudo que faço está errado, sou sempre criticada por qualquer coisa. A roupa está

mal lavada, o chão não está limpo, a comida está ruim, minha mãe não poupa críticas. Um dia me revolto. Ela está me xingando, injustamente, começo a discutir com ela e desfiro um tapa em seu rosto. Completamente transtornada, ela diz que tenho parte com o demônio, que Deus vai me castigar por ter erguido minha mão contra a própria mãe.

Depois de algum tempo, o rapaz, meu namorado se muda para longe. Não o vejo mais. Fico triste e sem perspectivas. Minha mãe jamais me perdoou, pelo contrário, foi me dominando, impondo tarefas rudes e desnecessárias, somente para me ferir. Aceitei passivamente, não reagi mais. Comecei a acreditar que eu era culpada e Deus não me perdoaria - eu não deveria agredí-la...

Ela morre quando tenho mais ou menos quarenta anos. Vivo sozinha, o tempo vai passando e assim morro, solitária, com sentimento de culpa.

- Veja como foi a sua infância nessa vida.

Há um homem, é meu pai. Minha mãe parece mais tranquila, mas conforme cresço, começam brigas em casa, meus pais sempre discutem. Ainda sou pequena quando ele resolve ir embora. Deste dia em diante, minha mãe se torna uma mulher rancorosa, maldosa, fria e infeliz, passando a me tratar mal.

Lia disse estar percebendo a presença de alguém. Era essa mãe desta vida, que disse estar sofrendo muito e gostaria de pedir perdão por ter feito tanta maldade à filha. Perguntei se durante todo esse tempo ela não tinha recebido ajuda, e ela esclareceu que sim, mas ela não queria ir, por sentir muita culpa e dor. Após explicarmos a situação, ela aceitou partir.

Para a paciente, mostrei que, mais uma vez, ela carregou durante toda uma vida o sentimento de culpa, a sensação de não fazer nada direito, colocando-se sempre em posição inferior. Viu o quanto teve que lapidar o seu orgulho de outras vidas, o quanto muitas vezes a sua fraqueza e incapacidade de reação a le-vou à derrocada diante dos problemas. Pedi para que se libertasse dessa fraqueza, do orgulho, da vontade de morrer que teve em outras vidas. Ressaltei que, quanto mais confiante estivesse em si mesma, na sua capacidade, também conseguiria melhorar o estado do dedo,

pois este problema estava relacionado com acidentes e sentimentos gerados em vidas passadas. Era tudo uma questão de auto-confiança.

Sessão nove

Mais uma vez, a paciente entrou em meu consultório exalando firmeza. Não queria fazer a regressão e acreditava nem ser necessário. Gostaria apenas de conversar, pois ainda estava muito admirada com a sua mudança e tinha muitas coisas a respeito do seu cotidiano para falar. E foi o que fizemos. Conversamos bastante, nós duas muito satisfeitas.

Sessão dez

Lia continua muito bem. Falou estar no período menstrual e, finalmente, não teve nenhum problema, nenhuma dor. A micose no dedo, resistente a tantos tratamentos, finalmente estava regredindo.

Não havia sobre o que reclamar. A paciente continuava sem beber, sem fumar, e perdera vários quilos, deixando-a feliz por usar roupas que antes não lhe serviam.

Espontaneamente, durante o tratamento, não aflorou nenhum fato da vida intra-uterina ou do momento do parto desta vida atual, e como considero muito importante os sentimentos na fase da gestação, fiz o relaxamento e induzi seu inconsciente a ir para a vida intra-uterina. Costumo perguntar, mês a mês, qual as sensações que vêm à mente e assim ela foi descrevendo:

1º mês: um círculo com uma luz no meio, estou tranquila.

2º mês: aconchego, está quentinho. *Digo a ela que agora que ela está dentro da barriga, pode sentir o que a mãe sente e pensa, então solicitei que Lia entrasse em contato com a mãe e percebesse se ela já sabia da sua presença.* Sim, ela sabe, e está feliz mas, ao mesmo tempo, tem medo. A vida dela é muito difícil, e quando ela tem medo, eu também tenho.

3º mês: estou me desenvolvendo bem. Minha mãe também parece bem, não faz excessos. Mas ela é infeliz, insatisfeita, pensa que não gosta do meu pai. Nesta hora eu fico agitada.

4º mês: continuo muito bem. Minha mãe está bem fisicamente, mas sofre emocionalmente, sempre está com pensamentos negativos. *Fique consciente, digo, que estes sentimentos não são seus, e sim da sua mãe, e por isso não deve carregar esta negatividade consigo, liberte-se disso.*

5º mês: está como sempre.

6º mês: sinto-me protegida e está quentinho. Minha mãe vive reclamando.

7º mês: agora minha mãe está emocionalmente melhor.

8º mês: estou apertada. Ela (a mãe) tem uma certa alegria. Está pensando que ter outro filho até pode ser bom. Eu fico alegre também.

9º mês: tenho muito medo de nascer, ela está bem fisicamente. Emocionalmente, voltou o negativismo e também tem medo. *Falo que muito do sentimento de medo pode ser da mãe, a sensação de ter medo um pouco tempo antes do parto é natural, portanto peço que se liberte deste sentimento.*

Hora do parto: Estou agitada e com muito medo. Minha mãe quer que acabe logo. *Veja, agora é a hora do nascimento, conte o que sente...* Está sendo muito fácil, é muito rápido, uma mulher me pega, diz que sou gordinha, ela me limpa, diz que estou inchada. Agora estou sendo vestida, dizem que sou bonitinha, meu pai me pega, fica emocionado, ele gosta muito de mim. *Pergunto se ainda tem alguma coisa que a prenda neste momento e a paciente diz que não. Então peço que vá para um momento logo após o parto, onde tenha passado o medo, a ansiedade, a sensação de aperto e ela se refere ao momento em que estava nos braços do pai. Então digo que esta fase está terminada.*

Perceba - falo - que depois do nascimento conseguiu sentir-se muito bem no colo do seu pai, e todas aquelas emoções negativas de medo, ansiedade, etc., haviam passado. Muito destes sintomas, ainda hoje apresentados, eram sentimentos da sua mãe fixados durante este período, mas você superou esta fase conseguindo nascer, se desenvolver e tornar-se independente. Não ficou evidente nenhum fato mais traumatizante.

O período pré-natal é considerado um dos mais importantes ciclos da vida - é neste momento em que a mente inconsciente funciona independente da consciência, que irá entrar em atividade após o nascimento, e isto faz com que o feto grave os pensamentos e sentimentos da mãe como sendo parte integrante de si. Não há uma mente consciente para interpretar ou discernir.

Acabamos a sessão com uma conversa sobre todos os aspectos vistos durante o tratamento. Lia disse entender as suas atitudes na mocidade, o quanto era agressiva, mais contra si mesma, e aquela forma de beber, experimentar drogas, andar com pessoas desajustadas, tudo era uma revolta, uma violência que praticava para chamar a atenção, mas no fundo eram atitudes contra suas próprias fraquezas...

- Agora, tudo isso não faz sentido dentro de mim...

Sessão onze

A situação está esplêndida: estou sendo melhor com os meus filhos, com meu marido, estou cuidando com disposição da casa, não sou mais subjugada e, ao mesmo tempo, sou mais compreensiva - relatou a jovem.

Vi que este caso estava terminando, a alta estava próxima. Um caso se esgota por si mesmo, o que não significa que não existam outras vidas a serem vistas em outros momentos. São vidas que não incomodam, estão latentes. Talvez novos estímulos poderão trazê-las a tona e então o paciente sentirá a necessidade de retornar à terapia. O fato é que, para aquele instante, para o estado de espírito do paciente, não havia mais nada a fazer - Lia se sentia ótima, com força de vontade para se transformar cada vez mais, abandonando progressivamente todos os vícios e atitudes negativas que emperravam a sua vida, passando a controlar o seu destino com sabedoria e disposição.

Nesta sessão, ainda fiz o relaxamento e pedi que ela procurasse encontrar algum fato que lhe provocasse sentimento de culpa, ou alguma emoção negativa relacionada com todos os seus sintomas apresentados no início do tratamento. Ela disse não ver nada.

Enfim, a alta

A paciente chegou muito feliz, não havia nada para reclamar. Os vícios desapareceram: não bebia, nem fumava, e continuava com o apetite sob controle. O dedo estava melhorando rapidamente. O marido tornou-se menos preocupado com a situação financeira, os filhos agora a respeitam e, conforme ela conseguiu dialogar, ter paciência, orientar, a situação familiar harmonizou-se.

Não sente mais medo ou dor pelo sofrimento dos outros, não tem mais a angústia em pensar que seus próximos irão morrer e, inclusive, não tem mais medo da própria morte. Os problemas dos seus parentes continuam, um amigo é viciado em drogas, porém a sua maneira de encarar a situação faz com que as pessoas peçam orientação, apoio, e isto a faz sentir-se muito bem. Consegue mostrar o que pensa e ao mesmo tempo manter-se distante de maneira que sua vida privada não seja prejudicada.

Está emagrecendo visivelmente, está se arrumando, comprou roupas novas, trata com mais esmero os cabelos, é outra pessoa, muito diferente daquela que entrou em meu consultório dizendo que a vida não vale a pena.

Era chegada a hora da alta. Sempre termino o trabalho solicitando à paciente que vá até uma vida feliz, tranquila, onde os bons momentos tenham superados os problemas - assim encerramos a terapia com energia, uma emoção muito positiva.

Uma casa grande, branca, com um jardim florido, muito bonito. Eu sou uma mulher, mãe de três filhos, e vivo tranquila com eles e meu marido. Até parece a minha família atual. Não sei, pode ser... Minha vida é simples, mas gratificante: cuido dos trabalhos domésticos, gosto de plantar no jardim, meu relacionamento é muito amoroso. Tenho por volta de trinta anos.

O tempo passa, meus filhos crescem, estou velha. Apesar da idade, sou forte, bem arrumada, meu marido ainda é vivo e somos bastante lúcidos, conversamos bastante. Eu e ele vivemos

na mesma casa, os filhos já foram embora, cada um construindo a vida particular deles.

Estou nos meus momentos finais. Sei que estou morrendo. Minha família cerca meu leito, peço que eles encarem bem a minha morte, encarem como um fato normal, não quero que ninguém sofra. Morro sem dor, devido à idade.

- Vá para antes de se casar, veja como era a sua vida antes de ter sua família...

Sou adolescente, moro numa casa simples com meus pais. Nós nos damos bem. Tenho amigas, duas irmãs, somos jovens e alegres.

Estou com um amigo, passeando pela cidade, quando ele me apresenta um jovem colega, e nós conversamos. Passamos a nos encontrar mais vezes, parece que eu e ele temos muita afinidade. Em breve, estamos apaixonados, namoramos e marcamos o casamento.

Chega o dia do casamento. É uma festa muito bonita, estou radiante de alegria. A casa branca é o palco da festa, parece que foi herança por parte da família do meu marido. A vida é muito fácil, tranquila, meu marido trabalha, eu cuido da casa, fico grávida, criamos nossos filhos, enfim, vivemos muito bem.

- Grave bem estes momentos de felicidade, reviva estes sentimentos, pois eles estão dentro de você e não devem ser esquecidos. Toda essa harmonia que você viveu, pode e deve estar agora com você, porque ela é real, e é a prova que você pode ser feliz, e vai ser feliz.

Pergunto se ela ainda tem algum sentimento, alguma situação a respeito dessa vida para ser relatado. A paciente diz o seguinte:

Sinto uma presença, há alguém aqui. É uma presença amiga.

É uma figura masculina, diz que meus caminhos estão se abrindo, e que sempre esteve comigo, tentando me ajudar. Parece alguém muito evoluído.

Diz que está muito contente e satisfeito comigo, devido ao meu momento presente, e afirma que um dia farei parte do

grupo dele. Também fala que posso contar com ele sempre e que não é necessário dizer mais nada, por hora.

Reitero para a minha paciente a importância de deixarmos esta vida em aberto, para a conscientização de que ser feliz também foi um aprendizado em outras vidas. A calma, o equilíbrio, a boa convivência com as pessoas fazem parte da bagagem adquirida e essa força, essa capacidade deve permanecer dentro de si - nada lhe impede de ser feliz como nesta vida lembrada.

A Lia que conversa comigo agora é uma mulher emocionada, tocada por uma emoção bem diferente da emoção negativa causada pelos problemas do cotidiano. Segundo suas palavras, o contato com o seu amigo espiritual foi uma experiência inexplicável, que lhe deu a certeza de estar no caminho certo.

Se diz um pouco aturdida com todas as sessões, e vê que agora toda a sua vida faz sentido, todos os fatos, os aborrecimentos, os estados de ânimo são explicados pela sua própria conduta. Aquela atitude rebelde da juventude, as amizades prejudiciais, os pensamentos de que as pessoas, o mundo estava errado era apenas uma revolta incoerente, uma tentativa de não assumir seus desígnios perante a vida.

Aprendeu a se auto-conhecer, aprendeu a analisar suas atitudes e agir de maneira sensata, viver em mais harmonia com as pessoas e com o mundo, enfim, sente-se completamente renovada.

Firmamos um compromisso de, caso haja necessidade, marcarmos um novo encontro - com frequência, a vida nos apresenta fatos novos, situações não esperadas, que podem nos provocar um mal-estar, desvirtuando nossas convicções mais firmes. Entretanto, vi, satisfeita, mais um caso se encerrando, pois percebi os resultados irem plenamente ao encontro dos meus objetivos terapêuticos: a paciente, livre das suas queixas, está a partir deste momento habilitada para ser o seu próprio guia, podendo seguir o caminho com sabedoria e confiança.

Agradeço à terapia, que trouxe a oportunidade do auto-conhecimento, e agradeço a Deus, por saber hoje o valor de

estar junto à minha família, aos meus filhos, dando-lhes carinho e compreensão.

Estas palavras, ditas antes da paciente deixar meu consultório, mostrou-me um ser humano que estava encontrando a felicidade nas situações aparentemente simples do dia-a-dia, anteriormente relegadas a segundo plano: a convivência em família.

Lia, até hoje, passado dois anos do tratamento, está bem e vai desenvolvendo sua vida normalmente, enfrentando com coragem as atribuições diárias. Sempre que possível, procuro contatar meus antigos pacientes, e tive oportunidade de revê-la algumas vezes, comprovando o seu bom estado emocional e físico.

CAPÍTULO 2

Terapia de Vida Passada

(A terapia do auto-conhecimento)

Costumo me referir à TVP no singular (Terapia de Vida Passada) e não *vidas* passadas, por entender que o tratamento engloba não somente vidas passadas, como também a vida presente e o período pré-natal, e o inconsciente deve estar livre para eleger o momento que quiser - por esta razão também não induzo a regressão de idade.

A discordância na denominação não é importante - a importância da TVP está em solucionar uma série de distúrbios psíquicos, psicossomáticos e problemas orgânicos, em curto espaço de tempo e, sobretudo, dá subsídios ao paciente para enfrentar a vida com um maior amadurecimento, tornando-o capaz de tomar decisões sensatas, analisar os fatos da vida diária com consciência, se auto-avaliar constantemente, quebrar as barreiras que o impede de viver bem e ser feliz.

Não quero com isso dizer que seja um tratamento miraculoso - como toda e qualquer terapia, a TVP possui suas limitações, suas indicações e contra-indicações. Uma vez que a melhora do estado do paciente depende fundamentalmente da compreensão de tudo o que é visto no decorrer das sessões, não trabalho com casos de psicose e deficiência mentais onde não haja a percepção da realidade exterior ou quando não consigo estabelecer uma boa comunicação. Gestantes também não devem se submeter ao tratamento, porque tenho a convicção de que o feto já capta os sentimentos e pensamentos da mãe, e o fato de reviver situações traumáticas seria prejudicial neste caso.

Pessoas cardíacas ou extremamente debilitadas por alguma doença não devem se submeter ao tratamento. Nesse caso, a contra-indicação se deve ao fato de que o paciente, além de reviver fortes emoções, despende muita energia.

Não recomendo e não faço o tratamento em grupo - a terapia é sempre feita individualmente. Há uma lógica para isso: todas as pessoas têm suas próprias defesas naturais, as mentes costumam bloquear os momentos difíceis ou dolorosos, suprimindo fatos ou simplesmente excluindo-os. São justamente estes momentos os mais importantes para a terapia, daí a necessidade do acompanhamento atento do especialista, não só para ter ciência do caso como um todo, como também para orientar a regressão de maneira que nada fique oculto. Por outro lado, uma pessoa, ao visualizar uma emoção profunda, pode ficar perturbada se não receber o necessário acompanhamento. É comum chegarem até meu consultório pessoas que reviveram espontaneamente momentos de vidas passadas, situações que surgem como *flashes*, incompletas, causando angústia ao paciente. Enfim, o terapeuta deve estar atento às emoções, às perguntas, às reações, inviabilizando assim o atendimento em grupo. Pelas mesmas razões, não aprovo a auto-regressão e nem gravo as sessões - a caneta e o papel são suficientes para captar todo o material. Fitas só viriam impedir toda a dinâmica necessária para ter rápido acesso à todas as sessões - com meus apontamentos, consigo entrever em instantes as relações entre as vidas e a anamnese, fator decisivo para a compreensão do caso como um todo.

Outra restrição são as pessoas que desejam satisfazer curiosidades - o meu trabalho, assim como o de todos os que trabalham *seriamente* com TVP é puramente terapêutico, respeitando a técnica, o sigilo e a ética profissional.

Com razão, certas pessoas vêm com desconfiança qualquer tipo de tratamento que foge ao que nos acostumamos dizer convencional, exatamente pela exploração da boa fé por indivíduos inescrupulosos. Patrick Drouot, físico francês doutorado pela Universidade Columbia de Nova York, pesquisador da natureza da consciência humana e especialista em regressão

a vidas passadas, indica como o terapeuta deve agir perante o paciente em regressão:

“É indispensável que o operador tenha uma ética, um código deontológico, a fim de ser um canal puro, bem firme, para esse trabalho delicado. Seu ego não deve interferir no processo. Quando o paciente se encontra num estado dilatado de consciência, está aberto a tudo, o que sobrecarrega o operador com uma responsabilidade particularmente pesada. Seu papel se parece com o de um guia, que não pode em hipótese alguma se refugiar atrás do engodo da neutralidade. Ao contrário, ele tem que ter uma posição sadia e positiva, a fim de guiar para a sua compreensão, à luz de seu próprio conhecimento.”

Nesta obra estou expondo a minha forma de trabalhar dentro da Terapia de Vida Passada, e isto não significa que todos que a praticam sigam meus métodos e minha convicção. Por ser uma terapia recentemente desenvolvida no Brasil, a falta de informação, o preconceito e o uso indevido da regressão por pessoas incapacitadas podem trazer interpretações errôneas quanto à seriedade da TVP. É verdade que ultimamente o tema vem sendo destaque em diversos meios de comunicação, e este fato impulsiona a técnica para longe do rol dos assuntos esotéricos, suscitando curiosidade, desejo de entendimento, especulações.

A ciência ainda não descobriu a TVP

*“Construímos demasiados muros
e poucas pontes.”*

Isaac Newton

“... era importante, uma grande autoridade, um homem que não era de brincadeiras... um velho que viveu no século XVIII, que usava sapatos de fivela e uma peruca branca e andava numa carruagem com rodas traseiras altas e côncavas, entre as quais ficava a boléia, sustentada por molas e tiras de couro”.

Não, Jung não era reencarnacionista. Este trecho, contido em sua autobiografia, *Memórias, Sonhos, Reflexões*, relatando uma

visão que teve quando estava com doze anos de idade, é muito semelhante a centenas de relatos dos meus pacientes, porém é identificado pela psicologia junguiana como um despertar do inconsciente coletivo, ou seja, uma memória herdada dos ancestrais, contida no inconsciente pessoal.

Contudo, Carl Gustav Jung foi o primeiro psicanalista moderno de renome a estudar a realidade do inconsciente, dando grande ênfase aos sonhos e visões e nas mensagens e significados por eles transmitidos. Não titubeou em conhecer profundamente diversas linhas filosóficas orientais, bem como os conceitos espíritas e espiritualistas ocidentais e procurou até o final das suas energias explicações para o grande mistério da psique humana. Especula-se que grandes trechos do seu livro autobiográfico foram suprimidos antes de ser publicado, postumamente, por pressão da família e dos editores, para diluir o conteúdo específico da reencarnação - poderiam denotar senilidade. Morris Netherton, o terapeuta cujo trabalho proporcionou meu primeiro contato com a TVP, afirmou ter visto os manuscritos originais, quando em contato com uma das filhas de Jung, em Zurique, confirmando as alterações. O Dr. Roger Woolger, em seu livro *As várias vidas da alma*, diz o mesmo.

Especulações não passam de especulações. Contudo, não é de se estranhar a atitude crítica do mundo acadêmico em relação aos assuntos polêmicos, que contrariam a necessidade científica da comprovação documental - não importando a quantidade de evidências. Não adiantou reduzir o pobre corpo material de Giordano Bruno a pó, numa fogueira - o universo continuou o mesmo, repleto de galáxias iguais à nossa. Sim, podemos dizer que a igreja não era científica e por falta de argumentos, mandava para a prisão ou fogueira os pensadores “revolucionários”.

Entretanto, quando Descartes postulou que toda a ciência deveria estabelecer-se em conhecimentos certos, verificáveis e evidentes, deu um grande empurrão para o desenvolvimento intelectual da humanidade, ao mesmo tempo em que aprisionou a ciência numa “camisa-de-força”. A verdade absoluta era procurada

através do estabelecimento de dogmas, seguidamente quebrados por outros dogmas, até alcançar a *verdade relativa*.

Newton expôs a lei da gravitação universal, que age sobre os corpos materiais, contudo, a física newtoniana não se aplica à física das partículas. Einstein sustentou que a velocidade da luz não pode ser ultrapassada, e isto equivale a dizer que dois elementos quaisquer não podem comunicar-se entre si instantaneamente, numa velocidade maior que a luz. Em 1964, porém, surgiu o teorema de Bell, provando o contrário. Então, nada sugere, cientificamente, a inexistência da telepatia, por exemplo, onde a comunicação ocorre de maneira instantânea. O físico francês Jean Charon propõe uma integração entre mente-matéria, dizendo que o espírito, ou seja, nossos pensamentos conscientes e inconscientes, está contido em certas partículas de matéria. A busca do *conhecimento* continua e prosseguindo nesta direção, a milenar filosofia oriental que ensina situar-se a verdadeira realidade além dos cinco sentidos estará cada vez mais paupável.

Poderia-se perguntar: o que tem a ver a física com a psicoterapia? A relação está justamente no fato de que a física moderna esforça-se cada vez mais em descobrir as leis que regem toda uma fenomenologia mental, e não apenas isso, busca as relações entre espaço, tempo, corpo, espírito e universo. O Prêmio Nobel Roger Sperry diz que os conceitos correntes da relação espírito-cérebro levam a um rompimento direto com a doutrina desde há muito estabelecida do materialismo e da ciência do comportamento, que dominaram a neurociência há várias décadas.

Em que pese o esforço científico em identificar as relações mente-cérebro, nem a física, nem a psicologia, nem a medicina lograram explicar o mecanismo do pensamento, das intuições, da memória extra-cerebral e, ainda que o conhecimento dos mecanismos íntimos do funcionamento cerebral tenha nos fornecido alguns remédios realmente eficazes para certas patologias psíquicas, a ciência está muito longe de entender as causas do bom êxito da TVP. Então eu pergunto: Por que a ciência não descobriu a TVP? Creio que falta exatamente aos pesquisadores,

crédulos ou não, dedicarem esforços em analisar metodicamente os resultados, evidências, estudar seriamente todo o processo terapêutico, com a mente livre de dogmas, preconceitos e mistificações - o professor Hernani Guimarães Andrade é um exemplo de bagagem intelectual e postura científica para tais pesquisas. Cinquenta anos de investigações, estudos e pesquisas sobre parapsicologia autorizam o engenheiro, físico, matemático, educador, entre outras qualificações, a concluir:

“...sempre nos sentimos razoavelmente céticos diante dos casos espíritas e dos chamados fenômenos paranormais. Atualmente, após anos de experiência no trato direto com os eventos desta categoria, sentimo-nos mais céticos ainda, mais frios e analistas. Todavia podemos apurar, da imensa massa e ocorrências estranhas ou paranormais por nós investigada, uma ponderável soma de fatos, a nosso ver, autênticos e dificilmente controversíveis”.

Se ainda não se pode provar a existência do espírito, pode-se provar, com tranquilidade, a eficiência da TVP. Sendo assim, quem, baseado em fatos concretos, pode afirmar que a TVP é um engodo? Da mesma forma, quem afirmaria que o espírito, ou consciência, não sobrevive à morte física?

O método de Netherton

Pode-se dizer que, de maneira geral, os precursores da TVP se depararam com as vidas passadas involuntariamente - em sua maioria terapeutas convencionais, ortodoxos, viam aflorar em seus consultórios descrições detalhadas de experiências vividas em outras realidades, com um detalhe: de maneira nenhuma podiam qualificar seus pacientes como psicóticos. Tal fato ocorreu com Morris Netherton e com a Dra. Edith Fiore, por exemplo. Esta última, trabalhando um paciente com problemas sexuais, ficou abismada ao vê-lo reabilitado após uma sessão onde o rapaz relatou ter sido um padre católico no século XVII.

Outros, como o Dr. Roger Woolger, analista junguiano formado pela Universidade de Oxford, experimentou a contragosto reviver uma vida passada, contrária a todas crenças pessoais

e à sua formação acadêmica. “Aqui estava eu, já então analista junguiano em exercício, tendo visões que minha própria formação dizia não serem possíveis”, disse ele após passar pela primeira regressão que o fez mudar seus rígidos conceitos.

Por haver uma total falta de comunicação entre os diversos profissionais que *descobriram* a regressão como método terapêutico, fica difícil, senão impossível, precisar se realmente houve um pioneiro. Roger Woolger iniciou seu trabalho com regressão no começo dos anos 80, porém, nos anos 70 a elaboração do método já estava em curso por mãos de psicólogos como o americano Morris Netherton e o alemão Thorwald Dethlefsen.

Como o termo Terapia de Vidas Passadas foi criado por Netherton e também a ele devemos o desenvolvimento do método de terapia posteriormente introduzido no Brasil, vejo por bem qualificá-lo como o principal sistematizador da TVP.

Autor de *Past Lives Therapy*, publicado em 1979, desenvolveu seu trabalho, segundo o próprio, de maneira ortodoxa, ou seja, objetivando provocar no paciente a recordação de cenas altamente significativas, mas esquecidas, eliminando-se assim os traumas. A catarse, um dos métodos da psicoterapia atual, já era comentada por Freud antes mesmo dele desenvolver sua técnica psicanalítica, em 1896. “Em verdade, o único aspecto *não ortodoxo* do meu método é a distância que pretendo retroceder para encontrar o trauma: às raízes da existência do homem”, explica Netherton.

Encarando a reencarnação como uma realidade, o terapeuta, entretanto, nos diz que o fato do paciente crer ou não na reencarnação é indiferente ao êxito do tratamento; se o paciente prefere acreditar que está vivenciando uma ilusão ou fantasia, mesmo assim a terapia trar-lhe-á resultados. O importante é reviver os traumas com toda a emoção, integralmente, proporcionando o desligamento do incidente no inconsciente da pessoa.

O tratamento deve se iniciar com um cuidadoso levantamento do histórico médico e familiar, além de uma detalhada discussão dos problemas trazidos, sempre respeitando a forma

que o paciente os vê. É nesta primeira etapa que o terapeuta deverá estar atento às frases do tipo “estou pegando fogo” ou “estou furioso”, pois estas servirão de guia para explorar o inconsciente. O paciente deverá deitar, fechar os olhos, concentrar-se e repetir uma das frases, e então uma imagem irá se associar à contínua repetição, desencadeando o processo regressivo.

Existem quatro pontos principais qualificados por Morris Netherton como a espinha dorsal do método: a solicitação de dados do inconsciente sem a indução hipnótica, permitindo assim a presença do consciente; a reconstituição cuidadosa dos sofrimentos e traumas - *somente sentindo agonia é que alguém pode desligar-se dela*, diz o terapeuta; toda a vez que o paciente utilizar a frase ou uma variante que deu origem à regressão, deverá repeti-la várias vezes, propiciando o desligamento do trauma a ela associado; investigar, ao final de cada sessão, o período pré-natal, o nascimento e a infância.

O autor de *Vidas Passadas em Terapia* acredita que, de certa maneira, todas as doenças têm origem na mente; sendo assim, o alcance da TVP é muito amplo. Os bons resultados obtidos por Netherton em seu consultório não eram fatos isolados - outros psicoterapeutas, de diversas partes do mundo, desenvolviam trabalhos paralelos, propiciando, em 1980, a criação da *Association for Past Life Research and Therapy*.

Morris Netherton proferia palestras e dirigia seminários para a formação de novos terapeutas, e nesta condição de orientador, veio ao Brasil por ocasião do 1º Seminário sobre Terapia de Vidas Passadas, em julho de 1982, retornando ainda em 1983, 1986 e 1995.

A TVP no Brasil

A idéia de ser psicóloga começou a amadurecer na minha adolescência, esta fase onde os grandes desafios e as grandes expectativas se avultam à nossa frente e então começamos a decidir qual o melhor caminho a se seguir. É, normalmente, um período de incertezas, mas pelo menos em termos profis-

sionais, nunca imaginei exercer outra atividade que não fosse a terapêutica. O ideal de auxiliar as pessoas me seduzia e quando estamos no despertar da juventude, pintamos tudo em cores vivas e felizes. Enfim, entrei para a faculdade, estudei, fui me envolvendo no mundo dos complexos freudianos, arquétipos junguianos, gestalt, psicologia experimental, tudo o que foi teorizado nestes relativos poucos anos da psicologia como ciência e, paralelamente, tomei consciência de uma pequena insatisfação quanto aos rumos do meu trabalho. Trabalhar com pessoas e seus problemas era o meu sonho, porém, apesar do constante progresso das técnicas psicoterápicas, os resultados vinham de forma lenta e nem sempre satisfatória.

Faltava algum elo. Muitas linhas psicoterápicas já enquadravam o paciente não mais como um organismo doente, mas como um ser-humano cuja consciência está sujeita à experiências extra-sensoriais, visões místicas e outros fenômenos que influem no seu cotidiano e na sua maneira de ser. A Psicologia Transpessoal, por exemplo, especializou-se no estudo dos estados alterados de consciência, onde a utilização de técnicas de relaxamento, visualização, bionergética, hipnose, ioga e outras, busca estabelecer ligações entre o inconsciente e as patologias.

Contudo, o meu caminho não estava definido. Há alguns anos formada, eu sentia um forte impulso rumo à medicina holística, procurando conciliar meu trabalho dentro de um contexto maior, onde a idéia de Deus, justiça, moral, trabalho, missão, pudesse ter um significado mais abrangente. A minha hora de encontrar um significado para a vida havia chegado. Identifiquei os conceitos de fraternidade, humildade, amor ao próximo e progresso moral como sendo indispensáveis ao Homem. Encontrei na reencarnação uma explicação para as nossas imperfeições, para as dificuldades que a vida nos impõe e mais que isso: a reencarnação explica o porquê de necessitarmos um extremo cuidado nos atos, palavras, pensamentos, buscando sempre o melhor procedimento.

Estes conceitos morais e filosóficos, tão difundidos no oriente através do budismo e do hinduísmo, entre outras linhas

filosóficas, chegou para mim na forma do espiritismo kardecista. Não deixei minhas crenças pessoais interferirem no meu trabalho, pois esta não é a função do terapeuta. Procurava, sim, uma forma de enquadrar alguns ideais à prática: tornar o processo terapêutico mais rápido e eficaz; demonstrar ao paciente a parcela de responsabilidade dele tanto na origem, quanto no desenvolvimento do problema apresentado; habilitá-lo ao convívio social sem a dependência de visitas periódicas ao consultório, e sem a necessidade do consumo de psicotrópicos. Entretanto, até aquele momento, as *escolas* tradicionais em psicologia não conseguiam concluir, de maneira mais concreta, quais as relações entre corpo, mente e espírito e, portanto, tinham dificuldades em lidar com patologias psicossomáticas, ou seja, compreender os mecanismos que ligam a doença às atitudes e processos mentais das pessoas.

Curiosa por novos enfoques que pudessem fornecer respostas às minhas pretensões terapêuticas, aceitei com satisfação o convite feito pela Dra. Maria Júlia Prieto Peres para o estudo de uma nova terapia, através de um livro trazido de uma recente viagem aos Estados Unidos: *Terapia de Vidas Passadas*, do Dr. Morris Netherton, ainda em sua edição original. Estávamos no ano de 1980, e junto com outros colegas interessados na obra, formamos um grupo que se reuniu durante um ano na Associação Médico-Espírita de São Paulo, dedicado a esmiuçar toda a teoria. Foi um período de estudos, surpresas, dúvidas - a Dra. Maria Júlia e seu marido Nei Prieto Peres rumaram outra vez aos Estados Unidos, levando questões que nós havíamos levantado para esclarecimento com o próprio criador da terapia. Finalmente, após explorarmos tudo o que era possível, não havia mais a necessidade da manutenção do grupo, que se desfêz naturalmente. Porém formamos outro menor, exclusivamente de psicólogos, seis profissionais tendo como objetivo não somente conhecer com mais profundidade a técnica como também experimentá-la na prática - ainda não tínhamos a menor noção de como era uma regressão. Em duplas, realizamos e nos submetemos à TVP, ficando a grata constatação: toda a teoria estava demonstrada, era possível ver as vidas passadas por este método!

Paralelamente ao estudo da TVP, conheceu a Associação Médico-Espírita de São Paulo e o trabalho lá desenvolvido - eram colocados em pauta assuntos concernentes à medicina e sua ligação com o espírito, carma, reencarnação, entre outros temas fascinantes. Passei a frequentá-la assiduamente, participando dos encontros semanais entre médicos e profissionais da área de saúde interessados no mesmo tema. Durante anos convivi com acadêmicos, técnicos e médicos dispostos a mostrar a possibilidade de transformar o modelo cartesiano vigente, integrando os conceitos espirituais e holísticos à rotina médica. Tais lições de humildade, pois é necessária muita humildade para admitir a existência de todo um sistema superior, dinâmico, interagindo entre nós, marcou ainda mais a minha visão de como deve ser a psicologia moderna, deixando-me mais entusiasmada com as boas perspectivas ante à recém-chegada terapia.

Em julho de 1982, com a presença do próprio Morris Netherton, foi realizado o 1º Seminário sobre Terapia de Vidas Passadas, onde pude me aprofundar um pouco mais sobre a técnica e a teoria. Experimentalmente, já estava realizando o trabalho da regressão terapêutica, porém, somente nove meses depois, com a participação do treinamento intensivo dirigido pelo terapeuta americano, parti para a plena aplicação da TVP, com segurança no método proposto.

Eu havia encontrado o meu caminho e o assumi em sua plenitude: não havia necessidade de relacionar a TVP com outras linhas psicoterápicas, uma vez que aplicando integralmente a Terapia de Vidas Passadas, percebo resultados surpreendentes há dezesseis anos. Surpreendentes na eficácia e na rapidez do tratamento. Desde 82 venho incorporando alguns outros conceitos e algumas mudanças no meu método de trabalho, o que não significa que tenha abandonado o método proposto por Netherton. Filiei-me à Association for Past-Life Research and Therapy e com isso pude ampliar meu material de estudo e pesquisa, incorporando alguns novos conceitos e moldando a minha forma de trabalho. A observação da reação dos meus próprios pacientes também foi importante para adquirir um *estilo*

de conduzir as sessões, nas quais busco sobretudo respeitá-los. O próprio inconsciente dos pacientes encarrega-se de mostrar-lhes que o poder de sanar os problemas e compreender a situação pela qual estão passando está em cada um e eu me coloco na função de organizar e esclarecer todo o material verbalizado.

Algumas dúvidas quanto à aplicação da TVP

Sendo a TVP uma técnica recente, existem algumas dúvidas no sentido de saber quando aplicá-la, se ela pode ser desenvolvida paralelamente a outra terapia, para quais problemas ela é eficaz, e assim por diante.

São dúvidas do tipo:

- Tenho crises depressivas há anos. Devo procurar a TVP?
- Já faço análise. E se eu experimentar a regressão?
- Posso fazer a TVP e outra terapia ao mesmo tempo?
- Como saber se um terapeuta é sério ou não?
- Não creio em reencarnação. Posso, mesmo assim, submeter-me à terapia?

Vou resumir estas divergências em três perguntas: Quando? Como? Por quê?

Quando aplicar a TVP?

Quando um paciente me procura, explico que todo o processo terapêutico é desenvolvido em torno do pressuposto da existência da reencarnação e da lei do carma, no qual acredito - é incoerente o terapeuta de TVP não crer em reencarnação, pois ninguém pode exercer uma função tão delicada como a terapêutica sem conhecer e acreditar nos conceitos com os quais trabalha. Não necessita, porém, da credulidade do paciente. Para quem está em tratamento, pode considerar memórias contidas no inconsciente e dar a isso o nome que quiser.

Entendo que o carma pode ser resumido como a lei da causa e efeito, uma lei extremamente justa, onde cada um de nós tem o livre arbítrio para decidir o que fazer ou não fazer

nas nossas vidas. É uma lei dinâmica, não é boa nem má, apenas reflete a reação às atitudes praticadas. O carma pode ser prazeroso ou pesado e não significa necessariamente que estamos presos às ações de outras encarnações. Trazemos heranças sim, e o objetivo dessas heranças é nos lembrar de educar e purificar o subconsciente, no nosso cotidiano, através das atitudes e pensamentos, modelando continuamente o carma.

A TVP age exatamente nesta educação e purificação do subconsciente. Se o paciente é reencarnacionista ou não, se ele vai mudar as atitudes e pensamentos, é uma decisão própria.

Logicamente, existem pessoas que me procuram acreditando na reencarnação, outros são estudiosos de assuntos espirituais e existem também os médiuns desenvolvidos, para os quais vidas passadas e temas correlatos são assuntos corriqueiros. Por outro lado, há pacientes em dúvida quanto à existência ou não de outras vidas e alguns são totalmente descredulos. É interessante que nenhum deste tipo de paciente alguma vez se referiu às regressões como fantasia ou alucinação e, pelo contrário, acabaram fortemente inclinados pela aceitação das vidas passadas, uma vez que, conforme me dizem, *“não posso negar a existência de outras vidas, pois eu senti, eu vi, eu mudei...”*.

Todos eles possuem algo em comum a partir do momento em que concordam, após compreenderem o que é a TVP, a se submeterem ao tratamento: evoluíram a ponto de estarem conscientes das imperfeições pessoais, não querem mais permanecer com elas e sabem que esta humildade em se reconhecer imperfeito é necessária para uma modificação interna.

Poderia-se perguntar: todos os pacientes realizam o tratamento por completo, até a alta?

Na maioria dos casos, tanto terapeuta quanto paciente concluem, de forma espontânea, que a terapia está encerrada, pois as queixas deixam de existir. Entretanto, alguns sentem-se satisfeitos após perceberem uma melhora em relação à queixa principal, e consideram o restante secundário, podendo ser solucionado pela própria iniciativa. Nestes casos, mas, sobretudo, quando eu e o paciente entendemos não ser mais necessário a

continuação do tratamento, significa que houve uma evolução espiritual. Por quê? Em TVP, **não há cura sem evolução**, pois somos um ser holístico, um conjunto mente, corpo e espírito, e tudo está ligado, é interdependente. Os pacientes sentem esta evolução espiritual no decorrer das sessões, e sendo assim poucos desistem.

Lia, cujo caso foi relatado na íntegra no primeiro capítulo, é uma demonstração desta evolução: uma mulher que sentia depressão, completamente insegura para o trabalho, para o relacionamento com a família, entregue aos excessos alimentares e étlicos, obesa, sofrendo de uma micose resistente a diversos tratamentos, viu todos estes sintomas sendo eliminados, ao mesmo tempo em que tomava consciência da sua responsabilidade perante o futuro, após conhecer o passado. A TVP proporciona esta integração do ser humano com o seu físico e com o universo ao redor, e é por isso que a alta significa não apenas a eliminação dos sintomas físicos - representa também a mudança de comportamento, em relação à família, à sociedade e a si próprio.

Oriento também os pacientes a procurarem comparecer na periodicidade combinada, evitando a interrupção. As vidas passadas estão encadeadas e relacionadas de acordo com as emoções que estamos trabalhando e caso não tenhamos uma continuidade, os sintomas, os sentimentos estarão ativamente emergentes. É lógico, todos têm a responsabilidade e o livre arbítrio para decidirem pela continuidade ou não do tratamento.

Posto estas explicações preliminares, realizo a anamnese e *imediatamente* na sessão posterior começamos a regressão. Não trabalho com outras técnicas psicoterápicas em concomitância com a TVP por entender que a eficácia desta avaliza a minha dedicação exclusiva a este método. Isso significa que eu não realizo uma sessão de TVP e outra de análise tradicional, como também não interpreto as regressões do ponto de vista de outras linhas psicoterápicas. Seria incoerente. Não trabalhamos com símbolos: o material que emerge é dado como real, uma revivência que o próprio paciente é capaz de compreender. Não desmerecendo as outras técnicas, não vejo relações profundas entre a *Terapia de*

Vidas Passadas e as demais, por possuir a TVP uma abordagem completamente distinta, holística, tratando o ser-humano como ser material, espiritual e universal ao mesmo tempo. Esta é a minha interpretação e forma de atuação: há outros terapeutas que preferem outros caminhos.

Os outros tratamentos não funcionam?

Sim, cada qual tem o seu valor, cada técnica psicoterápica tem suas regras, suas teorias, a maneira correta de aplicação. Se tenho dores lombares, posso procurar um médico, um massagista, um acupunturista, um homeopata, uma benzedeira. Porém, veria com desconfiança uma única pessoa recomendar todos estes métodos ao mesmo tempo. Por esta razão, peço aos pacientes que estejam se submetendo a outras formas de terapia para se desligarem, antes de começarem o tratamento comigo.

Portanto, qualquer paciente que julgue necessitar de um tratamento psicoterápico pode procurar a TVP, não sendo necessário abdicar de nenhuma crença pessoal. O processo terapêutico se realiza independente do fato de se acreditar em vidas passadas e a conclusão final cabe a cada um.

Como aplicar a TVP?

Apesar dos meus conhecimentos acadêmicos, adquiridos pela psicologia, ao trabalhar com a TVP senti a obrigação de me aprofundar constantemente em todas as linhas filosóficas que tenham referência com espiritualidade, reencarnação, carma, além de conhecer os estudos da parapsicologia, os efeitos da mediunidade, e assuntos congêneres.

O próprio paciente é capaz de entender todo o conteúdo da regressão e quando me pergunta a respeito do que viu, mostro-lhe como um fato real, vivido por ele, sendo portanto uma realidade submetida à lei de causa e efeito. Explico que, além da compreensão, é muito importante o perdão para consigo e para com aqueles que lhe causaram algum mal, para que não seja apenas uma imagem revivida - o perdão permite que o trauma seja desligado e predispõe o paciente a não cometer o mesmo

erro novamente, direcionando-lhe para atitudes mais sensatas, mais coerentes. Para isso é necessário o conhecimento: as imagens são compreendidas como fatos verdadeiros, pertencentes ao inconsciente, porém as relações entre as diversas vidas e com os sintomas apresentados na anamnese não ficam claros sem o meu auxílio. Além disso, é comum questionamentos de cunho filosófico, teórico, religioso, etc.

Caso eu demonstre incertezas quanto ao que estou fazendo, corro o risco de ver o tratamento fracassar. É importante a formação como psicóloga, pois assim tenho condições de avaliar todas as circunstâncias que envolvem o paciente, distinguindo conscientemente as diversas perturbações, sabendo conduzir a anamnese, interpretar suas reações. Por outro lado, é também muito importante entender o paciente espiritualmente, como um ser que procura a ajuda de um profissional por absoluta necessidade, e portanto deve ser tratado com respeito e, sobretudo, amor. Não se deve deixar o ego interferir no processo, criticando esta ou aquela situação, tecendo conjecturas analíticas, sugerindo que o paciente está fantasiando...

Alguns dos meus pacientes possuem a sensibilidade mediúnica a florada, e comentam, temerosos e muitas vezes sem compreender, sobre sensações auditivas, visuais, energias positivas ou negativas, sonhos premonitórios, e por isso também é necessário conhecer as explicações sobre mediunidade, por exemplo. Comumente nestes casos, as pessoas viram estes fenômenos paranormais serem interpretados de maneira errônea em outras terapias, gerando-lhes insegurança, mas frente ao método proposto, sentem-se mais tranquilos em expor os fatos.

Como aplicar a TVP? Creio que com a ética que todo o profissional da área médica deve ter, a mente desprovida de preconceitos e o conhecimento que possibilite auxiliar o paciente a encontrar as ligações entre as diversas vidas e seus problemas atuais, possibilitando um rápido desligamento e a compreensão do significado de toda a experiência.

Por que fazer a TVP?

A TVP não busca encontrar as raízes dos problemas apenas no plano mental, da consciência. Ela vai diretamente ao inconsciente, revelando um material rico, complexo, que está presente no íntimo de cada indivíduo sem que ele se dê conta, influenciando toda a sua vida. Através deste material e da conscientização do paciente, vejo os nós que prendem o inconsciente aos problemas serem desatados, em pouco tempo.

Através de um relaxamento simples e rápido, onde a pessoa tem completo domínio de suas faculdades físicas e mentais, devendo apenas crer naquilo que ela mesma está sentindo, descortina-se um processo terapêutico eficiente. A própria experiência da regressão auxiliada pela sensação extremamente positiva de ver seus sintomas diminuírem gradativamente, faz com que o paciente adquira uma nova visão de vida, se reeducando e reprogramando seus passos. E eu, como terapeuta, sinto meu trabalho recompensado.

Como realizo a sessão de TVP

Com o passar do tempo, através do estudo, participação em seminários, palestras e, principalmente, pela própria observação diária, fui acrescentando alguns aspectos novos no meu trabalho, visando sobretudo uma maior eficiência da terapia. Acredito que quanto mais rápido se der o processo terapêutico, melhor para o paciente, que se verá livre das aflições que o perturba. Há um detalhe importante: em caso de problemas físicos, caso o paciente não tenha recorrido a um tratamento médico, recomendo que o faça, realizando todos os exames necessários, antes de começarmos com a terapia em si. A TVP é um tratamento psicoterápico e, portanto, recomendado para certas patologias mentais, desajustes comportamentais e problemas psicossomáticos. Contudo, a maioria das pessoas que me procuram se submeteu a outras técnicas psicoterápicas e a tratamento médico, muitas vezes durante anos, sem conseguir uma

conclusão satisfatória - procuram-me como sendo a última chance de solução para os problemas.

Esta expectativa criada não interfere no processo regressivo: meus pacientes conseguem atingir as vidas passadas com maior ou menor clareza, pois o inconsciente não trabalha respondendo à estas apreensões. Ele é independente, e o relaxamento auxilia no sentido de manter a incerteza, insegurança, aflição e qualquer outro tipo de tensão temporariamente desconectadas. A clareza, o senso crítico estão presentes; explorar o inconsciente não significa entrar em um terreno desconhecido e fora de controle da própria pessoa: apenas encontramos um *vasto arquivo* contendo experiências, emoções, aprendizados, fatos, conhecimentos, atuantes na vida diária e determinantes para o comportamento humano. O inconsciente é sábio e o meu trabalho demonstra que ele não é suscetível a inferências erradas da minha parte - ele me responde, durante a terapia, o que é realmente é. Por exemplo: durante a regressão, uma pessoa me diz estar correndo.

- Você está fugindo de um lugar? pergunto.

- Não, não estou fugindo, apenas resolvi sair por determinado motivo...

Assim, o terapeuta não *constrói* determinada situação através das perguntas, apenas dá a liberdade para o inconsciente revelar os fatos exatamente como se desenrolaram. O alcance do *banco de dados* do inconsciente vai além do que poderíamos julgar natural para os nossos padrões sensoriais: não apenas a vida passada, desde a gestação até a morte, como também a continuidade dela, envolvendo tanto o aspecto físico deixado para trás pelo desligamento material como espaço entre vidas, na forma espiritual, ficam registrados. O paciente pode me dar detalhes de como prosseguiu a vida de familiares e pessoas próximas mesmo após ter desencarnado - a experiência demonstra permanecer um elo, estabelecendo uma relação de interesse que a simples morte física não interrompe. Por exemplo, uma pessoa que conta ter sido abandonada na infância e nunca mais ter visto os pais, revive não somente a sua vida passada - é capaz de *saber* como se desenvolveu a vida dos pais.

O mais usual é o tratamento por volta de três meses, com uma sessão semanal de duas horas, aproximadamente. Como cada caso é diferente, não há como precisar um limite de tempo: a alta pode ocorrer com maior ou menor rapidez, assim como existem sessões onde é necessário ultrapassar as duas horas, para não interromper o processo regressivo. Quando alguém me procura com a intenção de fazer a TVP, mas sem tempo disponível para sessões semanais - geralmente por motivos profissionais ou por morar fora de São Paulo - realizo o que chamo de tratamento intensivo, onde reservo um dia inteiro para o atendimento. Apesar de mais desgastante, o resultado é igualmente eficaz: há casos em que um dia é suficiente; em outros, um pouco mais, até alcançarmos a alta.

A anamnese - entrevista onde faço um cuidadoso levantamento da vida do paciente, incluindo todos os detalhes desde o nascimento até os problemas que o levou a procurar um tratamento - não necessita, geralmente, de mais que uma sessão. Conforme vou anotando o relato, fico atenta à maneira com que o paciente vai verbalizando sua história, pois certos tipos de frases repetitivas ou aparentemente incoerentes, indicam sentimentos ou emoções ocultas no inconsciente. Assim, frases do tipo “*todos, no serviço, me perseguem*”, ou “*acho que nunca vou encontrar uma pessoa que me ame*”, são importantes para desencadear o processo regressivo. Este se dará na sessão subsequente, quando o paciente informará como foi a semana no sentido físico e emocional - são estes sintomas mais recentes que utilizarei para explorar o inconsciente, e invariavelmente eles conduzirão aos padrões apresentados na anamnese.

- Nesta semana quase morri de dor-de-cabeça!

- E como você reagiu, como estava seu estado de ânimo?

Pergunto ao paciente que chega nesta situação.

- Ah, tomei remédios, nada deu resultado... Então, tornei-me agressiva, ninguém podia falar comigo...

Quando olho o histórico do paciente, vou encontrar muitas situações onde a agressividade está presente - é uma pessoa nervosa e impaciente, e por isso utilizo esta dor-de-cabeça aliada à raiva como *chave* para a abertura do inconsciente.

Uma outra relação que faço entre sintoma e vida passada são os temores: quando alguém tem medo de fazer alguma coisa (medo de brigar, de se defender, de violência, entre outros exemplos) pode ser o caso de uma defesa natural, uma vontade inconsciente de não retomar o que fez ou sofreu no passado.

Para iniciar a regressão, utilizo um processo rápido de relaxamento. Por mais simples que pareça, e é, creio que a idéia de regressão e relaxamento fica muito vaga na mente do leitor, quando este nunca experimentou uma situação semelhante, que pode advir com a prática da meditação, ioga, e até espontaneamente, naqueles momentos em que estamos imersos em nossos pensamentos, completamente absortos, por exemplo. Por isso, entendo que a melhor maneira de compreender o que está acontecendo com a consciência da pessoa que passa pelo processo, quais sensações ela percebe conforme vai relaxando, é usar uma descrição feita por um paciente meu, rapaz detalhista e analítico, após participar da sua **primeira sessão** de TVP.

Estou deitado num confortável divã, sem os sapatos. Vejo a estante com livros, a decoração. A Dra. Elaine instalou-se sentada ao meu lado, me explicou como vou relaxar, disse que durante alguns momentos poderá usar de toques para ativar alguma memória, mas na verdade eu me sinto curioso e ao mesmo tempo inseguro se realmente sentirei as minhas vidas passadas. Em caso afirmativo, como serão elas: em forma de filmes, instantes, sensações, sonhos? Tenho uma dificuldade incrível de lembrar os meus sonhos...

Imaginava que a iluminação deveria estar mais fosca, ao fundo ouviria uma música propícia para a meditação, quem sabe um ar exótico, um aroma de incenso. Mas nada. A temperatura está agradável, não é necessário nem o ar-condicionado nem o cobertor que Elaine me ofereceu, porém apenas permaneço deitado.

- Feche os olhos. Preste atenção na sua respiração. Aspire e solte o ar normalmente, sinta o ar entrando e saindo dos seus pulmões.

Fui seguindo as instruções. Percebi, que concentrando a atenção

na minha respiração, imediatamente minha consciência se desocupa dos pensamentos normais, desliga-se das preocupações ou qualquer outra situação que possa me desviar a atenção. Ouço alguns ruídos, o movimentar da cadeira, a terapeuta folheando alguns papéis, porém sua voz forte e monótona se sobrepõe:

- Sinta todo o seu corpo ficando relaxado. Os pés estão relaxados. As pernas, o tronco, o pescoço, a cabeça.

A frase não foi falada. Foi declamada, quase cantada, parece estranho. Mas vou seguindo. Realmente meu corpo ficou relaxado, como se não estivesse mais aqui. Não fosse um ligeiro formigamento nas mãos, eu poderia dizer que só minha consciência está presente. Não tenho muito tempo para ficar pensando.

- Imagine uma escadaria longa, com um corrimão e um tapete muito macio, da sua cor preferida... Você está no topo da escada, e vai escorregando a mão pelo corrimão... vai sentindo toda a suavidade do tapete... vai sentindo a mão deslizando..., deslizando..., junto com o seu próprio eu...

Imagino uma escada grande, de madeira, um tapete rosa muito felpudo, estou no alto da escadaria. Porém eu estou me vendo, como alguém observando a si mesmo. Vai dar certo esta regressão? Ela quer que eu desça a escada, e lá no final deverei ver alguma coisa. Será?

- Você agora vai descendo os degraus, enquanto eu conto de 21 até zero. Quando eu chegar a zero, estará relaxado, mas ouvirá a minha voz e mentalmente estará alerta e consciente.

Sei que posso me levantar no momento que quiser. Sei que se movimentar um músculo, fizer um movimento brusco, não estarei mais relaxado. Ouço a caneta escrevendo, Elaine se movimentando na cadeira, parece que o som está amplificado. Estou realmente...

- Vinte e um...
relaxado?

- Vinte...

Estou descendo a escada. Agora é como se realmente eu estivesse no meu corpo, passo a passo estou descendo.

- Dezenove...

O ritmo dela é muito monótono. Estou curioso, vou acompanhando a contagem, vou descendo, descendo...

- Cinco...

É curioso: sei que estou concentrado, os números vão regredindo, ela parece demorar um infinito para chegar no zero.

- Dois...

Já estou embaixo. Devo esperar acabar a contagem? Que bobagem! Posso imaginar mais dois degraus...

- Um...

O que há à minha frente? O que ela vai sugerir?

- Zero. Sinta esta depressão que te dominou nesta semana. Hoje você acordou com uma sensação de vazio, não estava bem. Deixe o seu inconsciente se deslocar no tempo e localize um momento passado onde lhe tenha ocorrido alguma coisa, alguma situação que lhe cause este sentimento. Repita: estou deprimido, estou deprimido... Vamos, repita.

- *Estou deprimido, estou deprimido...*

Eu repito a frase, entretanto não entendo onde isto vai me levar, não sinto profundamente que estou deprimido e também não vejo relação da frase com nenhuma imagem.

- *Estou deprimido, estou deprimido...*

- O que lhe vem à mente?

- *Nada... - respondo.*

- Você pode não estar vendo nada claramente, mas fale qualquer sensação que lhe vier, mesmo que pareça ilógico. Repita: estou deprimido...

- *Estou deprimido... Minhas pálpebras estão tremendo freneticamente. Elaine está pressionando o centro da minha testa. Alguma coisa dentro da minha cabeça me diz que estou vendo uma imagem, não sei o que é, é como se uma paisagem começasse a se descortinar por entre um nevoeiro.*

- Vamos, diga o que está sentindo - Elaine insiste.

- *Não sei, não é claro.*

Estou confuso. Não sei se estou imaginando, mas ao mesmo tempo sei que não tenho nenhum motivo lógico para imaginar isto.

- *Estou vendo uma cerca de madeira - concludo.*

- Muito bem. O que mais?

- *Há uma estrada. Um homem vem caminhando por ela, com alguns mantimentos nas costas.*

- Você está presente? Pergunta-me a terapeuta.

- Não sei... Sim, eu sou o homem...

É estranho. Estou vendo um homem muito mais velho que eu, com cerca de quarenta e cinco anos, talvez, com outra compleição física, porém, ao mesmo tempo, sei que sou eu.

Conforme a Dra. Elaine foi perguntando, a história se desenrolou sem nenhum esforço imaginativo da minha parte, como se eu lembrasse um livro que nunca li, ou um filme que nunca vi, com uma diferença muito especial: eu era o protagonista e não estava apenas lembrando uma história, eu estava revivendo, sentindo as emoções, participando ativamente.

Este tipo de relaxamento não é um método proposto por Morris Netherton - ele acredita que, para se chegar à regressão, não há a necessidade do paciente relaxar profundamente. Basta a repetição contínua das frases e o sentir das emoções. Porém, após participar de um *work-shopping* com a Dra. Edith Fiore, terapeuta americana também praticante da TVP, passei a adotar a forma descrita acima, pois percebi que tal postura facilita e agiliza a entrada do paciente no estado regressivo. Concomitante ao relaxamento, utilizo o toque no local da dor narrada ou da tensão, enquanto a pessoa repete o que está sentindo - este procedimento faz com que toda a carga emocional seja liberada pelo corpo.

Segundo os pesquisadores, um cérebro em atividade apresenta quatro níveis de ondas, quando medidas num eletroencefalógrafo. São eles o *Beta*, o *Alfa*, o *Teta* e o *Delta*, estados variáveis conforme exercemos nossa rotina diária. O nível de consciência plena, o *Beta*, ocorre quando estamos raciocinando ou trabalhando, por exemplo. Se, no decorrer do trabalho, quedamo-nos alguns instantes em devaneios, estaremos no ritmo *Alfa*. É neste nível que trabalhamos durante a regressão. Após o *Alfa*, temos o *Teta*, um nível mais profundo, onde quase não se sente mais o próprio corpo - ainda é possível estar consciente, fato que não ocorre no *Delta*, estado identificado como o do sono profundo.

Existem vários métodos de relaxamento - utilizo este por ser rápido, o paciente se encontra consciente e, ao mesmo tempo, com o seu inconsciente aberto para revelar o material necessário para a terapia. Assim que me é revelado algum material, tenho que fazer as perguntas relativas à situação, pois a história não se desenvolve ininterruptamente, com clareza e, para o processo terapêutico, é necessário esclarecer totalmente a situação. Não espero muito tempo: antes que o paciente demore muito tempo para dizer alguma palavra, já estou indagando - o inconsciente responde rápido; com a demora, o consciente é que responde.

Nomes e datas não são importantes, por isso não me prendo à esses dados. Busco, isto sim, saber em que tipo de lugar a pessoa se encontra, com quem está, qual o envolvimento entre o paciente e os outros personagens que surgem, quais pensamentos, sensações e emoções estão contidas no inconsciente, de acordo com cada fato narrado.

- *Minha irmã foi morta por um estranho...*

Este tipo de informação é importante, entretanto mais importante é saber quais marcas ficaram registradas no íntimo do paciente que me relata isto. Muitas vezes ele não me relata nada mais que isso, então tenho que esmiuçar tudo, fazer com que as emoções sejam afloradas, transformar a narração em revivência catártica.

- O que você sente com relação à esse assassinato?

- Você vê o corpo?

- O que a morte dela significa?

- Qual a relação que você tinha com sua irmã?

O terapeuta interage o tempo todo para que o paciente saiba exatamente tudo o que ocorreu no momento descrito, qual o motivo de determinados sentimentos ficarem gravados no inconsciente, possibilitando o desligamento destas emoções. Não interrompo uma regressão, principalmente nestes momentos de grande tensão, dor ou sofrimento, mesmo que o paciente queira. Procuo encorajá-lo, explico que as cenas fazem parte do passado e de maneira nenhuma revivê-las irá ser prejudicial. Mostro ter ele mesmo optado por se libertar dessas emoções

negativas, que lhe trazem consequências prejudiciais no presente, e a ampla compreensão o fará extremamente mais aliviado. Parar no meio significa deixar o resto da vida e toda a carga emocional envolvida em *aberto*, trazendo um mal-estar provocado por este material estimulado, mas não liberado e ainda não totalmente compreendido.

Também devo estar atenta para os casos onde o paciente sai automaticamente de uma vida, sem reviver as situações por completo, e entra em outra. Isto significa uma defesa, não querer reviver algum fato desagradável, mas, repito, é importante para o sucesso da terapia abranger toda a vida, todas as situações, agradáveis ou não. Quando isto ocorre, faço voltar, encerramos por completo uma vida e em sequência prosseguimos exatamente do ponto onde percebi que houve a interrupção de uma vida para o início de outra, perfazendo novamente todo o ciclo, do nascimento até a morte. Geralmente as duas vidas têm pontos em comum e precisam ser trabalhadas na mesma sessão.

Cada emoção deve ser vivenciada com toda a intensidade, pois somente desta maneira a pessoa poderá liberar os sintomas relacionados com ela. Freud esteve a um passo de, além de *pai da psicanálise*, também ser considerado *pai da TVP*, quando inferiu, em *Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos*:

“O fato fundamental foi encontrarem-se os sintomas de pacientes histéricos em cenas altamente significativas, mas esquecidas, de suas vidas pregressas (traumas); a terapia baseada em tal fato consistia em provocar a recordação e reproduzir essas cenas em estado de hipnose (catarse); e o fragmento teórico que daí se inferiu foi que esses sintomas representam uma forma anormal de descarga para quantidades de excitação que de outro modo não podem ser libertadas (conversão)”.

Porém seu trabalho pioneiro caminhou por outros rumos. Hoje, trabalhando com a TVP, percebo que não apenas a descarga, a catarse é fundamental para o desligamento dos sintomas correlatos - *é necessária a compreensão do porquê* estar revivendo um sofrimento. Se o paciente está sendo agredido, na regressão, deve ver também, nesta ou em outras vidas passadas, os motivos

que causaram esta agressão. Não há efeito sem causa - é a lei do carma, que será melhor definida no capítulo 4.

Voltando às emoções, o momento de maior importância, que deve ser revivido detalhadamente, é o da morte: além do significado emocional, traumático, sempre peço ao paciente para me dizer qual foi o último pensamento e o que gostaria de dizer antes de morrer. Nestas palavras, podem estar contidas decisões fundamentais, fixadas no inconsciente, influenciando todo o sentimento e ações do paciente sem que ele saiba exatamente o porquê. *Nunca mais vou me casar*, ou *prefiro morrer a ser abandonado*, e outros exemplos são sugestões que ocorrem muitas vezes.

As regressões não são lineares. Como o paciente tem inteira liberdade de se expressar, cabe ao seu inconsciente definir em que momento irá iniciar o relato de uma vida: começo, meio ou fim. Independente disto, deve-se trabalhar tudo, desde o nascimento até a morte física e ir além da vivência física, caso o paciente se recorde espontaneamente. Tomando consciência de como e por que os fatos aconteceram, completa-se a libertação de cada vida, não apenas pela catarse das emoções, mas também devido a uma ampla compreensão das ações e sentimentos envolvidos. Por isso, também é importante saber o que ocorreu com as pessoas que tiveram um envolvimento mais profundo na vida passada, mesmo após o paciente ter visto sua morte física - as consequências das atitudes tomadas, o entendimento de maneira geral facilitam o ato de perdoar, a si e aos outros.

Quando encerramos uma vida, ainda peço um repasse por tudo, onde deverá surgir algum ponto que não esteja elucidado, algum fato que permaneceu oculto, que também deve ser compreendido e liberado. A influência de pessoas desencarnadas, os chamados obsessores pode aparecer neste repasse ou num segundo, que sempre solicito. Já frisei anteriormente - tomo como verdadeira a sobrevivência do espírito após a morte física e seria incoerente da minha parte não acreditar na influência de outros espíritos no mundo material. Portanto, trabalho esta situação de obsessão como uma realidade, onde devo utilizar todos os ar-

gumentos para que haja a harmonização entre ambas as partes, ocorrendo o desligamento da influência, quando então solicito ao paciente que imagine os *mestres de luz*, entidades ou energias protetoras que acompanharão o obsessor. Somente nos casos onde não há influência negativa, tornando-se o inconsciente receptor de esclarecimentos e mensagens concernentes a boa evolução do tratamento, não é necessário o desligamento. Pelo contrário, deve ocorrer a conscientização deste material revelado.

Todas estas etapas antes do encerramento de uma vida passada foram demonstradas no caso Lia: conforme eu pedia os repasses, novas informações iam surgindo, influências espirituais - os obsessores também se revelavam e, na última sessão, um *mestre de luz*, um companheiro espiritual evoluído mostrou sua presença, deixando a paciente surpresa e feliz. Quando estas entidades se manifestam, a pessoa que está em estado de relaxamento tem uma sensação muito mais significativa que apenas ver ou ouvir o que falam: sente-se a energia, negativa ou positiva, conforme a evolução do espírito. Neste último exemplo que citei, o protetor disse poucas frases, mas trouxe com ele uma sensação de bem-estar indescritível em palavras, e por isso a felicidade, a alegria de Lia.

No início do meu trabalho com a TVP, terminada todas estas fases, solicitava que o paciente fizesse todas as relações entre o que viu com sua vida presente, uma vez que tudo o que se torna consciente não causa mais dor. Porém, percebi que muitas coisas escapavam à percepção, devido ao próprio envolvimento dentro da situação descrita e à quantidade de informações que surgiam em pouco tempo, ficando difícil relacionar todos os fatos com os problemas apresentados durante a semana anterior à sessão e com os sintomas da anamnese. Eu, estando fora da situação, com todos os detalhes anotados, tinha uma visão mais abrangente do caso, e passei a fazer as correlações, solicitando que o paciente me acompanhasse com o pensamento e demonstrasse se havia coerência ou não. Dessa forma, ganhamos tempo - não é necessário trabalhar várias vezes a mesma vida e o desligamento é total. A maioria dos meus pacientes relata ter percebido a relação

somente após eu ter dito e só entendem um aspecto fundamental da terapia porque eu demonstro: é necessário o momento do perdão, perdão pelos erros cometidos, pelas atitudes prejudiciais dos outros. A palavra perdão pode ter uma conotação simplória, quando não se está envolvido no processo da regressão, porém, devemos lembrar que o paciente, quando em estado de relaxamento, está vivenciando uma forte emoção, verdadeira, refletindo uma situação pretérita. Voltando a este passado, muitos prendem-se aos mesmos sentimentos, como se a situação estivesse ocorrendo agora, e sentem dificuldade em perdoar. É comum alguns responderem, quando pergunto se podem perdoar *tal* pessoa, um simples e direto *não!* Depois, eles mesmos me dizem estarem chocados com a resposta - a dificuldade em perdoar estava gravada no inconsciente deles, mas após a compreensão, percebem a necessidade do perdão. Assim se completa a liberação das emoções e sensações da vida passada que, de alguma maneira, estavam presentes na queixa apresentada.

Desligado das situações aflitivas pretéritas, compreendendo ter nascido num novo corpo, em nova situação, com liberdade e consciência, o paciente vai, paulatinamente, abandonando os sintomas presentes até então.

Conforme as sessões vão decorrendo, fatos incompletos ou ocultos podem aflorar, mesmo quando a vida relacionada a eles já foi vista anteriormente. O próprio inconsciente determina quando deve surgir as novas situações ou quando ele vai bloqueá-las. É comum, após o início da terapia, ocorrerem sonhos repetitivos ou que foram significativos a ponto da pessoa se recordar com facilidade. Geralmente são revivências de vidas passadas, liberadas nesta forma, pois o inconsciente começa a *se abrir* para determinada vida durante o intervalo entre uma sessão e outra. Assim como os sonhos, outras formas de manifestação e qualquer sintoma surgido após a anamnese - inclusive muitos sintomas físicos, como enxaqueca, dermatites, alergias, etc, podem também ser indício de vida passada aflorando. Novamente reportando ao capítulo 1, podemos ver, por exemplo, que antes da terceira sessão, a paciente sentiu-se durante seis dias extrema-

mente enjoada e também fortemente gripada. Era o prenúncio para a regressão onde Lia viu uma vida em que uma gripe, após apanhar uma chuva no campo, durante a infância, marcou-lhe o inconsciente. O enjôo representava o estado como morreu, só, sem alimento, sentindo um mal-estar profundo.

Procuro explorar ao máximo todas as situações, quantas vezes forem necessárias, pedindo sempre para o paciente se conscientizar das relações, pois o desligamento torna-se completo. Aparentemente, esta insistência na conscientização pode parecer desnecessária, mas assim ganhamos tempo, não sendo preciso trabalhar a mesma vida durante várias sessões.

Comumente, na primeira ou primeiras vidas, verificam-se existências como vítima, por isso peço que se veja a contraparte, qual o motivo do sofrimento, o que gerou a vida infeliz. Sem exceções, o paciente transita entre recordações como algoz, vítima e, as vezes, os dois ao mesmo tempo. Este é um momento de grande *insight* (*introversão - conscientização de motivos, sentimentos e impulsos*), onde ocorre com mais facilidade a compreensão, o perdão e a transformação. O paciente deve se desligar de toda essa lembrança e sensação negativa, compreender as relações entre as atitudes e as conseqüências. (Deve ficar claro, para que não haja confusão, de que a sequência das regressões de um paciente não significa que elas tenham um vínculo cronológico imediato - ele verá diversas vidas sem uma sequência de tempo exata, pois a evolução não se faz de forma linear, e sim, espiral. Além disso, conforme já disse, na terapia não estamos vendo todas as vidas - somente regredimos às que têm relações com as queixas.)

Então solicito que imagine uma luz verde, penetrando por todos os sentidos, como um verdadeiro banho restaurador - segundo a cromoterapia, o verde é a cor da cura. Metaforicamente, deve transformar a energia velha, do passado, em energia nova, de equilíbrio, de saúde e bem-estar...

Não necessitando mais estar relaxado, o paciente então têm liberdade para tirar dúvidas, comentar a respeito de tudo, eu não faço nenhuma interpretação do que foi visto, somente faço a análise, do ponto de vista da TVP.

Um último aspecto que pretendo abordar, na técnica que pratico, refere-se à vida intra-uterina e o momento do parto: quando iniciei o meu trabalho com a TVP, eu procurava sempre um ponto de relação entre a vida passada, o estágio fetal e o parto, em todas as sessões de regressão realizadas. “*Qualquer vida passada que ele (o paciente) encontrar, deve estar relacionada a um incidente do seu período pré-natal, na sua vida presente*”, ensinava Morris Netherton. Para ficar mais claro, em TVP sabemos que o feto, mesmo não tendo seu consciente ativo, possui a mente inconsciente funcionando sozinha, e por isso pensamentos da mãe, traumas e acontecimentos ao redor são captados por este pequeno ser: sem o consciente para discernir, qualquer incidente, segundo o autor americano, ativa memórias referentes às vidas passadas do próprio feto.

Porém, percebi que nem sempre havia uma conexão entre cada vida passada e o período pré-natal - o feto capta os sentimentos da mãe como sendo dele mesmo, e analisando as vidas passadas em conjunto, notei que alguns destes sentimentos, *não todos*, acionavam traumas ocorridos em encarnações pregressas.

Vou citar um exemplo de um paciente que, durante várias sessões, percebeu vidas onde o sintoma do cansaço e apatia já havia sido trabalhado, com alguma melhora no estado geral. Durante a regressão à vida intra-uterina, a mãe também teve sentimentos que acionaram este sintoma, e a compreensão deste fato colaborou para que conseguíssemos desligar de vez estes sentimentos negativos, que tanto dificultava o paciente no desenvolver da sua vida, principalmente nos momentos onde era necessário ação e coragem para enfrentar situações adversas ou problemáticas.

Nesta sessão, o fato de se apresentar cansado gerou irritação para o paciente, além de uma dor-de-cabeça constante. Fizemos então a regressão, onde ele narrou o desenvolver do seu próprio crescimento como feto, e as sensações captadas neste período.

- No primeiro mês eu sinto muito frio, tem muita água, sinto muito frio na barriga e tenho medo.

- *Você pode ver se a sua mãe já sabe que está grávida?*

- Ela não sabe.

- *Então continue...*

- No segundo mês, continuo sentindo este aperto no peito... Minha mãe já sabe que estou aqui, mas pensa que é apenas mais um, não sente alegria. O relacionamento com o meu pai não está bom, e ela sente medo. Eu também tenho medo.

Três meses. Está quentinho. Minha mãe sente-se enjoada e fica muito irritada. Ela coloca a mão sobre o peito e tem raiva da vida que leva. Está sempre pensando que eu vou prendê-la mais ainda, será mais responsabilidade e menos tempo para ela. Eu fico muito quietinho, tenho medo que ela queira me tirar. Não quero incomodar, não me mexo.

- *O que você diria a ela, se pudesse?*

- Não me tire daqui, deixe-me permanecer...

Agora estou no quarto mês. Estou dormindo. A barriga incomoda muito a minha mãe - ela não me quer, não me quer, o tempo inteiro é assim. Eu continuo quietinho, não quero incomodar.

Esta sensação de insegurança permanecia até hoje com o paciente. Mostro ao paciente que estes sentimentos não queriam dizer que a mãe não gostasse dele - era um reflexo dos problemas pessoais pelo qual ela passava...

Quinto mês. Minha mãe ainda enjoa um pouco - eu estou quieto. Ela tem que trabalhar e fica muito nervosa, irritada. Quando meu pai chega, eles brigam porque ele chega muito tarde. Sinto medo, medo de que ela me tire daqui, eu quero nascer, eu preciso nascer...

No sexto mês ela está pensando que quer uma menina. Sinto-me rejeitado, penso que ela não me quer. É meu pai que quer uma menina e ela pensa a mesma coisa. Minha mãe fica inchada, cansada e muito irritada. Sinto tudo que ela sente.

Nada mudou. Estou no sétimo mês, ela está insatisfeita, acha que não deveria ter se casado, casamento é ruim, sente dependência do meu pai para tudo, e fica muito revoltada. Sente um ciúme do marido, mesmo sem motivo. Eu quero sair daqui, deixar tudo isso - a depressão, a insatisfação e o medo também estão comigo...

Verifico que o paciente também sente ciúme da esposa hoje, sem ela dar nenhum motivo. Mostro esta relação a ele.

Oitavo mês. Tenho falta de ar - minha mãe sente dores na barriga, ela quer ajuda. Está sempre pensando nas mesmas coisas: a vida é ruim, ela não têm saída, queria que alguém pudesse ajudá-la. Meu pai continua chegando tarde, diz que estava trabalhando, mas volta para casa bêbado - isto causa muita irritação, tanto para minha mãe, como para mim. Tenho medo também.

Estou no último mês, quero sair logo daqui. Minha mãe está de cama, tem dores fortes, fica nervosa, tensa, ela não vê a hora de tudo isso acabar.

No momento do parto, mamãe tem muita dor, porém não quero mais sair. Eu tenho medo, muito medo do que vai ser lá fora. Tudo é assustador, minha mãe está extenuada, não vou sair daqui, não saio... Tenho dores na cabeça, na nuca, nos ombros, não consigo respirar, estão me puxando pela cabeça, dói, dói muito, estou saindo, nasci. Sinto um alívio, mas minha mãe não está muito bem. Tenho frio, alguém coloca algo no meu nariz, me levam, sou enrolado num cobertor, deitam-me numa caminha, sinto solidão, estou só, quero minha mãe.

- *Você pode ver se acontece mais alguma coisa?*

Não.

- *Então procure um período próximo onde tenha se sentido bem, onde não haja mais medo, frio, sentimento de estar sozinho...*

- *Estou no colo, com minha mãe, passou tudo, estou muito feliz, sinto-me bem.*

Veja: toda esta ansiedade, tensão, irritação, ciúme, depressão, insegurança, tem relação com os nove meses na barriga da sua mãe - perceba que a maior parte desses sentimentos não eram seus, e sim da mãe. Você conseguiu crescer, sobreviver, hoje é adulto, dono da sua vida. Entenda como o momento do nascimento é o primeiro momento mais estressante da nossa vida e que muitas daquelas emoções estão presentes ainda hoje, principalmente quando você enfrenta as situações mais difíceis - você fica irritado, lhe dói os ombros e a cabeça...

Após encerrarmos este período, o paciente disse estar emocionado com a compreensão de todas as relações da vida intra-uterina e do momento

do parto, com a sua vida de hoje. Disse sempre ter muita vontade de lutar e viver, mas o medo de encarar a realidade o fazia se esconder... Somente agora entendeu os motivos. Comentou que, enquanto fazia terapia tradicional, porém com uma psicóloga reencarnacionista, ela lhe disse que o motivo para o medo era que ele não queria nascer nesta vida. O paciente nunca concordou com esta afirmação. Agora esta dúvida não existe mais, disse-me. Pude ver que sempre quis nascer, quando estava na barriga da minha mãe, e somente senti medo de enfrentar a realidade no momento do parto - não queria conviver naquela realidade tão difícil que era o meu lar, completou.

Neste diálogo, ele demonstrou-se satisfeito em saber também o porquê de ter passado tudo aquilo na gestação, através da análise das vidas que havíamos visto nas outras sessões. Muitas das situações que enfrentou na vida presente foram reflexo das atitudes do passado...

Por trazerem emoções que podem permanecer com o paciente, reavivando memórias de emoções vindas de outras vidas, e assim prejudicando a condução da sua vida presente, é importante regredir ao período intra-uterino. Sempre que o paciente não entra espontaneamente nesta fase, solicito, uma única vez, a revivência até o momento do parto, procurando desligá-lo dessas sensações e pensamentos negativos, como no exemplo exposto.

O término da terapia sempre ocorre naturalmente. Os temas da anamnese são trabalhados várias vezes, e chega um momento em que não aflora mais nenhum material de vida passada nem de vida presente - geralmente, coincide com a melhora do paciente, e isto significa que a terapia acabou. Não quer dizer que não haja mais vidas a serem vistas, ou mesmo que não tenha mais nenhum fato importante, algum trauma oculto - significa que, naquele momento, não é necessário que venha mais fatos à mente, pois os sintomas estão sanados. Como epílogo para a terapia, solicito que se veja uma vida feliz, onde os relacionamentos, o trabalho, a situação em geral tenha sido agradável, e esta vida não deve ser desligada, mostrando ao paciente a possibilidade de se repetir o mesmo prazer sentido anteriormente.

Na maior parte dos casos, com a sucessão de vidas negativas *desligadas*, uma após a outra, não há grandes dificuldades em entrar em uma vida mais suave e agradável.

Um exemplo, ou melhor, dois exemplos de vidas felizes foram relatados por uma paciente, filha de um conhecido empresário brasileiro, que me procurou para resolver alguns problemas de ordem emocional. Na realidade, sua vida atual não apresentava grandes dificuldades, como ela própria reconhecia – jovem, com uma situação financeira privilegiada, boa saúde, possuía todo o conforto e bem-estar proporcionado por uma família abastada.

Perfeccionista, a moça buscou na TVP algumas respostas e, na última sessão, quando lhe pedi que fosse até uma vida passada onde se sentiu bem, feliz, encontramos duas vidas que demonstram o motivo pelo qual mereceu nascer, hoje, num lar que lhe oferece uma vida tranquila, com poucas atribulações. Sobretudo, estas vidas passadas indicam uma felicidade independente do poder aquisitivo, centrada principalmente na ajuda ao próximo.

Estou numa casa bem simples, *inicia a paciente*, há uma mulher cuidando de várias crianças, considero-me muito feliz. Esta mulher, minha mãe, a todos dispensa o mesmo amor, o mesmo carinho, mesmo sendo eu a única filha natural – perante ela, todos somos iguais.

Um padre nos visita constantemente e, assim como outras pessoas, vem trazer ajuda, mantimentos, pois somos muito pobres. Apesar da situação material, tudo é muito bom, calmo, procuro colaborar em tudo, estou feliz.

Agora tenho por volta dos 18 anos e conheço um rapaz, também humilde como nós. Namoramos e nos casamos e vivemos bem. Vou morar na casa da minha sogra e com ela tenho problema de relacionamento – ela é dominadora, chata mesmo, e eu reajo da mesma forma. Mesmo assim, não tenho desavenças com meu marido, eu o adoro.

Devido à convivência com a minha sogra ser tão difícil, estou constantemente visitando a minha mãe – gosto de estar com ela, sei que há muito trabalho para fazer e por isso me disponho a ajudá-la, a tal ponto que praticamente não saio mais da casa dela.

O tempo passa nessa rotina: a sogra reclama, não gosta que eu saia para ir até minha mãe, não me importo, e vou assim mesmo. Tenho um filho, um menino, e pouco depois nasce uma menina. A mãe do meu marido, com o passar do tempo, só vai piorando na sua rabugice. Por esta época, minha mãe fica doente, está muito fraca, e a responsabilidade de cuidar de tudo vai passando para mim. Isto significa muito trabalho.

Não há mais esperança para ela. A doença é terminal, e minha mãe morre. Fico muito triste e penso no que fazer. As crianças menores ainda precisam da minha ajuda, converso com meu marido e decidimos mudar para lá – ele até gosta da idéia. Sua mãe é que detestou... Fica raivosa, reclama sem parar, lhe diz que está sendo trocada por mim, num acesso de ciúme insano...

Contudo, vivemos felizes. Alguns anos depois mudamos para uma casa maior, o tempo vai se esvaindo até a velhice, quando morro, dormindo, muito serena.

- Volte então para a sua infância, veja quem era o seu pai, o que aconteceu enquanto era criança?

Meu pai foi um aventureiro irresponsável, e nos abandonou. Minha mãe, com um sentimento nobre, mesmo sabendo não ter condições materiais, foi pegando crianças para cuidar. Tratou a todos da mesma forma, mas tenho consciência de que me amava. Por isso, sempre respeitei suas opiniões e senti prazer em ajudá-la com as outras crianças.

Percebemos nesta vida que a paciente sentiu prazer em ajudar, respeitando a vontade da mãe e assumindo as responsabilidades após a morte dela. Mesmo sem muitas condições, soube ser útil. A mesma paciente regrediu a outra vida onde este sentimento de caridade continuava presente.

Alguém deve ser executado. Estou trancada, não me deixam sair do castelo. Fico preocupada, ouço o som de pessoas chegando na praça, o burburinho do povo chega até onde estou, porém não posso fazer nada. Várias pessoas serão executadas, fico revoltada...

- Volte para antes deste momento, veja como era a sua vida...

Eu ajudo as pessoas pobres do reino. Sou filha do nobre, do senhor feudal que administra o local. Meu pai não se conforma com o que faço, fica irritado, acha que não devo me envolver com gente do povo. Não ligo para ele, tenho mais ou menos 14 anos, gosto muito de contar histórias para as crianças, dar carinho a elas... Meu ideal é poder estudar para defender os necessitados.

Há um homem que gosta de mim, mas não sinto nada por ele. Apenas estou ocupada com as minhas coisas. Entretanto, não posso estudar, meu pai não deixa.

Algum tempo depois, meu pai cai doente, e pouco antes de morrer diz para não ser tão ingênua. “As pessoas não são tão boas quanto imagina”, afirma. Mas não penso assim. Como não há outros herdeiros, sou eu quem administra a região do castelo. Consigo deixar tudo em ordem, trato todos com justiça, sou até idolatrada pelas pessoas. Isto me deixa muito feliz. Os problemas e responsabilidades aumentam, mas muitos procuram me apoiar e ajudar.

Um dia chega um homem, diz ser meu pretendente desde criança. Ele é prepotente, mas por algum motivo, acabo me casando. Pouco a pouco, vou vendo meu lugar ser ocupado por meu marido, o que realizei vai se perdendo. Não tenho forças para reagir, nem sei o que posso fazer, e apenas sofro. O povo passa a detestá-lo, imagino que o casamento com ele foi uma besteira.

Volto para as ruas, ocupo-me novamente, procurando ajudar os necessitados, apesar da não concordância do meu marido. Deixo-o muito bravo, muito mais bravo do que meu pai jamais fora, tornamo-nos distantes. Encontro um rapaz, um homem do povo, me apaixono, e com ele mantenho uma relação extra-conjugal.

Quando meu marido descobre, briga muito e me coloca para fora de casa.

- Vou embora com prazer, déspota cretino! E serei feliz!

Deixo-o embaçado, vou morar na casa do rapaz. Ele mora com a mãe. Apesar da simplicidade, eles me adoram, me tratam como rainha.

Meu ex-marido não dura muito no poder. Uma sangrenta revolta popular o depõe, muitos são mortos nesta batalha, inclusive ele. Eu e meu companheiro assumimos o comando do povoado, e somos felizes. Muitas crianças vivem no castelo, dou instrução a elas, procuro ser justa. Com a idade avançando, a fraqueza me domina, e acabo morrendo. Peço aos meus vassalos que sejam humildes.

A satisfação em encerrar a TVP desta forma é imensa: há um alívio em saber que viver não é, necessariamente, sofrer; por outro lado, os pacientes entendem que ser feliz também não é ser rico, famoso ou poderoso. As vidas felizes vistas em meu consultório são, geralmente, vidas simples, mas onde o carinho, a ternura, a sensação de dever cumprido se sobrepõe às dificuldades naturais.

Enfim, combinamos um retorno caso apareçam novos sintomas. Quando uma pessoa acaba a terapia, ela está mais consciente, sensível, tem ampla capacidade de saber quando é necessária uma nova consulta ou quando ela própria pode dominar a situação - observo que os retornos ocorrem por problemas novos, desafios que surgem conforme o desenrolar da vida, e em poucas sessões o paciente adquire o equilíbrio para prosseguir. Não há uma regra geral: alguns me procuram após anos de alta e, mesmo assim, o material trabalhado não volta mais. Nestes retornos, vemos vidas não afloradas anteriormente, pois a situação original não estimulou o inconsciente neste sentido. Por exemplo, a mudança de cidade, ou de emprego, casamento, separação, nascimento de filhos, etc., podem representar este estímulo que libera impressões gravadas no inconsciente, lembranças de vidas passadas, interferindo nos hábitos e atitudes da

pessoa, trazendo-lhe novos sintomas. Entretanto, os casos onde os pacientes retornam para algumas sessões a mais são poucos.

Êxtase. É assim que posso definir o estado dos pacientes ao final da terapia. A sensação de paz, harmonia, unidade, acompanha o desaparecimento dos sintomas, e por isso faço questão de qualificar a TVP como uma terapia espiritual também. Os pacientes não saem apregoando o reencarnacionismo a todos, não estão *doutrinados* e nem é esta a pretensão - o fato importante é a descoberta da própria luz, a conexão com o verdadeiro *self* (*o eu real, infinito*).

A consciência de que tem o livre-arbítrio para fazer o que bem entender, mas também responderá pelos seus atos, impõe ao paciente um código de conduta mais ponderado. Ele mesmo começa a questionar suas ações, percebe que seu esforço pessoal é de extrema necessidade para controlar as situações negativas, não repetir os erros do passado e permanecer com a sensação de bem-estar com a qual terminou a terapia. Nunca digo a ele como agir - não cabe a mim decidir o que é certo e o que é errado. Todas as sessões são discutidas, e procuro realçar o lado da diversidade dos caminhos que podem ser tomados diante de uma situação, e a própria sensibilidade do paciente o conduzirá. **A responsabilidade é sempre individual.**

CAPÍTULO 3

O Caso Gabriela

A responsabilidade de cada um

O mundo não está feliz. A miséria, o desemprego crescente, a concentração de renda, o consumismo, a violência, a poluição, as guerras, as doenças, os próprios problemas do indivíduo... Diante de tais fatos, seria difícil acreditar que estamos caminhando para uma Nova Era, como muitos chamam, ou Nova Consciência, onde o ser-humano terá mais sabedoria para abrandar todos estes problemas.

Como estes *visionários* podem acreditar numa sociedade com valores morais e éticos mais elevados e, portanto, uma sociedade mais justa e mais feliz? Quem acredita nesta utopia?

Muitos acreditam. Professores, cientistas, médicos, filósofos, religiosos, empresários, trabalhadores comuns que, de maneira geral, têm um princípio em mente: a elevação do nível de consciência individual, priorizando a harmonia interior, o respeito pelo próximo, o entendimento do universo como um todo - a chamada visão holística ou sistêmica. Tal visão abrangente não implica apenas desfazer as fragmentações do homem representadas por culturas, raças, níveis sociais, credos, etc. - significa sobretudo pensar que o homem é responsável por si, pelo próximo, pela natureza e pelo universo. Ações responsáveis e coerentes neste sentido representaria a tão falada Nova Era.

A distância entre o ideal e a prática não é tão grande. Grupos e pessoas vêm trabalhando no sentido desta harmonização individual ou coletiva, em diversas partes do mundo, e nos mais diversos setores sociais. Grupos ambientalistas, pacifistas, o físico Peter Russell, o filósofo francês Edgar Morin, o Prêmio

Nobel de Química Ilya Prigogine, o ex-astronauta Edgar Mitchell, entre outros, caminham, cada qual a sua maneira, nesta direção. O Brasil, pelo seu senso de espiritualidade inato, demonstra a mesma disposição. Apesar das grandes dificuldades que enfrentamos, a tolerância entre raças, credos e classes sociais nos coloca no mesmo caminho da nova consciência.

Não obstante a Organização Mundial de Saúde (OMS) conceituar saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”, a medicina contemporânea se vê na impossibilidade de atender esta visão ampla, holística, da saúde, exatamente por ter fragmentado seus estudos em diversas especializações, concentrando-se em partes cada vez menores do corpo e dogmatizando os cursos universitários. Foi esquecido Hipócrates, o pai da medicina científica, que entendia requerer a saúde de um estado de equilíbrio entre influências ambientais, modos de vida e os vários componentes da natureza humana, entre os quais os humores e as paixões. Por equilíbrio dos humores devemos interpretar como a harmonia química e hormonal, e a harmonia das paixões é a simetria dentro da interdependência mente-corpo.

Hoje, a medicina contemporânea, via de regra, entende a saúde como a ausência de doença e apesar de reconhecer alguns aspectos emocionais na origem da moléstia, mente e corpo estão separados. A doença é encarada como alguma falha de mecanismo, e o médico transforma-se no *consertador da máquina*. Por isso, o indivíduo não é conscientizado da importância da sua *vontade* com relação ao *aparecimento* e resolução das enfermidades.

Esta forma de conceituação da medicina está se tornando incoerente para a realidade da nova consciência pois, apesar dos inegáveis avanços da ciência - o setor imunológico é um exemplo - observamos que muito pouco é desenvolvido no sentido de aumentar a resistência natural dos indivíduos. Os esforços na perseguição de vírus e bactérias é interminável: o aparecimento de novos antibióticos vem acompanhado de uma série de efeitos colaterais nocivos e, além disso, o fenômeno da resistência dos microorganismos devido à capacidade sistêmica de organização

destrói o trabalho de anos de pesquisas, tornando nulo o efeito de tais medicamentos.

Longe de desprezar todo o conhecimento científico adquirido principalmente durante os três últimos séculos, é chegado o momento de ampliar este horizonte, reconhecendo e estudando o poder da mente sobre o estado físico e mental, analisando e incorporando conceitos médicos taoístas, aplicados há mais de dois mil anos, que rezam ser o indivíduo responsável pela sua própria saúde e procuram utilizar a terapêutica como forma de estimular o organismo do paciente.

Alguma iniciativa neste sentido já foi tomada no ocidente. A medicina homeopática, intuída por Samuel Hahnemann é um exemplo. Fritjof Capra, um dos principais teóricos do movimento da *nova consciência*, preconiza que a medicina do futuro deverá respeitar a tendência inata do organismo para curar-se e as terapêuticas deverão procurar restabelecer o estado de equilíbrio do indivíduo, ocupando-se dos aspectos físicos e psicológicos.

Capra acredita que a medicina deve procurar nos diferentes tipos de doença as manifestações de processos psicossomáticos subjacentes, ressaltando a importância do aconselhamento psicológico e a psicoterapia no tratamento das doenças físicas.

A TVP atua não só na prevenção e solução das moléstias, como também na conscientização do papel do paciente no que se refere à manutenção do estado hígido. O preceito *mens sana in corpore sano* ganha assim o seu real significado.

O encontro

Prédios residenciais, empresas, comércio, *office-boys* apressados, motoqueiros, executivos engravatados, o policial e seu bloquinho de multas, idosos saindo do banco, jovens colegiais tagarelando, namorados abraçados, são cenas da rotina metropolitana que se perdem diariamente no meu trajeto entre o apartamento e o consultório. A distância não é significativa - quando o trânsito permite, perfaço o caminho em quinze ou vinte minutos.

Quando não estou ocupada pensando nos casos dos meus pacientes, ou absorta em alguma idéia que automaticamente me coloque mais distante da crônica viva do lado de fora da janela, tenho a oportunidade de observar melhor os personagens que pertencem ao cotidiano das ruas pelas quais passo. A imensa maioria são seres anônimos para mim, pessoas que vão e vêm, sem nenhuma lógica aparente. Entretanto, alguns são como marcos de determinadas ruas, e até estranhamos quando não estão presentes nos locais de costume. O dono do carrinho de frutas, o mendigo alquebrado, o ambulante e suas últimas novidades da China, a moça deficiente vendendo dropes e chocolates no semáforo...

- Sabe... hoje está ruim para trabalhar...

- Por que?

- Um motorista quase passou em cima da minha cadeira-de-rodas...

Ela era simpática. Jovem, bonita, seus cabelos negros e pele morena lembravam algo de caboclo, esta mistura agradável entre o índio e o branco. Nunca me abordava da maneira convencional dos ambulantes, usando argumentos dos mais diversos para vender o produto. Pelo contrário, cada vez que nos encontrávamos, nos poucos minutos de espera pelo sinal verde, tinha alguma coisa para comentar, sem ser cansativa, e muitas vezes parecendo que esquecera da mercadoria.

Um dia fui surpreendida pela sua pergunta:

- Você conhece alguém que trabalhe com vidas passadas? Sabe, há algum tempo estou sendo atormentada por sonhos e imagens do acidente que me deixou parálitica, e quanto mais penso na minha vida, mais me pergunto o porquê de todos os problemas...

Acredito que muitas situações pelas quais passamos já estão programadas, não creio que o acaso comande encontros e desencontros, e portanto acho que havia alguma razão para ela me questionar justamente algo relativo ao meu trabalho. Os carros aguardando atrás de mim não permitiram que nossa conversa prosseguisse, mas prometi que voltaríamos ao assunto numa próxima oportunidade, com mais calma.

Passaram-se alguns dias até um novo encontro, quando pudemos dialogar. A moça disse ter sido vitimada por um disparo do marido, uma pessoa envolvida com drogas e atualmente preso por tráfico, e desde alguns meses têm dificuldade para dormir: a cena do tiro se repetia na sua mente, e a isso se acumulava um desenvolvimento mediúnico que lhe causava algum incômodo, por não entender e não saber controlar. Expliquei-lhe sobre a TVP, e convidei-a para fazer o tratamento, nos dias em que tivéssemos disponibilidade de tempo. Ela aceitou prontamente.

Uma vida atribulada

Gabriela morava em Osasco, uma cidade situada na região da Grande São Paulo, e por isso tinha alguma dificuldade em se deslocar da sua residência até meu consultório - dependia da carona de um amigo taxista para trazê-la e levá-la, e por este motivo combinamos de realizar sessões intensivas, durante os sábados, visando utilizar melhor o tempo que dispúnhamos.

No dia marcado, encontramos-nos cedo, e preparamo-nos para um longo dia de trabalho. Usando a desenvoltura que eu já conhecia, disse saber genericamente sobre vidas passadas, mas não conhecia a teoria da reencarnação, do carma, quais tipos de relações existem entre as vidas; de maneira geral, tinha conhecimento apenas intuitivo e através dos comentários das pessoas.

Natural de Campo Grande, no estado do Mato-Grosso do Sul, é a filha caçula de um total de três. Sua mãe não a desejava: anteriormente ao seu nascimento, já realizara alguns abortos, e também tentou abortá-la, sendo impedida pelo pai, que entrou no quarto no instante crucial.

Toda a vida familiar foi cercada por problemas e tragédia. A avó materna, de origem cigana, desposou um homem que lhe deu terras e empregados em Rondônia. Com a morte do esposo, tornou-se a matriarca da família, dominando todos com seu gênio férreo - sua palavra era a lei. Um caso entre um parente e uma das suas filhas, irmã da mãe de Gabriela, foi severamente repri-

mido pela avó: não só expulsou o rapaz da família, como proibiu qualquer forma de contato entre os dois. Movido por uma fúria insana, o jovem a assassinou friamente, enquanto todos estavam reunidos na sala de jantar.

Quando nasceu, Gabriela também encontrou um lar conturbado. Os pais tinham desentendimentos frequentes, pois o pai, apesar de infiel, era extremamente ciumento, respondendo com violência a qualquer situação que o contrariasse. A mãe entrava constantemente em depressão, e mesmo a vida material tranquila que o marido proporcionava não a fazia mais feliz. Até o parto foi problemático, demorado, traumático, e sem que ninguém esperasse, a mãe fugiu de casa três meses depois.

Com três crianças para cuidar - uma menina de 4 anos, um menino de 3 e o bebê recém-nascido, o pai solicitou a uma irmã para ajudá-lo, enquanto procurava a esposa. Ela partiu para uma cidade distante, e estava trabalhando num bar quando foi descoberta - o marido protagonizou mais uma cena de ciúme e violência, mas não teve êxito em convencê-la a retornar. O máximo que conseguiu foi passar um dia preso por perturbação da ordem pública, e apenas a sua condição de ex-militar abrandou a situação.

Não havia jeito: a mãe não voltaria mais e teriam que se acostumar com esta idéia. Os irmãos mais velhos foram mandados para São Paulo, aos cuidados de uma tia, enquanto Gabriela permaneceu em Campo Grande, convivendo com as diversas madrastas que passaram pela casa. Só reencontrou a mãe no aniversário dos sete anos, quando esta foi visitá-la, levando-lhe presentes. Nesta época a mãe parecia mais equilibrada emocionalmente, encontrara uma nova companhia, trabalhava num pequeno laboratório fotográfico na cidade e estava com a intenção de criar os três filhos.

O pai continuava aprontando: dono de um bar, constantemente estava envolvido em brigas, demonstrando o seu gênio explosivo, e numa delas furou o olho de uma pessoa, obrigando-o a fugir da polícia e da vingança prometida. Gabriela foi morar com a mãe, que já providenciara a vinda dos outros irmãos.

Até os 14 anos de idade, a vida foi mais ou menos tranquila para a jovem. Brincava com os irmãos e colegas, e quando a mãe resolveu adotar um recém-nascido, divertia-se com o bebê, pelo qual sentia um carinho muito grande. Não demorou muito, sua irmã engravidou de um namorado e saiu de casa - Gabriela, mesmo sem ter nenhuma experiência sexual, já sentia atração pelos rapazes e ficou enciumada. Entretanto, o que mais a afligia era a vontade de estudar: tinha estranho fascínio pela música clássica e por leitura, porém só estudou até o quarto ano primário, quando foi impedida pela mãe de prosseguir. Ela queria uma pessoa que a ajudasse nos trabalhos domésticos, que cuidasse do menino mais novo, porém a filha não aceitava esta idéia e chegou a ir ao Juizado de Menores denunciar a situação.

Esta atitude rebelde só lhe trouxe um enorme ressentimento por parte da mãe, que ficou um mês sem conversar e decidiu enviá-la de volta para o pai, então residindo em Rondônia. A contra-gosto, Gabriela partiu para o norte do Brasil, e lá não encontrou uma situação melhor - continuou sem estudar, a adolescência a deixava mais agitada, seu pai e a madrasta queriam arrumar casamento para ela, e tudo isso a revoltava.

Não havia nenhum sentimento de carinho na relação familiar: a madrasta até parecia ter algum interesse numa maior aproximação, mas quando relatava algum ocorrido para o pai, exagerava o lado negativo, criando animosidade entre os três.

Nesta época, a jovem teve sua primeira relação com um namoradinho. Deixou o ato acontecer, sem saber exatamente o que estava fazendo, e não teve nenhum prazer sexual. Porém, cometeu a ingenuidade de dizer o que aconteceu à madrasta, e esta imediatamente chamou o pai - transformaram a situação num ato pecaminoso, repulsivo e imperdoável.

O pai escreveu uma longa carta para a mãe, descrevendo a filha como promíscua - tanto falaram que ela começou a se achar culpada de algum ato punível. Foi mandada de volta para Campo Grande, onde encontrou um novo padrasto e uma mãe em nada receptiva, que simplesmente comunicou que a estava encaminhando para o seminário de uma religião de origem japonesa, localizado em Ibiúna, interior de São Paulo.

Na viagem de doze horas, Gabriela teve tempo suficiente para pensar nessa sua vida curta, porém cheia de percalços, onde a sua vontade não tinha valor algum, e mesmo seus parentes próximos a desprezavam.

A paisagem horizontal do Planalto Central foi sendo substituída por um terreno mais acidentado, permeado por riachos e pequenas plantações. Ibiúna está localizada numa região cercada por montanhas, a oeste da capital paulista, e ao contrário da metrópole, a natureza se encontra preservada - é um belo local, propício ao relaxamento, à descontração, ao encontro com a espiritualidade. A área escolhida pela instituição religiosa como retiro, afastada do centro da cidade, proporcionava toda esta tranquilidade.

Gabriela ficou morando na academia, rodeada por estudantes descendentes de japoneses, e pôde desenvolver alguns dos conceitos lá aplicados: a vida em comunidade, a disciplina para o trabalho, o estudo, a religiosidade. Gostou da experiência, nova em todos os aspectos, apesar das diferenças dos hábitos e da cultura. Nesta época percebeu os primeiros fenômenos estranhos, paranormais, da sua vida. Certas ocasiões sentia-se na presença de uma forma de energia negativa, obsessora, e quando relatava aos professores, estes orientavam-na no sentido de orar muito pelos antepassados, que seria uma forma de reconciliação ante esta influência espiritual.

Decorridas algumas semanas, um incontentamento começou a tomar forma dentro da jovem. Sentia-se bem tratada, mas alguma coisa lhe dizia que deveria sair deste local, e ir para São Paulo. Sentia que não tinha nada a perder, a responsabilidade pela vida lhe pertencia, uma vez que era sozinha. Foi quando começou a se sentir incomodada por picadas de pulgas. Alguma reação alérgica do seu corpo faziam-nas infeccionar, e a situação ficou tão aflitiva que resolveu partir. O regime de internato não permitia que saísse por sua espontânea vontade: era necessária a autorização do responsável da menor.

Todas as manhãs, um rapaz vinha entregar pães na comunidade, logo ao amanhecer, e esta era a oportunidade que Gabriela

esperava. Convenceu-o a lhe pegar no dia seguinte, e dar carona até um ponto de ônibus. Na véspera da fuga, a tensão não a deixava dormir. Decidiu recolher seus pertences e sair sorrateiramente para o mato, onde aguardaria a passagem do moço. Despediu-se das amigas mais próximas, e partiu.

Alguém deve ter comunicado os professores. O fato é que em pouco tempo formou-se uma movimentação incomum no internato, e a assustada jovem foi se embrenhando por entre a vegetação, distanciando-se cada vez mais na escuridão. Chovia, a caminhada era complicada pela lama, pelos espinhos, porém Gabriela seguiu até encontrar uma casinha de lavradores, onde pediu abrigo, inventando uma história inverossímil.

- Você fugiu da academia, não é? Não precisa mentir, outras pessoas já vieram até aqui na mesma situação...

Não havia como enganar o casal, e então ela chorou.

Era uma família simples e boa: se comoveram com a reação da menina, deram-lhe leite quente e afirmaram que não iriam entregá-la. Logo começou a amanhecer. Apesar dos insistentes pedidos, resolveu partir em direção à estrada, em busca do rapaz que a conduziria até algum local onde tivesse condução.

Ele estava esperando. Seu olhar revelava alguma intenção oculta e, desconfiada, Gabriela achou melhor contar toda a sua trajetória até aquele momento, desarmando completamente o moço da padaria. Com algum dinheiro no bolso que ele lhe deu e muita ansiedade na mente, partiu rumo à megalópole.

O Terminal Rodoviário do Tietê é um dos maiores do mundo, e por isso chega a ser assustador: centenas de ônibus chegam e partem diariamente, o movimento frenético de homens e malas é incessante, pessoas se atropelam sem pedidos de desculpas... A jovem, livre pela primeira vez na vida, encontrou-se perdida. O que fazer, onde ir, quem procurar? Sabia vagamente da existência de uma tia em São Bernardo do Campo, região da Grande São Paulo, mas isto era tudo. Ficou desesperada e chorou.

Algumas pessoas a rodearam, querendo saber a causa da aflição e ela relatou:

- Estou vindo de Campo Grande, fui assaltada, levaram meu dinheiro e até o endereço que eu tinha, onde eu deveria trabalhar como babá. Não sei o que faço.

Gabriela mostrou um jogo de cintura necessário para sobreviver na cidade grande e teve sorte. Uma moça sensibilizou-se com a história e disse-lhe que a ajudaria, mas antes iriam a uma delegacia, onde deveria relatar tudo o que aconteceu. Declarou ter 18 anos, o policial desconfiou e a interrogou pacientemente, buscando todos os detalhes. Como ele conhecia Campo Grande, quis averiguar se ela era de lá realmente, e por fim ficou satisfeito com as respostas.

A mulher a levou para casa - como tinha um filho pequeno e era separada, necessitava de uma babá e alguém que cuidasse da arrumação. O espaço era dividido também com um amigo homossexual, dono de um salão de cabeleireiros e, por sinal, dono do apartamento também. Não teve dúvidas em aceitar a oferta. Gabriela realizava as tarefas domésticas com desenvoltura, pois estava acostumada desde os tempos que morava com a mãe.

Não demorou muito para descobrir que a patroa não era tão caridosa como parecia - ela trabalhava numa casa de massagem, e tentou convencê-la várias vezes a seguir o mesmo caminho. Além disso, não lhe pagava um salário.

Desconcertada com a proposta, falou ao cabeleireiro o que estava acontecendo e ele disse para não se preocupar, que a apoiaria se necessitasse. Mas a moça não estava tranquila. As propostas eram insistentes, colocadas de uma maneira como se fosse obrigação aceitar, por ter recebido uma ajuda.

Enquanto passeava pelas ruas com o bebê, Gabriela foi conhecendo outras babás e empregadas, e fez amizade com uma senhora, faxineira, muito atenciosa e compreensiva. Conversavam bastante, pedia conselhos, e após um tempo relatou que estava tendo problemas com a patroa e gostaria de mudar de residência. Explicou-lhe mais ou menos a situação, como foi sua trajetória até ali, e a senhora então disse que poderia ficar por uns tempos na sua casa, onde também residia a irmã com três filhos.

Deixou o apartamento, não se despediu de ninguém, foi embora. Conseguiu um emprego como manicure, possibilitando

assim ajudar nas despesas da nova moradia. Passava os dias entre o trabalho e a casa - praticamente seu único lazer era o desenho, prática adquirida desde a infância. Gostava de retratar rostos de mulheres, distraidamente empunhava um lápis ou caneta e em qualquer lugar começava a desenvolver seus traços.

Foi desta maneira que conheceu seu marido.

Quando acabava o trabalho no salão, constantemente Gabriela se dirigia a um bar próximo, onde tomava um refrigerante e ficava matando o tempo. Neste dia, estava, como sempre, sentada no balcão, com papel e caneta nas mãos, quando se aproximou um jovem.

- Você desenha bem... Onde aprendeu?

- Aprendi sozinha. Mas gostaria muito de poder estudar. É um sonho desde a infância.

Eduardo disse-lhe que também estudara arte e poderia apresentar alguns amigos que poderiam ajudá-la. Era em São Bernardo do Campo. Conversaram animadamente, porém a jovem não levou muito a sério a oferta, pois poderia ser apenas uma forma de *cantada*. Achou o moço bonito, simpático, despediram-se, não sem antes marcarem um novo encontro para o dia seguinte.

Parecia um final-de-semana promissor: calor, sol, ideal para ir à praia. Os amigos do salão de cabeleireiros combinaram descer para o litoral e Gabriela esqueceu-se completamente do compromisso no bar. Demorou muito tempo para reencontrá-lo.

No mesmo local, meses após, lá estava ele sentado no balcão. Louro, olhos claros, não parecia muito ofendido com o ocorrido. Puxou assunto novamente; ela, sem jeito, disfarçou dizendo não estar acostumada a marcar encontros com ninguém. Eduardo insistia, dizendo que ela estava em pendência, e por isso deveriam sair. Gabriela recusou, achava que não devia coisa nenhuma a um estranho, e foi embora.

A partir deste momento, seus caminhos não se descruzariam mais. O jovem passou a segui-la quando ia ao trabalho, frequentava o bar próximo ao salão, não havia maneira de fugir

dele. E Gabriela também não fêz questão disso: aceitou o flerte, conversavam constantemente, e foram ficando mais íntimos. Ela não o levava até a casa onde morava, pois achava errado misturar a vida da família que a acolhera com sua vida particular.

No entanto, Eduardo achou um modo de descobrir a residência dela, e se apresentou a todos. Declarou estar apaixonado, disse ter a intenção de se casar, mostrou-se como um homem trabalhador e culto. Era um ex-integrante de uma igreja evangélica, onde participava dos cultos com o pai, e apenas abandonou a religião por não concordar com o dízimo obrigatório.

Trabalhando como vendedor em uma loja, achava que o casamento poderia dar certo, e Gabriela acabou aceitando morar junto. Por insistência dele, Gabriela largou o emprego e logo se arrependeu. O rapaz também ficou desempregado, não tinham mais lugar para dormir, Eduardo emitia cheques sem fundo para pagar alguns hotéis onde se hospedavam.

Ainda com 16 anos, Gabriela viu que era extremamente importante ela arrumar um emprego. Enquanto estavam temporariamente na casa de um irmão do marido, conseguiu trabalho numa lanchonete em Diadema, e puderam alugar um quarto. O rapaz não queria saber de nada: reclamava de tudo, discutiam muito e então mostrou um vício até então desconhecido - o álcool. Com a notícia de que a mãe contraiu câncer, ele entregou-se completamente à bebida.

O relacionamento foi se deteriorando paulatinamente. Cada vez mais nervosa, a menina não via solução para a vida conjunta. Mesmo depois que Eduardo foi chamado numa grande loja para trabalhar, a situação continuava tensa. As vezes, durante algum tempo, o marido evitava beber, mas voltava pouco depois. O cunhado passou a tentar ajudar, aconselhava, pedia para os dois terem calma, conversava em particular com o irmão, e momentaneamente, surtiu efeito. Conseguiram ter um diálogo menos áspero, uma vida mais normal, enfim.

Estavam juntos há um ano, quando Gabriela engravidou. Era um grande sonho para Eduardo, ser pai. Feliz, exultante, ele tomou um porre. E não parou mais. Foi uma questão de tempo

para a moça descobrir que ele também usava drogas. O que fazer? Largá-lo? Um estranho sentimento aflorou no íntimo de Gabriela: dó. Sem saber o por quê, sentia-se na obrigação de auxiliar aquele que seria o pai de seu filho, sentia que não poderia abandoná-lo.

Eduardo culpava o problema na perna como desculpa para seus vícios. Quando criança, contraiu a paralisia infantil, e uma de suas pernas ficou deformada. Mesmo sabendo que a desculpa era mais um sinal de fraqueza, a moça manteve-se companheira.

A sogra deveria fazer um tratamento quimioterápico, com o intuito de deter o câncer, e todos resolveram mudar para o interior de Santa Catarina, onde a família reunida aos outros irmãos poderia ter mais força para superar esta fase difícil.

Quatro meses de gestação, venderam o pouco que tinham e partiram para o sul do país. Com poucos recursos, morando em um sítio afastado do centro da cidade, Gabriela passou muitas dificuldades durante toda a gravidez. Teve dores e a falta de atendimento médico a obrigava a suportar tudo com angústia e incerteza. O marido não se preocupava com seu estado, constantemente saía com amigos antigos, relações da sua juventude.

Próximo à hora do parto, com muitas dores, não havia um carro para levá-la à cidade, e viu-se obrigada a caminhar 18 quilômetros. Já no hospital, após os exames gerais, avisaram que ainda não era o momento, e ela deveria permanecer tomando soro, pois não fariam a operação. Durante quatro dias, reclamando constantemente das dores, não recebia os cuidados básicos que a situação requeria, e apenas foi realizada a cesariana quando caiu no chão do banheiro. Sentiu-se profundamente discriminada, por ter a tez morena e ser de outro estado. Felizmente, o bebê nasceu perfeito, sadio.

Em casa, mesmo com o filho, o marido continuava estranho. Ficava dias fora, sumia sem dar notícias. O menino pegou uma alergia preocupante, Gabriela desconfiou que a casa rústica, de madeira, abrigava insetos perigosos à saúde da criança e disse ao Eduardo a sua disposição de mudar para o centro da cidade.

- Está louca? O aluguel é muito caro, não podemos pagar!

- E o que você faz todas as semanas na cidade? Por que não moramos lá de uma vez?

- Não é da sua conta.

Os dois estavam cada vez mais agressivos. Não havia diálogo, apenas discussões, e numa delas Eduardo disse que estava *mexendo* com drogas. Foi necessário pouco tempo para ele trazer *amostras* para casa. Sempre usava a paralisia como desculpa, e parecia não ter nenhuma intenção de abandonar o vício. Escondida, Gabriela começou a furtar a maconha do marido e passou a consumir também.

Ele descobriu, e ao invés de repudiar a atitude, passou a trazer mais variedades de drogas, consumidas conjuntamente com os amigos. Pela família do marido, a jovem soube que ele já havia sido preso por contrabandear armas - viu que, se não tomasse uma atitude, a situação iria se repetir em breve. Conseguiu convencê-lo a voltar para São Paulo, onde poderiam trabalhar e ter uma vida honesta e normal.

Parece que a mudança de ar não mudou a cabeça do Eduardo. Continuou consumindo drogas e procurou o convívio de delinquentes e traficantes. Conseguiram um lugar para morar numa casa em Riacho Grande, onde deveriam fazer o trabalho de caseiros, e também Gabriela poderia ajudar num restaurante do dono da casa. Em breve Eduardo começou a arrumar confusão com este senhor, dizendo estar ele tendo um caso com Gabriela, e por fim, resolveram se separar.

Com um filho para criar, a moça teve que encontrar soluções para ganhar mais dinheiro: passou a vender salgadinhos nas ruas, no comércio, em galpões de fábricas assim como começou a coletar apostas de jogo. Nas andanças proporcionadas por sua atividade, conheceu um ferramenteiro por quem se apaixonou. Começou um namoro, Gabriela conseguiu um emprego mais sólido, em vendas por telefone, numa empresa, podendo assim alugar uma casa.

Poder cuidar do filho, um namorado compreensivo, uma casa, a moça estava conseguindo estabilizar a sua vida, aos

19 anos de idade. Porém, a tranquilidade durou pouco. O novo patrão começou a assediá-la, e diante das recusas, os problemas voltaram. As comissões não eram pagas corretamente, a situação financeira ficou péssima. Gabriela não encontrava mais condições de sustentar o filho. A única solução que encontrou foi enviá-lo aos cuidados de uma cunhada de Santa Catarina.

Com muita dor e pesar, separou-se do menino - sua atitude trouxe-lhe pesadelos e muitas dúvidas se realmente era a solução mais correta. Seu namorado procurava apoiá-la, porém o sofrimento interno não a largava. Saiu da empresa e passou a se virar com os pequenos serviços que arrumava.

Então o Eduardo reapareceu. Encontrou-a certa vez num ponto de ônibus, quis reatar, entretanto Gabriela recusou, dizendo estar apaixonada por outro homem. Esta revelação causou um grande embaraço ao ex-companheiro, um ciúme obsessivo percebido somente mais tarde.

Não se sabe de que maneira ele descobriu o endereço da casa de Gabriela. Sem maiores explicações, um dia Eduardo invadiu a residência com dois amigos, todos armados, e esclareceu que iria ficar ali.

- Se você pensar em alguma atitude idiota, mato seu namoradinho...

Sem reação, a jovem aceitou, temendo por si e pela vida do seu companheiro, Vanderlei. Durante uma semana, ela foi obrigada a ficar trancafiada dentro da casa, sem ter relações exteriores, e tal fato causou estranheza do namorado - ele foi procurá-la e perguntar o que estava acontecendo. Neste dia o Eduardo também estava presente, e houve uma discussão entre os três. Gabriela não podia contar o que realmente ocorria, e isso feriu os sentimentos do parceiro, que sentiu-se traído e foi embora.

O local transformou-se numa *base* para o tráfico. O marido trazia e levava cocaína, como também consumia. Já estava viciado. Mesmo faturando um bom dinheiro com o tráfico, as dívidas com o consumo iam se acumulando. A droga alterava ainda mais o comportamento instável do Eduardo, o convívio entre os dois beirava a insanidade - a moça também passou a

usar drogas, o caos que era a sua vida trazia remorsos e culpa, tenha idéia de fugir, pegar seu filho em Santa Catarina e sumir, mas o marido não aceitava a separação.

- Temos que ficar juntos e, se for o caso, morreremos juntos também!

Mudaram-se para um bairro paupérrimo da zona sul paulistana, Eduardo estava cada dia mais afundado no vício... Parecia não haver esperança, Gabriela pensou duas vezes em se matar, mas por algum motivo não conseguiu ir até o fim. As discussões entre os dois eram violentas, e só não tinham consequências mais graves porque constantemente os vizinhos intervinham.

Tinha que ir embora, sair dali, mudar de vida. Gabriela não aguentava mais o marido, as discussões, a droga, a tensão. Parou de usar cocaína e disse que iria mudar. Tiveram mais uma briga. Estavam transtornados. Eduardo não aceitava de maneira nenhuma a separação e seu comportamento ficou mais estranho. Entrava e saía da casa taciturno, passaram-se alguns dias e certa tarde ele voltou visivelmente drogado. Os olhos vermelhos, fundos, imóveis, espelhavam um impulso maléfico, apavorando Gabriela. Sem dizer nenhuma palavra, ela fugiu e foi se refugiar na casa da vizinha, mesmo sem saber o porquê.

Deixou as horas correrem e, mais calma, voltou para a casa. A sala estava sombria, porém percebeu o vulto do seu marido num dos cantos. Ele lhe apontava uma arma. Um estrondo, a dor lacinante do projétil entrando, perfurando-lhe o pulmão e estourando-lhe a medula. Só teve tempo para pensar que não queria morrer.

Eduardo percebeu o que havia feito e imediatamente a levou para o hospital. Chegando lá, confessou ter sido o autor do disparo e foi preso. Durante duas semanas, Gabriela permaneceu internada sem saber que não poderia mais andar. Neste intervalo, o marido lhe escreveu uma carta, pedindo-lhe desculpas, declarando seu amor e carinho, e novamente a jovem se condeou - mesmo com as críticas de todos do hospital, declarou ter sido um tiro acidental e inocentou o marido.

Passado o tempo de recuperação pós-operatória, voltou ao convívio com Eduardo, transformada em outra mulher: deficiente, não tinha nenhum controle muscular do tórax para baixo, necessitava do auxílio das outras pessoas para realizar as mais simples tarefas. O esposo continuava se drogando: nesta época, passou a injetar cocaína, era uma pessoa amarga e hipócrita, culpando-a por tudo o que ocorreu. Como sempre, não se importava com o estado da mulher, não possuía nenhum sentimento de caridade; não fosse a ajuda de uma amiga enfermeira, moça que passou a frequentar a casa, talvez Gabriela não superasse essa fase da consciência da deficiência física. Mesmo com o apoio, entregou-se à bebida e na sua semi-imobilidade começou a ter experiências estranhas, onde as pessoas contavam estar ela incorporada por alguma entidade. Ela mesma percebia estar falando muitas coisas que não eram suas próprias palavras.

Eduardo arrumou uma amante, mas isto não era mais importante. Gabriela começou a frequentar uma associação de auxílio a deficientes, conseguiu uma cadeira de rodas, fazia fisioterapia, entretanto só conseguiu controlar a urina quando, em desespero, rezou fervorosamente, pedindo a Deus uma chance para poder modificar a sua vida.

Sua experiência paranormal foi se ampliando: não sabe exatamente como, foi ganhando algumas pedrinhas, intuitivamente dava nomes e sentimentos a cada uma, transformando-as num jogo premonitório. Começou como brincadeira, fazendo consultas com vizinhas e colegas, não se permitindo cobrar nada. Muito do que falava era confirmado posteriormente, e com isso ganhou o respeito de todos; cada vez em maior número, as pessoas procuravam seus conselhos, queriam saber o que as pedrinhas diziam a respeito de algum problema, porém uma voz interior dizia à Gabriela para não explorar comercialmente este dom inato, caso contrário ele desapareceria.

O seu mundo pessoal se resumia nisso: as desavenças com o marido, as pedras, a adaptação à cadeira-de-rodas. Ainda chegou a pensar que Eduardo poderia melhorar, quando este decidiu procurar emprego - foi uma idéia tola, ele logo desistiu.

Enfim, veio a última discussão, que por pouco não acaba em mais uma tragédia. O rapaz chegou transtornado em casa, desaprovando tudo o que ela fazia. Mais uma vez, voltaram a brigar, e no ápice da raiva, Eduardo a agredia, dizendo não estar contente somente com a paralisia nas pernas e também iria inutilizar os braços. Gabriela se defendia como podia, alcançou uma faca e conseguiu mantê-lo afastado. No meio dos estragos provocados pela briga, os ânimos se acalmaram. A televisão estava reduzida a sucata e a cadeira-de-rodas jazia inutilizada em outro canto.

Quando amanheceu, Gabriela pediu ao marido para levá-la ao banheiro, tomou banho e estava com a idéia formada: não havia mais condições de permanecer nesta casa - acabaria sendo morta ou obrigada a matar. Chamou a vizinha pela janela e pediu para ela entrar em contato com o hospital e solicitar uma ambulância, inventando uma desculpa qualquer. Com a ajuda dela, foi internada e, depois de contar sua história para a assistente social, pôde permanecer durante quatro meses naquele local, mesmo tendo muitas vezes que dormir nos corredores, por falta de leitos e quartos disponíveis.

Por intermédio de uma pessoa, um rapaz que conheceu no hospital, foi encaminhada a uma associação para deficientes físicos e aí começou a pintar, fazer artesanatos e vender pequenas coisas nas ruas. Este jovem, Eduardo, também a visitava nesta entidade - ele demonstrava um interesse, mas não era completamente correspondido. Gabriela estava amargurada, seca, não se achava merecedora de carinho e por isso não dava a necessária atenção ao moço. Assim foi com quase todas as pessoas que conheceu.

Chegou a morar com um homem, um vigilante bancário, e em pouco tempo se arrependeu: era uma pessoa violenta, irresponsável e exploradora. Saiu desta casa e conseguiu abrigo na casa de um amigo, pai de duas crianças, com quem combinou fazer as tarefas domésticas em troca de um lugar para ficar.

Nesta fase da sua vida, Gabriela via aumentar progressivamente o seu desenvolvimento mediúnico, tinha a capacidade

de identificar algumas entidades que incorporava, porém não sabia como controlar todas as sensações que lhe ocorriam espontaneamente - nunca lera nada sobre o assunto, e as idéias que tinha a respeito de espíritos e obsessores, eram em parte intuitivas e em parte extraídas da credence popular. Quando nos encontramos, dizia sentir com frequência a presença de uma energia negativa, alguma coisa que parecia desejar o mal, a desgraça para ela.

Mesmo tendo uma residência, onde convive com pessoas que a respeitam, a jovem ainda não teve a oportunidade de assumir a responsabilidade da sua vida, ter o seu próprio lar, dirigir conscientemente o seu futuro. Os problemas e traumas foram sendo desencadeados de tal forma que fugiram do controle - em verdade, muito se deveu a sua pouca experiência e imaturidade; por outro lado, Gabriela acredita estar os traumas marcados previamente em seu destino.

Hoje, continua separada do filho; seu último contato com ele foi há dois anos, porém a ex-cunhada não incentiva muito os encontros, por achar que a mãe está marcada pelos problemas, e acabaria envolvendo o menino em situações de sofrimento.

Uma pessoa conturbada, traumatizada pelo seu casamento trágico, insegura frente ao desenvolvimento mediúnico, ansiosa por explicações. Gabriela desejava muito apagar todas estas marcas do seu passado, possibilitando finalmente progredir em todos os sentidos, pois até agora tudo foi interrompido por relacionamentos desastrosos. Algumas dúvidas ocorriam em sua mente: por que as pessoas que confio são prejudiciais a mim? Por que sempre me senti culpada? Por que sentia dó do meu ex-marido, quando ele não fazia nada por merecer compaixão? De onde vem estas intuições mediúnicas? Por que Eduardo sempre me culpou pelos seus problemas? Conforme me contou na anamnese, sempre quiz pintar mas algo a bloqueia - por quê?

Relacionei todas estas dúvidas e outras queixas, que também devem ser notadas pelo terapeuta, mesmo quando não são expostas de maneira efusiva. Conforme esclareci no capítulo anterior, frases dispersas na anamnese podem conter um sig-

nificado muito importante em se tratando de regressão. No caso da Gabriela, ela também citou ter o sonho de estudar, mas sem conseguir realizá-lo. Disse ser alérgica a pó e a mordida de pulgas. Afirmou que, quando sua mãe engravidou, não queria mais filhos e tentou abortá-la. Confessou alguns detalhes da sua personalidade, como por exemplo, ser manipuladora, exigente, perfeccionista - um nervosismo constante a acompanhava. Enfim, não conseguia atingir o orgasmo, fato agravado com a paraplegia.

Sou culpada

Gabriela foi uma das pacientes onde encontrei uma vida presente das mais conturbadas que tomei conhecimento. Seus encontros e desencontros, as tragédias, a família problemática - sua história é tão inverossímil quanto o enredo de uma telenovela, contudo tão verossímil quando olhamos a vida de milhares de habitantes da violenta periferia de São Paulo, retratada diariamente nos programas sensacionalistas da televisão e rádio.

Havia muitos pontos a serem explorados para o início de uma regressão. Escolhi uma frase que parecia resumir todo o sentimento da moça, face aos inúmeros problemas que ela enfrentou. Longe de expressar raiva, ódio, rancor pelas pessoas que a feriram, Gabriela assumia uma culpa por tudo, expressa literalmente durante vários momentos da sua anamnese.

Uma casa está pegando fogo; eu fujo com meu filho, nós corremos pelo campo.

- O que lhe passa pela mente, neste momento?

- Eu me vinguei...

- Volte e veja o que ocasionou o incêndio, veja por que você tem este sentimento de vingança consumada.

Tenho por volta de 30 anos e meu filho uns 6. Estou dentro da casa, estou brigando com um homem, ele está muito violento, me chuta as pernas, dói bastante. Diz que não presto, e não se importa com o que penso.

Sou jogada no chão e violentada. Sinto um ódio e um nojo terrível. Tenho vontade de vomitar. Levanto-me do chão

da cozinha, vou me lavar mas sou impedida. O homem me segura firmemente, me machucando, e diz que quer outro filho.

-Vá fazer com as outras! Respondo.

As outras são só para o prazer, desdenha. Desvencilho-me dele, e me afasto. Ouço meu filho acordar, vou para perto dele, enquanto o meu marido se veste e vai dormir. A hora da vingança é agora. Ele dorme pesado, não vai acordar. Junto um monte de roupas, coloco no quarto dele, há polvora também, e atio fogo. Pego meu filho e saio correndo, mas ainda assim sou atingida por algumas brasas, que ferem minhas pernas. Meu corpo está dolorido.

- Volte para antes desta briga, veja como era a sua vida antes mesmo de estar com este homem. O que fazia, como vivia?

Vejo montanhas, muitas árvores, uma casa com o telhado bem comprido. Sou moça e moro com minha tia. Nós cantamos ópera, gostamos muito de música, é o que sabemos fazer.

Vamos viajar, estamos em Madri, num palco. Há um piano. Observo os homens rindo quando entramos. Uso um vestido comprido, muito bonito, tenho um leque na mão, procuro disfarçar meu nervosismo. Minhas mãos estão molhadas, olho para o pianista, um jovem bonito, iniciamos a cantar, entretanto minha voz treme, e não vejo a hora de acabar. Deixo o palco envergonhada.

Na saída, há um homem, este segura minhas mãos, fala que ali não é lugar para uma dama como eu, diz ser pintor e gostaria de me retratar. Desconfio desta pessoa e o deixo falando sozinho, encontro minha tia na saída do teatro, segurando um papel, cercada por outras pessoas que também irão se apresentar. Vamos para o hotel.

Minha tia é uma pessoa muito alegre, começa a cantar no quarto e ficamos descontraídas e felizes. No quarto ao lado há alguém falando alto, embriagado, percebo que é a voz daquele homem que dizia ser pintor. Não digo nada, ele parece estar falando sobre um rosto que não irá encontrar mais.

No dia seguinte, vamos andar pelas ruas, há praças, os homens nos provocam e me sinto encabulada, não sei como

reagir aos galanteios. Fazemos compras e agora tenho um lindo vestido branco. Ao retornarmos para o hotel, treinamos canto, minha tia corrige minha postura em frente ao espelho, dizendo a maneira correta de caminhar. Aconselha-me a não ter medo, pois isto atrai coisas negativas, e então eu devo cantar com naturalidade. Ainda falta uma semana para a apresentação e nosso dinheiro está acabando.

Alguém bate na porta, recebemos flores. É daquele meu admirador, recuso-me a pegar, mas minha tia recebe. Falo que não me interessa por ninguém, e as pessoas consideram as artistas como prostitutas e isto não me agrada. Ela ri, diz que sou tola, que não devo me incomodar com isso.

Estamos no dia da apresentação. Vejo aquele homem na platéia, mas procuro controlar minha emoção. Usamos máscaras, cantamos com desenvoltura, as pessoas gritam e querem mais. Há outras pessoas que também irão se apresentar e por isso saímos. É só o começo, diz minha tia.

Somos convidadas para jantar na casa de um homem muito rico. A lua está bonita, há um rio próximo, vou para a varanda observar a noite enquanto minha tia conversa com o dono da casa.

Alguém me agarra, subitamente dois homens estão brigando, não entendo o que acontece, um deles reconheço ser o pintor, que consegue derrubar o outro. Eles brigam com muita violência, parecem se odiar. O pintor sai vitorioso, o outro jaz inerte, sem vida.

Uma empregada diz que a pessoa que faleceu, o Gerard, não teve culpa, entretanto o pintor afirmou que apenas estava me protegendo. Todos voltamos para dentro da casa. O rapaz não parece abalado, é divertido e mais ou menos bonito. Vejo sombras lhe rodeando, porém não comento nada.

Estamos num castelo, onde há muitas pessoas convivendo. O moço diz viver pintando as damas, se diz muito admirado pela minha beleza e declama versos para mim. Somos convidadas, eu e minha tia, a permanecer neste local e, em breve, já estou acostumada a viver ali, rodeada de pessoas. O pintor parece sentir

uma atração forte por mim, e demonstra ciúme quando estou conversando com outros rapazes.

Certo dia me convida para passear, ele está estranho e quieto, vamos para um local onde há um lago, árvores, troncos, um lugar estranho. Diz para eu não ter medo, quer me beijar, sinto curiosidade, mas não gosto. Quero ir embora, sair dali.

- Vai se cansar de fugir de mim!

Procuro sair, ele não deixa e me dá um tapa. Revido, porém ele me domina, sou jogada no chão e violentada. Tenho ódio dele, digo que vou contar a todos o que aconteceu. Não voltamos mais para o castelo.

É entardecer, ele pega uma carroça, sou levada até um navio e embarcamos. Fui sequestrada. O pintor não quer que eu cante mais, afirma que a minha vida agora será dele e eu fico confusa. Sinto sempre umas sombras negativas sobre nós.

Alguma coisa fica martelando na minha cabeça sobre a minha virgindade perdida, que sou suja e pecadora. No barco, tenho enjôo e febre. Desembarcamos e vamos rumo ao campo, onde há uma casa, animais no pasto, uma cerca de madeira.

Existe uma família que toma conta do lugar, com crianças e outras pessoas também moram no local. São bons para mim, porém não me sinto bem.

- Não sou um animal, quero ter minha vida, não te escolhi! Brigo com ele.

- Você tem tudo aqui! Está escrito no destino, você é minha!!! O homem estava transfigurado e em hipótese nenhuma admitia minha rebeldia. Ele me deixa amarrada numa cama, braços e pernas estendidos, me beija, fecha a porta e sai.

Não sei quanto tempo passou. Tenho sede, urinei na cama, tudo está cheirando mal. Quero ir embora, sinto muita solidão. A porta então se abre, vem uma mulher, ela me desamarra, molha meus lábios secos, cuida da minha higiene e me alimenta. Sinto fraqueza.

Barulho de cavalos, alguém está chegando, o pintor entra pela sala. Ele usa um chapéu, está portando uma espada, tem um cheiro de animal. O jantar está servido, ele se senta e me oferece comida.

- Coma e depois cante! Impõe.

Não consigo, minha voz não sai mais e isto o diverte muito.

- Você nunca mais irá cantar para ninguém!

O tempo vai passando, minha barriga cresce, estou grávida. Procuo me conformar com a situação, não há como fugir e acabo aceitando esta vida.

Vou ter o filho, uma mulher me ajuda, tudo corre bem durante o parto. Acabo me apegando muito ao menino, mas não tenho e nem demonstro nenhum carinho pelo pintor. Ele fica triste porque não o amo e eu não me importo com isso.

Um dia o encontro conversando com outro homem, penso reconhecer o sujeito, mas sou obrigada a permanecer dentro de casa, mesmo parecendo que esta pessoa também me conhecia. Fico trancada no quarto, enquanto os dois estão dialogando. Quando o estranho vai embora, ele abre a porta e me agride, diz para eu não tentar me comunicar com outras pessoas, e depois vai dormir. À noite acabo lembrando onde já vira aquele rosto anteriormente: era o pianista do concerto que participei com minha tia.

Muito tempo depois, estou no quintal quando o pianista regressa, porque também me reconheceu e queria conversar comigo. Meu filho me chama e, como não desejo que ninguém nos veja, vou embora correndo. Ele diz que voltará depois.

Algumas mulheres aparecem em casa, meu marido as acompanha e diz que elas vieram tomar o meu lugar. Fala que todas elas são sua propriedade e elas o adoram. Tenho nojo dele. Vou para o quarto do meu filho. Alguém me chama pela janela. É o pianista novamente, que se diz envergonhado por eu estar convivendo com prostitutas. Explico-lhe toda a situação e tomo algum alento: ele vai me ajudar a sair dali. Fala que descobriu algumas coisas sobre o homem que vive comigo.

- Ele é o dono de um prostíbulo na cidade, onde houve um assassinato e por isso ele trouxe todas aquelas mulheres, procurando não envolver ninguém.

Pede que eu espere até amanhã.

Meu Deus, será que posso confiar nesta pessoa? É a minha única chance de sair daqui. Mas o caseiro me viu conversando com o pianista e relatou para o pai do meu filho. Ele ficou furioso. Tem uma faca na mão, está ferindo meu corpo, enquanto grita que serei eternamente dele. Enquanto sou agredida, pergunta se fui tocada por aquele homem. Mal consigo responder que não, apenas quero ir embora dali, ver minha tia novamente.

- Esta mulher presta tanto quanto as prostitutas! responde.

Tenho que ser domada, o pintor diz. Depois, parece que se cansou de bater e vai dormir. O ódio me domina. Meu filho acorda, apronto suas coisas para fugir, preparo tudo para explodir a casa.

Corremos, vamos encontrar o pianista. Meu filho ainda pergunta sobre o pai, mas continuamos a correr. Nós três partimos, rumo a outra cidade, onde encontro minha tia, já em leito de morte. Ela pensa que eu fugi, porém explico que sempre a amei e que não foi minha culpa a nossa separação.

Minha tia morava numa casa grande. Ela morre, e nós continuamos a viver lá. Eu tenho muito rancor pelos homens, por tudo o que aconteceu, e devido a isso brigo muito com o pianista. Ele diz que meu coração endureceu, nunca deveria ter me vingado daquela forma. Nesta casa grande onde estou, faço um hotel, compro terras, não sou feliz. Trato mal as pessoas, desconfio de todos, tenho dores nas costas.

Devo ter por volta de 40 anos, meu filho é a única pessoa de quem realmente gosto. O pianista não se casou, torna-se um bom amigo, e assim os anos vão passando. Agora tenho cerca de 60 anos, minhas pernas estão duras, não posso mais andar, meu corpo está fraco e perco toda a razão para viver. Meu filho torna-se músico, mesmo contra minha vontade, porque acredito que foi através da música que todo meu sofrimento começou. Ele vai viajar, me deixa só, vai estudar em outro lugar.

Com muita tristeza, vou enfraquecendo e morro.

Veja se ainda há alguma coisa que a prende nesta vida.

- Sinto alguém aqui.

Quem é, você pode ver? Gabriela então incorpora a entidade:

Eu sou o Gerard, eu só queria protegê-la. Muitas pessoas morreram pelas mãos dele, que era uma pessoa má e inescrupulosa. Naquele dia eu não queria fazer nada. Sabia que meu irmão não prestava e por isso quis afastá-lo da jovem, por quem ele parecia demonstrar um grande interesse. Só queria ajudar, prevenir, eu jamais iria fazer mal a ela. Foi por isso que ele me matou.

A pessoa que se diz chamar Gerard fala ter sido irmão do pintor. Converso com ele e mostro-lhe a inconveniência de permanecer junto com a paciente, pois ambos deveriam seguir os próprios caminhos. Ele aceita ir embora com os Mestres de Luz, entidades protetoras, e então continuo:

- *Você ainda vê ou sente algo que não relatou, com referência a esta vida?*

- Não, não vejo mais nada.

Vêja então, Gabriela, todas as relações do passado com o presente: a dor nas pernas; o medo de ser artista, pois pode ter ficado marcado em seu subconsciente o medo de que a arte desencadeia um processo de sofrimento; nada mais disso deve permanecer em você. Estas relações com a vida trágica que você teve não existem mais hoje.

Liberte-se também desta sensação de que está sempre precisando fugir: assim como você se viu obrigada a fugir daquele homem e daquela situação infeliz, hoje você age da mesma forma. No seminário onde esteve internada, tinha uma vontade intensa de sair dali, mesmo não havendo tantas razões conscientes; na infância, na juventude, sempre estive em constantes mudanças, não conseguindo criar vínculos em nenhum lugar. Agora não é necessário fugir de nada.

Entenda que não deve permanecer nenhum ódio pelo marido desta vida passada, homem rude e sem sentimentos, mas um agente para a sua evolução também. Toda a raiva que você sentiu transformou-se hoje em nervosismo, você é muito nervosa, e deve deixar este sentimento sair. Da mesma

forma, a amargura diante da vida e a falta de prazer sexual estão relacionadas com este casamento forçado, com os estupros, com o sexo sem amor. Sendo assim, hoje você tem muita dificuldade em sentir prazer sexual (ela relatara este fato na anamnese), mesmo estando com parceiros que você escolheu. Liberte-se desta energia que a deixa presa nesta vida passada. Hoje você é livre para fazer o que quer, pode decidir com quem quer ter relacionamento ou não, nada lhe impede de ter prazer.

Você sofreu muito, mas nenhum sofrimento é razão para criar e por em ação um desejo de vingança. Você deve perdoar este homem, este marido, e deve se perdoar da mesma forma por tê-lo matado. Era desnecessário tomar aquela atitude extrema, você já estava praticamente saindo daquela casa mas deixou o ódio dominar suas ações. Liberte-se do sentimento de culpa por esta morte, não há mais o porquê se culpar. Lembre-se que o passado não volta mais, hoje você é outra pessoa, em outro corpo, num outro contexto, numa outra vida, é livre e nada a impede de amar e ser amada, de ter prazer, de pintar e fazer as coisas que deseja.

De vítima a algoz

Quando Gabriela regressou ao consultório, disse estar com muita dificuldade para dormir e também o nervosismo foi constante. Nesta ocasião, já começara a estudar sobre mediunidade, influências espirituais, conforme lhe orientei; sendo assim passou a entender e aceitar melhor todas as sensações que percebia no seu cotidiano - não havia mais razão para temer.

Após conversarmos, pedi que se deitasse, fizemos o processo de relaxamento e solicitei que fosse a uma vida passada onde tivesse ocorrido algo que gerasse a vida que vimos na sessão anterior. Por que na vida como cantora foi necessário tanto sofrimento, tantas dores?

É uma espécie de avião, um projeto estranho, rústico, com pedais e um tipo de bicicleta de madeira. Há dois homens perto deste engenho. Um deles fala em colocar asas, eu retruco que isto é bobagem.

Há uma mulher numa casa simples, ela serve a mesa, estou com muita fome mas não me sinto bem. Minha esposa fala muito, comenta sobre a aquisição de terras, que deveríamos nos aventurar mais - ela está insatisfeita com a situação, é ansiosa; fico pensando sobre isso.

Trabalho numa mina. Sou como um ferramenteiro, faço as rodas para os carrinhos que percorrem a mina e gosto desta função. Num dos meus dias de expediente, descubro uma pedra muito brilhante, pequena, incrustada no meio de uma rocha, ninguém a vê e então quero possuí-la. Vou quebrando as partes laterais, sem valor - é um bom tamanho, perco um bom tempo admirando meu achado. A escondo num saco de couro, passa-me um temor que alguém a descubra. Continuo quebrando mais rochas e descubro outras pedras preciosas.

Chego em casa. Minha mulher reclama que demorei muito, mas não conto nada sobre minha descoberta, escondo o saquinho perto da cama. Ela está muito carinhosa comigo, insinuante, porém peço que vá dormir, deixando-a emburrada.

Logo no dia seguinte, procuro uma pessoa para avaliar as pedras, um homem especialista. Diz ser diamantes. Uma emoção indescritível toma conta do meu ser, penso em montar uma fábrica de vidros, muitas coisas passam pela minha cabeça. Devido ao alto valor delas, este avalista não possui todo o dinheiro para me pagar, e fica apenas com uma parte, reembolsando-me o valor correspondente.

Tenho desconfiança de todas as pessoas que passam próximo à minha casa. Ainda não falei nada para minha esposa, apenas conversei com meu amigo. Falo em comprar terras, ele pensa em invenções. Com uma parte do dinheiro, saímos para comprar uma propriedade, entramos num local onde há um portão de pedras, arredondadas na parte de cima, dentro de uma casa simples negocio a compra de um terreno. Tenho um papel me garantindo a posse e solicito que as terras sejam desocupadas o mais rápido possível.

Somente neste momento, quando estou retornando para casa, decido contar para minha esposa. Não há ninguém

em casa, isto me deixa intrigado. A procuro pelas proximidades, vou a cavalo, não consigo encontrá-la e considero que ela me abandonou.

Fico triste, chamo meu amigo e então descobrimos que ela levou o dinheiro que ficara guardado em casa. Meu amigo ri muito, diz que ela nunca teve tanto dinheiro e irá gastar logo. As terras que eu comprei já estavam pagas e ainda eu possuía uma pedra. Decidimos comprar animais, com o tempo o rebanho vai aumentando e então monto uma fábrica de vidros.

Dentro desta fábrica é muito quente. Tenho empregados trabalhando, um homem fica defronte à fornalha, soprando um canudo com vidro e assim produz as peças que vendemos. Nunca me conformei com a atitude da minha esposa, e começo a beber bastante, a tal ponto de prejudicar meu estômago. Tenho dores, mas consigo suportar.

Eu e meu amigo estamos ganhando bastante dinheiro, pois ele tornou-se meu sócio. Com a ajuda dele, construímos mecanismos mais práticos, auxiliando na produção do vidro - fazemos peças maravilhosas.

Estamos em Portugal. Nossa situação financeira está cada vez melhor, adquirimos mais animais, entretanto não estou feliz e meu amigo também não. Ele se sente cansado com tanto trabalho, quer aproveitar um pouco e ir para a França. Retruco, acho que meu lazer é o trabalho, e ele contra-argumenta: você está se afundando com a bebida.

Tenho que encontrar uma companheira para dividir o meu tempo. Combinamos então de ir até a Espanha, para nos distrair um pouco. A fronteira é próxima, basta atravessar um rio, mas falta confiança da minha parte em deixar a fábrica na responsabilidade de algum empregado. Enfim, ele me convence, e partimos.

Compro roupas novas, procuro me distrair nas touradas e então conheço uma moça, que se diverte com meu jeito estrangeiro. Ela porta uma caixinha com um pó que faz espirrar, e diz ser o seu pai o fabricante deste pó. Ela é bonita, usa uma roupa decotada, imagino em levá-la comigo para Portugal. Algo nela

me lembra minha ex-esposa. Conversamos, passeamos juntos, ela também se interessou por mim e me apresenta ao seu pai. Este quer saber sobre minhas intenções, e como sou um homem de posse e a desejo como esposa e mãe dos meus filhos, tornamo-nos amigos.

Declaro meu desejo de casamento à Rafaela e a moça se surpreende:

- Tão rápido assim?

- Não posso esperar nem mais um segundo.

Os preparativos para o casamento demoram um tempo, e sou autorizado pelo pai da jovem a visitá-la até a data marcada para a cerimônia. Tenho que respeitar este prazo e aceito, passando a encontrá-la sempre que possível.

Certo dia a encontro em conversação animada com outro rapaz. O ciúme me invade, escondo-me e fico observando. Eles se beijam, vejo que não posso fazer nada, vou embora e me embriago. Passado algum tempo, retorno para revê-la, nenhum de nós falamos a respeito do amante, ficamos conversando fora da casa, nos beijamos e então percebo alguém se escondendo por detrás da vegetação. Invento uma desculpa e vou atrás desta pessoa, apesar de sentir medo e ter dores no estômago.

Encontro o jovem, é o amante de Rafaela. Minto, afirmo que a moça me falou muito sobre ele, digo não ter rancor nenhum e prometo arrumar um bom emprego, pois tenho condições. Estamos conversando, saímos a cavalo, chegamos até a margem do rio. Sou um homem forte, tenho um impulso irresistível de massacrá-lo, espancá-lo, ele mal consegue resistir. Entre os golpes que desfiro, ele diz ser o único culpado da traição, a raiva me cega, quando o jovem cai no rio já está morto. Apago todos os vestígios da luta, volto para Portugal.

Vou para um prostíbulo, quero me divertir e esquecer o que fiz.

Quando encontro meu amigo, demoro até contar o ato que pratiquei. Ele é muito inventivo, está sempre com a cabeça pensando em novos maquinários, projetos, é difícil interrompê-lo. Quando consigo, ele me chama de louco, diz termos dinheiro

suficiente para ter qualquer mulher, melhor que aquela espanhola, que eu deveria ter deixado a moça ser feliz.

Mas eu a quero. Imagino em voltar e trazer a moça, mas meu amigo aconselha não ser prudente, poderiam desconfiar que fui eu o culpado da morte do rapaz. Alguns meses depois meu amigo resolve ir à França mostrar alguns dos seus trabalhos. Neste tempo, deixo a barba crescer, tenho a idéia de regressar para ver a Rafaela.

Chego à noite, ela está na sacada da casa, eu me sinto um pouco enlouquecido. Tenho uma arma, sequestro a moça, a coloco numa carruagem alugada e volto para Portugal.

Em casa, ela me chama de louco e infeliz, discutimos e então demonstro saber do seu caso com o outro rapaz. A moça fica furiosa, acusa-me de assassino, a domino com minha força física e então fico excitado com o seu medo. A violento, porém queria poder ser carinhoso e amável. Deixo-a no quarto, com remorsos, mas quando retorno ela está armada e atira. O disparo me atinge de raspão, e me faz furioso: começo a espancá-la, até ela me pedir perdão.

Não entendo as mulheres, elas prometem fidelidade, casamento e depois nos abandonam. Discuto bastante, não sou muito coerente.

Em pouco tempo, a notícia do desaparecimento dela provoca rebulição na cidade. Muitos a estão procurando e vejo a situação tornar-se perigosa para mim. Resolvo levá-la para a Espanha. Faço sexo com ela pela última vez, visto a moça como homem e vamos a cavalo para a sua casa. No caminho, peço para não contar que fui eu, pois tenho muito dinheiro e poderia comprar muitos homens para me defender. Isto provocaria uma guerra. Rafaela diz que devo pagar pelo que fiz. Recomendo-lhe para não ser tola.

Deixo a moça na estrada e volto rapidamente para minhas terras.

Alguma coisa está queimando. Colocaram fogo na minha propriedade. Percebo que não há mais escapatória, devo me

armar, contratar homens e me preparar para a luta. Tenho a impressão de que vou continuar a matar durante toda a minha vida. Com toda a minha aflição, não consigo mais me dedicar aos negócios, as vendas estão fracas. A família de Rafaela está com ódio mortal de mim. Porém, não desejo lutar, não quero que as pessoas morram por minha causa, mas é isso que ocorre: gritos, muitos morrem.

Imagino as pessoas se massacrando, muito sangue sem necessidade sendo derramado e fico amargurado. Penso em fazer um ato extremo, para evitar o conflito: escrevo para o pai da moça, mostro minhas intenções de não haver guerra e minha disposição de pagar o preço necessário para a paz.

Um homem do governo me procura, está extremamente irritado com minha atitude e com o desenrolar dos fatos. Mostra-me que a única solução é eu doar as terras e então ele iria intermediar as negociações. Estou ensandecido, vamos ter paz! Saio correndo, chego até uns rochedos e me atiro. É um lugar muito alto.

Vejo sombras me envolvendo, morri. Estou num lugar escuro, um corredor, ouço lamentações. Sinto-me sozinho, arrependido, há vultos.

- Volte então para antes do casamento, veja como foi a sua infância, como era a sua vida?

A minha vida era boa, a minha mãe foi carinhosa. Eu não tinha pai, fiquei órfão cedo, éramos simples, mas não totalmente pobres. Meu pai me ensinou a fazer rodas. Ele morreu com uma dor no peito, quando estava jantando e senti-me muito entristecido com a perda.

Tenho mais ou menos 18 anos e agora minha mãe está muito doente, sofrendo com a ausência do meu pai. Ela diz que o amava muito, e acaba morrendo. *A minha paciente chora efusivamente neste momento. Entre as lágrimas, continua.*

Ela queria ficar comigo, mas precisa estar com meu pai.

Neste momento, estou consertando uma roda, a Margareth carrega água e leva comida, na mina. Ela se parece um pouco com

minha mãe. Estou com muita sede e Margareth me dá água, até os olhos dela parecem com os da minha mãe. Namoramos e em pouco tempo nos casamos. Nós brincamos muito felizes. Ela se torna madura e exigente e eu acabo me tornando distante.

É muito ambiciosa, invejava as mulheres que viviam na cidade e nós somos simples, não precisávamos de muito para sermos felizes.

- A felicidade está em conseguir as coisas.

Eu não concordo com isso. Com o passar do tempo, começamos a brigar, até que ela fugiu. Ela foi trabalhar num prostíbulo. Quando eu morro, eu me encontro com ela, ela está péssima, gemendo. Margareth era muito linda e não existia homem que não se apaixonasse por ela, entretanto pegou várias doenças e morreu cedo.

- *Você consegue ver ou sentir mais alguma coisa a respeito desta vida?*

- Não.

Então vamos fazer as relações. Em primeiro lugar, esta vida demonstrou que você alimentou uma série de idéias fixas, sempre querendo tudo a sua maneira. Liberte-se destes sentimentos. Veja que conseguiu ganhar dinheiro, ter sucesso no trabalho, ter um bom amigo, poderia ter sido muito feliz, superado o problema com a esposa, porém seu orgulho e autoritarismo pôs tudo a perder. Não sabendo aceitar o abandono da mulher, vingou-se através de uma pessoa que nada tinha a ver com a sua situação. Perceba que na vida onde foi cantora, ocorreu o mesmo: foi aprisionada, controlada, seviciada, da mesma forma que agiu com a moça espanhola. É um exemplo claro da lei de causa e efeito.

Estes traços são trazidos até hoje. Conforme você relatou, sempre foi muito controladora, tudo tinha que ser do seu modo - é necessário mudar este lado negativo, pois você está se transformando e também não é a mesma pessoa desta outra vida. Atrair e causar infelicidade em vidas passadas provocou a mesma reação na vida presente. O seu estado de espírito causou a aproximação de um marido obsessivo e violento mas insistiu em permanecer ao lado dele, apesar de todas as oportunidades de separação. Achava que ao seu modo poderia resolver tudo. Compreenda isto, para que definitivamente se liberte, para que tenha consciência de perceber o equilíbrio de tudo,

perceber quando uma pessoa ou situação é obsessiva e prejudicial. Liberte-se definitivamente deste autoritarismo que há dentro de você.

A dor nas costas e também o incidente com o tiro provém do suicídio. Ao se atirar no penhasco, teve todo o corpo arrebrandado - esta atitude inconsequente atraiu para si o carma doloroso. Talvez, se tivesse ido embora antes, abandonando seu marido, o drama não aconteceria, mas como você estava vulnerável à esta situação pela lei do carma, ocorreu o disparo fatídico.

Nesta vida passada, também teve um dom artístico, representado pela confecção de peças de vidro, porém foi novamente bloqueado por uma tragédia. Por isso, se liberte deste medo de criar, ser artista; hoje ser artista não significa ser aquele homem violento e autoritário, lembre-se disso.

Vemos nesta vida uma dependência de álcool, causando dores no estômago. Hoje, você já bebeu muito e usou drogas - aí temos uma ligação que deve ser desfeita. Liberte-se dos vícios e das dores. Agora isto não é mais necessário.

Liberte-se também da culpa por ter matado o rapaz, tão friamente. Este lado violento, calculista e insensível que você demonstrou foi a mesma atitude do seu marido desta vida presente, quando atirou em você. Liberte-se desse aspecto negativo.

As atitudes insanas provocaram a sua ruína. Todo dinheiro conseguido com o trabalho foi desperdiçado. Perceba que por isso, hoje sua vida foi permeado por dificuldades financeiras. A medida em que compreende e se liberta, entenda que não é necessário passar por tantas dificuldades - através do trabalho honesto, como já vem fazendo, está conseguindo ganhar o necessário para a sobrevivência e poderá conseguir mais tranquilidade.

Além da culpa pela morte do rapaz, vemos também a culpa de quase ter provocado uma briga fora de controle, colocando em risco a vida de muitas pessoas inocentes. Veja que a falta de equilíbrio foi demonstrada até na forma de suicídio, e hoje, na vida atual, você tentou algumas vezes a mesma fuga. Liberte-se desse sentimento, liberte-se do nervosismo, da impulsividade e da inconsequência. O perfeccionismo de hoje também tem relação com este passado - é uma defesa para fugir à culpa, não cometer os mesmos erros. Portanto, libertando-se desta culpa, poderá distinguir com mais clareza o que é certo ou não, sem a necessidade do perfeccionismo.

Agora se entende o porquê da vida da cantora ter sido tão amarga e sofrida, qual o motivo de você ter compartilhado sua vida com aquele homem

frio e egoísta. Veja que as atitudes dele foram tão nocivas quanto as suas, nesta última vida. Quando ia se libertar daquele marido, e poderia ter prosseguido vivendo com mais tranquilidade, não soube perdoar, vingou-se e assim agravou os seus caminhos.

Assim, perdoe-se novamente, compreenda que o erro é humano. Encontramos agora a explicação de você ter se sentido pressionada como uma criminosa, conforme me relatou - o fato de ter errado muito no passado estava gravado dentro de você. Hoje evoluiu e mudou - atraiu para si um lar onde o pai foi muito violento, e espelhando-se nesta violência pôde ver o quanto ela é negativa, prejudicial. Conseguir aceitar suas frustrações, e mesmo com o marido viciado e violento que teve, mesmo consumindo álcool e drogas em excesso, não cometeu nenhum ato insano.

Por último, liberte-se da falta de prazer sexual, pois outra vez abusou da afetividade, da vida sexual - foi rude, estúpida, violenta, e a culpa lhe traz dificuldades sexuais e nos relacionamentos. Compreenda que tudo isto que vivenciou está morto, hoje nasceu numa nova vida, em outro contexto, e portanto nada disso deve permanecer em você. A medida em que se libertar deste passado, sentir-se-á melhor a cada dia. Está tudo claro?

Gabriela acena com a cabeça, concorda com as relações e então pergunto se ainda há alguma coisa que não ficou claro.

“Correntes imaginárias estão cercando seu corpo - elas estarão somente na sua alma. Há uma missão longa, é a sua chance. Na vida como cantora e nessa última, a vida espiritual nunca foi trabalhada, e agora é o momento. Por mais difícil que seja o material, lembre-se que de alguma forma receberá a ajuda espiritual. Não meça esforços, chore muito, arrependa-se, pois a missão de ensinar ainda estará por vir. Por hora, é somente aprender. Seja um espírito suave. Eu sou o seu guia.”

Gabriela recebeu esta mensagem no final da sessão, da entidade que se identificou como o guia, ou protetor. Não é incomum meus pacientes receberem mensagens. Muitas vezes, os espíritos guias comentam sobre as vidas vistas pelo paciente, ou revelam fatos que deverão ocorrer e até fazem alusões às vidas passadas ainda ocultas para nós: terapeuta e paciente.

Após esta mensagem, encerramos a sessão e conversamos sobre tudo o que foi visto. Gabriela demonstrou admiração em saber que terá

uma missão como educadora, mas por mais que pudéssemos especular, seria impossível saber com certeza qual seria o trabalho, pois hoje nada que ela faz tem alguma relação com ensinar. É provável ser relativo ao aprendizado espiritual, pois nessa época Gabriela estava procurando ler e conhecer mais sobre o assunto - quem sabe possa estar relacionado com a mediunidade, cada dia mais desenvolvida...

O eunuco

Quando chegou para esta sessão, Gabriela relatou estar se sentindo bem melhor, mais calma e tranquila. Diz ter inclusive parado de fumar e tomar café e isto a deixava mais disposta.

Uma vez que ela não relatou ter sentido nenhum problema ou sintoma sério durante o espaço entre a sessão passada e esta, resolvi iniciar a regressão indagando sobre o dom da pintura, onde ela aprendeu, e descobrir o porquê de alguma coisa estar bloqueando a sua vontade de continuar com a arte, pois esta era uma das suas queixas iniciais.

Onde aprendeu a pintar foi a pergunta que abriu o caminho para esta regressão.

Uma estátua, um estilo talvez grego ou romano, não sei, há um homem observando o próprio corpo, ele esculpe pedras. Usa um colete, uma camisa branca, agora está alimentando cavalos, sou eu.

Tenho 30 anos mais ou menos. Ando pelas ruas da cidade, observo as mulheres. Vejo agora um palco, estou atrás das cortinas, maquiando alguém, sou efeminado.

Há um local cheio de pilares, mulheres e homens embriagados, uma escada comprida e larga, terminando numa piscina, onde estão banhando um homem. Esta pessoa está conversando comigo, e oferece uma das mulheres para mim. Eu treino bailarinas, e por isso ele manda as meninas aos meus cuidados. É um homem muito importante. Gosto do que faço, trabalho com a arte, ensinando as dançarinas, esculpindo, fazendo peças e ornamentos em ouro, também sei pintar. Moro neste local.

Tenho as mãos dentro de um pote, estou esmagando uma folha de planta, e agora aplico num papiro, aprovo o que fiz. Parece uma pintura realizada com folhas amassadas. Também desenho no vidro com tintas grossas.

Vivo solitário. Meu pênis foi cortado.

- Volte para a sua infância, antes deste incidente, veja como era a sua vida...

Moro numa casa grande, tenho pai e mãe. Estou com mais ou menos 7 anos. Meu pai costura couro.

Vejo vários homens brigando, gritando, eles querem entrar na nossa casa. Estamos eu, minha mãe e minhas outras irmãs, corremos e nos escondemos debaixo da mesa. Eles arrombam a porta, entram e as levam. Estão matando minha mãe com um golpe de espada no estômago...

Sou preso num caixote fechado, preferia não acordar mais. Porém, estão me tirando, e ordenam-me dar banho nos camelos. Eu choro. O tempo vai passando, permitem que eu brinque com as outras crianças, fingimos que lutamos, usamos uma espada que mais parece um facão. O lugar onde estamos é desértico, há tendas, viajamos.

Estou agora em outro local, cercado por pedras, as pessoas vivem dentro de uma pedra, eles querem me ensinar a lutar. Ocorre então uma guerra, uma grande luta, e eu me escondo num buraco. A violência foi grande, as pessoas encontram-se caídas, ensanguentadas, mataram todos. Tenho 14 anos. Encontro um camelo e saio pelo deserto, observo a lua, um vento forte parece cortar minha pele. Tenho frio, creio estar doente.

Nesta jornada e com o estado de fraqueza, não percebo quando chega alguém, uma pessoa que está gritando um nome. Nabu! Nabu! Ergo os braços, ele vem me ajudar. Nabu era o filho deste homem, que se perdeu no deserto. Entretanto, esta pessoa cuida de mim, leva-me para uma cidade, até a casa dele, e passo a conviver com a família. Sinto-me atraído pela filha do homem, vou acostumando com a vida neste local. As pessoas

são artesãs e mercadoras, existem escravos nesta época, as moças fazem tapetes e os homens vendem o produto. Aprendo a tecer também, somente para ficar próximo à jovem.

Vamos para um lugar, uma casa com muros altos, acho que vamos comercializar. Há varias mulheres bonitas, fico muito excitado. Um homem pergunta para uma moça se eu sou do agrado dela. Sim, ela responde. Não deseja os tapetes, quer me comprar. Não entendo o que está acontecendo, mas não posso fazer nada. Os rapazes que vieram comigo dizem para ter cuidado, e vão embora. Alguns homens me obrigam a beber, eu não quero, eles forçam. Estou meio tonto, eles me despem e cortam abaixo do meu pênis. Dói muito, reclamo, sou deixado num quarto fechado.

Existem guardas no local, eles dizem para eu parar de protestar, falam que não é nada. Sou um escravo da mulher que me comprou, tenho que me acostumar. Rebeca me trata como um brinquedo: faço as vontades dela, estou sempre próximo, massageando, penteando... Constantemente ela me humilha, procurando me excitar, sabendo que não consigo.

- Não me acha atraente? provoca a moça.

- Não sei o que é isso, respondo amargurado, e deixando-a zangada.

Tem vários homens e mulheres aqui, já converso com todos. Vou cuidando dela à noite e de dia trabalho nos serviços que me mandam realizar. Colocam-me em trabalhos pesados, meus braços dóem, estamos construindo uma escada de pedra. Reclamo com Rebeca, acabo ficando doente. Há um homem muito estúpido, gritando com todos, ele quer que eu trabalhe, mesmo não estando recuperado. Sinto dores no ouvido.

Já tenho uns 30 anos, começo a ter algumas idéias de como trabalhar com arte, sem fazer muito esforço físico. Aprendo a usar as folhas e o papel, produzindo algumas obras e, com o tempo, as pessoas admiram meu trabalho. É uma espécie de colagem. Coloco várias folhas verdes em cima de um papel, sobreponho um peso, uso madeira e pedra também. As pessoas me pedem e cobram a aplicação desta técnica em outros materiais. Aprendo a colorir tecidos, trabalho com muitos materiais.

Alguém briga comigo, tem inveja deste meu sucesso e diz ter sido o autor das idéias. Eu estou bastante doente, mas continuo produzindo. Porém, ele não me deixa em paz. Brigamos, o homem, alguém que trabalha comigo, quer me jogar dentro de um caldeirão com tinta, não consegue, mas enfia algo pontiagudo no meu olho. Sinto-me como se enlouquecesse, estou me debatendo, bato a cabeça num lugar e desfaleço. Estou morto.

- *Há mais alguma coisa que você vê sobre esta vida?*

Descobriram o homem que me matou, cortam-lhe a cabeça. Muitos trabalhavam comigo, mas este parecia me ajudar mais que os outros. Era um amigo da Rebeca, estava aprendendo mas ficou com inveja de mim... Meu nome era Nafer, era judeu. Esta vida é anterior à vista na sessão passada. Morri com 35 anos.

Perceba, Gabriela, que você foi vítima de uma situação, onde foi castrada, não pôde amar ninguém, sentiu-se triste, cansada... Liberte-se de todo este sofrimento, estas dores e emoções. Perdoe as pessoas que lhe feriram e também quem a matou. Você pode fazer isso? A paciente responde afirmativamente e então continuo as relações entre esta vida, as outras vidas passadas e os sintomas apresentados na anamnese.

Liberte-se do medo de morrer cedo, morrer de repente. E também liberte-se da sensação de que ali não pôde ter prazer sexual, pois nesta vida era impossível sentir prazer, e isto tem relação com a situação atual - perceba que hoje tudo é diferente, você não é castrada e deve se libertar deste trauma.

Não tema pintar, ser artista, expandir o seu dom. O bloqueio trazido por esta vida que acabamos de ver, onde a arte, mais uma vez, esteve relacionada com o sofrimento e a tristeza, não deve permanecer. Cada vez que você vai pintar, é como se algo lhe prendesse, lhe impedisse, porém não há a necessidade de defender-se.

Percebemos outra situação se repetindo: a vida em prisão, a liberdade cerceada, provocando uma reação de insatisfação, fazendo você procurar sempre estar em movimento na vida atual, não se fixando em nenhum local. Na medida em que você tomar consciência de que tudo passou, não acontecerá mais, hoje é uma nova vida, e estas situações não pertencem a você, nada a impedirá de ter prazer, alegria, realizar a sua arte, ser livre.

Aprendendo a jogar runas

Nesta sessão, Gabriela relatou estar muito irritada nos últimos dias, porém já conseguia dormir bem. De maneira geral, sentia-se mais ponderada, mais consciente dos seus deveres para consigo mesma.

Procuri, desta vez, entender por que a paciente teve que passar pela vida onde foi castrada, e perguntei sobre o que originou todo este sofrimento.

Há um homem sobre a cama, ele tem dores nas pernas. Este homem sou eu. Trabalho forjando o ferro, faço armas, espadas, outras pessoas me auxiliam numa oficina. Moro aqui também, tenho um quarto. Não me sinto bem, não sou feliz. Quando saio pelas ruas, vejo muitas pessoas mutiladas, imagino que minhas armas são usadas para matar as pessoas. Mas este é meu trabalho.

Tenho 30 anos. Minha oficina cresce, está bem maior, eu ensino as pessoas a fazer armas e armaduras. Estamos em guerra, as pessoas colocam, experimentam, eu faço e instalo os capacetes. Ele não sai da cabeça enquanto a pessoa não volta. Experimento um capacete e me sinto sufocado. Existem reclamações que estas peças estão matando os soldados sufocados, por isso idealizo um novo modelo, onde é possível a abertura. Alguns guerreiros estão revoltados, têm medo. Trabalho bastante com meus homens para fazer novos modelos, fabricamos um onde não há a proteção para os braços e as pernas. Não é possível lutar com tanto ferro, com tanto peso...

Entro num salão lotado por pessoas doentes, feridas e mutiladas. Vejo homens agonizantes, detesto esta imagem caótica e deprimente. Os líderes dos soldados que encomendam minhas armas dizem que estou com o coração mole, por ficar visitando os feridos, querem me obrigar a fazer um trabalho mais duro, onde demonstre minha valentia. Aceito o desafio e começo a treinar para a luta.

Sou enviado para um campo, não quero matar, mas é isso que devo fazer. O campo é invadido por guerreiros, nosso inimigo usa um capacete estranho na cabeça, com chifres, são ferozes e utilizam armas diferentes. Gritos, choques das armas, feridos, sangue - não quero reagir. Eles combatem como uma turba enfurecida, um homem é o líder, ele segura uma espécie de bola com espinhos e avança sobre nós. Ele vem girando esta arma, cada vez mais próximo, fico observando os guerreiros avançando, não posso me movimentar. Algo me atingiu a perna, foi aquela bola, tenho uma sensação estranha, caio no chão. O ferimento é feio, há muito sangue, porém não tenho tempo de observar o corte - há uma confusão de cavalos, gritos enfurecidos ao meu redor.

Meu povo foi dizimado. Os homens com chifres na cabeça examinam os corpos, todos estão mortos, somente sobrou eu. O líder me observa estranhamente, conversa com seus companheiros, parece dizer que não quiz lutar. Procuo entrar em contato com eles, através de gestos. Eles não me ferem. Levam-me embora numa carroça, até uma cabana. Um homem, talvez um curandeiro, tem uma pedra vermelha na mão, ele a prende no meu pé, serve-me um caldo quente, amarram ervas na minha perna.

Procuo entendê-los e dialogar. Com o tempo, vou me recuperando do ferimento, mas tenho que usar uma bengala como apoio. Viajamos, vamos até o mar, sobre uma rocha algumas pessoas fazem um jogo com umas pedras, solicitando uma intuição para saber qual o melhor roteiro para a jornada. Não acredito no que fazem.

Neste momento, já conseguimos nos entender. Eles me explicam a mitologia deles, no que acreditam, dizem que se uma única pessoa no meio deles tiver medo, deverá ser afastada do grupo. Falam-me do Deus que eles acreditam, explicam que existem pessoas que procuram fazer o mal e devem ser destruídas. Dizem que devemos viajar.

Chega um mensageiro. Ele aponta em minha direção, e diz que o povo do lugar de onde vim está se preparando para nos

atacar. Devemos partir, entramos todos num navio, atravessamos tempestades, eles são orientados pelas pedras, aquele jogo de adivinhação, sobre a melhor rota a seguir.

Chegamos em terra firme. Homens enormes, com cabelos avermelhados, usam saias. Perto da praia, passamos por uma passagem, um túnel escondido por entre as folhagens, até chegarmos ao templo.

Todos prostram-se ao chão, orando, gritando aos céus, reverenciando aos deuses e agradecendo o regresso. Fico impressionado com a habilidade em prever o futuro através das pedrinhas, penso em aprender a técnica e ensinar ao meu povo.

Com o tempo, eles vão me ensinando. Dizem que podemos prever, mas não modificar os fatos, as pedras são uma forma de alertar contra um perigo eminente e não adianta perguntar coisas sem necessidade. Ensinam que vidas estão em jogo, e as vezes Deus usa o homem como instrumento até para tirar vidas, pois em certos momentos, quando é dado tempo para certas pessoas, a humanidade corre o risco de extinção.

O assunto me fascina. Quero aprender cada vez mais. Leio os manuscritos, entro em contato com a magia negra também. Meus orientadores não aconselham praticar este caminho. Contam-me sobre as lendas e crenças.

Uma delas diz que em tempos passados, os anjos estavam guerreando nos céus, e precisavam ser expulsos, pois estavam estabelecendo a discórdia entre o bem e o mal, e isto não era permitido por Deus. Assim, eles descem à Terra, incentivando o homem nas práticas erradas, procurando levá-los à destruição. Sentem uma grande inveja dos homens, porque acham que estes foram agraciados em demasia por Deus.

Estes anjos maus ensinam aos homens como construir armas e, ao mesmo tempo, instigam a rivalidade entre os povos, gerando guerras e sofrimentos.

Outra lenda diz a respeito de um salvador, o maior espírito de caridade que virá até nós. Procuo saber mais, quero ver os anjos, mas eles não permitem. Para que isso aconteça, explicam, é necessário a dedicação de anos e anos aos estudos,

permanecer com o coração puro e, sobretudo, não é a sede do saber que nos dá o poder de estabelecer este contato, e sim o merecimento. Fico revoltado ante à recusa deles em não permitirem um maior acesso aos conhecimentos. Sinto o espírito raivoso dentro de mim, não compreendo por que eles querem monopolizar este saber, e então uso as forças da magia negra para invocar um anjo.

A noite está negra, não há lua, adormeço. Meu sono é povoado por um pesadelo: muitos cavalos correm dentro das labaredas, pessoas têm os corpos consumidos pelas chamas, o cheiro de carne queimada está em toda parte. Um homem me oferece presentes, e diz que as pessoas no fogo estão mortas, mas não se libertaram da dor - elas foram vitimadas em situações onde o fogo e a agonia estavam presentes. Diz também possuir um exército e me parabeniza por ter chegado até ele. Sinto como se houvesse outros anjos me chamando de volta à Terra, e acordo.

Minha cabeça está confusa: não posso contar a ninguém sobre meu sonho. Coloco-me a desenhar na areia. Entre os traços imprecisos, surge a imagem de um olho, é uma figura que vejo com frequência nesta vida presente, através dele o mal pode enxergar a Terra, e eu posso dar passagem a eles, me dizem.

Após esta comunicação, não consigo parar os contatos, os espíritos começam a me ordenar certas coisas, eles pretendem ter filhos com as mulheres deste povo e minha cabeça vai se transformando. Minha vida entre as pessoas parece normal, ninguém sabe minha ligação com a magia negra. Entretanto, começo a pensar em traição para com os homens que me ensinaram a jogar as pedras, os homens de boa índole.

Seduzo a mulher de um dos líderes - como eles têm confiança em mim, não é difícil me aproximar dela e a levar para a cama. A moça engravida, o marido pensa que é dele, eu disfarço a situação e ninguém percebe.

Não é possível enganar as pedras. Os videntes dizem que há um traidor no grupo, e haverá um teste para determinar quem é esta pessoa. Uma brasa será passada pelas mãos de todos,

os justos não serão afetados, porém o traidor aparecerá. O teste me denuncia, sou acorrentado e escravizado - este é o castigo para os criminosos. Sou obrigado a remar nos navios até a morte.

Estou num lugar fechado, muita gente ao redor, é noite, durmo agitado. Sonho e recebo uma mensagem. Não são os anjos maus. Mostram-me minhas falhas, justamente no momento em que estava indo bem resolvi saber mais que o necessário e agora não tenho mais escolha. Peço clemência, dizem-me não existir dois caminhos. O mal não se deve praticar, apenas tomar conhecimento, ensinam-me. A medida em que se estuda o bem, maior será a distância do mal.

Vozes, gritos e gemidos horríveis desabam sobre mim. Abro os olhos, estou morrendo. Os maus espíritos estão me esperando... É um lugar cavernoso...

- *O que mais você pode ver sobre esta vida. Há mais alguma coisa?*

Sim, há uma voz, como um bicho rosnando.

- *Chame esta voz, vamos conversar com ela.*

Nós somos deuses, vocês são as marionetes. Você deve continuar a ser uma boa filha, continuando a nos servir. Não adianta lutar contra, eu destruí sua família. Quando você estava com o sentimento de raiva contra sua mãe, deu espaço para que eu entrasse e pudesse agir, foi fácil. Mas você não quis aprender mais... Quer ser boa, não é? Então vai resistir a todas as tentações, porque ainda está nos dando passagem, podemos senti-la, não é você quem nos sente. Você é muito fácil de ser usada, mas é medrosa...

Era mais um espírito obsessivo, movido apenas pelo instinto de prejudicar as pessoas. Procuro esclarecer a entidade, mostrando-lhe que agora não havia mais espaço para ele atuar, porque Gabriela estava transformando, estudando e tinha forças suficientes para não deixá-lo interferir. Falo que há outros caminhos; assim como a paciente foi progredindo durante

as encarnações, ele também tem a mesma oportunidade, basta querer. Explico a necessidade dele parar de sofrer, pois o pouco prazer provocado pelo mal não compensava toda a amargura e angústia sentida neste caminho errôneo. Peço a presença dos espíritos de luz, nossos protetores, e conseguimos o desligamento.

Então, pergunto à paciente se há ainda algo que ela sente ou quer falar, e diante da resposta negativa, início as relações.

Mais uma vez teve o dom artístico, nasceu com o poder de trabalhar com a habilidade manual, e não conseguiu usar da melhor forma o talento. Veja este lado sempre cortado por situações trágicas, assim como nesta vida presente, ocorreu o tiro na sua coluna. Porém, perceba que, mesmo estando com as pernas paralisadas, ainda é livre para se expressar artisticamente, e nada deve impedi-la de prosseguir com este dom que há dentro de você. Também usava a sua arte para fazer armas e com isso causou mortes e sofrimento, daí isto lhe gerar culpa - veja que hoje, com sua arte, você não quer causar mal às pessoas e sim o bem, o prazer.

Outro fato comum, encontrado também em outras vidas: o abuso sexual. Quando você seduziu aquela mulher, sem amor, seguindo um instinto maléfico, premeditado, traiu não somente o marido dela, mas também todas as pessoas que lhe deram guarida e confiança - não valorizou tudo o que fizeram por você, o estudo que lhe possibilitou entrar em contato com energias até então desconhecidas.

Deste modo, pelas suas atitudes, não pôde voltar e ensinar seu povo a sabedoria que adquiriu, pois preferiu abusar do conhecimento, buscando o mal, renegando os conselhos. Novamente o orgulho e o poder falaram mais alto. Veja que este traço na sua personalidade é trazido desde esta época antiga até hoje. Entendemos agora o porquê das sombras escuras te seguindo. Ao mesmo tempo em que a prepotência lhe acompanhava por outras vidas, as sombras também estavam lá, ao seu lado. Você mesma desejou compactuar com estes seres e eles estão consigo até hoje.

Há também a explicação da sua vontade de estudar nesta vida presente, sem conseguir. O aprendizado foi utilizado de forma errada, e aí está a relação cármica. Veja quantas situações deste passado são presentes agora também: ao interferir numa família, engravidando uma mulher comprometida, recebeu a rejeição da sua mãe, na vida atual. Perceba também

que aí se originou o dom premonitório através das pedrinhas e o primeiro contato com a crença em Deus. O medo de lugares fechados está presente... Liberte-se destes lados negativos agora.

Se hoje o seu lado artístico está bloqueado, foi porque enveredou pelos caminhos errados, morrendo sempre tragicamente, e nas vidas subsequentes teve a oportunidade de melhorar, mas não aproveitou. Matou, se suicidou, aprisionou, foi aprisionado, usou muitas vezes do poder e do autoritarismo. A culpa lhe faz sentir sem valor algum, a exigência pela perfeição é sua defesa contra o medo de errar novamente.

É um lado positivo: você não quer cometer as mesmas faltas, por isso perdoe-se neste momento. Se erros cometeu, é chegado o exato momento de se libertar deste passado, compreendendo que errar é humano. Confie que aquelas entidades que lhe seguiam não mais estarão consigo, pois você não permitirá isto. Hoje procura a mudança, está mudando, não quer mais aqueles defeitos, e conforme vai aprendendo, progredindo, sua vida em geral irá melhorando. A lei da causa e efeito é justa: matar a si ou ao próximo, estuprar, fazer o mal, traz consequências. Quando a gente aprende a perdoar indiscriminadamente, quando modificamos o lado negativo da personalidade, vamos purificando nossos caminhos futuros.

Liberte-se de tudo isso agora, pois cada vida é uma nova chance para fazer melhor, para progredir. Não voltamos para repetir o passado, e sim para transformar este passado. Hoje você está fazendo tudo com habilidade, está estudando e procurando a cada momento ter mais consciência e sabedoria, e assim nada a impede de sentir-se melhor.

Outras mortes prematuras

Nesta manhã, ao entrar no consultório, Gabriela estava um pouco aflita. Tivera pesadelos durante a noite, pesadelos estranhos e aterrorizantes. Estava vendo um cadáver no banheiro, quando um homem negro entrou repentinamente, dizendo estar a sua procura há tempos. Ele ameaçou, falando que se não o acompanhasse, deixaria o defunto lá. Gabriela o conhecia, mas não sabia quem era... Disse também ter sentido dor-de-cabeça constante, durante a semana. Iniciamos a regressão, procurando as origens para o pesadelo.

Uma cadeira antiga num quarto de madeira, muitas formigas, elas não param de sair do chão, deve ser algo embaixo do assoalho. Uso o cabo da vassoura contra a madeira do piso, um som estranho retorna: algumas partes parecem ocas, outras sólidas. Uso uma peruca branca cacheada, há outra igual sobre um móvel. Os escravos negros, semi-nús, trabalham na plantação sob um sol escaldante. Observo a casa, grande, de madeira, uma bela casa.

Sou a filha do dono da fazenda. Sou moça, tenho avós, e moro com meu pai. Minha mãe teve um caso com um negro e fugiu, quando eu era adolescente. Contam-me sobre o que aconteceu com minha mãe, mas ninguém viu realmente. Desde então, meu pai é um homem cheio de rancor, não me trata bem, é rude.

Tenho agora uma madrasta, ela me trata bem, mas não gosto dela, não sinto nenhuma simpatia. Seus olhos são maliciosos, não inspiram confiança.

Estou curiosa com o chão da casa, espeto um galho de árvore dentro de um buraco entre as tábuas, aquela quantidade de formigas me intriga. Meu pai e sua amante entram, falam para deixar os insetos em paz, porém retruco que elas podem atacar.

- Você não pode acabar com elas, dizem.

- Vamos jogar água quente!

Eles dizem não ser necessário.

Não desisto, principalmente após sentir um cheiro estranho. Chamo um rapaz da plantação, peço que retire uma das tábuas do assoalho. Encontramos um cadáver de uma mulher, só tem os ossos, era a minha mãe. Assustada, falo para ele fechar novamente, mas ele diz que não se pode deixar um corpo assim, pois o espírito fica solto; devemos enterrar pois a terra é mágica. Eu o chamo de Zulu. Falo para mais alguém ajudar, enterramos na plantação, não sem antes retirar uma correntinha do pescoço. Os negros são supersticiosos, dizem que pode estragar a colheita.

Choro muito, emagreço, fico com os olhos fundos. Passo a usar um vestido da minha mãe, faço o mesmo penteado. Tenho um maior contato com os escravos, ocupo-me aprendendo coisas

com eles. Meu pai e minha madrasta viajam durante meses e, quando retornam, trazem um filho. Isto me deixa muito revoltada, não o aceito, tenho raiva deles todos. Meu pai discute comigo, diz que estou me tornando como a minha mãe, andando somente com os negros, mente outra vez, dizendo ter ela fugido com um escravo. Não aceito, mostro-lhe a correntinha, e ele me vira as costas, não encontra palavras para explicar.

Temos depois uma conversa franca, onde ele relata o que aconteceu realmente. Diz ter sido minha mãe uma mulher muito meiga, mas ele gostava de maltratá-la, ser rude principalmente quando mantinham relações, esta era uma grande fonte de prazer para ele. Mas certa vez ele bateu muito, ela não reagia como ele desejava, então bateu mais forte e ela morreu asfixiada pelas suas mãos. Não sabendo como explicar para as pessoas, escondeu o corpo e inventou a história do amante escravo. Chamo-o de sujo, não aceito o que aconteceu.

Não vivo durante muito tempo. Minha madrasta cria intrigas com o meu pai, diz que os escravos em pouco tempo se revoltarão sob meu comando, ela teme que eu vá herdar todas as propriedades e não deixar nada para ela nem para a outra criança.

Um dia estou no mato, e ela atira na minha cabeça.

- Você pode ver mais alguma coisa relativa à esta vida?

- A minha mãe desta vida atual é a madrasta. O Zulu é o meu amigo Paulo de hoje.

Quando perguntei novamente à paciente se ela percebia alguma outra imagem ou sensação a respeito desta última vida, a resposta foi negativa. Iniciei as correlações, explicando:

Veja que nessa vida passada você foi boa, muito mais humilde que nas encarnações vistas anteriormente: foi o seu caminho de evolução, um sinal de que já começara a evoluir, deixando alguns dos erros espirituais para trás. Compreenda que o sonho, ou melhor, o pesadelo que teve nesta semana, onde um cadáver aparecia, agora tem explicação. Foi um “sinal” de uma vida passada aflorando.

Conforme você narrou, Gabriela, morreu com um disparo na cabeça, ocasionando hoje as frequentes dores-de-cabeça - liberte-se disso, liberte-se desta dor que lhe acompanha e também do pesadelo. A tristeza e a raiva da família sentida nesta encarnação passada fazem com que você, hoje, seja muito nervosa - deixe essas emoções negativas, desligue-se desse passado.

Sendo a madrasta a sua mãe atual, como você intuiu, encontramos explicações para o relacionamento tão conturbado, o clima de constante enfrentamento, animosidade, de uma contra a outra - os problemas provém de outras vidas e, por isso, você tem possibilidade de compreender melhor, aceitar e perdoar sua mãe - todos cometem erros e durante as diversas vidas temos chances de resgatá-los. Você pode perdoá-la? Sim, responde Gabriela. Pois bem, agora compreende o porquê dela ser a pessoa que é... Veja também que o seu amigo Paulo foi identificado como o escravo, um espírito amigo que a acompanha desde tempos remotos - as relações de amizade recíproca estão aí definidas. Perdoe também este pai, homem com sentimentos rudes, que não soube lhe dar carinho, mas serviu como um instrumento para o seu progresso.

A medida que for se libertando desta raiva contra a família, da dor, da tristeza e melancolia, perceberá que mais esta vida foi um caminho de evolução, onde sábias lições foram tiradas, principalmente a necessidade da humildade, esta virtude tão sublime.

Fizemos uma parada para o almoço e à tarde retornamos à sessão. Procurei usar o tema da dor-de-cabeça para levá-la à regressão, pois já havíamos visto as causas para os pesadelos. Ela não conseguia ver nada. Pedi então para ela procurar algum momento passado que tivesse relação com a impossibilidade de andar nesta vida presente e, então, ela se transportou até o Egito...

Um barco vira com pessoas dentro, algo morde minha perna! Há cavalos, carros leves, são pessoas que vêm me ajudar. Foi um crocodilo, e então passo a usar somente uma perna.

- Volte para antes deste acidente.

Vejo um lugar cheio de estátuas, onde estão representados seres diferentes: uma cobra com asas, mulher com cabeça de pássaro. A região é desértica, algumas partes são bonitas, com terras boas, um rio... Plantam trigo, existem cavalos e camelos. Sou um menino, tenho aproximadamente 10 anos.

Os anos vão passando, já sou um rapazinho, e escrevo nas rochas, desenho figuras, vou contando a vida da sociedade através da escrita: os banhos das mulheres, o uso dos animais, a dança egípcia, é a nossa maneira de contar a história.

Estou fazendo um túmulo, escrevo nas pedras, existem homens sábios conosco. Um grupo de pessoas é encarregado desta parte do trabalho. Meu pai também faz a mesma coisa. Carregamos materiais para dentro da pirâmide que construímos, uma pedra é colocada para fechar a entrada, muitos homens estão conosco.

Uma mulher quer entrar, quer ter acesso à câmara, eu permito. É noite, está tudo escuro, eu deixo, pois ela me promete trazer algumas peças de ouro. Ela faz algo, a entrada se fecha. Ouço seus gritos cada vez mais abafado, não há como ajudá-la. Saio correndo deste lugar, vou até o rio, começo a beber - não posso dizer que permiti a entrada dela e então bebo bastante, para todos pensarem que passei a noite alcoolizado.

Estou num barco, ele vira e um crocodilo morde meu pé. É o momento do acidente: sou ajudado, tenho febre e a cabeça esta dolorida. Ainda posso ver o rosto dela e os gritos...

Um homem poderoso chega, um faraó, e me pergunta sobre a esposa. Não consigo proferir nenhuma palavra, o medo me domina. Alguém chega e fala que a pedra está fechada. Eu era o responsável, e deixei a esposa do faraó entrar. Ele me aperta o pescoço, morro asfixiado.

- Você vê mais alguma coisa?

Há alguém aqui, é a mulher do faraó.

Faço então todo o trabalho de desligamento, pedindo que ela a perdoe, mostrando à entidade que ela também errou, pois foi ela quem insistiu para

entrar - foi gananciosa. A medida que a situação vai se esclarecendo, ela aceita ir embora.

Então, a paciente diz estar sentindo duas mãos lbe apertando, são as mãos que causaram sua morte. Diz ser um vulto negro, rosnando. Nós conversamos bastante com esse espírito, o faraó, e ele diz não aceitar a negligência daquele trabalhador. Pedimos perdão, ele acaba aceitando o término de tudo, a mudança da situação, e também se retira.

Faço a correlação.

Perceba mais uma morte envolvida com o sentimento de culpa, por ter deixado a mulher entrar num local proibido, onde você era a responsável. Esta falha gerou não só a morte dela como a sua também. Liberte-se dessa culpa, pois não teve a intenção, apesar de ter desrespeitado uma ordem e ter sido movido pela ganância de ganhar algum ouro. Liberte-se deste lado da cobiça, compreenda que errou mas deve se perdoar. Por outro lado, como foi responsável por mortes em vidas anteriores, morrer assassinado foi também um efeito, uma forma de resgate.

Depois do acidente no rio, teve febre e dor de cabeça, em decorrência da bebedeira também. O vício da bebida mais uma vez é relatado: sempre que as situações difíceis começam a acontecer, sua fuga é em direção ao álcool. Liberte-se disso agora, liberte-se da dor de cabeça, sintoma apresentado nesta vida presente, como também da falta de ar do momento da morte. Perdoe-se pelas suas falhas, por ter descumprido seu dever, por ter bebido, ocasionando o acidente - tudo isso acabou.

Nesta vida estava outra vez desenvolvendo o talento artístico, interrompido prematuramente. Outra razão para o medo de pintar atual. Compreenda que nesta vida você foi uma pessoa boa, não deve trazer a culpa consigo. Não é necessária a sensação de que sempre que desenvolve alguma forma de arte, a vida é trágica, acaba em morte, liberte-se disso agora. Tudo já passou, você nasceu novamente, num corpo novo e em novos contextos, portanto nada mais disso deve permanecer em você.

O suicídio sempre presente

A capacidade mediúnica da minha paciente estava sempre a florada. Quando chegou para esta sessão, relatou outra série de sonhos que teve, e estes sonhos, muitas vezes são o indício de

vidas prestes a se revelarem - naturalmente, o próprio inconsciente acessa aos dados latentes de uma situação passada, dando-nos a chave para o início de uma nova regressão.

Além dos sonhos, têm-se sentido nervosa algumas vezes, além de estar com uma alergia que vem incomodando há algum tempo. Por outro lado, a confiança em si mesma que vem aumentando progressivamente, está lhe trazendo novo ânimo para ir atrás das coisas que deseja, e Gabriela está fazendo isso com muita desenvoltura. Após conversarmos sobre as novidades, voltamos ao teor dos sonhos, para iniciar a regressão. Um em específico tem ocorrido com insistência nos últimos dias, onde Gabriela se vê correndo por uma casa enorme, perseguida por um homem, e então tem a idéia de se atirar por uma janela...

Vejo uma casa de três andares. Há um homem usando uma cartola, é morador desta residência. Existem outros empregados, uma governanta também e eu sou filha deste senhor. Tenho uns 10 anos e vivo uma infância feliz. Brinco, meu pai e a governanta são carinhosos para comigo, tenho sonhos de crescer e ficar bonita.

Um rapazinho me acompanha no trajeto da escola para casa. Na porta, ele me dá um beijinho, fico desconsertada, mas contente. Entro correndo em casa, meu pai segura um cinto e manda eu ir para o quarto. Ouço ele conversando com a governanta, ordenando minha reclusão, e então eu choro. Por que não posso ter liberdade? Decido fazer uma greve de fome. Mariette, a governanta, diz para comer escondido, não quero.

- Até quando vou ficar trancada aqui? Só porque sou mulher não tenho direito a nada?

- É, nós temos que nos conformar dentro de casa.

- Conformer-se com o quê? Com a prisão, feito um animal?

Começo a chorar.

Passado algum tempo, meu pai vem conversar comigo. É um homem bom, porém autoritário. Quando minha mãe foi embora, diz ele, só restou eu, e não vai suportar me perder. Minha

vida continua cerceada, ainda por cima adquire uma alergia de poeira. Não conheço quase ninguém, tenho 15 anos, tenho raiva por viver trancada. Nesta época, meu pai começa a beber, torna-se inconveniente e certo dia procura se aproveitar de mim.

Chamo-o de nojento, nós nos agredimos, ele cai, bate a cabeça e morre. A partir deste momento, passo a conviver com a governanta, ela se torna minha melhor amiga, saímos para passear e ir à igreja. Conheço um rapaz, namoramos, gosto da novidade, o moço é carinhoso. Meu maior problema é a alergia, nunca passa, tenho que tomar alguns banhos medicinais, mas a coceira está sempre presente.

Casamos, e vamos morar na mesma casa do meu pai. Fazemos uma festa, mas estou irritada porque gostaria de casar na igreja e o rapaz não quis. Eu o evito certas noites devido à coceira, e passamos a dormir em quartos separados. Meu marido começa a dominar tudo: sente-se como um dono do lugar, manda nos empregados, toma conta de tudo. Mariette, a governanta, já está idosa, cai da escada, torce o pé e fica doente. O médico diz que o sangue não circula perfeitamente, e o corpo vai apodrecendo. Minha amiga diz ter visto meu pai antes de cair, e recomendou rezar algumas missas para ele. Em pouco tempo, morre. Não tenho mais prazer em fazer as coisas, sinto como se meu pai ainda estivesse ali, meu marido também procura me controlar e com isso me acomodo com a situação infeliz.

Estou com um livro nas mãos, leio para as árvores, para a natureza. É um diário. Encontro um rapaz, conversamos, ele diz ter um lugar onde se ensina as crianças a recitarem poemas, como um teatro, e me convida a ir até lá. Nem vejo a hora, vamos para um local aberto e arejado e então ele pergunta se quero ajudar no trabalho com as crianças. Aceito, marcamos o encontro para o dia seguinte e vou para casa.

Ouçoo um som de música, mas não há ninguém. Subo as escadas, meu quarto está trancado, procuro meu marido no quarto dele, encontro-o estranho; diz querer dançar e me agarra. Assusto-me com esta atitude e escapo dos seus braços. Recla-

mando do meu senso de humor, repreende o horário que eu havia chegado. Conto onde estive, mas ele retruca, dizendo que esta não é uma atitude normal. Mais este controle torna-se inaceitável para mim e o confronto, dizendo que irei me encontrar com aquele grupo, quer ele queira ou não.

Acordo cedo no dia seguinte, meu marido saiu, coloco um vestido e me preparo, mas uma senhora, empregada da casa, diz que não vou poder ir, pois o patrão disse que eu estava excessivamente nervosa e deveria descansar. Estamos na cozinha, ocorre um acidente: uma chaleira de água fervendo cai no chão, queimando nós duas. Meus pés ardem bastante. Penso ter este acidente alguma relação com meu pai. Eu e a empregada nos entendemos, e combino sair, mas voltar cedo, antes do regresso do meu marido. Assim, posso ir até ao local e participo da aula para as crianças.

Volto para casa e minha alegria desperta desconfiança. Há muito tempo minhas atitudes eram soturnas, introspectivas, meu marido não gosta do meu jeito. Eu também, cada vez mais, vou me irritando com as maneiras dele: conversando com a empregada, ela começa a me alertar para a avidez com que ele trata nossas propriedades - no fundo, parece somente estar interessado no dinheiro, um dinheiro conquistado pelo trabalho do meu pai.

Continuo trabalhando com as crianças, meu marido descobre e se opõe. Vou me apegando nesta função de auxiliar os pequenos, sem que ele saiba - prendo-me na alegria, na energia da infância que não tive, e acabo tendo uma idéia onde poderei ajudar de forma mais efetiva: usar a minha casa, tão grande, como um local, um abrigo para os meninos.

No entanto, há um problema: para isso, preciso da assinatura do marido, e com certeza ele não concordará. O pior, ele quer ter filhos, mas eu desejo me separar.

A alergia nunca me abandonou, vai piorando, sob o pretexto da necessidade de um tratamento, sou obrigada a permanecer em casa - a construção onde moro é de madeira, e parece que ela provoca a alergia. Algo está errado, vou terminar a vida assim? Fico revoltada.

Fujo pela janela, quando retorno está um rebuliço, todos me procuram, a empregada diz estar o patrão completamente transtornado, pois me viram na cidade. Encontro meu marido e discutimos aos berros. Grito, reclamo das minhas mágoas, da falta de carinho, de ter uma vida reclusa, sem atrativos, e ele responde ter sido eu a culpada, por nunca ter dado a oportunidade de termos uma vida afetiva. Quero dar tudo às crianças, estou histérica. Corro para o quarto e me tranco.

A porta está cedendo. Ele está tentando arrombá-la, diz que vai me arrebentar toda. Olho para a janela. É uma altura considerável. Salto. Minha cabeça dói muito, há muito sangue. Tenho quase 30 anos.

- Há mais alguma coisa a respeito desta vida?

Sim, estou vendo o meu pai. Ele diz ter ficado com dó quando viu eu cometer a atitude extrema, e por isso resolveu ficar por perto para auxiliar, impedir que eu faça coisas erradas.

- Sim, é uma atitude louvável, porém diga que esta vida acabou, você já teve diversas outras, está seguindo o seu caminho de evolução e ele também deverá seguir o dele.

- Sim, diz a entidade. Entendo. Somente vendo a vida como foi, compreendo a visão da minha filha, compreendo não ter sido um pai carinhoso e prestativo e estou arrependido, pois também errei.

- Então aceite o auxílio dos mestres de luz, eles lhe guiarão e mostrarão o caminho. Perdoe esta filha pelos erros cometidos, e ela também te perdoa.

O espírito aceita deixá-la, e então pergunto se a paciente ainda vê mais alguma coisa.

- Aquele rapaz, a pessoa que me convidou para auxiliar as crianças está aqui. Sou seu mentor, diz ele.

Ainda é época de aprendizado. Você veio a essa vida como uma criança sofrida para se purificar, porque já causou

muito mal aos pequenos, em outras vidas. O suicídio, mais uma vez, interrompeu o caminho natural do seu desenvolvimento, por isso é necessário reparar este erro. O seu marido desta vida passada também está hoje na Terra, e junto com a família dele, cuidam de instituição para crianças.

Você, Gabriela, está indo devagar, exatamente como é necessário, pois cada detalhe é importante na formação do caráter; quero lhe deixar agora minha benção...

A paciente diz ter sentido, neste momento, uma energia maravilhosa. Pergunto novamente se ela percebe mais alguma coisa, e sendo a resposta negativa, inicio as correlações.

Insisto no ponto já mencionado pelo mentor: o suicídio. Veja, esta é a causa das suas dores de cabeça constantes - mais uma vez se atirou, esfacelando seu corpo na queda, assim como ocorreu na vida em Portugal. Liberte-se definitivamente dessas dores, também liberte-se da culpa por ter cometido o suicídio. A raiva e o rancor pelo pai e pelo marido não devem permanecer em você. Pode perdôá-los?

- Sim, posso.

Pois bem, perdoe-os, e perdoe principalmente a si mesma pela impulsividade, pela impaciência, compreenda ser você a única responsável pelas suas atitudes, pela sua vida, pelo seu desenvolvimento. Liberte-se da sensação de estar presa, vigiada, pagando por algum erro - hoje tem a possibilidade de usar toda a liberdade da melhor forma possível. Veja que ali teve um pai e um marido controladores porque eram necessárias pessoas assim próximas a você, pois havia um traço na sua personalidade a ser mudado. Tinha que aprender a ser mais humilde, aprender a perceber quando a situação não podia ser alterada, aprender a não se deixar dominar pelo orgulho e pela vontade própria imatura. A falta de consciência pôe a perder toda uma encarnação.

Mas, de qualquer forma, também teve atitudes positivas: a vontade de conhecer pessoas necessitadas, o desejo de trabalhar com as crianças, o desapego aos bens materiais lhe trouxe conquistas importantes. Também foi nesta vida que você conheceu uma pessoa que lhe protege até hoje: seu mentor. Por isso posso dizer que foi uma vida rica para você.

Liberte-se, então, dos sentimentos de raiva, orgulho, da culpa pelo suicídio, e também do problema da alergia, liberte-se da sensação da morte

prematura, hoje você é livre para se expressar, para ajudar, para trabalhar, para estudar... Esta sensação de nunca dar certo no lado sentimental, de ser mal-amada e também não amar verdadeiramente também não deve permanecer contigo. Você é inteiramente livre para caminhar e se desenvolver nesta vida...

Crimes hediondos

Nesta sessão, minha paciente disse não ter sentido mais a alergia, presente até pouco tempo atrás. Na verdade, estava numa fase muito positiva, onde a maior parte dos sintomas apresentados anteriormente não se manifestaram mais: os pesadelos sumiram, sentia vibrações boas, positivas, ao invés da sensação de estar sempre em contato com sombras e entidades malévolas, enfim, estava muito feliz.

Mas havia uma causa principal para a sua alegria: Gabriela conseguiu alugar um quarto, iria se mudar no próximo final-de-semana - não precisava mais depender da ajuda do amigo, que lhe deixara ocupar a casa onde morava.

Mesmo sentindo uma energia ruim quando foi ver este quarto, não teve dúvidas: solicitou o auxílio dos mestres de luz, procurou saber o porquê daquela sensação. Mediunicamente, percebeu ser a presença de dois espíritos sofredores, que estavam no local. Com sabedoria, orientou-os e mostrou-lhes o caminho para se libertarem daquele local. Depois de terminado o trabalho, uma alegria, uma emoção de ter feito algo positivo a dominou. Ficou sabendo mais tarde, conversando com o dono do imóvel, que a sogra dele morreu naquele mesmo quarto, e também a esposa, alguns anos atrás, havia falecido naquela casa - Gabriela confirmou, desta forma, o porquê da sensação que sentiu.

Não tendo sintomas específicos para pesquisar na regressão, consultei minhas anotações e resolvi iniciar por um fato que me chamou a atenção: na comunicação recebida anteriormente pelo mentor, havia sido mencionado vidas ou situações onde a paciente causou mal às crianças. Em nenhuma das vidas vistas aparecia isto, e portanto era necessário descobrir o que aconteceu.

Um gancho em formato de mão puxando um feto. Parece um laboratório, com mesas, instrumentos cirúrgicos, vidros...

Uma mulher está morrendo de hemorragia, porém já retiramos o feto. O objetivo do aborto é a pesquisa; sabíamos estar no quarto mês de gestação e por isso o risco para a mãe era grande. É uma época difícil para realizar partos, não há muito tecnologia. Eu estou aprendendo a manejar o instrumento do aborto, meus companheiros querem que eu aprenda e riem...

- Volte para a sua infância, antes de estar realizando estas experiências.

Estou na Alemanha. Moro numa casa grande, o telhado é bem alto, tenho muitos irmãos. Chamam-me de Fritz. Ainda sou pequeno, tenho 5 anos, e brinco muito.

Agora tenho 10 anos, estudo num internato, tenho boas notas em pesquisa. Cresço, já sou adolescente, gosto de estudar anatomia. Uma das moças da escola engravida de um rapaz do nosso grupo, e como ela quer continuar os estudos, provoca o aborto. Entretanto, o feto não desceu, nosso professor irá retirá-lo e nós observamos a operação. Correu tudo bem.

Um navio, estamos viajando, chegamos à uma cidade onde devemos fazer estágio. Somos uma equipe de médicos, trabalhamos com pesquisa de fetos, placentas, sangue, nervos. Retiramos sangue, passamos por tubos, há um feto, cortamos a mãozinha e conservamos tudo num vidro grande. Enviamos muitas partes para outro lugar - eles matam propositalmente.

Fazemos um tratamento em mulheres grávidas, pensam ser vitaminas o que receitamos, porém é uma substância para provocar abortos, com vários efeitos colaterais. Algumas chegam a ter derrames e ficam paralíticas.

Não me preocupo nem penso no lado ético. Ganhamos para isso, e tem pessoas falando o tempo todo que é para o bem da ciência, que não há com que se preocupar. Já somos em maior número, estamos divididos em grupos e visitamos famílias com o objetivo de fazer a orientação pré-natal. Porém, em algumas gestantes provocamos o aborto - caso fosse em

todos, perceberiam, mas as famílias são pobres, se conformam facilmente.

Estou sendo orientado em como utilizar uma espécie de vara, que é colocada no útero e lá dentro se abre em dois, quando puxamos uma cordinha. Sua função é romper a placenta.

Há uma discussão. Um homem está desesperado, sua mulher morreu, mas ninguém liga para o sofrimento dele. Ele nos ameaça, diz que ficará atento, mas no fundo é um coitado: não pode fazer nada.

- Estamos aqui para ajudar as mulheres a terem os filhos, dizemos. Foi uma fatalidade...

- Seus carneiros, nunca morreu tanta gente!

Chamamos os policiais e o expulsam do local.

Algo está errado comigo. Começo a sentir nojo das coisas que vejo, há um número enorme de crianças e fetos conservados em vidros, decido ir embora. Mas antes, vou à uma demonstração de um novo equipamento, um ferro que é preso na cabeça do bebê, utilizado em alguns casos. Saio de férias e decido abandonar o grupo.

Conto para meu pai, quando chego em casa, todas as minhas dúvidas a respeito da profissão, no entanto ele afirma ser tudo isso parte do meu trabalho, e então respondo que é melhor eu procurar outro emprego.

Quero fazer outra coisa, estou traumatizado e não posso ver crianças. Mesmo assim, as mulheres grávidas vêm me procurar, pois sabem que sou médico e tenho conhecimentos. Não consigo, não quero saber de bebês e me chamam de covarde.

Vou tentar novamente. Com dois amigos, montamos uma clínica na casa do meu pai, e mesmo um pouco acovardado, realizamos partos naturais. Com o tempo, o negócio vai crescendo, chegam mais pessoas, já não fazemos apenas partos.

Há alguém muito ambicioso, ele financiou grande parte da nossa clínica, e está fazendo abortos. Nós o ajudamos. Um dia, uma moça morre na operação - sua barriga foi aberta e ela não resistiu. Começo a tremer, saio da sala, abandono a todos, procuro me desvencilhar dos colegas que vêm atrás de mim.

É como se uma loucura tomasse conta da minha mente, estou amargurado, saio sem destino pelas ruas e quedo-me sentado à beira de um rio. Algumas crianças aparecem, querem conversar comigo, xingo a todos, empurro alguns deles, um menino reage e atira uma pedra na minha cabeça.

O sol está quente, o sangue escorre pela minha testa, alguém chamou a família do garoto e eles cuidam do meu ferimento. Estou numa cama, o rapazinho senta-se e diz estar arrependido. Sinto-me estranho, não lembro de nada, estou abobado. Sou conduzido de volta para casa, meus amigos médicos querem operar, algumas recordações amargas surgem na minha mente: aqueles fetos, o pai desesperado. As dúvidas me corróem, sei que agi errado, mas muitos também faziam o mesmo - ensinaram-me a ser assim.

Não resisto durante muito tempo.

Morri. Mas estou vendo alguém aqui. É aquele homem que nos chamava de carneiros. Ele está enfurecido, diz que estraguei a vida dele e me odeia.

Foi necessário conversar muito, explicar toda a situação, que houve sofrimento também para o espírito do médico, que arcou naturalmente com a responsabilidade dos atos praticados, e depois de certa insistência da nossa parte, ele compreendeu e aceitou partir.

Em seguida, Gabriela diz que o mentor dela também estava presente e tinha algumas palavras a dizer:

Você teve a oportunidade de fazer um bom trabalho com as crianças, quando montou a clínica, pois a casa era do seu pai, ele apoiava a sua profissão, e não era necessário aceitar a influência dos amigos. Mas você se acomodou, não soube discernir o certo do errado.

Ainda é cedo para saber qual será a sua missão nesta vida presente, mas o importante é que você está se conhecendo.

Você tem muitas fraquezas, não tem um objetivo firme! É preciso adquirir mais conhecimentos, é preciso se limpar por

dentro, pois precisamos de um campo limpo para trabalhar - esta limpeza se faz renovando os pensamentos.

Você gostou das vibrações? *(A energia positiva sentida durante a semana)*

A sua terapia não vai demorar muito...

Início então as relações.

Muito já foi falado pelo próprio mentor. Liberte-se desta culpa por não ter usado a sua profissão com ética, prejudicando inúmeras pessoas. Veja mais uma morte antes do tempo interromper uma missão, é muito sério. Não houve um suicídio direto, porém suas ações causaram a sua morte. Por isso, liberte-se definitivamente da culpa, da dor-de-cabeça.

Você causou muito sofrimento às mães que perderam seus filhos, aos maridos que perderam as esposas, então perceba a necessidade de resgatar isso através de um trabalho com crianças, que até foi tentado na vida anterior, mas também não foi concluído. Ali naquela vida onde teve problemas com o marido, não houve demérito da sua parte, pois tentou auxiliar, lutou contra as adversidades, e ali começou a mudança, a aquisição de auto-confiança no sentido de fazer o bem ao próximo. Houve o suicídio, mas o momento agora é do perdão; perdão pelas atitudes erradas, pelas missões não cumpridas, perdão pelos traumas e angústias. Tudo é passado, não deve permanecer dentro de você, existe a oportunidade para o progresso, pois hoje é uma nova vida, novas situações.

Toda a culpa acabou - até no momento do seu parto, quando sua mãe teve muitas dificuldades, foi um sofrimento que veio para lhe purificar, mostrando-lhe o sofrimento que houve com os fetos, os bebês, as mães. Liberte-se de tudo isso.

Prostituição

- A minha mediunidade está cada vez mais aberta, já ouço, vejo...

Gabriela estava contente, não tinha grandes problemas, estava conseguindo, pouco a pouco, seus objetivos. Fisicamente, se exercitava bastante e viu, com alegria, a possibilidade de esticar os tendões, fato considerado improvável pelos médicos.

Porém, havia voltado à sua mente a imagem do marido acusando-a, culpando-a, aparentemente sem motivo. Assim, trabalhamos este aspecto na regressão.

- *Veja se já viveu com o Eduardo - perguntei.*

Parece um cassino, vejo uma mulher estimulando os jogos, é jovem e bonita. Tem muitos homens. Ela fica do lado do ganhador, e depois passa a noite com ele. Eu sou esta moça. Sou alegre, convido um homem para tomar um drinque.

Subimos as escadas, entramos no quarto, estou divertindo ele, enquanto lhe ofereço uma garrafa de bebida. Eu não bebo, somente estímulo as pessoas. Ele fica gostando de mim, mas não sinto nenhuma atração, saio com outros, escolho quem vai ser o ganhador da noite - existe uma armação no cassino, para que todos pensem que dou sorte. Gosto de ser desejada.

Volto para casa ao amanhecer, ainda está escuro. Não quero que meus admiradores me sigam. Moro numa casa grande, com três crianças, duas moças, um homem que mora nos fundos e minha avó. As moças e o rapaz são empregados, e as crianças são minhas sobrinhas, filhas da minha falecida irmã, morta num acidente de carruagem.

Minha avó, velha e doente, está confusa, pensa que fui eu quem morri.

Peço à paciente para voltar até a infância

Vejo uma casa de pedras, estou brincando fora com outras moças. Usamos roupas com jardineiras, os homens vestem camisas bordadas e tamancos. Minha casa é grande, iguais às outras da vizinhança. Somos três irmãs e um irmão e minha avó também está conosco.

Uma das minhas irmãs morre, e é ela quem toma conta de tudo: não dorme em casa à noite, comentaram que trabalha num prostíbulo.

Choro. Éramos muito unidas, ela morreu na viagem de inauguração de outra casa. Estava numa carruagem, com dois homens, eles brigaram, minha irmã desequilibrou-se e caiu, batendo a cabeça.

Minha irmã é mais nova, penso em enviá-la para um colégio interno. Agora a responsabilidade de cuidar da casa e da família é minha. Assim, quando o dono do prostíbulo comenta que sou muito parecido com minha irmã, e poderia substituí-la, aceito.

Ainda sou virgem, a primeira transa dói, pois o homem não acreditou quando falei. Há sangue no colchão, ele me olha como se estivesse satisfeito. Peço para não contar o que ocorreu, ele responde que não preciso ficar ali, poderia viver com ele.

- Nem te conheço direito! exclamei.

O moço me agarra os braços, fita meus olhos e diz que serei dele. Não sei o que dizer, não respondo às declarações, dou risadas...

- Estou fazendo meu trabalho, não quero saber de conversa.

Ele se enerva, mas alguém bate na porta, quer saber por que estamos demorando, o dono do lugar quer me ver. Conto para ele o que aconteceu, ele fica nervoso, não sabia que eu era virgem.

O homem com o qual eu fui para a cama, acaba se apaixonando por mim e demonstra seu afeto mandando flores para casa, declarando seu amor e pedindo para eu largar a vida de prostituta, pois há outras maneiras de ganhar dinheiro. Respondo que preciso deste dinheiro para cuidar da minha família, da minha avó doente, das minhas responsabilidades. Acabo ficando irritada com a insistência dele, pois o inoportuno passou a frequentar minha casa, fêz amizade com meus sobrinhos, e todos gostam do moço.

Em pouco tempo, minha avó morreu, o meu pretendente ajuda no enterro, acaba quase que se estabelecendo na minha casa. Vou aproveitar dele. Embora não o queira, é bom ter um homem realizando os trabalhos mais difíceis, como reformas e consertos, e então dou uma casa dos fundos para ele, e continuo na minha profissão.

Tenho por volta de 30 anos, outras moças chegaram no cassino, tomo conta delas. Há um frequentador do cassino, um homem de barba, ele me interessa. Nesta época, não faço mais programas, porque tenho dores fortíssimas no ventre, estou fraca e doente.

Meus sobrinhos, adolescentes, cuidam de mim. A barriga incha, tenho um grande corrimento, não há cura. Chamo minha irmã, peço para ela tomar conta de tudo, tenho mágoa da maneira como tudo aconteceu. Entretanto, ela não se importa, não está aborrecida e me apóia.

Estou morrendo. O homem que mora nos fundos de casa entra no quarto, começa a praguejar. Reclama da minha frieza, diz ter ódio devido à maneira como o tratei. Por fim, amaldiçoa-me:

- Você vai queimar junto com todos os seus amantes. Agora está recebendo tudo o que merece, mas ainda nos veremos novamente!

Procuo refletir um pouco. Acho que no fundo, desde que descobri o sexo como profissão, passei a ter medo do amor, e mesmo nojo do sexo como um jogo. Todos me queriam e eu não podia amar ninguém. Aproveitei desse homem para não me sentir mais usada do que fui. Esse homem é o meu marido da vida atual.

Não vejo mais nada.

Então perceba, Gabriela, esta vida foi compartilhada com o Eduardo, seu ex-marido. Você me disse que ele sempre lhe vinha na cabeça e ao mesmo tempo não sabia qual a razão disso e por que ele te maltratou tanto. Ele era o homem que a amava nesta vida passada e hoje ele carregava o ódio por ter sido tão desprezado. Não houve o perdão da parte dele.

Você tinha pena e sentimento de culpa, e ele, ódio. A situação da sua vida atual assim parece se explicar: mesmo devendo, não soube partir no momento certo, esperou até a tragédia acontecer; não era necessário aguardar tanto, porém faltou-lhe forças para abandoná-lo. Compreende isto e pode perdooá-lo?

- Sim.

Muito bem. Veja outro aspecto. Apesar de você ter dito não poder amar devido à sua profissão, isto não é verdade: o homem propôs ficar contigo e lhe ajudar. Era possível amar, ser amada, você era sadia, mas foi sua opção continuar como prostituta, sua inflexibilidade e teimosia fica clara mais uma vez.

Sua vaidade, a vontade de ser admirada, o orgulho de não se entregar à ninguém, não permitindo uma responsabilidade necessária para o casamento, lhe fez perder a chance de ter uma vida mais regrada, sadia, e consequentemente evitaria a morte prematura por uma doença venérea.

Liberte-se deste lado negativo da sua personalidade, permita-se compartilhar sua vida com alguém que lhe ame, pois hoje você pode ser feliz, pode amar e ser amada. Liberte-se também da dificuldade em ter prazer no ato sexual pois, como vimos, há muita relação entre esta vida passada e o seu problema atual. Não há razão para ter medo, você não tem doença nenhuma, pode escolher quem será seu parceiro, o sexo não é um comércio e sim um ato de amor, liberdade, carinho - nada vai impedi-la de se sentir bem sexualmente.

Perceba que este aspecto se repetiu em quase todas as vidas passadas e perdura até o presente. Conscientize-se da necessidade de ser menos vaidosa, orgulhosa, conforme for mais tolerante e humilde será mais fácil realizar-se não apenas sexualmente, como na vida de forma geral.

A paciente afirmou compreender e aceitar todas estas relações. Ainda em estado de relaxamento, realizei a indução à vida intra-uterina, para descobrir quais dos sintomas trazidos hoje tinham algo em comum com esta fase.

1º mês - Estou confusa. Parece haver alguém batendo em mim. Minha mãe bate na barriga. Ela não me quer, está assustada. Eu não queria que ela se sentisse dessa maneira.

2º mês - Estou triste. A paciente chora. Minha mãe está triste, assustada com meu pai. Ele tem ciúme dela e briga muito, ela não tem vontade de continuar junto. Tenho medo de ficar só.

3º mês - Me aperta a barriga. Ela aperta a barriga para esconder. Usa uma cinta. Tem raiva, não gosta do meu pai.

4º mês - Ela come bem. Agora está calma, mais confortável. Eu me sinto bem.

5º mês - Sinto agonia. Ela está nervosa. Ele é bem mais velho que ela, ela tem nojo dele.

6º mês - Continua. Ela se sente mal, não quer o filho, tem sentimentos horríveis em torno da gravidez. Me sinto rejeitada. Eu quero ser sua amiga.

7º mês - Fisicamente minha mãe está melhor e emocionalmente também. Estou descendo.

8º mês - Ela prepara as roupas e sinto carinho, pois está aceitando a situação. Tem dores nas costas. Eu me mexo, dói as costas também.

9º mês - Estou apertada. Ela tem um barrigão.

Estou nascendo, está muito apertado. Minha mãe está passando mal, uma mulher empurra a barriga, sinto-me sufocada, estão me puxando. Nasci, cortam-me o cordão, limpam-me, minha mãe chora muito. Estou ao seu lado, quero mamar, sai pouco leite, outra mulher me dá o seio.

Meu pai me segura, é gostoso.

Mostro à paciente que muitas das emoções, sentimentos desta fase, eram da mãe, e não dela. A mãe estava com medo, não queria mais um filho, tinha problemas de relacionamento com o pai. Porém, nada disso era importante agora, porque tudo já estava superado, não deveria permanecer nenhum trauma desta fase. Este período pré-natal mostra também que a falta de prazer sexual tinha ligação com a repulsa entre a mãe de Gabriela e o pai, mas ela conseguiu nascer, crescer e hoje é livre.

A moça compreende o porquê de ter sido rejeitada pela mãe, vê as relações com algumas das vidas passadas já vistas, onde houve abortos, violências, e perdoo a violência e falta de carinho recebidas na infância.

Circo e mais violência

Nesta que seria nossa última sessão, Gabriela consegue desenvolver sua vida conscientemente. Esqueceu completamente a existência do ex-marido, conforme relatou, e até encontrou um novo namorado. Ficou muito animada.

Mas, por outro lado, novamente sente-se como se estivesse sendo usada pelas pessoas, ficando nervosa e angustiada - mal consegue dormir.

Peço a ela para relaxar, para podermos descobrir as razões destes sintomas. A regressão nos revela uma vida onde trabalhava num circo, como domador de animais.

É um circo, vejo pessoas trabalhando, um canguru escapou e estão tentando recapturá-lo. Estou dentro de uma jaula, domando um urso, quando ele agarra minha perna. Não adianta gritar, todos foram atrás do animal fugidio, tento desesperadamente me desvencilhar, com uma arma desfiro golpes violentos até conseguir matar o urso. Estou cheio de sangue, meus ombros e pernas estão doendo, um pedaço do meu pé foi arrancado.

Fui medicado. Um homem está discutindo comigo, tenta convencer-me que fui imprudente por ter ficado trancado na jaula e ainda chora pelo prejuízo da perda. Não fica nem um pouco sensibilizado com o meu ferimento e isto me enfurece: perdi três dedos.

Uma moça cigana me ajuda, cuida de mim, trata do meu pé. Estou em sua barraca, confesso estar com ódio do dono do circo. Planejo uma vingança: o homem tem uma filha, ela há tempos se insinua para mim e por isso quero conquistá-la. Ela é parecida com o pai - às vezes olho para ela e sinto raiva também. Com paciência, começo a fazê-la interessar-se pelo adestramento dos animais, e a moça se apaixona por mim. Eu não a amo. Apenas quero que se apaixone por mim para abandoná-la em breve e fazê-la sofrer.

Namoramos escondidos.

Imprudently, ela entra na jaula do leão mais feroz, não me esperou, o animal a ataca. Ouço seus gritos, corro para socorrê-la, atiro, mas seu rosto foi esfacelado. Seus ferimentos infeccionam, a moça morre. Seu pai fica em estado de choque, manda me prenderem e chicotear, diz que sou uma fera e eu tenho que ser domado.

Não aceito suas acusações:

- Você não alimenta direito os animais, quer economizar até nisto. É sua culpa!

As pessoas concordam comigo. Falo que tanto o ataque que sofri como o da filha dele foram causados pela fome. O dono do circo diz que não sou bom domador, eu educo os animais de forma errada.

Ele quer me culpar, então resolvemos ir até a polícia. O delegado é amigo dele, conversam a sós, e quando o homem me encontra, convida-me para permanecer no circo e ajudá-lo na organização.

Não acredito em nenhuma palavra dele. Procuo a cigana, quero que ela leia a minha sorte:

- Vocês dois têm dívidas do passado, devem aprender a ter respeito, serem amigos.

Também não aceito o que ela me fala. Não posso ser amigo dele, estou revoltado com a morte da moça, acho que ele trancou a jaula quando o urso me atacou. Falo que vou embora, pego minhas coisas e parto. Antes de ir, a cigana me avisa:

- Não adianta fugir!

- Venha junto comigo! - peço, mas ela não aceita.

Um engenho. Estou trabalhando num moinho. Há uma tempestade muito forte, está levando tudo, nos abrigamos. Depois, reconstruímos, trabalhamos bastante para refazer o estrago. Sonho com a moça morrendo, sinto-me culpado porque fui eu quem a colocou em contato com os animais, e também por tê-la enganado, jurando um falso amor.

Sinto-me muito solitário, tenho pesadelos, vou embora deste lugar. Chego numa cidade, há cavalos que precisam ser amestrados para apresentação. São animais de militares. Consigo este emprego.

Coincidentemente, o circo chega no mesmo local. Vou procurar a cigana, sou avisado que ainda não preencheram a minha vaga. Falo que senti falta dela, nos beijamos. Acabo voltando ao circo.

O dono me dá outras tarefas, tenho sempre a impressão que alguma coisa ruim vai acontecer.

Estou fazendo os animais passarem por uma roda de fogo. Subitamente, alguma coisa ensopa minhas roupas, estou incendiando, meus olhos não abrem, caio no chão agonizando, morro queimado.

- *Volte para sua infância desta vida passada.*

Muitas terras, meus pais trabalham aqui. Plantamos, somos agricultores. O circo chegou até a cidade, sou um rapaz, gosto de observar o domador amestrando os animais. Decido acompanhar o circo, aviso minha família. Meu pai não se opõe, mas minha mãe chora muito.

O domador diz ter problemas com o dono do circo, fala ser obrigado a pagar a comida do seu próprio dinheiro, pois a alimentação é insuficiente. Ele me ensina a domar. Está muito doente, sai sangue quando tosse, o domador morre e ocupo a sua função. Não vejo mais nada.

Então faça um repasse por tudo, perceba se ainda há alguma sensação, algum sentimento, alguma visão sobre esta vida.

- Sim, estou vendo o homem, o dono do circo. Ele está me acusando:

“Você destruiu minha vida, matou minha única filha e agora não deve ser feliz com quem ama. Tenho ódio de você. Eu amava aquela moça, desde que a mãe foi embora, nunca tive amigos, você tirou minha razão de viver. Não consigo parar de lhe odiar.”

Tenho trabalho em demonstrar à entidade que ele já se vingou na vida passada, causando a morte do domador e mesmo assim continuava a perseguir um espírito que já reencarnou várias vezes, não é mais o mesmo, está se reeducando e aprendendo com os erros. Com paciência, mostro que o carma e a reencarnação estão ligados, e o único caminho para o progresso é o perdão, a consciência de saber que todos erram e todos são responsáveis pelos atos praticados. Assim, o espírito acaba aceitando deixá-la, para procurar o seu próprio caminho.

Então, pergunto à paciente se ela ainda vê mais alguma coisa relativa à esta vida, e ela responde estar sentindo a presença da cigana e também da filha do dono do circo, que diz chamar-se Paula.

- São espíritos de luz. Paula diz que me amar foi a missão dela nesta vida, e sabia que eu não era culpado pela sua morte.

A cigana fala estar agradecida por ter sido amada, e deseje que eu seja feliz na minha missão agora. Está dizendo que

tenho coisas bonitas pela frente, porém não devo ter preguiça de procurar meu caminho, e também não devo perder tempo reclamando à noite.

É só.

Veja, Gabriela, mais uma vez o ódio no coração esteve presente, o sentimento de vingança contra aquela moça, pessoa totalmente inocente quanto ao seu problema com o patrão. Nada daquilo precisava ter acontecido: era mais fácil mudar de emprego, procurar outro lugar, fazer algum outro tipo de pressão. Entretanto, você procurou a sua maneira de agir...

Liberte-se desta culpa de ter sido tão egoísta com Paula, tão fria e insensível, movido por um desejo de vingança. Você não foi culpado pela morte dela, mas desejava fazê-la sofrer, pelo ódio que sentia do pai, por isso liberte-se deste sentimento agora.

Não se prenda nesta tragédia, é chegado o momento de se perdoar. Perdoe também o homem que provocou a sua morte, veja que ele também sofreu por ter perdido a filha amada.

Mais esta morte prematura está relacionada aos diversos suicídios, ao pouco apego que você demonstrou pela vida e pela saúde, em encarnações anteriores. Portanto, houve um agente para a sua morte, mas a causa principal foram as suas atitudes passadas. Liberte-se disto tudo.

Ter morrido cedo e tragicamente decorrem do mau uso do seu livre arbítrio, mas agora é outro momento, onde você está e é mais consciente para ser feliz e saber usar as oportunidades da vida para o bem.

Ainda temos tempo e, com a paciente ainda relaxada, entramos em outra vida.

Vejo uma igreja católica, as mulheres são chamadas de franciscanas. Eu tenho uns 10 anos, estudo teologia com outras meninas. Fazemos leitura da bíblia, pergunto muitas coisas mas não obtenho respostas, pois as mulheres dizem que falo heresias contra o que está escrito. Eu apenas quero explicações.

Falam que estou endemoniada, devo ser exorcisada. Chamam um bispo, isto me deixa mais revoltada, não entendo por que devo permanecer calada quando tenho tantas perguntas

a fazer. Mandam-me de volta para casa e minha família sente-se envergonhada pela minha atitude. A cidade é pequena, não posso mais sair pelas ruas. Penso que só quero uma religião onde as pessoas não façam julgamentos tão severos e ilógicos.

Conheço um grupo de protestantes, deixo minha casa e vou morar com outra família. Trabalho para eles. Há uma guerra religiosa, muitas pessoas morrem, fico preocupada com minha família e vou visitá-los, mas meus pais não me aceitam mais. Fico angustiada: tenho pesadelos, onde vejo demônios saindo do meu corpo, acordo tremendo, suando, gritando...

Sinto falta da minha mãe, mas volto para aquela família. Com o tempo, vou fazendo pregações, reuniões em casas diferentes, as pessoas gostam de me ouvir. Discutimos sobre o poder da igreja, a influência política e econômica nas nossas vidas, exponho as contradições entre a doutrina e prática.

Tenho dores no peito, é o coração. Sou jovem, porém. Sinto-me feliz em converter católicos em protestantes, as pessoas tem liberdade de perguntar e estudar o que pregam. Estou numa reunião, cantamos, meu coração pára. Não tenho mais dores, vejo as pessoas, estou feliz por saber que não morri...

Meu mentor está se comunicando:

“Perceba que quando todas as religiões se tolerarem, será um começo de uma paz, uma mudança no desenvolvimento espiritual de várias encarnações. Houve muitos conflitos religiosos; nessa vida, você teve uma morte tranquila, estava cumprindo uma missão e satisfeita por realizar um objetivo. Continue estudando, seu nervosismo irá passar. Agora não é o momento de pintar, e sim de orar.

Onde você está agora, não irá resolver nada, mas avançará espiritualmente e vencerá todos os problemas com muitas preces. Não tenha raiva das pessoas, ore por elas.

Veja que você já foi um exemplo para outras pessoas - só precisa estudar e desenvolver a mediunidade. Não necessita mais da terapia”.

Como Gabriela não via mais nada, comecei a fazer a última correlação.

Compreenda bem o que o mentor disse. Liberte-se totalmente do sentimento de ódio e vingança, aprenda a amar e perdoar, pois em muitas vidas não soube amar verdadeiramente uma pessoa.

Você não teve uma vida estável, nem um relacionamento estável, suas vidas sempre foram permeadas por tragédias, por isso hoje, até o momento presente, afetivamente e sexualmente teve problemas. Encontrou pessoas que usaram dos seus sentimentos e também não lhe amaram verdadeiramente. Espero que neste momento, em que tudo está claro, você possa mudar este processo.

Vêja que você evoluiu muito, já aprendeu a amar, a ser tolerante, a lutar com dignidade, ganhando dinheiro com um trabalho árduo, mas honesto, sempre fazendo tudo para respeitar as pessoas e assim ser respeitada.

Aprendendo a amar, quando a gente entra na energia do amor, não precisa mais sofrer. Liberte-se de todo este passado. Você, Gabriela, quer muito poder amar de verdade, ter um companheiro, uma casa, e é livre para conseguir tudo isso. Nada a impede de ser feliz, bastando apenas desligar-se de todos os sentimentos negativos.

Você teve esta vida feliz, onde cumpriu seu objetivo, não deve se desligar dela, pois a devoção em realizar o seu objetivo deve permanecer contigo. Liberte-se somente do lado negativo, da rejeição que outra vez marcou uma vida, da tristeza e agonia. Perceba que isso representou muito pouco diante de um trabalho tão bonito, o trabalho de evangelizar as pessoas, torná-las conscientes de um dever maior perante Deus, e aí temos um sinal de evolução muito grande. Houve persistência e teimosia, mas em prol de algo positivo. Toda aquela energia de liderança e autoridade foi usada para a orientação, encaminhando as pessoas de uma forma consciente, perante um bom ideal.

Então, você morreu feliz.

Nesta vida foi um exemplo, auxiliando as pessoas, como seu próprio mentor lhe disse. Hoje, nada a impede de fazer o mesmo. Tem a liberdade de estudar, evoluir, aprender, amar, pode perfeitamente cumprir outra missão tão ou mais bonita, nunca esquecendo do seu aprendizado e indo à luta com honestidade, dignidade, humildade, amor por si e pelos próximos.

Gabriela foi um caso fascinante porque a complexidade dos problemas que ela enfrentou nos seus vinte e sete anos de vida seriam suficientes para, pelo menos, transformá-la numa pessoa intragável, revoltada, desesperançada. Porém, durante a terapia ela foi demonstrando uma qualidade invejável e necessária a qualquer ser humano: a vontade de vencer, superar o passado. E ela conseguiu e está conseguindo superar seu passado trágico recente com as lições que descobriu através das outras vidas. A cada sessão, como sempre faço, comentamos exaustivamente tudo o que foi visto, até o esclarecimento por completo. Utilizei de explicações e orientações onde se fez necessário, e ela soube compreender que poderia ter uma vida mais suave modificando seu comportamento, pois descobriu que tudo nesta vida atual foi consequência das atitudes em outras encarnações.

Do início do tratamento até a alta foram necessárias dez sessões que, entretanto, se prolongaram durante cinco meses, pois a moça enfrentava a dificuldade de locomoção devido a necessidade da cadeira-de-rodas.

Por que optamos pela alta, no caso dela? Reportando-nos à anamnese, vamos verificar que uma das queixas principais era a lembrança do ex-marido que a incomodava extremamente, além de que Gabriela procurava entender as razões pelas quais tivera que passar por tanto sofrimento. Sintomas secundários, como a aceitação e compreensão da mediunidade, o motivo por que não conseguia desenvolver a pintura e outras formas de expressões artísticas também foram citados.

Após a décima sessão, nada mais disso existia. Gabriela começou a reorganização da sua vida, com a certeza de que através do seu esforço e estudo poderia progredir não apenas materialmente, mas, o mais importante, também espiritualmente. A TVP abriu uma nova forma de visão para a paciente, mostrando-lhe a razão para todos os fatos ocorridos, deu-lhe um novo sentido para a vida, indicou-lhe qual o caminho para desenvolver e pôr em prática todo o conhecimento adquirido em pouco tempo. A mensagem do mentor espiritual dela, recebida na última sessão, deixou claro que havia muita coisa a fazer, muito ainda deveria ser aprendido, e de acordo com a dedicação pessoal lhe seria revelado qual será a missão a ser cumprida.

A moça deixou meu consultório muito satisfeita, e mesmo assim combinamos, como habitualmente faço, um retorno caso houvesse necessidade. Novas situações poderiam acionar lembranças de outras vidas, causando-lhe novos sintomas...

O cruzamento daquela avenida movimentada decorado pelos seus personagens anônimos continuava o mesmo. Apenas aquela moça na cadeira-de-rodas não era mais anônima para mim. Com a mesma desenvoltura de sempre, minha ex-paciente perambulava por entre os carros, sempre achando tempo para dialogar com os motoristas: parecia conhecer a todos, nunca aparentando pressa em encerrar o diálogo. Neste dia, eu também não estava apressada e encostei o carro para conversar um pouco com a jovem que há meses havia recebido alta.

- Olá, como vai? Foi até bom te encontrar agora, porque em breve talvez eu não esteja mais aqui.

- Não?! O que aconteceu?

- Você nem imagina!! Estou aguardando o chamado de um emprego, aqui perto, vou trabalhar como caixa. Já está quase tudo certo!

- Que bom, Gabriela! Está feliz?

- Muito... Vou poder ter um trabalho registrado, com todos os meus direitos, minha renda vai melhorar. Sabe, depois que fiz a terapia, descobri uma coisa muito importante: a capacidade de progredir, alcançar meus objetivos, está dentro de mim – basta eu trabalhar com o pensamento positivo, deixando as mesquinhas de lado. Sentimentos negativos só atrasam a nossa vida, não é verdade?

- É mesmo. E a sua mediunidade? Continua desenvolvendo?

- Sim, estou sempre orando, lendo muito, hoje tenho muito mais percepções que antes, mas com um detalhe: quando sinto alguma presença negativa, isto não mais me afeta, consigo controlar a situação com bom-senso. Como falei, creio na minha força interior. Tenho até a certeza de que um dia vou voltar a andar novamente.

- Está fazendo algum tratamento, alguma fisioterapia?

- Durante algum tempo fiz fisioterapia, faço exercícios em casa e vou nadar todas as semanas. Por mais que os especialistas digam que não poderei mais andar, isto não me convence – já consigo até ficar em pé, claro que ainda com algum apoio. Porém, mesmo isto diziam-me ser impossível...

- É, muitos não crêem nesta força interior que todos nós possuímos...

CAPÍTULO 4

Reencarnação e carma

Uma realidade de ontem, hoje e amanhã

Poucas são as tradições que, ao mesmo tempo, sobrevivem durante tantos milênios, possuem uma aceitação tão grande nas mais diversas culturas do planeta e, enfim, conquistam novos adeptos na velocidade do crescimento demográfico - a teoria da reencarnação e o conceito do carma, mais que uma crença, é uma teoria sistematizada por várias linhas filosóficas. Mesmo apresentando variações de interpretação, a convicção na imortalidade da alma, o aprendizado através das várias encarnações e a lei de causa e efeito estão presentes em regra geral.

O Brasil apresenta uma situação peculiar: sendo ainda um país em formação, culturalmente falando, onde a miscigenação de raças, pensamentos, religiões, imigrantes, vem ocorrendo há relativos poucos séculos, existe uma aceitação em torno do tema reencarnação realmente surpreendente. Pesquisas recentes demonstram que 80% da população acredita na possibilidade do espírito voltar em corpos e épocas diferentes, apesar de não existir semelhante unidade em torno da religião, por exemplo. Para um observador leigo somos um povo predominantemente católico, entretanto a confiança com a qual nos dirigimos aos centros espíritas, de umbanda, candomblé, benzedadeiras, etc., demonstra uma clara vocação para a fé na influência espiritual, seja ela manifestada nesta ou naquela linha religiosa. Em suma, verificamos uma espiritualidade inata, não apoiada num sistema filosófico enraizado, como acontece na Índia e China.

Estas duas culturas milenares, da mesma forma como o Brasil, têm na reencarnação e na lei do carma uma certeza, com

uma diferença: são filosofias alicerçadas há muito tempo, enquanto nós ainda não passamos dos quinhentos anos. Por isso, não há razões culturais para tal, e fica uma questão: estaríamos indo, sabe-se lá por qual motivo, rumo à previsão de Patrick Drout, quando ele afirma, em *Reencarnação e Imortalidade*, que em uma geração “o mundo ocidental não questionará sobre o problema da realidade de uma consciência imortal encarnada em cada ser humano”?

“Ó mente minha! Uma vez me levaste a nascer como rei, e outra, me levaste a nascer como um pária e a mendigar meu alimento. Às vezes me faz nascer em divinas mansões dos deuses e a morar na luxúria e êxtase, depois me atiras nas chamas do inferno.”

Da mesma forma que a noção do renascimento está aqui descrita neste pensamento budista, o *Bhagavad Gita*, o livro sagrado hindu é mais explícito: “Assim como o homem joga fora as velhas roupas e coloca outras novas, o Corporificado arremessa para longe os velhos corpos e veste os novos”. Um escrito egípcio, datado de 3.000 a.C. faz igual afirmação: “Antes de nascer a criança já viveu, e a morte nada termina. A vida é um porvir, Kheprau; ela passa como os dias solares recomeçam”.

Poderia-se citar inúmeros trechos de obras consagradas, pensamentos de filósofos do porte de Platão, Pitágoras, Plotino, corroborando no mesmo sentido, contudo parece ser verdadeira a afirmação de Hans Tendam, psicólogo holandês pesquisador sobre TVP, quando nos coloca ter a crença da reencarnação nascido e se desenvolvido de forma independente em culturas separadas. Desde nações tribais africanas, budistas e hinduístas exercendo influência em grande parte da Ásia, os antigos celtas, os lombardos, letões, saxões, tribos indígenas nas Américas e Oceania, o mundo foi coalhado por interpretações variando sobre o mesmo tema.

Um pequeno passeio pelo oriente

Na condição de berço cultural filosófico, a Índia desempenha papel de fundamental importância no cenário mundial, não só pela profundidade, originalidade e complexidade do seu pensamento, como também por legar à humanidade a mais antiga religião que ainda permanece viva: o hinduísmo, baseado nos *Vedas*.

Um conjunto de livros cuja idade é controvertida - alguns pesquisadores datam-nos de 2.000 a.C. à 6.000 a.C. - os *Vedas* compõe uma obra de insofismável valor histórico, religioso, social, mitológico e mesmo repletos de metáforas e aforismos, revelam até verdades comprovadas pela ciência atual. Um exemplo claro que comprova terem os hindus um conhecimento profundo e bem fundamentado sobre o universo é a concepção sobre o cosmo: colocam-nos um mundo em expansão durante determinado período e imediata retração após, tudo envolvendo uma complexidade, um inter-relacionamento somente intuído no mundo ocidental após Giordano Bruno, Copérnico e Galileu.

Os *Vedas* afirmam existirem incontáveis Universos (“*Os grãos de areia talvez possam ser contados, mas os Universos são inumeráveis?*”) - , da mesma maneira que a astronomia moderna assegura a existência das nebulosas, *universos-ilha* que atraem bilhões de estrelas. A cosmogonia hindu divide a duração do universo em ciclos numa lei de expansão e retração e espantosamente determinam um *dia de Brahma*, ou seja, o estágio de expansão, em 4.320.000.000 anos, quando iniciar-se-á a retração universal - a ciência calcula ter o universo 4 bilhões de anos, uma idéia muito próxima da concepção hindu, desde que aceitemos a idéia de que haverá um momento de retrocesso. Paralelamente, a teoria do buraco negro pode vir de encontro aos *Vedas*, quando coloca que ao final da vida de um sol, a massa se encolherá e girará, de maneira cada vez mais intensa, numa reação contra a gravidade. A tendência é o espaço circundante à estrela ir se curvando de tal maneira que chegará o instante em que tudo se fechará sobre si mesmo,

tendo como centro a estrela extinta. A força gravitacional deste buraco negro será tão intensa que nem a luz poderá escapar dela e também conjecturam os especialistas que, teoricamente, o tempo caminhará em sentido inverso.

Nesta exposição, quero demonstrar que os conceitos contidos nos *Vedas* não são apenas jogos de palavras, fantasias saídas das cabeças de alguns místicos; pelo contrário, possuem lógica, coerência e fundamento, como que os antigos tivessem acesso a um conhecimento até hoje distante de nós.

Nos inumeráveis textos dos *Vedas*, discorre-se sobre a natureza do cosmos, da vida, da energia, são variados temas nos quais não poderia deixar de estar inclusa a natureza da vida humana. Então, encontramos o conceito da transmigração, onde o *Jivatman*, que poderíamos interpretar como espírito, é ligado ao corpo físico durante sucessivas vidas, indo progressivamente se desligando da matéria - o intuito do renascimento é o desenvolvimento através da repetição de experiências. Estes ciclos, assim como todos os outros planos, estão submetidos à lei do carma, um nome genérico que, no caso, atua sobre o mundo supra-físico, moral. Erroneamente interpretado por alguns como lei de talião, onde um Deus poderoso e vingativo impõe castigos aos atos falhos das pessoas, ou pior, toscamente comparada ao enunciado da física mecânica no qual “a toda ação corresponde uma reação de intensidade igual mas, em sentido contrário”, devemos compreender o real sentido para carma, no conceito hindu.

A lei do carma está intrinsecamente ligada à natureza material da vida humana, é o elo de ligação entre o espírito e o corpo físico, no sentido que produz a reencarnação, impedindo a livre manifestação da alma, até que haja uma total depuração, o Nirvana. O carma possui três aspectos diferentes: o *operativo*, o *acumulado* e o *novo*. O primeiro é aquele que está prestes a se manifestar, enquanto o acumulado é a soma dos carmas anteriores. Já o novo é o produzido pela transformação do carma acumulado. Isto significa que os três estão contidos numa realidade única, indivisível, onde a aceleração do processo evolutivo poderá encurtar a necessidade da reencarnação.

O *Livro Tibetano dos Mortos*, também de origem remota e incerta, de linha budista, demonstra coerência com a visão hinduísta sobre morte, reencarnação e carma. Estabelece que enquanto não houver a Iluminação, a morte seguirá ao nascimento e o nascimento à morte, incessantemente, e tanto a vida no corpo físico, como a vida desencarnada é determinada pelas ações anteriores - ambos são estados cármicos, a morte nada mais é que a continuação, sob condições diferentes. Numa semelhança muito grande com os relatos dos meus pacientes em regressão, estabelece estar o espírito, após a morte, sujeito a passar por diversos mundos não-físicos, ou vagar no seu antigo ambiente na Terra, visitando locais familiares, ou ainda somente observar seu corpo anterior, antes de partir para um outro *mundo*.

A visão de cada religião sobre reencarnação, além das diferenças naturais de interpretação, foram sendo adaptadas de acordo com a região, com objetivos nem sempre condizentes ao crescimento espiritual: a simplicidade e a justiça da lei do carma perdeu-se muitas vezes em distorções visando favorecer esta ou aquela classe ou casta, impondo um sentimento de submissão à população dita inferior. Idéias aterrorizantes sobre reencarnações futuras, restrições de acesso a vidas melhores - só possível a determinados membros privilegiados da sociedade, a idéia de sujeição às mazelas do cotidiano por erros cometidos no passado, eram incentivadas como sendo naturais, quando a essência do carma não discrimina ninguém, é a consequência natural de cada indivíduo, seja ele nobre ou plebeu.

Nem todo o oriente aceita a idéia reencarnacionista. O islamismo está mais ligado ao renascimento espiritual, apesar de que algumas seitas muçulmanas, entre as quais os sufis e os drusos, acreditam na progressão e retrocesso da alma como um processo de autofortalecimento. Uma passagem do alcorão, o texto sagrado do Islã, ilustra a situação: “*Deus gera seres, e os manda de volta muitas vezes, até que eles retornem a Ele.*”

Entre os hebreus, originalmente, os essênios e os fariseus tinham sua concepção do renascimento, entretanto, atualmente,

restam apenas citações na Cabala, o livro supostamente contendo a sabedoria das antigas escrituras hebraicas, onde fica explícita a preexistência do espírito.

Entretanto, de certa maneira pode-se dizer que a teoria da reencarnação esteve e está presente nas grandes culturas orientais, sobrevivendo a séculos de guerras e interesses político-religiosos.

E na Europa...

Sobretudo pela sua riqueza cultural e a influência exercida posteriormente no mundo ocidental, a civilização grega foi importante divulgadora da reencarnação, principalmente nas figuras de expoentes como, Sócrates, Pitágoras e Platão, que filosofaram não somente sobre vidas passadas, mas também sobre leis cármicas, deixando vastos trabalhos sobre o assunto. Especula-se que a origem de tais idéias não estaria no orfismo, movimento religioso-filosófico a partir do século VII a.C., que pregava a existência de uma roda do nascimento e da morte, onde a alma, periodicamente, reencarnava e se esforçava pela libertação - estes conhecimentos teriam sido *importados* da cultura egípcia. Aparentemente, estão mais próximos da concepção indiana.

É fato que a abordagem religiosa sobre vidas passadas foi muito mais complexa no oriente, e mesmo encontrando grupos ou povos na Europa que, em determinados momentos divulgavam a doutrina da reencarnação, como os gregos, não houve continuidade, devido à sucessão de invasões e domínio de diversas raças em um espaço territorial relativamente pequeno.

Assim, encontramos o mesmo conceito, cuja amplitude de interpretação é da mais abrangente, entre celtas, lombardos, letões, saxões, porém muito se perdeu em meio à mitologia. Os druidas professavam uma teologia envolta em mistérios, por falta de provas documentais, mas sabe-se que acreditavam ser o “céu branco” o destino dos espíritos, após percorrerem um determinado número de vidas. Júlio César (102-44 a.C.) teceu uma consideração mostrando o porquê da tenacidade dos guerreiros gauleses: *“As almas não perecem, mas, após a morte, passam de uns para*

os outros. Eis porque, indiferentes à morte, eles julgam que esta concepção deve estimular à virtude.”

Com o advento do cristianismo e o crescente domínio da igreja no ocidente, houve um movimento repressivo a qualquer idéia ou opinião divergente à doutrina institucionalizada, punindo as atitudes *heréticas* com rigor. Ao certo, ninguém sabe se realmente os grupos cristãos primitivos aceitavam ou não a reencarnação, mas não resta dúvidas de que a atitude do imperador Justiniano, em 529 d.C., ao fechar a Universidade de Atenas, onde grupos neoplatônicos eram influentes, acabou por coibir qualquer manifestação reencarnacionista. Durante mil anos, em que pese a resistência de grupos como os cátaros, esta doutrina praticamente desapareceu da Europa cristã.

A partir do século XV, o platonismo renasce e o obscurantismo da Idade Média é deixado para trás, fazendo com que personalidades como Paracelso, Cornélio Agripa, Giordano Bruno e outros defendam suas idéias sobre o assunto. Giordano Bruno, por exemplo, deixou uma visão pessoal e interessante: a teoria da mônada. A mônada seria uma unidade orgânica que percorre todas as formas de vida, em um número infinito de mundos, mundos estes que poderiam ser desabitados ou povoados, com a possibilidade de serem mais desenvolvidos que a Terra. O espírito, após a morte, conservaria alguns resquícios da vida anterior e, na forma de mônada, prosseguiria em outras vidas, assim sucessivamente, em vários ciclos.

Desde a Idade Média, mesmo estando a Europa dominada por um sistema bloqueador de pensamentos espiritualistas, impedindo a formação de grupos filosóficos ou religiosos, ocorriam manifestações individuais de mediunidade, onde operavam-se inúmeras *comunicações espirituais*, visões, possessões, vidências, um movimento que nem a Inquisição teve força de deter, uma vez que tais fenômenos fazem parte da história, ontem, hoje e sempre. Surgidos muitas vezes dentro do seio da própria Igreja, estas pessoas acabaram por preparar o terreno para uma verdadeira explosão de ocorrências paranormais da metade do século XIX para frente, culminando no aparecimento de dois movimentos

que visavam o estudo dos assuntos correlatos ao espírito: a teosofia e o espiritismo. A Sociedade Teosófica assentou-se sobre a figura da controversa Helena P. Blavatsky, e as idéias de inspiração oriental e mística tiveram uma repercussão menor que a doutrina codificada por Denizard Hippolyte Léon Rivail, mais conhecido como Allan Kardec, cujas proposições alcançaram estrondoso sucesso no final do século passado, e igual reação negativa, principalmente da comunidade científica e eclesiástica.

Os espíritos se comunicam

O século XIX representou o início da era tecnológica para a humanidade. O extraordinário desenvolvimento científico logrado a partir de então deu ao homem a certeza de que nada era o limite para a inteligência e que as soluções para os complexos problemas envolvendo a física, química, medicina, biologia, sociologia, etc., era uma questão de tempo e estudos rigorosos. A teoria da seleção natural, os estudos bacterianos de Pasteur, o desenvolvimento em torno dos instrumentos de diagnóstico médico, a psiquiatria, a descoberta e investigação dos fenômenos elétricos e magnéticos, enfim, em todos os campos houve uma explosão de novos conhecimentos sendo adquiridos através do método cartesiano de pesquisa.

Em tal ambiente, reencarnação, carma, espíritos, tudo isto soava muito místico, antiquado, fora da realidade. Porém, segundo Jon Klimo, pesquisador sobre mediunidade, *“sem contar a época atual, nunca houve na história da canalização um período tão rico e cheio de interesse quanto a metade do século XIX com o espiritualismo (também chamado espiritismo)”*. Por canalização o autor entende qualquer forma de manifestação mediúnica, uma vez que o médium é um canal, um meio de comunicação entre o desconhecido e o nosso mundo material.

Assim, o pastor Edwar Irving, na Inglaterra, formou um grupo de estudo onde se fazia leituras espiritualistas e interpretações da Bíblia, chegando ao ponto de, em 1830, quase todos os membros começarem a falar línguas estranhas e apresentarem

outros fenômenos. Nos Estados Unidos, a mesma forma de manifestação ocorria entre os Shakers, também pessoas interessadas no assunto. Andrew Jackson Davis, o homem que veio a ser considerado o primeiro profeta do espiritualismo, afirmou: “*Uma prova verdadeira de que os espíritos se comunicam um com o outro enquanto um está no corpo e o outro nas esferas superiores... será logo apresentada*”.

Exatamente um ano após, as irmãs Fox, três garotas de Hydesville, Estado de New York, conseguiram estabelecer um contato entre uma entidade que, através de um código rústico de batidas nas paredes da casa, esclareceu ter sido um caixeiro viajante assassinado e enterrado sob o assoalho da residência. Foram feitas escavações e encontraram-se ossos humanos. Com o tempo, outras entidades vieram a se manifestar, os fenômenos ficaram famosos por todo o país, outros médiuns surgiram, atraindo a atenção dos dois lados do Atlântico.

Denizard Rivail, intelectual francês, autor de diversos trabalhos sobre educação, não estava alheio aos fenômenos - tinha uma profunda curiosidade sobre o tema, talvez despertada pelo estudo do magnetismo, a influência de um indivíduo sobre outro ou sobre certos objetos. Entre 1854 e 1855, assistiu a muitas sessões espíritas, e ponderou: “É necessário resguardar-se do entusiasmo que cega, do orgulho que leva certos médiuns a julgarem-se únicos intérpretes da verdade; é necessário examinar tudo friamente, ponderar tudo maduramente, tudo controlar”. Rivail presenciou também sessões de mesas giratórias, onde médiuns colocavam-se sentados, com as mãos na superfície, e as mesas giravam e pulavam sem que houvesse nenhuma explicação lógica para isso. Examinou ensaios de escrita mediúmica e, convencido de que não havia fraudes, partiu para um estudo racional das comunicações.

Com o auxílio de Caroline e Julie Baudin, meninas que psicografavam as respostas para seus questionamentos, surgiu a primeira versão *dO Livro dos Espíritos*, posteriormente revisado pelo *Espírito da Verdade*, entidade manifestada pela médium Japhet - esta obra tornou-se a base de toda a filosofia espírita. O nome Allan Kardec, pseudônimo com o qual foi publicada todas as

obras de Rivail, originou-se de uma comunicação onde foi dito ao pedagogo ser este o nome dele numa reencarnação entre os druidas, na antiga Gália.

Pelo fato de Kardec possuir um currículo intelectual invejável - além de pedagogo, era bacharel em letras e em ciências, doutor em medicina e poliglota notável - recebeu o espiritismo uma atenção especial da sociedade da época, instaurando a polêmica, crédito por uns e descrédito por outros, atraindo o interesse da imprensa e conquistando, conseqüentemente, numerosos adeptos.

O espiritismo procurou dar ao universo, ao homem, às manifestações espirituais, explicações de cunho mais filosófico e científico que religioso, isentando o máximo possível os espíritas do cultivo de pressupostos dogmáticos e ritos.

Abrangendo um leque de assuntos dos mais variados, sua filosofia veio novamente ao encontro das antigas concepções da reencarnação e da lei do carma, com os conceitos e linguagem adaptados à visão e cultura ocidental, portanto, mais acessível à compreensão e mais próxima que as religiões reencarnacionistas orientais. A aceitação na Europa foi quase que imediata, mas a partir do início do século XX reduziu-se drasticamente, “*devido às pressões religiosas e às influências do materialismo na ciência*”, esclarece Hernani Guimarães Andrade. No sentido inverso, O Brasil tornou-se, poucos anos após o lançamento do *Livro dos Espíritos* na França, um grande acolhedor para a nova doutrina, com o surgimento de vários *centros espíritas*, a criação da Federação Espírita Brasileira e a publicação de inúmeros livros concernentes à doutrina, antes mesmo do final do século XIX.

Idealizada como um caminho de instrução e diminuição das imperfeições da alma, a reencarnação é, para os espíritas, um instrumento da justiça divina. Acredita-se que o princípio inteligente de todo o homem, suas qualidades morais e intelectuais estão no espírito, que progride incessantemente, mas dentro de oscilações naturais ao livre-arbítrio de cada um. “*O homem não é fatalmente conduzido ao mal; os atos que pratica não estavam escritos; os crimes que comete não são o resultado de um decreto do destino. Ele pode, como prova*

e expiação, escolher uma existência em que se sentirá arrastado para o crime, seja pelo meio em que estiver situado, seja pelas circunstâncias super-venientes. Mas, será sempre livre de agir como quiser”.

Utilizo esta conceituação de livre-arbítrio sempre, pois os relatos em meu consultório demonstram claramente que as atitudes dos meus pacientes em vidas passadas são de responsabilidade individual, a violência ou a passividade eram opções pessoais, sempre havia a possibilidade de escolher esta ou aquela atitude.

Encontramos neste ponto a relação entre encarnação e carma, tudo o que recebemos, de bom ou ruim, é consequência de nossos atos. *“O homem bem compenetrado do seu destino futuro não vê na existência corpórea mais do que uma rápida passagem. É como uma parada momentânea numa hospedaria precária. Ele se consola facilmente de alguns aborrecimentos passageiros, numa viagem que deve conduzi-lo a uma situação tanto melhor quanto mais atenciosamente tenha feito os seus preparativos para ela”*, diz O Livro dos Espíritos.

“Do desejo nasce a ação; da ação surge o sofrimento; destarte, o desejo, a ação e o sofrimento são como uma roda que gira interminavelmente, condicionando o carma. A rotação desta roda não tem princípio nem fim; como pode o homem escapar do ciclo do nascimento e morte? Uma vida segue outra, no ciclo das transmigrações em infundável repetição”, completa a doutrina budista, referindo-se à palavra desejo no sentido negativo da cobiça, inveja.

O caminho do espírito, nessa evolução onde vai lapidando suas virtudes e desligando-se dos defeitos, percorre mundos materiais e imateriais - a pluralidade de mundos habitados é um dos princípios básicos do espiritismo e acredita-se que a emigração entre eles é constante. Igualmente é aceita a influência, por forma de pensamento, entre espíritos, sejam eles encarnados ou desencarnados, assim como admite-se que qualquer manifestação depende do receptor e só ele é capaz de neutralizar, atenuar ou incentivar os fatos. Isto significa que, de acordo com a sintonia de pensamento de cada um, atrairá a mesma resposta - será boa ou má conforme a harmonização estabelecida entre os canais. Bons pensamentos atraem boas inspirações e influências e o contrário também é verdadeiro.

Em busca das provas

O rigor científico introduzido pela chamada era cartesiana trouxe um culto ao materialismo e à racionalidade muitas vezes exagerado, mas nos legou também pesquisadores sérios, isentos de preconceitos, que resolveram investigar metodologicamente os inúmeros indícios de reencarnação surgidos desde o século passado até os dias de hoje. Pessoas como o Dr. Ian Stevenson, chefe do Departamento de Neuropsiquiatria, professor do curso de pós-graduação em psiquiatria, diretor do laboratório de parapsicologia da Universidade de Virgínia, começaram a analisar casos sugestivos de reencarnação, a partir de métodos diversos. Experiências de morte clínica, memórias espontâneas de crianças, lembranças de vidas passadas, regressão hipnótica, mensagens mediúnicas e outros meios foram utilizados para este objetivo. Além do Dr. Stevenson, o brasileiro Hernani Andrade, Banerjee, Albertson e Freeman, Karl Muller e Helen Wambach podem ser considerados pesquisadores que utilizaram uma metodologia adequada, verificando todas as hipóteses possíveis antes de qualquer conclusão.

Ian Stevenson, canadense radicado nos Estados Unidos, causou grande impacto quando apresentou o seu trabalho, *Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação*, em 1966. Adotando o método de entrevistar crianças cujas memórias indicassem forte indício de reencarnação, encontrou, por exemplo, o caso do menino libanês Imad Elawar, de cinco anos de idade. O garoto, vivendo em 1964 na cidade de Kornayal, dizia ser a reencarnação de Ibrahim Bourhanzy, morto de tuberculose aos vinte e cinco anos, em 1944. Imad fornecia dados como os nomes dos parentes, situações vividas, localidades, num total de cinquenta e sete afirmações - depois de descartar qualquer hipótese de fraude ou outra alternativa, a equipe do Dr. Stevenson confirmou cinquenta e uma.

Igualmente interessante é o caso *Ruytemberg Rocha*, pesquisado pelo Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, sob o comando do Dr. Andrade, onde, numa reunião espírita, se manifestou uma entidade absolutamente desconhecida de todos

os participantes, identificando-se pelo nome acima. Dizia-se soldado da Revolução Constitucionalista, pertencente à Força Pública de São Paulo, cursando o 2º ano da Escola de Oficiais e falecido numa atividade bélica em Buri, enquanto lutava pelo Batalhão Marcílio Franco. Todos os dados eram verdadeiros.

É fato que, além da fraude proposital, outras hipóteses podem ser levantadas aos casos deste tipo: percepção extra-sensorial, superpercepção extra-sensorial, telepatia, criptomnésia, memória genética, clarividência, possessão, incorporação mediúnica, personificação, projeção de imagens, entre outras, mas nenhuma explica na sua totalidade todos os casos investigados, mesmo porque os pesquisadores procuram cobrir todos os ângulos possíveis que evite a conclusão mais óbvia: a reencarnação.

A Dra. Helen Wambach, por sua vez, usou da indução hipnótica em 1.000 pessoas, tomando o cuidado de selecionar os pesquisados em grupos bem heterogêneos, tanto no sentido de sexo, raça e cor, como também em nível cultural e financeiro. Os dados que obteve foram tabelados em diversas formas e são reveladores: aparência, vestuário, ambiente, alimentação, tipo de moeda usado, a divisão dos sexos, muitos resultados coincidiram com o que a ciência tem conhecimento hoje. *“Para minha surpresa, dos 1.088 questionários que eu coligira, apenas 11 exibiam claros indícios de divergências”*, declara Wambach.

De maneira geral, todos os pesquisadores concordam que os resultados apresentados não provam cientificamente a existência da reencarnação - é necessário primeiro que se prove a existência do espírito, para que depois se identifique qual o caminho dele após a morte física. O que existe são evidências.

Hermínio Miranda, competente estudioso dos fenômenos espirituais, foi inquerido por um repórter se haviam provas a respeito do caso Camille Desmoulins, outra sugestiva hipótese de reencarnação obtida após a regressão do jornalista Luciano dos Anjos. Consciente de que prova material, sensorial, visível ou palpável é impossível, respondeu com outra pergunta: “Que provas você quer?” e completou - “Mesmo que eu tivesse em mãos o CPF, a cédula de identidade e a carteirinha profissional

de Desmoulins, não teria como apresentar provas documentais de que ele se reencarnara como Luciano.

A capacidade das pessoas recordarem suas vidas passadas estão evidentes em todas as pesquisas realizadas. Pesquisadores isentos de motivações doutrinárias demonstram esta realidade. Enfim, uma orientação de Buda, registrada em Anguttara Nikaya, deixa claro esta possibilidade:

“Se ele deseja ser capaz de lembrar os vários estados temporários nos dias idos, como um nascimento, ou dois, três, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, cem, mil ou cem mil, seus nascimentos em muitas eões de destruição e de renovação (de modo a poder dizer): ‘Nesse lugar, tal era o meu nome, a minha família, a minha casta, o meu modo de subsistência, a minha experiência de alegria ou de dor, e o limite de minha vida; e, após abandonar aquela, tomei forma outra vez nesse outro lugar, onde meu nome era fulano, tal era minha família, a minha casta, o meu modo de subsistência, a minha experiência de alegria ou de dor, e tal foi o fim de minha vida; e, daí, renasci aqui - sou capaz de recordar meus vários estados temporários de existência nos dias idos’ - nesse estado de auto-concentração, se a mente estiver fixada na obtenção de qualquer objetivo, esse objetivo será alcançado.”

A TVP, por seu lado, não confirma e nem tem a finalidade de provar a existência da reencarnação e da lei do carma. O que observo é que todos os meus pacientes possuem este tipo de *material* no inconsciente e o inquestionável sucesso terapêutico também é uma realidade, o que também não deixa de ser uma evidência.

As relações cármicas

A noção de carma deve ficar bem entendida como uma lei de justiça e não uma lei de punição. O carma é permanentemente mutável, uma vez que o espírito tem o livre-arbítrio de agir conforme sua vontade - a lei cerceia a total liberdade do espírito, impondo-lhe certas condições por ele mesmo provocadas e

conscientemente é aceita a situação. Quando um espírito reenarna, ele sabe o que o espera, em que tipo de ambiente viverá e quais dificuldades enfrentará. É como um operário que admite iniciar uma obra difícil - os ganhos estão previamente combinados e, de maneira geral, conhece-se a complexidade do trabalho. Entretanto, pode surgir inúmeras situações não previstas, que deverão ser administradas pelo próprio operário: uma doença, acidente, a preguiça, a oportunidade de um outro trabalho, etc. O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, nos traz um exemplo mais concreto sobre o carma, liberdade do espírito e sobretudo o perdão:

“Quando o Espírito deixa a Terra, leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza, e vai no espaço aperfeiçoar-se ou estacionar, até que deseje esclarecer-se. Alguns, portanto, levam consigo ódios violentos e desejos de vingança. A alguns deles, porém, mais adiantados, é permitido entrever algo da verdade: reconhecem os funestos efeitos de suas paixões, e tomam então boas resoluções; compreendem que, para se dirigirem a Deus, só existe uma senha - caridade. Mas não há caridade com ódio no coração e sem perdão.

É então que, por um esforço inaudito, voltam o seu olhar para os que detestaram na Terra. À vista deles, porém, sua animosidade desperta. Revoltaram-se à idéia de perdoar, e ainda mais a de renunciarem a si mesmos, mas sobretudo a de amar aqueles que lhes destruíram talvez a fortuna, a honra, a família. Não obstante, o coração desses infelizes está abalado. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se a boa resolução triunfa, eles oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes dêem forças no momento mais decisivo da prova.

Enfim, depois de alguns anos de meditação e de preces, o Espírito se aproveita de um corpo que se prepara, na família daquele que ele detestou, e pede, aos Espíritos encarregados de transmitir as ordens supremas, permissão para ir cumprir sobre a Terra os destinos desse corpo que vem de se formar. Qual será, então, a sua conduta nessa família? Ela dependerá da maior ou menor persistência das suas boas resoluções. O contato incessante dos seres que ele odiou é uma prova terrível, da qual às vezes sucumbe se a sua vontade não for bastante forte. Assim, segundo a boa ou má resolução que prevalecer, ele será o amigo ou o inimigo daqueles em cujo meio foi

chamado a viver. É assim que se explicam esses ódios, essas repulsas instintivas, que se notam em certas crianças, e que nenhum fato exterior parece justificar. Nada, com efeito, nessa existência, poderia provocar essa antipatia. Para encontrar-lhe a causa, é necessário voltar os olhos ao passado”.

Esta forma de visão não cabe apenas à doutrina espírita, mas a muitas outras afeitas ao trato da reencarnação. Com isso quero demonstrar que existe uma lógica para aquilo que meus pacientes vêem, conforme já foi demonstrado nos capítulos anteriores. Vou citar mais um caso, onde aparece a relação carmática entre as vidas, a liberdade de ação do espírito e a necessidade do perdão.

O caso Nise

As duas sessões que transcrevo serão usadas apenas como exemplo, pois o caso prosseguiu durante algum tempo, uma vez que envolvia uma complexidade de problemas. O sintoma que será verificado é de ordem sexual - incapacidade de sentir prazer com o marido.

Há cerca de 9 anos, antes de me procurar, Nise já havia se submetido ao tratamento através da regressão de memória, entretanto, não viu seus problemas solucionados. Não sei qual técnica foi utilizada, mas percebi grandes diferenças na condução da terapia, quando ela me disse ter visto, em seis meses, apenas instantâneos de vidas passadas, e nenhum momento da morte foi relatado (tive vários casos semelhantes, onde pacientes me dizem o mesmo). Também buscou o auxílio de uma sexóloga, durante um ano, e não obteve resultado.

Nise, apesar de ter um bom relacionamento com o marido, tinha incapacidade de atingir o orgasmo - um outro problema que a incomodava muito era uma mastite crônica. Meu objetivo, no momento, é esclarecer as relações cármicas, como já foi dito antes. Na segunda sessão, a paciente relatou um agravamento da dor no seio, procurou dois médicos, receitaram-lhe antibióticos que não surtiram efeito. Usamos este sintoma para iniciar a regressão.

- *Repita: meu seio dói. Dói muito.*

Nise, em estado de relaxamento, repetia a frase mas dizia não estar vindo nada à mente. Sugeri então que fosse a um momento passado que tivesse relação com a falta de vontade de fazer sexo, em não sentir prazer no ato.

Estou andando numa rua, acho que é França, sou uma mulher. Uso um vestido, ainda é dia. Pareço jovem. Sinto-me inquieta, preocupada, há uma viela e, apesar de ser dia, sinto temor, pois vejo um homem. Ele está atrás de mim, tento correr, me debato muito, mas ele me alcança. Violentamente, o homem segura meus braços...

- Não quero, largue-me - grito desesperada, com medo e ódio ao mesmo tempo.

Ele está abaixando a calça, levanta meu vestido. Esforço-me, mas não consigo me soltar e sou, progressivamente, empurrada para a parede. Penso agora: acho que é meu marido desta vida atual. Estou estática, não reajo mais. Depois, saio correndo, entro numa casa, é onde moro. Meus pais estão em casa, porém não falo nada, vou para o quarto, fecho a porta, agaixo-me num canto.

- Luisa, Luisa!

É o meu nome. Não respondo, fico em estado de choque, choro muito.

Depois de um tempo, me recomponho, vou ao espelho, arrumo meus cabelos, saio do quarto. Na mesa há um homem e uma mulher, eles me perguntam onde estava. Não vou falar nada, tenho vergonha...

- Estava por aí.

Tomo um chá e vou para a varanda.

Tenho por volta de 18 anos. Estou participando de uma festa na minha casa, é o meu casamento. Procuro mostrar-me feliz, agradar os convidados, porém morro de medo que meu noivo descubra que não sou mais virgem.

A paciente não havia revivido o fato de ter sido estuprada, por isso pedi que ela voltasse, revivesse o momento.

Tenho muito ódio deste homem. Estou encostada na parede, ele consegue levantar a saia, está me penetrando, dói muito. Saio correndo...

- *Volte então para o dia do casamento.*

Meu noivo vai descobrir que não sou virgem. Estamos na cama, ele me bate no rosto. Brigo com ele, mas ele está furioso, joga tudo no chão, estou com nojo. Ele fez sexo comigo, não havia sangue, me acusa - tenho medo. Procuo dizer que não tive culpa, porém meu marido não houve, diz que não presto e que enganei a todos. Sai do quarto, enquanto fico paralisada, sem fazer nada.

O tempo passa, estou numa horta regando as plantas, ele chega mas não fala nada. Sentamo-nos na mesa, não conversamos, os dias são assim.

Agora estou tricotando numa cadeira de balanço, já estou velha e não sou feliz, mas sinto-me conformada. Deito na cama, há uma mulher mais velha ao lado da cama, ela veio me buscar. É um espírito. Olho para a cama, vejo meu corpo, sigo aquela mulher.

- *Volte no tempo, peça. Veja melhor como foi sua vida após o casamento.*

Vivemos como dois estranhos. Procuo me dedicar ao trabalho da casa, cuido de tudo. Ele nunca mais me procurou sexualmente, mas não me importo. Encontro manchas de batom na roupa, sinto o cheiro de perfumes, para mim é indiferente. Não tivemos filhos, falávamos apenas o necessário.

Quando estou com meia idade, ele faz as malas e vai embora sem dizer nada. Depois disso, trabalho com outras mulheres, fazendo biscoitos, bordados, passo a viver disso, sinto-me bem assim.

- *Vá para o tempo em que era uma menina, veja como era a sua infância.*

Somos pessoas simples, sou filha única, meus pais são muito enérgicos e não há muita conversa. Estou na rua brincando, fui então levar uma costura na casa de alguém e quando volto é o momento em que sou atacada por aquele homem, naquela

viela escura. Eu conhecia o cidadão, sempre o via no caminho do sapateiro, ele ficava sentado na viela, porém nunca desconfie de nada, não havia motivo para temê-lo.

Conheci o meu futuro marido um dia em que eu estava na varanda. Passaram três moços, o rapaz do meio joga uma flor vermelha para mim, entra na minha casa e diz que quer namorar comigo. Meus pais autorizam. O jovem é muito bonito, galante, fico interessada. Sempre que nos encontramos, me traz flores, me beija, beija minha mãos, fala coisas bonitas. Dentro de mim há o receio do casamento, pois penso que ele vai descobrir que perdi a virgindade, mas também penso que se ele me amar realmente, não haverá problemas.

Somente na noite de núpcias conto o que aconteceu, falo toda a verdade - ele não acredita, faço de tudo para convencê-lo, mas é em vão.

- Faça um repasse, veja se ainda há alguma coisa a ser revelada...

A paciente não vê mais nada, então começo as correlações.

Encontramos aqui um dos motivos pelo qual você não tem vontade de fazer sexo. Não apenas aquela primeira relação forçada, dolorida e traumática aconteceu, como também houve a rejeição por parte do marido, nunca aceitando o fato, desacreditando na sua palavra e impondo-lhe uma vida de abstinência sexual.

Você morreu sem fazer sexo, desprezou o marido por não entendê-la, e hoje está repetindo o mesmo desprezo em relação aos seus parceiros, principalmente em relação ao marido, pois desde que casou, não tem vontade de se relacionar com ele e nem sente prazer. É como se fosse uma vingança - da mesma forma que, na vida passada, o marido não lhe quis por não ser mais virgem, nesta vida atual você se bloqueia.

Vêja que hoje você tem quatro filhos e gostaria até de ter mais. Perceba que há relação com o fato de ter morrido solitária, sem uma família para apoiá-la, sem ninguém para lhe dar atenção...

Perdoe este marido por não compreendê-la, perceba que, naquele tempo, os valores eram outros, a cultura machista da época exigia a virgindade,

mas isto faz parte do passado. Hoje nada mais disso é real, quando você está na cama com seu marido, é o homem que ama que ali está, o seu parceiro com o qual você se relaciona muito bem. O sexo é praticado com respeito, carinho, amor, não há motivos para dor, sentimento de culpa, repulsa, falta de prazer. Liberte-se deste ódio, da tristeza, do sentimento de injustiça, da solidão que a dominou após a separação na vida passada. Vá tomando consciência de que hoje é uma nova vida, um novo corpo, e nada mais deste passado deve permanecer em você.

A paciente diz entender o que foi dito, e então solicito que ela vá a uma vida anterior a esta, procure os motivos pela vida onde foi violentada, desprezada pelo marido, sozinha e sem filhos.

Vejo o mar, pescadores, há um homem jogando a rede, estão na praia. Chega uma mulher carregando algo na cintura, parece uma cigana. É bonita, sorridente, brinca, os homens fazem gracejos.

Eu sou um dos homens, ela fala com todos, menos comigo, e vai embora. Acho que é porque sou muito feio. Sou moço, vou para um prostíbulo, há mulheres, música, bebida, mas fico isolado num canto. Estou triste por causa da cigana, pelo seu desprezo.

- Desde quando você conhece a cigana?

Moro numa aldeia, mas a cigana não é de lá. O grupo deles veio pedir ajuda a nós, são mulheres, crianças, a moça está no meio. Gosto dela, sinto grande atração, procuro me aproximar e sou rejeitado. Ela ri de mim, diz que sou feio.

Estou num bar. Bebi muito, ando trôpego em meio à escuridão, vejo a cigana com alguém na praia. Sinto muito ódio e vou embora. Moro sozinho, bebo um café, como um pouco, mas não me conformo de tê-la visto com outro. Saio novamente, estou a caminho da praia, quando a encontro voltando desacompanhada. Uma força animalésca me domina, pulo sobre ela, procuro abafar seus gritos, despejo toda a minha raiva sobre a jovem e a violento. A moça chora e ri ao mesmo tempo, fala os nomes mais feios para mim. Não me importo, levanto-me e vou embora, largando-a ali, sobre a areia.

Não queria que fosse assim, eu gostava dela, mas não admitia ela sair com outros e não me aceitar. Alguns dias depois ela vai embora, montada num cavalo. Fico sozinho, como sempre - meu jeito arredio, calado, fechado, não atrai as pessoas. Sou jovem, mas não gosto de brincadeiras, dificilmente dou um sorriso.

Estou no mar, com outros homens, estamos pescando. Inicia uma tempestade violenta, o barco é jogado por sobre as ondas, vai adernando, sinto muito medo. Estou sozinho, o pescueiro afundou, mas consegui me agarrar a um bote. Todos os outros caíram no mar. Estou exausto. Não há mais a tempestade, mas ainda estou com medo, tenho sede, vou morrer neste pequeno barco, perdido. Tenho sede, tenho sede, não sei o que fazer, o calor me castiga, morro...

- *Veja como aconteceu antes de todos caírem na água...*

É um barco de pesca, quando começa a tempestade o mastro se quebra, o vento e as ondas empurra o barco para os lados, para cima e para baixo, não há mais controle, a água começa a entrar, as pessoas se atiram no mar, eu também pulo e alcanço o bote. As ondas me levam para longe, estou sozinho e com medo. Não há mais nada a fazer, não tenho água ou suprimentos, estou perdido. Os dias vão transcorrendo, ninguém me acha, tenho sede, amanhece e escurece, não aguento mais.

- *Volte ainda no tempo, veja por que aquela cigana foi embora, o que aconteceu depois que você a violentou?*

A moça vai ter um filho (é o meu filho mais velho na vida presente), conversamos antes dela partir, ela diz que está grávida e não quer saber de mim, e por isso vai embora.

- *Faça um repasse. Veja se ainda há alguma coisa que a prende nesta vida.*

- Não, não vejo mais nada.

Então vamos fazer as correlações (Nise havia falado que não gostava de receber visitas, apesar de ser comunicativa e também tinha muito medo de água). Você era um homem calado, fechado, perceba que isto tem a ver com o fato de não gostar de ter pessoas na sua casa.

Quando está na água, só entra até os joelhos. O fato de ter morrido naquela situação, após a tempestade, lhe causa esta fobia - a água está

relacionada com a morte, com o sofrimento... Você teve uma morte trágica, mas também traumatizou a moça cigana, violentando-a, praticando a violência apenas pelo fato dela não gostar de você. Era direito dela sair com quem quisesse, simpatizar com qualquer um, mas você não soube aceitar, pela força engravidou a jovem e depois a abandonou grávida. Poderia ser diferente: a cigana não o queria, mas surgiram outras mulheres. Com o seu ato, acabou sofrendo a mesma violência numa vida posterior e, nas duas vidas, esteve na solidão e morreu sem companhia.

Liberte-se destas duas vidas agora. Perdoe-se, principalmente pelo mal que causou. Liberte-se destes sentimentos destrutivos de rancor, complexo de inferioridade, de orgulho em querer que a situação seja do seu modo. Perdoe-se também por não ter sentido amor pelas pessoas, hoje não há mais a necessidade de carregar o trauma da violência sexual. O sexo não está mais relacionado com violência. Veja que hoje você evoluiu; se tem um marido que a compreende, uma família unida, sabe amar seus filhos, é porque mereceu, é porque este passado não mais pertence a você.

As relações cármicas são demonstradas não apenas entre as duas vidas vistas - ainda há reflexo na vida presente de problemas ocorridos no passado. O fato dela ter sido estuprada está relacionado com o estupro anterior, mas não significa que é um castigo imposto a ela. O espírito, antes de reencarnar, aceitou passar por esta prova, pois entendeu que seria a maneira mais rápida para aliviar seu carma. Haveria outro caminho, ela poderia escolher outro tipo de vida? Talvez sim. No entanto poderia ser um caminho muito mais tortuoso. O que poderia ser feito, isto sim, na vida da moça que sofreu a violência sexual, era procurar outra forma de viver melhor, quando o casamento não deu certo. Nada a proibia de procurar novas companhias, tentar ter uma família ou, quem sabe, procurar, mesmo dentro do casamento, novas soluções. Contudo, ter se resignado após a violência que sofreu foi a melhor maneira que provavelmente encontrou para se libertar da culpa relativa à vida em que violentou a cigana. Apesar do sofrimento, morreu em paz.

O carma de cada um, pelo qual nós mesmos somos responsáveis, apresenta determinados obstáculos - cabe a nós transpô-los, da maneira mais consciente possível, sempre imaginando que, no futuro, estaremos colhendo os frutos das nossas ações de agora.

A análise dos casos dos meus pacientes conduzem a relações cármicas em praticamente todos os sintomas apresentados - um trauma de hoje, uma fobia, distúrbio de personalidade, mesmo quando encontramos indícios de terem se originado nesta vida presente, seja devido a um acidente, um abandono, uma agressão, etc., encontramos também vidas pregressas em que descobrimos a origem ou repetição dos mesmos sintomas ou sintomas semelhantes. No caso relatado acima, a fato da paciente ter dificuldades sexuais ocorreu por causa de desvios e traumas sexuais em vidas passadas - o inconsciente ficou como que “impregnado” por essa memória, dificultando o relacionamento dela com o marido, mesmo havendo amor e compreensão entre o casal. Compreende-se que o carma é responsabilidade da própria pessoa - a fatalidade nada mais é que a lei agindo - ação, reação.

Da mesma maneira que a memória do passado está fixada no inconsciente, interferindo, sem que tenhamos conhecimento, na vida presente, percebemos que o corpo, o organismo também registra estas lembranças, na forma que a medicina define como distúrbio psicossomático. Entende-se que o distúrbio psicossomático é causado por uma série de fatores orgânicos e psicológicos, muitas vezes apresentando mudança nos tecidos, como nas úlceras gástricas, outras vezes identificadas na forma de reações alérgicas, etc.

Pela própria tendência da medicina cartesiana em procurar causas orgânicas a todos os distúrbios físicos, indiscriminadamente, cria-se uma dificuldade enorme em identificar a origem de certos sintomas psicossomáticos e, logicamente, o tratamento é falho. Fritjof Capra considera que a maioria esmagadora das enfermidades possuem variadas causas e, além disso, contam com a predisponibilidade do enfermo em “permitir” que a doença se instale - a considerarmos esta hipótese, todas as doenças são, de certa forma, psicossomáticas. A TVP atua exatamente sobre esta predisponibilidade do paciente, no que se refere à mente, por conseguir ampliar a visão e transformar o comportamento do paciente. Tem assim conseguido lograr êxito em sanar alguns problemas físicos até mesmo difíceis de serem qualificados como psicossomáticos, ao desligar os padrões mentais que propiciam o desenvolvimento da doença. Entretanto, mais uma vez afirmo que qualquer tipo de enfermidade que esteja fora das tradicionalmente compreendidas como possíveis de solução pela psicologia, deve ser tratada pela medicina especializada, antes que se procure a ajuda do terapeuta.

O carma e os sintomas físicos

Esclarecendo as relações cármicas e conscientizando-me delas entre as vidas passadas, constatei que muitos sintomas, inclusive os que podem ser considerados estritamente físicos, são provenientes de atitudes cometidas no passado, emoções que ficaram impressas no inconsciente, sendo transportadas para o corpo na forma de uma enfermidade.

Cláudia apresentava inúmeros problemas na vista: miopia, astigmatismo, uma mancha na córnea esquerda iniciada quando contraiu o vírus da herpes aos 18 anos, provocando maiores dificuldades para a visão já turva pelos outros problemas. Realizou diversos tratamentos oftalmológicos, e então descobriu uma doença mais grave: ceratocone - deformidade da córnea em forma de cone. Segundo os médicos, a deformação era rara, progressiva, irreversível, podendo inclusive levar à perda completa da visão - a única forma de minimizar o problema era usando lentes, provocando uma evolução mais lenta da doença. Porém, ela não conseguia se adaptar às lentes de contato - seus olhos lacrimejavam e apresentavam irritação.

Contudo, a paciente veio me procurar não pelo problema na vista, pois não sabia que poderia curá-lo através da terapia. Veio porque sentia-se muito confusa e angustiada devido a enxaquecas fortíssimas, originadas há muitos anos, e nenhum tratamento tinha resolvido até então. Apresentava outros sintomas também: muita dor na coluna, timidez excessiva e depressão. A terapia totalizou 23 sessões, ao término das quais Cláudia pôde deixar o consultório satisfeita com os resultados - todos os sintomas narrados na anamnese haviam desaparecido, inclusive o ceratocone - fato comprovado por exames posteriores realizados por ela.

Das diversas vidas que vimos durante o tratamento, duas foram as mais significativas quanto aos problemas de visão apresentados pela moça. Apresentando muita dor nos olhos,

sentindo como que estivessem inchados, a paciente constantemente reclamava do incômodo. Procurei então chegar até o momento passado que houvesse alguma relação com este fato:

- *Repita - disse-lhe. Meus olhos dóem, latejam, dóem...*

Vejo várias pessoas dançando. Rapazes e moças em volta da fogueira, a maior parte embriagados - estamos felizes. Sou uma das moças, estou alegre em meio àquele grupo, à algazarra, à música - é tudo novidade para mim. As pessoas pulam e cantam ao meu redor. Levo um esbarrão e caio. Um monte de lenha. Sinto muita dor no rosto e fico atordoada.

A festa sofre uma parada brusca - todos estão preocupados com o meu estado, pois não consigo enxergar direito. Meu olho direito está sangrando bastante, dói muito. Fico apavorada. Sou levada para uma senhora, que faz uma limpeza no local ferido - as duas vistas foram atingidas, mas uma delas está pior. Uma bebida me deixa como anestesiada, sinto sono e acabo dormindo.

Estou acordando, ouço a senhora falando com outros. Dizem que terão que sair do local - os ciganos não são bem vistos na comunidade, principalmente agora que aconteceu este acidente comigo. Ainda me sinto mal, não entendo tudo o que estão conversando, parece que falam do meu pai. Durmo outra vez.

Agora estou em casa. Uma mulher, é minha mãe, pergunta se estou me sentindo bem.

- Minha vista dói. Onde está meu pai?

- Ele saiu, foi resolver um negócio. Mas fique tranquila, procure não se esforçar.

Penso que meu pai vai querer se vingar. Não sinto mais dor, porém vejo tudo embaçado. Vou para sala, estou com minha mãe, e então meu pai chega. Ela quer que eu não toque no assunto dos ciganos, mas contrario a vontade dela:

- Você fez alguma coisa com os ciganos?

- Não se preocupe, está tudo bem - esquiva-se ele.

É difícil acreditar, mas não quero insistir.

Os anos passam, mas minha visão não melhora - acho que é por isso que não casei. Sou um mulher solitária, sem namorados, vivo com meus pais. É uma vida muito triste.

Na época da minha morte, estou muito angustiada. Devo ter por volta dos 60 anos, minha visão piorou, há uma senhora tomando conta de mim, pois meus pais já morreram. Estou morrendo, tenho muita falta de ar - talvez a morte seja melhor que esta vida que tive, imagino. Morro triste e angustiada. Estou flutuando... não vejo mais nada.

- *Veja então como era a sua vida antes daquela festa, antes do acidente - solícito.*

Estou em casa, me arrumando para sair. Sinto uma felicidade dentro de mim, uma excitação gostosa - vou até um acampamento de ciganos, próximo da cidade, mesmo sem o conhecimento dos meus pais. Acho que são pessoas muito interessantes, livres, gostaria de ser como eles e vou visitá-los.

Posso ver a movimentação, mas não quero me aproximar, tenho medo e insegurança. Um deles me vê, se aproxima, conversa comigo. Diz para chegar perto, para conhecer os outros. Vou com ele, sou recebida com ares desconfiados - como as pessoas da cidade não gostam deles, sentem receio de estranhos. O jeito deles também me faz temerosa. Converso com eles, rompemos a barreira, sou convidada a participar de uma festa, nesta noite.

- Vou tentar - respondo.

Volto para casa e fico o dia inteiro ansiosa, pensando em como vou sair sem que meus pais percebam. Quero ir de qualquer maneira a esta festa. Pouco antes de sair, invento que estou cansada e vou dormir mais cedo que o normal. Entretanto, coloco um vestido e saio. Um sentimento de liberdade e transgressão me invade, enquanto ando rumo ao acampamento. Em casa, sou muito reprimida, meu pai é severo... Quando chego, sou recepcionada pelo rapaz que conheci à tarde, conversamos um pouco e dançamos. Estou muito feliz, embora com um pouco de vergonha. Conforme a festa vai decorrendo, vou me soltando, danço, até o momento do acidente. Alguém me empurrou sem querer...

- *Você vê mais alguma coisa em relação à esta vida?*

- Não, nada. Mas estou recordando algo que ocorreu nesta vida presente. Estou no quintal de casa, brincando com

meus outros irmãos, correndo... Minha irmã entra num rancho, um galpão, vou atrás, mas ela empurra o portão sobre mim. Sou atingida no rosto, tenho sangue perto dos olhos. Começo a chorar. Meu pai vem ao meu encontro, fica bravo com ela, e me leva para casa. Sinto muita dor e medo. Minha mãe verifica o ferimento, coloca alguma coisa para estancar o sangue, e sou conduzida até o médico. Ele diz que não é nada grave, coloca um curativo sobre o olho direito, depois de alguns dias retiro a bandagem e enxergo tudo embaçado. Após dois dias, a vista volta ao normal. Não me vêm mais nada à mente.

Então compreenda o motivo de ter problemas na vista, principalmente o olho direito: queria tanto ir à festa, estava tão feliz e aconteceu o acidente, que o fato transformou-se num marco, num trauma que modificou sua vida. Sentiu-se muito culpada por ter desobedecido os pais, e esta culpa e o acidente ficaram gravados em seu inconsciente, trazendo-lhe os problemas de hoje. Perceba que você não teve culpa do acidente - era normal para a idade querer ir àquela festa, conhecer pessoas diferentes, se divertir. Então se liberte dela, e de todos os sentimentos relacionados com este acidente: a solidão, a tristeza, o medo, o abandono e principalmente a dor nos olhos. Nesta vida que vimos, ficou com as vistas embaçadas, morreu enxergando pouco, mas tudo isto acabou, faz parte do passado.

Hoje você nasceu numa vida nova, num corpo novo, em outro lugar - não há motivos para a solidão, pois você, Cláudia, é jovem, pode em breve encontrar um namorado. Nada te impede de conhecer alguém, gostar de alguém, nenhum problema lhe impede de ser livre. Mora sozinha, trabalha, tem condições de se sustentar, a sua realidade é completamente diferente, hoje. Por isso, nada mais disso deve permanecer em você. Perdoe aquelas pessoas que participavam da festa, no momento do acidente, você sabe que ninguém foi culpado. Liberte-se também do ocorrido na sua infância - perceba que o fato de ter acontecido um acidente que lhe atingiu a vista, fez com que o seu inconsciente reavivasse a memória da vida passada, trazendo também todos os sentimentos que estavam consigo naquele tempo: o sentimento do abandono, a dor, a dificuldade de visão, a solidão, a angústia, o medo...

O tempo foi passando, e você incorporou todos esses sentimentos novamente, mas eles não devem mais permanecer - fazem parte de uma

outra vida, hoje não há mais sentido para eles - nem para os sentimentos, nem para a dor nos olhos.

Na sessão seguinte, Cláudia disse que a vista havia ficado mais vermelha, a dor não passava. Era indício de que havia mais relações a serem descobertas e foi isto que solicite. Após o relaxamento, a paciente vivenciou mais uma vida.

Uma casa, o interior de uma casa. Há uma mulher e duas crianças, estão comendo. Depois, as crianças saem e vão brincar. Eu sou uma delas. Estou contente. Meu irmão está jogando alguma coisa. Meus olhos estão doendo! Volto chorando para casa, minha mãe pergunta o que é, digo que meu irmão jogou alguma coisa no meu rosto. Ela me pega no colo, sou levada até a cama, então passa alguma coisa, um remédio, arde muito. Faz um curativo.

Mesmo passado algum tempo, as imagens continuam embaçadas. Quando minha mãe retirou o curativo, meu irmão se espantou com a vermelhidão dos meus olhos. Tenho medo de que nunca mais melhore. Minha mãe procura me apoiar, diz que logo estarei bem, mas por enquanto não devo sair no sol. Tenho quatro anos.

Neste momento, já posso sair - ficou uma mancha no olho, geralmente não sinto dor, mas as vezes arde.

Meu irmão parece estar sempre preocupado comigo - acho que ele se sente culpado. Tenho por volta de 12 anos, não enxergo direito. Quando fico algum tempo no sol, começa a arder a vista. Mas vou crescendo assim. Sinto-me protegida pelo meu irmão, até demasiadamente. Não é preciso ele estar sempre junto comigo!

Faço 18 anos, um moço da cidade gosta de mim e começamos a namorar - estou feliz, é meu primeiro namorado, mas tenho um sentimento de que ele sempre vai me achar feia. Ele parece gostar muito de mim, nos casamos e permaneço feliz, mesmo com o problema da visão. Com cerca de 30 anos, uma infecção numa das vistas me deixa acamada, com febre, esgotamento. Mesmo sofrendo, sinto feliz por ter uma família. Já tenho filhos...

Envelheço, sempre com meu marido ao lado, me apoiando. Estou nos últimos dias. Peço que meus filhos venham, já são adultos, e todos reunidos deixa-me despreocupada. Morro sem nenhuma dor.

- O que você diria, se pudesse?

- Deixe-me continuar ao lado deles...

- Conte exatamente como foi o momento da sua morte - peça à paciente.

- Vou sumindo aos poucos. A energia vai se escoando, a última coisa que lembro é ver todas as pessoas que estão no quarto. Vou sentir saudade deles...

- Consegue ver mais alguma coisa?

- Não, não há nada mais.

Cláudia, na vida que vimos na sessão passada, você sentia muita necessidade de liberdade - esta vida que vimos agora veio antes ou depois daquela outra?

- Veio antes.

Então veja: explica-se a necessidade de liberdade - você carregou consigo o sentimento de opressão produzido pela presença constante do seu irmão. Sentir-se presa, com alguém vigiando, tudo isso foi consequência desta vida. Liberte-se. Veja que, conforme narrou agora, mesmo namorando com um rapaz que lhe amava, sentia-se feia e que, conseqüentemente, ele a desprezaria. Você ficou marcada por aquele acidente com os ciganos, onde, após o ocorrido, teve uma vida solitária e depressiva. Entretanto, nesta outra vida, casou-se, teve filhos, foi feliz, mesmo com a vista embaçada. Compreenda que os sentimentos negativos não tinham necessidade de permanecer naquela encarnação, e também devem ser desligados agora. Liberte-se desses traumas passados, da dor nos olhos, da mancha, da vermelhidão, ardência... Veja que este sintomas pertencem a outros tempos, hoje não há motivos de permanecer com eles. Da mesma forma, liberte-se da sensação de infelicidade, solidão, insegurança - nesta última vida, vimos que você pôde ser feliz, estar bem, e agora também poderá ser feliz. As sensações positivas de ter passado por experiências gratificantes, ao lado de um homem que a amava e filhos dedicados também estão dentro de você, e devem aflorar...

Conforme relatei, houve outras sessões com a paciente Cláudia, mas foram principalmente após estas duas relatadas que ela apresentou

uma melhora significativa nos problemas da visão. Cláudia foi ao médico, realizou exames e o diagnóstico mostrou que a vista estava curada. O médico não entendeu e nem conseguiu explicar o que ocorreu. Este caso ocorreu em 1986. Agora, 11 anos depois, entrei em contato com a moça, para perguntar se ela autorizaria a inclusão do caso neste livro.

- É lógico! Aquele problema, o ceratocone, nunca mais voltou...

Outras vidas, durante o tratamento da paciente, estavam relacionadas com os sintomas apresentados: havia razões para ela ter que enfrentar as situações pelas quais passava atualmente. Mas ficou demonstrado que o débito cármico que lhe prejudicava a visão não havia mais motivo de existir na vida atual.

CAPÍTULO 5

O espaço entre vidas

Para onde vai o espírito após desencarnar?

Quando o princípio de consciência houver saído do corpo, ele dirá a si mesmo: “Estou morto, ou não?” E não poderá determiná-lo. Ele vê seus parentes e circunstantes como os via antes. Ouve inclusive os lamentos. As terríveis ilusões cármicas ainda não apareceram. Tampouco surgiram as horríveis aparições ou experiências causadas pelos Senhores da Morte.

O Livro Tibetano dos Mortos

A situação descrita acima pode, a princípio, parecer aterrozante, mas retrata muito bem a maneira pela qual vários dos meus pacientes vêem o espírito, após a morte física. Contudo, não é a única. *O Livro Tibetano dos Mortos* é rico em exemplos e esclarece que o momento pós-morte vai depender do grau de instrução espiritual adquirido e de todo o carma acumulado durante a vida, ou seja, se o espírito praticou o caminho da concórdia, da humildade, enaltecendo as boas virtudes ou, pelo contrário, entregou-se aos prazeres e aos maus instintos.

As variáveis possíveis à realidade percebida pelo espírito desencarnado são inúmeras e são exibidas num texto ao mesmo tempo belo e rico filosoficamente, levando Jung a comentar, após transformar o *Livro Tibetano...* numa fonte de consulta e inspiração: *“Esse tratado dos mortos é tão detalhado e tão adaptado às aparentes modificações na condição do morto que qualquer leitor sério ver-se-á propenso a perguntar se esses velhos sábios lamas não teriam, afinal de*

contas, apreendido algo da quarta dimensão e levantado o véu de um dos maiores segredos da vida”.

Da mesma maneira que pesquisadores se empenharam em buscar indícios da reencarnação, também foram atrás de pistas que revelassem o que ocorre após a morte, qual a sensação sentida pelo espírito, alma, consciente, inconsciente, ou outra denominação que se queira dar. As descrições que se tem do período entre vidas foram e são obtidas principalmente de três formas: relatos de pessoas que passaram por um estado de morte clínica e tiveram experiências vívidas deste período; comunicações espirituais através de médiuns e sensitivos; indivíduos em regressão, como os pacientes de TVP. Existem outras formas de se conseguir informações sobre este estágio: pessoas paranormais, por exemplo, afirmam serem capazes de entrar em contato com esta outra dimensão da realidade. Stanislav Grof, através das experiências com drogas psicodélicas, também conseguiu lograr resultados nesta direção. Enfim, desde os anos 50 existem estudiosos procurando captar *comunicações espirituais* utilizando aparelhos eletrônicos - a este tipo de experiência denominam *transcomunicação*.

Todas estas experiências devem ser vistas como válidas e elucidativas, uma vez que foram realizadas de forma independente, por pessoas idôneas e, o mais importante, conduzem a uma mesma direção. Poderia-se desconfiar de um, dois ou três pesquisadores que estivessem *forjando* os resultados para atingir um determinado objetivo mas, quando muitos concluem a mesma coisa, através de métodos tão diferentes, devemos dar credibilidade a eles.

As experiências pós-morte clínica vividas por indivíduos em estado de coma constituem relatos fascinantes e apresentam um aspecto que os diferem de todas as outras formas pesquisadas: de nenhuma maneira havia a intenção de procurar sensações da vida após a morte. Os fatos apenas aconteciam, geralmente em meio ao trabalho frenético das equipes médicas tentando reanimar o corpo inerte, momentaneamente desprovido de suas funções vitais.

Anteriormente já foram feitas pesquisas no sentido de se registrar casos de pacientes em estado pré-agônico ou agônico, onde ocorriam relatos sobre visões de parentes já falecidos, paisagens e seres desconhecidos. Tal é o motivo da obra publicada em 1926 pelo físico William Fletcher Barrett, do Royal College of Science, em Dublin, Irlanda. A partir dos anos 60, surgiram trabalhos mais complexos, metodológicos, centrados não apenas nas visões - procurava-se mapear estatisticamente dados como características dos sintomas, fatores demográficos, psicológicos, culturais, religiosos, etc. Os parapsicólogos Karlis Osis e Erlendur Haraldsson embrenharam-se por esse caminho, paralelamente ao trabalho de outros pesquisadores, dos quais os mais populares são a Dra. Elizabeth Kubler-Ross, o Dr. Raymond Moody e Kenneth Ring. A maior incidência dos relatos das experiências pós-morte nos últimos trinta anos deve-se sobretudo ao desenvolvimento da medicina, onde as técnicas cada vez mais apuradas possibilitam a recuperação de pessoas em estado de coma, situação que não acontecia há poucas décadas atrás.

A principal dúvida que surge na cabeça dos céticos em relação à sobrevivência espiritual, nestes casos, é se não seriam projeções mentais ou alucinações os fatos descritos pelos indivíduos que passaram pela morte clínica. Poderíamos considerar esta hipótese verdadeira se a morte clínica ocorresse mais frequentemente às pessoas que, por algum motivo, tivessem prévio conhecimento de estarem sujeitos a tal situação, como ocorre com doentes que padecem durante determinado período, debilitados e cômicos da gravidade da situação. No entanto, na maioria dos casos acontece justamente o contrário: subitamente um acidente, uma complicação na anestesia, um colapso inesperado, podem nos levar a este estado. E então, o que acontece?

O Dr. Raymond Moody estabeleceu algumas semelhanças, alguns padrões, após entrevistar centenas de pessoas que se encontraram próximas da morte, mesmo frisando não haver identidade absoluta entre as descrições por ele obtida. De maneira geral, as sensações são completamente distintas das sentidas no mundo físico; o sujeito *ouve* a notícia de que está

morto, seja ela proferida pelos médicos ou por pessoas próximas; percebe-se ruídos estranhos, agradáveis ou não; o espírito percorre um *túnel escuro* (as vezes utiliza-se outros termos para expressar a mesma idéia); a pessoa se desprende do seu corpo material, em alguns casos podendo visualisá-lo; encontram-se pessoas conhecidas e desconhecidas, desencarnadas; depara-se com um *ser de luz*, que é observado não apenas como um foco luminoso, mas sim como uma consciência inteligente; rememora-se os fatos passados na vida; o espírito encontra um *limite* no espaço, onde não pode mais prosseguir.

Meticulosamente, a Dra. Kubler-Ross estudou e acompanhou inúmeros doentes, de idades diferentes, a beira da morte. Ela e sua equipe colheram cerca de vinte mil depoimentos, e foi importante o direcionamento, em alguns trabalhos, para a pesquisa da morte clínica e também para os últimos instantes de vida observado em crianças. A análise destes casos, de meninos e meninas de diversas nacionalidades, nos trouxe experiências mais significativas e detalhadas, talvez pelo fato de que as crianças “*estão menos programadas culturalmente*” para se expressarem, conforme declara Patrick Drouot.

Todas estas pesquisas se constituem em mais evidências em torno da realidade da sobrevivência do espírito e nos dá os indícios de como seria a vida entre as encarnações. Com a TVP, a diferença é que estes indícios, em alguns casos, ficam mais explícitos.

Não é sempre que os pacientes da TVP conseguem visualizar o espaço entre vidas: depois que a morte foi trabalhada e eles se vêem fora do corpo, pergunto se percebem para onde o espírito vai. Alguns não visualizam nada, outros contam experiências detalhadas, onde percebo que o *ambiente* encontrado é apenas um reflexo das ações feitas na vida passada narrada anteriormente. Quando o paciente não consegue entrar nesse período, não insisto, **pois percebo que só alguns estão preparados para tal.**

O espaço após a morte é especialmente interessante porque, além de revelar uma continuação do ciclo da vida, mos-

tra que mesmo como espírito, estamos submetidos à situações criadas por nós mesmos. Em alguns casos, revelam ainda contatos com entidades superiores ou inferiores, numa atividade incessante tanto em torno dos encarnados como dos desencarnados.

De maneira geral, percebe-se que, após a morte, chega um determinado período onde os espíritos são trabalhados no sentido de aliviar o carma acumulado, que os prende à necessidade da constante reencarnação. Podem ser tratados, constituir grupos de ajuda a outros espíritos, estudam, conhecem estágios de evolução diferente. Caso houvesse, hipoteticamente, atingido um nível de elevação satisfatório, o espírito poderia prosseguir no seu caminho evolutivo sem precisar voltar ao corpo material. Mas, como ainda haviam *berenças* das vidas passadas para serem resgatadas, existe a necessidade de uma ou várias vidas a mais - isto vai depender do esforço individual.

É também neste período que se programa a nova encarnação - o espírito tem um certo poder de decidir, de acordo com seus méritos, por quais situações deverá passar, contando com isso com entidades que procuram sempre auxiliar no esclarecimento da situação. Contudo, meus pacientes sempre demonstram estar cientes dos motivos pelos quais têm que reencarnar - uns aceitam conformados, outros voltam, de certa maneira, contra a vontade.

Um espaço entre vidas traumático

Nas vidas onde o paciente demonstrou ter abusado do livre-arbítrio, cultivando e exercendo sentimentos amorais, se ele consegue vislumbrar o período pós-morte, descobre uma continuação longe de poder ser definida como descanso eterno. Muitas vezes o espírito não reconhece seu estado de desencarnado, e permanece num período de perturbação variável, de acordo com o caráter do indivíduo e com o gênero da morte.

Em caso de morte violenta, muitas vezes ele pode negar teimosamente ter se separado do corpo físico, mesmo vendo o mesmo inerte; procura então entrar em contato com parentes e

amigos e não entende o porquê deles não escutarem a sua voz. Pode passar ainda por um estágio de amargura e perseguição ocasionados por um sentimento de culpa angustiante, reflexo das falhas passadas.

A consciência, os sentimentos do desencarnado e o carma, neste período, são muito importantes, pois determinam como será este período imediatamente posterior à morte. Meus pacientes também deixam claro que existe a afinidade entre espíritos. Os que deixaram a vida com a consciência livre de culpas, não permanecem nesse estado de perturbação - são ajudados por bons espíritos, têm assim mais facilidade em se libertarem dos liames que os prendem à vida material. Por outro lado, podemos dizer que os espíritos impuros são cercados por seres do mesmo nível - muitas vezes encontram-se antigos desafetos, que vêm a oportunidade de infligir mais sofrimento à alma do perturbado.

No caso da paciente Isabela, uma das sessões demonstra a perseguição efetuada por vingança aos males causados por ela mesma durante a encarnação que, unida ao sentimento de culpa, trouxe-lhe sequelas até esta vida presente, na forma de dificuldade nos relacionamentos sexuais.

“Esses sofrimentos são o resultado dos laços que ainda existem entre o espírito e a matéria. ...Quanto mais ele estiver desligado da influência da matéria, quanto mais desmaterializado, menos sensações penosas sofrerá. Depende dele afastar-se dessa influência, desde esta vida, pois tem o livre-arbítrio e por conseguinte a faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer”, orienta *O Livro dos Espíritos*.

Nesta sessão, eu estava trabalhando o fato da paciente não ter prazer sexual, e então descobrimos esta vida:

Estou vendo uma torre, é uma casa, situada numa rua sinuosa e íngreme. Há uma criança e um homem, eu sou este homem. Nesta casa moramos eu, minha esposa, quatro filhos e minha mãe, já idosa. A minha

mulher, costureira, chega em casa, meu mau-humor faz com que me enerve - reclamo do horário que ela está voltando.

- Estava trabalhando, chora a moça.

Nosso relacionamento não está nada bom. Nós nos tratamos sempre com muita rispidez, eu sou nervoso e grosseiro. Tenho por volta de 30 anos.

... Estou neste momento sentado, em meio aos poucos móveis da sala. Seu corpo está no quarto, sem vida...

Não deveria ter feito isto, mas eu a matei. Cheguei tarde, ela veio brigar comigo.

- Você não tem nada a ver com minha vida!!!

Inconformada, minha esposa gritava, xingava, pula para cima de mim me agredindo. Fui rápido, segurei e torci seu braço, quase não deu tempo dela gritar de dor - cortei-lhe o pescoço com uma navalha. Entre convulsões e muito sangue, ela morreu.

Que faço agora? Estou assustado. Limpo o sangue, procuro tirar todos os vestígios do homicídio, coloco o corpo numa caixa. Tarde da noite, não há ninguém nas ruas, carrego a carga macabra e jogo no mar. Em casa, não consigo dormir, tenho medo de que descubram tudo. Porém, procuro disfarçar. Digo às pessoas que ela foi viajar.

Minha mãe é de pouco conversa, e não me pergunta nada, somente ajuda a cuidar das crianças. Começo a ter uma vida promíscua, saio com muitas mulheres, sinto-me bem em estar na cama com elas. Não há carinho nem amor da minha parte, somente sexo.

A culpa do meu crime não me abandona. Que será de mim se descobrirem o assassinato, o que meus filhos vão pensar? É horrível. Mas o tempo passa, tenho por volta de 50 anos, continuo saindo com prostitutas, não quero saber de mais nada.

Estou em casa, comendo. Alguma coisa entalou na minha garganta, não tenho ar, quero respirar! Meus filhos batem nas minhas costas, estou desesperado, tenho uma dor no peito, morri.

Ela está me esperando. Minha mulher veio me buscar, exalando ódio e vingança. Sou levado para um lugar, escuro, tenebroso, espancam-me, ela traz seres horríveis para manterem relações sexuais comigo. Tenho pavor, é agonizante, durante horas, dias, meses, não sei quanto tempo, sou torturado, eles me seviciam de todas as formas, o sexo é feito de maneira brutal, sem parar.

- Não quero mais, não quero mais fazer sexo!!!

A paciente, neste momento, comenta, com surpresa: *Nossa! É por isso que estou com tantos problemas sexuais na minha vida e tenho pouca vontade de fazer sexo! É por causa disso...* E continua:

Quando decido que não quero mais fazer sexo, vejo uma luz, uma luz que vem da janela, e então começo a chorar, choro muito... Alguém põe a mão na minha cabeça, então desmaio e não vejo mais nada.

Pedi à Isabela para relatar melhor o que aconteceu no casamento, quais os motivos que levaram ao homicídio, daquela forma.

Antes de nos conhecermos, eu já morava naquela casa, éramos novos e nos encontrávamos casualmente na rua. Ela trabalhava como costureira, era bonita, começamos o namoro. Eu era carteiro, sentia-me inferiorizado em relação à ela, mas mesmo assim nos casamos.

Estamos morando juntos, a moça é uma ótima esposa, gosto dela e dos filhos que nascem. Alguém briga comigo no emprego, diz que não faço nada direito, e sou demitido. Fico arrasado, com ódio, gostaria de responder, reagir, não tenho coragem... Neste dia, sem trabalho, vou ao bar e começo a beber. Esta situação torna-se uma rotina, começo a voltar para casa bêbado e, transformado pelo efeito do álcool, sou agressivo e irônico com ela. Minha esposa não diz nada.

Consigo um trabalho no cais, odeio este emprego, sou obrigado a conviver com peões e não gosto disso. Tenho vergonha da minha situação, não largo o vício e, as vezes, nem quero voltar para casa. Meu complexo de inferioridade, principalmente em relação à ela vai aumentando. Ela é bem sucedida e eu não, penso sempre.

Estou chegando tarde em casa, todos os dias, e ela agora já reclama e briga. A mulher me enfrenta, eu bato nela. Naquele dia, fui humilhado pelo meu chefe, porque fiz algo errado. Na frente de todos os outros, ele me humilha, tenho ódio, mas abaixo a cabeça. Saio do serviço, durmo com prostitutas, volto bêbado para casa, tarde da noite. Ela me espera, quando entro, começa a discussão:

- Imprestável, você não serve para nada, bêbado...

- Cale a boca! Todo o meu ódio se volta contra ela.

Minha mulher não para, continua reclamando e me xingando, então pego seu braço com violência.

- *Você não é capaz de nada! desafia.*

Não pensei no que fiz. Apenas peguei a navalha no bolso e passei pelo seu pescoço, produzindo um corte profundo e fatal.

Os problemas da minha paciente não se resumiam somente ao fato de não sentir prazer, não conseguir atingir o orgasmo no ato sexual. Isabela teve uma vida conturbada, onde os pais viviam um relacionamento tenso, com brigas constantes, culminando na separação quando ela estava com 22 anos de idade.

Um caso de uma única noite trouxe-lhe uma gravidez, porém Isabela resolveu assumir o filho, mesmo solteira. Desde a adolescência, a depressão é uma constante, gerando tensão, sentimento de culpa, sensação de estar sendo julgada e observada e tudo isto acarreta-lhe problemas financeiros: não consegue se estabilizar em nenhum emprego e tem dificuldade em aceitar a autoridade hierárquica.

Esta situação levou a paciente a fazer quatro anos de terapia convencional - isto a ajudou, principalmente quanto ao fato de poder controlar a depressão; entretanto a instabilidade emocional permanecia e o que mais a atormentava era o fato de não conseguir atingir o orgasmo durante a relação.

Esta décima-primeira sessão foi, por isso, uma das mais sugestivas, pois não só mostrou uma vida onde todos estes problemas estavam implícitos, como deixou claro que até no espaço entre vidas havia um trauma sexual a ser desligado. Este espaço entre vidas também foi interessante no sentido de indicar a obsessão espiritual provocando sofrimento, perseguição, devido à atitude incorreta da paciente durante aquela vida física. Percebemos que espíritos com afinidade se atraem e, neste caso, a afinidade era o desvio de conduta, o sentimento de culpa, covardia...

A experiência vivida pela paciente não deixa nada a desejar às mais cruéis imagens do inferno concebidas por Dante e coincidem com outros relatos obtidos através da TVP, no mundo inteiro. O psiquiatra canadense Joel Whitton também teve inúmeras experiências com pacientes que atingiram o estágio entre vidas e descreveram cenas de sofrimento atroz. *“É quando*

o remorso, a culpa e a auto-recriminação pelas falhas da última encarnação são liberados com uma intensidade visceral que produz angústia e lágrimas amargas, cuja visão pode ser bastante perturbadora. Durante a encarnação, as ações negativas de uma pessoa podem ser racionalizadas e reprimidas; existem sempre muitas desculpas à disposição. No estágio entre as vidas, as emoções geradas por essas ações surgem em toda a sua crueza, em termos irreconciliáveis. Todo sofrimento emocional que tenha sido infligido a outros é sentido tão agudamente como se tivesse sido infligido a si mesmo”, explica o autor de Vida - Transição - Vida.

O mesmo espírito que atormenta, auxilia

Vou retornar ao caso da paciente Nise, que teve duas vidas passadas relatadas no final do capítulo 4. Foram várias sessões até conseguirmos obter uma situação favorável para a alta, pois, além do problema da falta de vontade em ter relações sexuais e a ausência de prazer, lidávamos com outros sintomas: a mastite crônica; problemas de relacionamento entre ela e o filho mais velho; um temor anormal da filha mais nova, sempre preocupada com um possível acidente fatal com a mãe - além disso, a menina não conseguia digerir nenhum alimento sólido, mesmo em idade escolar; Nise também tinha fobia de água, era insegura a ponto de não dirigir, apesar de ter carteira de motorista. Por fim, sofria de terríveis cólicas menstruais e uma rinite alérgica a atormentava durante anos. Pela quantidade de problemas apresentados, pode-se deduzir que foi um caso complexo, onde diversas vidas passadas foram vistas, as relações eram cuidadosamente estabelecidas, a fim de eliminarmos paulatinamente os sintomas da paciente.

Dentre as sessões, em muitas tivemos descrições do espaço entre vidas, ricas em detalhes, onde o espírito da paciente atuou como obsessivo, foi influenciado por outros espíritos, entrou em contato com espíritos mais evoluídos e também participou do auxílio às almas desencarnadas, após um período de *recuperação*.

As crises de rinite estavam insuportáveis, naquela semana e, para piorar, Nise sentia fortes cólicas menstruais. Assim, seu estado de ânimo

estava abalado, não tinha vontade de fazer nada e não se podia notar grande evolução da paciente, de maneira geral - sexo, nem pensar!

Já que havíamos visto na sessão anterior uma vida onde predominou o sofrimento, solicitei a ela que buscasse as origens daquela situação, qual o motivo de tanta angústia, amargura, dor...

Tenho ódio dessas pessoas, ódio... Dói muito, estou desesperada, quero respirar, mas a fumaça não deixa. Estou sendo queimada.

- *O que você diria a essas pessoas, se pudesse falar?*

- Eu voltarei! Eu voltarei!

Sou uma bruxa velha, estou na fogueira, tenho o cabelo comprido e branco. Está muito quente, é horrível, é horrível, essa fumaça toda, minha cabeça dói, estou sufocada, sufocada..., morri...

Vejo um vulto fora do corpo, sou eu. Agora eu estou rindo, rindo muito, olhando para toda aquela cena.

Parece que percorro as entranhas da terra, no chão, é estranho. Há uma gruta, um lugar muito escuro, da entrada posso perceber uma luz tênue, vermelha. Este lugar feio está povoado por maus espíritos, subordinados a um líder, de roupa preta e vermelha.

- Você voltou?

O líder se dirige a mim, sarcasticamente.

Não me conformo com minha morte, e nem quero me submeter ao poder de ninguém. Não conseguem me pegar, ninguém chega perto de mim, acabo assumindo o comando.

- *Volte para a vida, antes da fogueira, veja onde morava, o que fazia, quem era você - solicito ao seu inconsciente.S*

Sou uma menina feliz. Moro num castelo, tenho por volta de 9 anos e me visto toda de preto. Meus pais são os bruxos do

rei - minha mãe é horrorosa. Habitamos um local reservado do castelo, com potes e coisas estranhas, onde começo a aprender o que meus pais ensinam. Dizem que um dia eu vou assumir o comando.

Não posso brincar com as outras crianças, não tenho este direito. Observo todas elas, arrumadinhas, brincando, tenho muita vontade de estar junto mas não posso, pois é uma ordem do rei. Não aguento, um dia fujo e tento me aproximar delas, mas todas fogem quando me vêem e eu volto chorando para casa. Minha mãe fica muito nervosa:

- Se o rei descobre, seremos mandados embora! adverte.
- Mas você tem poder, pode dominar a situação...
- Não podemos facilitar - diz, encerrando o assunto.

Vou, com o passar dos anos, me transformando numa moça bonita. Devo ter uns 20 anos, mas continuo vivendo isolada, ninguém do palácio sabe como sou.

Está chegando uma carruagem, eu estou dentro dela. É um plano dos meus pais: eu venho com uma carta falsa, atestando ser eu órfã, descendente de nobres, e estou pedindo ajuda e abrigo. O plano é envolver e seduzir o filho do rei até conseguir o casamento, para poder controlar tudo. Eles nunca saberão que sou filha dos bruxos...

Pela carta, tenho um sobrenome de antepassados do rei, e por isso sou recebida com todas as honras, sou tratada muito bem. Pouco a pouco, o filho do rei vai se interessando por mim, uso de todo o meu charme e beleza para atraí-lo, mesmo não sentindo nada por ele. Dou-lhe um colar, um cordão de ouro com um brasão, mentindo ter pertencido ao meu pai, e peço para nunca deixar de usá-lo: este colar tem uma magia maligna. Foi apenas uma questão de tempo para que o casamento se consumasse. A festa é muito bonita, todos estão animados, aproveito uma distração do meu noivo e coloco algo na bebida dele, para que dormisse - não fazemos sexo na noite de núpcias.

Vou ver minha mãe. Conheço as passagens secretas, túneis sob o castelo. Vou conversar, mas acabamos brigando: ela quer que eu seja coroada rainha rapidamente.

- Mas o rei ainda está vivo!

- Você tem que ser coroada rainha! Somente assim vai compensar estes anos todos de prisão, onde tenho que viver neste buraco. O único jeito é matar o rei!

Longe de ficar surpreendida pela proposta, até que gosto e acabo concordando. Imaginamos um plano, para que não haja suspeitas: durante uma caçada à raposa, ele morrerá, de forma a parecer um acidente.

Procuo convencer o príncipe a fazer uma festa, na caça à raposa. Enquanto isso, meu pai vai preparar uma armadilha para o cavalo - o rei sempre vai na frente - e armar tudo para que o acidente seja fatal. O plano está dando certo, chega o dia e o rei morre. Ele é levado ao palácio, morto, os nobres estão agitados, querem a presença dos bruxos, para salvá-lo.

Meus pais são chamados, porém nada conseguem, e são expulsos do palácio. Não tenho idéia para onde eles vão; não posso deixar que alguém suspeite que são meus pais, e por isso finjo não me interessar - nem consigo falar com eles antes da partida.

Uma mesa enorme reúne todos os nobres e pessoas influentes: estão decidindo como será a coroação. Meu marido torna-se o rei, eu a rainha. Estou vitoriosa. Em pouco tempo, porém, não me conformo com a posição de segunda na hierarquia - começo a mexer nos apetrechos de magia, preparo um líquido vermelho como vinho, e trago comigo. Vou matar o rei e tornar-me a única soberana, toda poderosa.

Nessa noite o rei vem até meu quarto - ele é submisso, só aparece quando chamo. Estou extremamente bela, soltei meus longos cabelos quase pretos, convido-o para tomar vinho, servido em dois cálices delicados, sobre uma bandeja de prata. Sirvo a ele e a mim, a bebida dele está envenenada, o rei dorme para nunca mais acordar. Tenho 25 anos. Fingindo desespero, mando chamar os médicos, mas eles nada podem fazer. Ninguém desconfia do assassinato, fazemos um belo funeral e sou coroada a rainha.

Minha felicidade é imensa. Conforme vou governando, quero cada vez mais poder e mais riqueza, e para isso torno-me uma déspota, explorando de todas as maneiras o povo, usando

minha persuasão de forma que ninguém possa dizer não. Posso hipnotizar as pessoas, elas nunca conseguem se rebelar contra meu poder. Também aproveito a força de uma poção dos meus pais - diariamente, tomo algo para não envelhecer. Permaneço bela e com aspecto jovem, apesar do passar dos anos.

Chega um dia em que não tenho mais os ingredientes para a minha poção, e entro em pânico: nunca mais consegui falar com meus pais e não sei como fazê-la. Olho em todos os livros, anotações, manuscritos, e nada... Vou ficando velha rapidamente, as rugas começam a ser notadas, não posso aparecer em público assim.

Vai ter uma festa, não sei o que faço. Desde que matei meu marido, não tive relacionamento com nenhum homem, ninguém entra nos meus aposentos - só penso no poder, na riqueza, e agora sinto que posso perder tudo. Quando chego na festa, ninguém me reconhece, quando me vêem com as roupas da rainha, querem saber o que fiz com ela, me acuam, fico apavorada e fujo. Corro para o quarto, me tranco, saio por uma passagem secreta que vai até os antigos aposentos dos meus pais.

Os homens me perseguem, acham que sou uma bruxa e pensam que matei a rainha. O chefe da guarda tem conhecimento da existência deste local onde estou, vem por fora do castelo e me descobre: estou em total desespero. Quebro tudo, reviro os móveis, sou presa, já não tenho poder, nem força. Sou julgada por um conselho, com homens de cabelos brancos. Fui condenada.

Uma cruz de madeira cercada por feixes de lenha e feno me aguarda no centro da praça. Vão me queimar como bruxa. Enquanto amarram meus pés e mãos, sinto um ódio tremendo me dominar, ódio por todas aquelas pessoas, que me descobriram e agora atiram pedras e improperios. Odeio aquele povo. "Vou voltar!" O fogo vai consumindo minha carne, a fumaça entra pelos pulmões, sinto-me desfalecer.

Estou naquela gruta. O chefe do lugar é o meu pai desta vida que acabei de ver. Digo a ele que tenho mais poder e serei eu

quem governará a partir daquele momento. Os espíritos maus não conseguem me atingir, tenho uma energia que os repele. Eles me temem, eu os domino, dou ordens, mando castigá-los... Neste momento, sou um espírito masculino, apesar de ter morrido como mulher. É um lugar frio, úmido e escuro. Fico aqui muito tempo.

Estou numa pedra, em frente ao mar. “Estou cansado de tudo. Acho que poderia ser diferente”, penso, enquanto procuro observar a beleza do mar. Entretanto, minha vista parece como se estivesse turva, as imagens são escuras, uma penumbra parece dominar. Não sei de onde, um velhinho trajando uma túnica branca, portando um cajado, se aproxima e pede para eu descer até ele. Este ser emite uma luz muito forte, de um azul prateado que eu nunca vira. Tenho medo, mas ele me estende a mão, procura conquistar minha confiança e me convida para andar. Enquanto caminhamos, vai narrando uma história:

“Havia um reinado cercado pela paz e pela harmonia. O rei procurava governar com justiça e sabedoria, mas um dia chegou alguém que o matou e transformou o lugar num pesadelo. Eu era este rei e você foi quem tomou meu reinado.” Começo a chorar, jogo-me no chão, pedindo perdão.

- Já passou muito tempo - tento explicar.

Ele parece não estar aborrecido. Leva-me para um lugar tranquilo, com um lago ornamentando a paisagem. Algumas pessoas sentadas estão ouvindo alguém, uma pessoa explanando sobre a vida, o amor, a caridade, o perdão. O velhinho desapareceu. Fico sob uma árvore. Neste local, vou estudando e aprendendo as leis, sou orientado a me preparar para voltar. Tenho medo, não quero!

Neste momento, a paciente não vê mais nada. Faça então todas as relações entre a vida passada, o espaço entre vidas e os sintomas. No capítulo anterior, vimos uma vida onde Nise foi estuprada e outra causando a agressão sexual. Ficou demonstrada a relação cármica de maneira direta, porém todas as vidas se interligam - o mesmo problema pode se manifestar e geral-

mente se manifesta de diversas maneiras, em várias encarnações. É necessário procurar e encontrar esta linha de conduta repetitiva, que acaba provocando um sintoma na vida atual.

Assim, vemos o mesmo problema sexual manifestado sob outro aspecto: a moça que usava a magia para alcançar o poder não se interessava por homens, casamento, filhos, relacionamento. Não teve vida sexual com o marido, não soube amar nada, a não ser a si mesma, fato que também foi verificado em outras vidas. Enfim, estabelecemos muitas relações, sobretudo uma das causas para a sua rinite: a primeira imagem que veio ao inconsciente foi a morte na fogueira, asfixiada pela fumaça...

Antes de morrer, a paciente disse, enquanto queimava, que voltaria. Perguntei a ela se chegou a consumir a vingança e ela, ainda em relaxamento, disse:

Uma montanha, um pico, pedras, há um homem. Sou eu. Tenho uma vida solitária, não moro numa casa, mas dentro da montanha, é muito distante lá embaixo. Deste lugar posso observar um belo vale, com uma pequena cidade. Sou uma pessoa má, muito má.

- Como era sua vida antes disso?

Ah! Isto é a continuação daquela vida. É quando falei que estava dentro da terra e encontrava um homem, que foi o meu pai... Já estou morto. O vale é onde eu morava, havia o reinado.

Depois que morri na fogueira, eu fico ali, junto com muitos espíritos. Somos todos deformados. Estamos próximos das pessoas encarnadas, que vivem na cidade: elas são todas gananciosas, só querem o poder e são estes sentimentos que nos alimentam. Nós incentivamos as brigas, revoltas... Eu e meu grupo provocamos intrigas, confusões em todas as famílias, até dentro do castelo onde vivi. Ele ainda está lá.

Persigo as pessoas que me mataram na fogueira, colaboro na morte delas, uma a uma. Há uma mulher, facilito para que ela caia num precipício, assustando os cavalos da carruagem. É, fomos nós. Um outro morre num duelo, devido a uma intriga que incitamos. Alguns estão velhos, aproveitamos para estar em

volta deles, nas casas, não deixamos o vale viver, se expandir, não há felicidade neste lugar. Enfim, eu me vingo de cada um.

São muitos e muitos anos desta forma. Mas um dia chegou alguém. É um homem, um espírito oposto ao meu. Ele é iluminado, um doutrinador. Parece a hora da redenção do vale e ele vai agir sobre nós também. A princípio, consegue que as pessoas sejam menos influenciadas por nós e, mesmo tentando resistir, lutando, não conseguimos mais nos aproximar: um a um, os espíritos vão sendo levados.

Sinto muito ódio, sou o líder, mas vou ficando sozinho. Todos os companheiros foram levados, não tenho mais com quem brigar, dar ordens, começo a imaginar que há uma vida melhor. Por que todos foram embora e não retornaram mais? Por que não conseguimos ter força contra aquele homem?

É quando eu estou solitário, sobre as pedras, como vi no começo - me aproximo daquele homem iluminado, que me leva. Este ser fica tomando conta do vale, vai, com muito esforço, fazendo tudo renascer. Depois de muito tempo, já há mais paz, música pelas ruas, danças.

Eu estou como numa prisão. Tem pessoas bondosas trabalhando ali, mas estou perturbado, como um louco, ora tranquilo e ora totalmente desequilibrado. Quando eu durmo, existe um aparelho, alguma coisa que fica falando coisas para mim, doutrinando. Até o momento que começo a entender, posso ver, como numa tela de televisão, as coisas ruins que fiz, a situação do vale antes e agora, depois da minha retirada. Parecia tudo negro, nublado, porém transformou-se, as cores estão belas - isto me emociona muito.

Mesmo com tudo isto, sou bastante rebelde, quero ajuda mas não demonstro. Participo de reuniões, onde falam de Jesus, sua bondade, isso me incomoda. Falam sobre o amor ao próximo, a misericórdia de Deus, existem outros aqui tão teimosos quanto eu. Dentro de um salão imenso, como uma biblioteca, muito alta, há diversas pessoas, e estamos lendo um livro, A Vida na Terra, de capa branca e letras douradas. Tenho que estudar.

Agora, estamos numa sala, onde mentores falam sobre a reencarnação e nos avisam que vamos voltar. Somos mais ou

menos oito. Explicam sobre propostas, promessas, aprendizado. Estou com muito medo. Os mestres dizem também sobre a união da família, o princípio da vida, aborto. Um dos espíritos que está conosco deverá retornar como pai de um pai dele, pois eram rivais. É esclarecido que não lembraremos de nada mas sempre teremos os mentores para nos auxiliar - para isso, apenas é necessário estarmos sempre em sintonia com eles, através de bons pensamentos e boas ações. Vai depender de nós manter esta ligação e assim eles estarão sempre conosco, até o momento da morte. Quando tropeçarmos, é para pedirmos ajuda, então eles nos lembrarão das nossas propostas. Entretanto, isto não ocorrerá se não quisermos. Agora estamos adormecidos. Algo está ligado às nossas têmeoras, e na nossa frente há uma..., como se fosse uma televisão, mostrando a família, a casa, as pessoas, o meio em que iremos reencarnar. Estou inquieto...

A paciente conseguiu descrever todo um espaço entre vidas, desde a morte física até o momento da reencarnação. Mostrou, neste caso, um quase imediato desligamento do corpo físico e a aproximação do espírito a outros espíritos semelhantes, os impuros, inclinados ao mal. Avançou então para a descrição de uma verdadeira legião de almas obsediando toda uma região. Verificamos que este também é um estágio temporário, onde todos os espíritos sofredores acabam, cedo ou tarde, compreendendo que podem se libertar disso, pois, no fundo, estão prejudicando a si mesmos - passam então a um período de aprendizado e recuperação, onde serão preparados para a nova encarnação.

Nise, em outra sessão, relata mais uma vida passada:

Os povos estão em guerra. Sou um comandante, usamos espada e uma armadura de ferro. Sou cruel, mando exterminar o inimigo, mato muitos, sou forte e ágil. Vencemos - matamos quase todos, mas também tivemos muitas baixas do nosso lado. Prendemos alguns dos comandantes adversários.

Estou em frente ao rei, sou louvado pela vitória. No entanto, a guerra continua, temos que tomar as terras, liquidar

de vez com o inimigo. Preparamos um ardil, com astúcia vamos invadir o palácio e prender o rei. Conseguimos, o levamos até nosso território. Ele é condenado a morte - assim, assumimos parte de seus domínios.

Sou um homem poderoso agora, todos me respeitam. Devo ter uns 36 anos, moro numa casa grande, cheia de criados, tenho uma família da qual eu gosto.

Para comemorar o triunfo, há jogos, lutas, numa arena imensa. O rei e a rainha sentam-se num local especial. Participo das lutas, mato os adversários, sou aclamado invencível. A princesa está interessada em mim, quer casar comigo, mas não posso ter nada pois já sou casado, tenho família. O rei, entretanto, também parece querer esta união e ordena que minha família seja levada para terras distantes.

Não gosto desta idéia, discuto, mas ele está irredutível, acha que devo obediência, devo me casar com a filha dele porque sou jovem e o melhor comandante dele. O casamento acaba se concretizando, mesmo contra minha vontade. Estou infeliz e amargurado - pouco a pouco, um sentimento de revolta vai tomando conta de mim, penso numa forma de tomar o poder. Não tenho mais família, também não tenho nada a perder...

Trato minha nova esposa com indiferença, não a desejo e ela chora. Ela não conhece meus planos. Combino com dois soldados fiéis uma forma de envenenar o vinho do rei, durante uma festa, onde muitos se embriagam. Para evitar suspeitas, outros também irão morrer, pois alguns jarros estarão com veneno.

O rei, a rainha, vários nobres e o conselheiro do rei morrem. Nesta festa, come-se com as mãos, as pessoas bebem muito e, por isso, demoram a descobrir o que aconteceu - pensam que estão bêbados. Quando, enfim, é revelada a tragédia, vários empregados são castigados - não me importo, minha vingança foi consumada, estou tranquilo.

Minha mulher é coroada rainha, e eu o rei. Ela começa a desconfiar de mim, mas meu poder é grande - mando prendê-la numa torre. Enquanto isso, procuro saber o paradeiro da minha

família, já se passaram muitos anos, as crianças estão grandes. Vou trazê-los de volta. A rainha tem influência, alguns soldados são fiéis à ela e contam meus planos. Cheia de ódio, ela paga alguns homens para emboscarem minha família: todos morrem.

Estou cego pela fúria. Descubro os autores do assassinato, mando matá-los, assim como a mandante. Ela jura vingança pela eternidade, grita ser eu o culpado pela morte dos pais dela, isto aumenta meu ódio, não sinto nenhum remorso em ver sua cabeça decepada.

Sem mais objetivos na vida, começo a lutar por mais terra, dizimamos populações inteiras, saqueamos, eu e meus homens agimos feito loucos. Acumulo ouro, jóias e prata no palácio, tudo isso sem nenhuma finalidade. Mas não importa, eu quero mais.

Estou atravessando um rio, em luta. Sou atingido no pescoço, o confronto é feroz, ninguém percebe quando a correnteza vai me levando para longe, entre as pedras, procuro me debater, gritar por socorro, mas morro afogado. Meu corpo está boiando.

Pedi à cliente que visse a vida antes de tornar-se um guerreiro, e ela relatou a infância onde, desde cedo, foi treinado para a luta. Casou-se e foi feliz com a esposa e os filhos, até o momento da separação da família. Então perguntei se ainda via alguma coisa em relação à esta encarnação e ela disse:

Estou lutando, grito, dou ordens, meus golpes não atingem ninguém. Já estou morto. Sangro muito pelo ferimento, tenho pavor de água, ela entra pela boca, invade os pulmões, até eu morrer. Porém continuo perturbado, não sei exatamente o que aconteceu, continuo tentando lutar, mas é como se eu não existisse.

Vou ao palácio, tem muitos malfeitores, são espíritos, estão presos neste local. Seres sujos, horríveis, eles me perseguem. Tenho medo, procuro fugir, peço socorro, não consigo lutar com eles, não sei por que, quero me esconder. Minhas roupas estão deterioradas, velhas, rasgadas, sinto que estou como louco.

Entro na sala do trono e vejo minha esposa ali, a mulher que eu amava. Ela está linda, vestida de azul, ela me vê, sorri e se aproxima. Fico feliz, ao lado dela posso descansar.

Estou num quarto, as paredes são de tom esverdeado, bem claro, ela não está. Entra uma senhora com um prato, é um alimento, há fumaça no ambiente, me pergunta se tenho fome.

- Estou com sede. Onde está minha mulher?

Ela sorri e responde que logo virá. Sou servido de água, um caldo e me orienta para dormir. Depois, reencontro minha esposa, mas ela é diferente, é iluminada e esta luz me inibe. Irradia felicidade, diz que muitas coisas irão mudar. Não posso entender o sentido das palavras, meus passos são inseguros, sinto fraqueza. Com o tempo, vou estudando e frequento um prédio grande, as amplas janelas deixam passar uma luz intensa, aproveito os diversos livros à disposição.

- Quer auxiliar no resgate?

Aquele espírito iluminado me convida a ir de encontro aos outros espíritos, e só observo, no começo. Utilizamos um meio de transporte estranho, com asas, difícil de descrever, e nele voltamos até a Terra, resgatamos almas que vão morrendo numa guerra. Nós trabalhamos muito, esclarecemos os espíritos, gosto muito do que faço - é como se tivesse devolvendo um pouco do que tirei.

Neste período não tenho previsão para reencarnar. Estudo bastante e auxilio neste resgate, além de ter bastante descanso. Ainda temos certas necessidades físicas: comemos, bebemos, dormimos, mas há espíritos que não necessitam disso.

A paciente não vê mais nada deste estágio entre vidas.

O Livro Tibetano dos Mortos admite a existência de alguns estágios, pelo qual a alma deverá passar após a morte física. Nise experimentou, depois de passar por um estágio de perturbação, um “mundo transitório”, descrito pelo Livro dos Espíritos como lugares “destinados aos seres errantes, mundos que eles podem habitar temporariamente, espécie de acampamentos, de lugares em que possam repousar de erraticidades muito longas, que são sempre um pouco penosas”.

É bom dizer que esta paciente sempre foi muito crítica em relação ao espiritismo e por isso, conscientemente, nunca iria aceitar estas memórias nem as ilações que tiramos a partir da sua própria palavra. Por exemplo, no primeiro estágio entre vidas, ela diz que durante muito tempo colaborou, junto com outros espíritos, para transformar a vida na cidadezinha num “inferno”, provocando intrigas, acidentes, mortes, duelos. Esta influência espiritual é admitida não só pelo espiritismo, mas em outras linhas religiosas, porém a doutrina de Kardec adverte: “... e quando más influências agem sobre ti, és tu que as chamas pelo desejo do mal, porque os espíritos inferiores vêm em teu auxílio no mal, quando tens a vontade de o cometer; eles não podem ajudar-te no mal, senão quando tu desejas o mal.” Nas consultas que realizo, fica claro que este mal não é exatamente ter atitudes extremas de violência e imoralidade: somente estar com a mente perturbada por sentimentos negativos já pode predispor à má influência espiritual.

Por outro lado, este último espaço entre vidas demonstra que os espíritos também auxiliam, tanto na “recuperação” das almas recém-desencarnadas, como também na orientação e proteção - não existe o sofrimento eterno, a todos é concedida nova oportunidade para o aperfeiçoamento. É comum pacientes meus narrarem estes estágios intermediários, espécie de “hospitais” para o espírito, onde são auxiliados e, algumas vezes, também auxiliam - é neste nível onde são preparados para a nova encarnação.

Encarnação - espaço entre vidas - reencarnação

Alguns pacientes meus conseguem vivenciar duas vidas na ordem cronológica, passando inclusive pelo estágio entre uma encarnação e outra. É necessário deixar claro que, quando digo a um paciente para ir até o fato que originou x problema em uma vida passada, isto não significa que ele regressará até a vida imediatamente anterior. Frequentemente problemas de uma encarnação só se manifestarão em outra encarnação bem posterior, sendo que, neste intervalo, a pessoa poderá ter reencarnado uma ou diversas vezes. Sendo assim, é muito interessante verificar os casos em que logo após uma vida, o paciente passa por um estágio entre vidas e reencarna novamente, pois podemos estabelecer relações imediatas, compreendendo todo o processo de evolução (ou não) do espírito, suas virtudes, vícios, fraquezas, como também a lei do carma.

Na sessão exposta a seguir, vamos notar como uma sensação fica impregnada de tal forma no inconsciente da pessoa – no caso, a vontade de comer – que acaba se manifestando na vida posterior, transformada em vício, embora não houvesse mais a necessidade. Este meu paciente, neste dia, estava sentindo muito cansaço e dor no peito. Após o relaxamento habitual, ele entrou em regressão.

Estou numa arena, o público vibra a cada movimento que fazemos. Sou um lutador forte, temos diversos tipos de armas ao nosso alcance.

- Este idiota não vai me pegar, penso.

Ele é mais alto que eu, porém o considero um estúpido. Com um machado, acerto as suas costas, abrindo um corte profundo. Mas imediatamente ele reage, açoitando-me furiosamente com uma corrente. Fingindo estar imune a dor, com um garfo ou uma espécie de forçado, consigo ferir-lhe o braço. Ele sangra, olha-me com ódio, parece ter algum problema mental. Vou matá-lo. Parto para cima dele, uma das suas mãos empunha um bastão de pedra, e agilmente bloqueia meu ímpeto com um violento golpe no peito. Por instantes imagino reagir com apenas um braço, mas meu corpo não obedece. Um golpe na cabeça... Morri...

- Volte para antes do momento da morte. Veja sua infância, sua vida – solicito ao paciente.

Meus pais são escravos. A nossa vida é muito difícil. Enquanto meu pai carrega toras de madeira, eu ajudo minha mãe, levando pedras. Sinto muita pena da minha mãe. Ela, assim como meu pai, estão definhando visivelmente, devido ao tratamento desumano. Conforme vou crescendo, começo a criar um ódio, uma revolta íntima, e direciono toda esta raiva contra os soldados que nos vigiam e periodicamente nos castigam.

Tenho por volta dos 18 anos. Sou um jovem forte, cheio de sentimento de vingança. Vou pegar um deles. Escolho um dos soldados, apenas com as mãos consigo derrotá-lo, esmagando sua cabeça contra a parede. Quando chegam os outros guardas, procuram me dominar, mas luto desesperadamente, golpeando por todos os lados, sinto que estão com medo de mim.

- *Covardes! Covardes!*

Mas eles são muitos, me amarram, sou jogado numa cela suja, sem comida nem água. Durante muito tempo sou deixado ali, quero comer, tenho fome, grito, ninguém me ajuda. Estou praticamente sem forças, quando sou conduzido ao chefe.

- *Eu poderia lhe matar agora, mas tenho uma oferta. Você poderá lutar como gladiador. — oferece o homem.*

- *Eu quero comer, eu preciso...*

- *Então lute!*

Aceito a oferta, não tenho muita escolha. Sou reconduzido à prisão, e me dão comida. Ai, que fome... Após a refeição, que devorei feito um animal, durmo profundamente, e somente desperto quando sinto que sou carregado para outro lugar. Neste local há muitas pessoas, todos homens, raivosos e violentos. É aqui que devo treinar. Muitos procuram me amedrontar, dizem que se ferir-los irão me esfaquear. Os dias passam, como bastante e dedico o resto do dia nos treinamentos. É estafante... Certos momentos, penso que é melhor carregar pedras. Durante muito tempo permaneço no mesmo lugar, até que avisam-me que é hora de lutar de verdade. Não tenho escolha.

Meu primeiro adversário é fraco. Facilmente consigo atingir-lhe a cabeça. O povo urra. Eu abaixo a cabeça. Preferia um oponente melhor. Depois desta vitória, sou reconduzido para o local de treinamento. Na outra luta, a situação é mais complicada. Acerto, mas sou também ferido. Quase que morro, porém ainda consigo acertar a frente do adversário. Ele cai, o sangue jorrando pelo ferimento, seu corpo tem convulsões até o fim. A platéia aplaude, grita, fico feliz por ter vencido. Meu corpo apresenta uma série de cortes e hematomas. Sinto-me exausto, mas sou tratado. Sem muito tempo para a recuperação, colocam-me em outra luta, e mato novamente. Quanto mais o tempo passa, vou sentindo mais cansaço, desânimo, eles exigem muito, faço vários combates até o dia da minha morte.

Estou cansado, abatido, mas procuro forças, entusiasmo — já venci tanto, tenho que ganhar mais esta... Eu furo o adversário com um garfo, acerto também sua perna, mas sou golpeado no peito e depois na cabeça. Morro com muita dor.

Estou cansado, olho meu corpo estendido. Começo a andar, andar, paro perto de uma pedra e durmo. Acordo com fome, vejo um lago, algumas

mulheres estão lá, vou conversar e agora percebo: não estou mais na terra. Elas me alimentam, como bastante, depois digo que preciso dormir, porque estou exausto. – Neste momento o paciente chega a roncar – Acordo novamente com muita fome, elas me fornecem uma espécie de água doce e amarela. Embora eu prefira outra tipo de comida, aceito e me sinto alimentado.

Estou menos cansado. Dizem-me para caminhar, conhecer o lugar – observo as árvores, são diferentes, o local parece muito agradável. Sinto até medo, não sei o que irá acontecer. Durmo outra vez, até me sentir descansado. As mulheres chegam, dizem-me que faremos uma visita.

Vejo uma casa, há um senhor, bonito, diz que me conhece, esta figura transmite muito amor. Ele afirma que eu preciso aprender muito, porém com calma e compreensão.

- Esqueça o passado, o cansaço... Você em breve terá uma nova vida, onde não terá tanta fome nem tanto cansaço.

Ele coloca a mão na minha cabeça, sinto-me flutuando relaxadamente. Suas mãos continuam sobre mim. O senhor diz que terei que voltar, pois terei que aprender mais. Respondo que prefiro aprender aqui – fui escravo, passei fome, - argumento.

- Ainda não é hora de ficar aqui. A volta é necessária. Agora você ficará flutuando, dormindo.

Nenhum apelo meu foi suficiente para mudar a situação. Fiquei num estado diferente, descansando, até o momento em que ele afirmou ter chegado a hora. Diz para eu levar toda aquela vibração e amor que senti e ao mesmo tempo para me libertar de todos os sentimentos daquela vida. Assim, sempre saberei que existe algo mais.

- Sempre que chamar, estaremos contigo – despediu-se.

É uma praia, estou nascendo, minha mãe tem a pele morena. Nasci, sou um índio. Aqui é quente e gostoso. Tenho um nome engraçado, mas as pessoas são boas, gostam muito de mim, brinco muito com os bichos...

A vida é muito gostosa. Tenho aproximadamente 14 anos, divirto-me procurando frutas no mato, gosto de comer. Pesco, adoro peixe na brasa, colho o miolo do tronco da palmeira, é necessário mastigar bastante, mas como de tudo.

Tenho que casar, posso escolher. Eu me caso, ela sabe preparar refeições deliciosas. Eu caço e pesco – gosto de tatu e um bicho que vive na lama, um tipo de javali. Tenho uma personalidade muito dócil, não

brigo com ninguém, meu único defeito é a gula. Começo a engordar, minha mulher diz para não comer tanto. Digo que preciso comer e sempre estou comendo. Já tenho por volta dos 50 anos. Vou ficando muito gordo, nem consigo levantar. Peço a ela para apanhar um coco, meu filho parte a fruta e me delicia. Minha fome nunca termina. Meus filhos já cresceram, tenho mais ou menos 57 anos. Gosto muito da minha mulher, ela cuida bem de mim. Meu coração não aguenta, estou muito gordo. Morri... Meu espírito passa por sobre a floresta, em busca de uma luz que eu vejo. Entro nessa luz, duas pessoas me apoiam. Tenho fome, digo. Vamos te dar comida, respondem, levando-me para uma aldeia diferente, muito iluminada e bonita. Levam-me para um local branco, eu deito, falam que irão trazer tudo que eu precisar.

Um ar gostoso cerca o local, a paz parece infinita, eu durmo e não vejo mais nada.

Nestas duas vidas vistas pelo paciente, vemos a origem de um vício – a glotonaria - estar claramente estabelecida na encarnação anterior, onde como escravo passou tanta fome, podendo saciar ao extremo a fome, quando se transformou em gladiador, e esta sensação o acompanhou pelo espaço entre vidas e por toda a outra encarnação. Percebemos desta forma como um vício pode surgir em uma pessoa que, aparentemente, não tem motivos – o índio tinha toda a possibilidade de se alimentar, sem exageros. Por outro lado, mesmo não se libertando deste vício, soube não ser violento; pelo contrário, tornou-se um pai de família dócil e pacato.

Amanda foi uma paciente onde, em uma sessão, também percorreu por todo este ciclo encarnação-espaço entre vidas-reencarnação. Na regressão que vai ser descrita, a paciente identificou dois personagens do passado como sendo o seu marido atual e a filha dele, nascida de um casamento anterior - o relacionamento entre elas não é bom. Veremos o porquê. É um bom exemplo, pois, das relações cármicas numa amplitude maior.

Estou num bordel, tenho 22 anos, sou linda. Moro aqui, gosto do lugar, das moças, da animação. Vivo rindo, sou cobiçada e isto me envaidece: todos querem ficar comigo, ganho dinheiro, bebidas... Alguns homens são bons mas outros não. Entretanto, não me importo, vivo rindo.

Sou a dona deste lugar, mando aqui, dou ordens - procuro ser boa com as moças, e elas gostam de mim. Tenho uma bela aparência: uso roupas bonitas, sensuais, colares grandes, meus seios são atrativos, os homens não resistem e querem passar a mão em mim - eu dou risada... Por isso, sou também a mulher mais cara do bordel. Todos são felizes aqui, é uma bagunça.

Estou com uns 25 anos agora. Tenho um cliente especial, ele vem todas as semanas especialmente para ficar comigo, é bonito e elegante, estou apaixonada. Não resisto e um dia vou atrás dele, quero saber se ele é sozinho ou não, onde mora...

É uma bela casa, enorme. Ele entra por um jardim, duas crianças, um menino e uma menina agarram suas pernas, brincam, ele corresponde. Sinto um aperto, começo a chorar: ele tem família. Penso que não vou poder ficar com o homem que eu amo. Volto ao bordel e começo a beber muito, estou de péssimo humor e agrido a todos. As meninas não entendem, ficam tristes e preocupadas, mas não falo nada. Somente choro sem parar, bebo, acabo vomitando.

O rapaz também não sabe de nada, continua me procurando, mas nota a diferença, percebe que estou bebendo muito e vai se afastando. Chega o momento em que ele não me quer mais. Estou bêbada, angustiada. “Este desgraçado não me quer, sou uma prostituta apenas. E ele tem família. Além disso, ele só quer sexo.” Meus pensamentos estão me martirizando, estou amarga, que importa se ele me procura ou não?

Com a bebida, vem também dores no estômago, somente aliviada com remédios. Tomo os medicamentos e bebo novamente, fico enjoada constantemente e vomito. Não há mais alegria no bordel. Minhas atitudes vão espantando os clientes, as meninas começam a ir embora, acabo ficando apenas com uma companheira - ela se apiedou do meu estado e quer ajudar. Não há mais homens na casa, porém, ele as vezes aparece para saber como estamos.

Ainda não passou meu amor. Volto a segui-lo, acompanho seus passos disfarçadamente. Vejo quando ele entra na casa, beija

a esposa, as crianças, todos estão felizes, sinto um ódio dentro de mim. Vou acabar com tudo isso. Quando anoitece, estou espreitando da janela, as luzes se apagam e aproveito a penumbra para entrar na casa. Tenho um veneno comigo - vou matar a mulher dele. Durante muito tempo, fico quieta, escondida, espero todos se retirarem para os aposentos, subo as escadas... Há muitos quartos, portas grandes, posso ver onde eles estão, porque a porta está semi-aberta. Brincam um pouco na cama e dormem rapidamente. Há um copo d'água ao lado da mulher, no criado-mudo. Minhas mãos estão suando, frias, porém, não titubeio. Arrastando-me, aproximo-me da cama e despejo o veneno no copo. Então, saio rapidamente.

- Por que você está matando esta mulher?

Já tenho 32 anos, estou acabada pelo álcool, feia, doente, vomito sangue, tenho dores horríveis, esta desgraçada é a culpada por tudo. Se não fosse ela, ele estaria comigo. Eu era mais bonita, mais perfumada, ele gostava de transar comigo, mas não me quis...

Está doendo muito. Voltei para casa, não consigo dormir. Minha amiga está junto, me ajuda, eu estou cada vez pior. Desde este dia, não saí mais de casa, nem levanto da cama. O que será que aconteceu com aquela mulher? Ele nunca mais voltou e eu ainda tinha esperança que um dia aparecesse... Esperava todos os dias. Meu estômago, minha cabeça, dói demais, estou muito ruim.

Peço um terço para minha amiga. Não sei rezar, porém sinto que estou indo. Será que ela morreu? Peço perdão, eu acredito em Deus... Eu ainda amo muito aquele homem, amo loucamente. Sei que vou morrer. Peço à minha amiga para chamá-lo. Ela sai. Mas eu morro antes, sem vê-lo...

O cheiro aqui é horrível, tem lodo, muitos espíritos estão atrás de mim. Gritam, chamam-me de assassina, procuram me ferir, um agarra minha perna. Eu ando muito, procuro sair deste lugar, não sei onde estou. Eles aparecem de todas as partes, uns se aproximam, outros não. Vejo que minha amiga está rezando por mim, na Igreja - ela não me ouve...

Não sei quanto tempo passou. Vejo um velho, de barba, sua aparência é diferente dos demais: parece limpo, bonito, usa uma roupa comprida - tenho medo dele e fujo. Estou muito feia, suja, não quero que se aproxime de mim. Entretanto, todos os dias o ser aparece, quer me levar embora, mas não acredito. Por que? Para onde? Diz que matará minha sede - neste momento estou muito sedenta... Um dia aceito, mas digo que só vou conhecer o que ele quer mostrar e depois voltarei.

Andamos muito, muito, quase não aguento, quero desistir. Este espírito me apóia, incentiva, consigo chegar até um lugar onde as pessoas cuidam de mim. Trazem água, limpam-me mas não me tocam. Tenho feridas feias, porém, conforme estas pessoas vão me limpando, elas desaparecem.

Quando estou um pouco melhor, vou para um lugar onde a natureza é bela, há vegetação, flores, pássaros, um bosque, bancos, casas pequenas e uma bem grande, branca, com uma cruz por sobre o telhado. Meu acompanhante diz que é um hospital. Não quero entrar, tenho medo.

- Você será ajudada neste lugar, tenha confiança! - dizem.

Para o local horroroso onde eu estava também não quero voltar, então aceito. Todos os “doentes” estão deitados no chão, não há camas, existe como uma fumaça no ar, que flutua entre as pessoas dormindo. Um espaço vazio já está preparado para mim. Você deve se deitar - a fumaça é terapêutica. Eu não posso ficar aqui, explica o velho. Fico um bom tempo dormindo, me recuperando...

Quando desperto, estou mais leve, perfumada, sem feridas. Eu saio e ele está me esperando. Há alguém com ele. É minha amiga! A companheira que cuidou de mim enquanto eu estava doente, e depois ficou orando pela minha alma! Fico muito emocionada por reencontrá-la.

Agora que estou recuperada, é hora de trabalhar. É engraçado: tenho que ir até aquele lugar, onde há lodo e espíritos sofredores, para buscá-los e ajudá-los - a minha amiga também participa, me explica as coisas, pois enquanto eu estava no hospital, ela já trabalhava nesta função. Assistimos aulas também, e eu gosto muito.

Há uma mulher sentada no bosque. Eu a reconheço. Tento fugir, como se tivesse visto um fantasma: é a mulher do homem que eu amava. O homem que é o meu mentor espiritual me chama, diz que eu a matei, mostra-me como um filme de tudo o que aconteceu. Não só cometi o crime como também acabei com a vida do marido dela: ele sofreu muito, tornou-se deprimido e doente - falava o tempo todo nela. Passo mal, sinto remorso da minha atitude, minhas dores começam a voltar. O senhor que conversa comigo diz que é necessário o arrependimento, devo pedir perdão a ela:

- Ela é um bom espírito, vai compreender e ajudar - complementa.

Entretanto, sou muito rancorosa - não quero falar com ela, ainda amo aquele homem e tenho raiva da moça. Sou repreendida e tenho que trabalhar mais ainda. Sou mandada à Terra, para buscar os maus espíritos. Sofro muito, mas vou aprendendo. Uma hora decido falar com ela. Sou surpreendida pela receptividade, sou recebida de braços abertos e diz que estava esperando por esse momento. Esclarece que fui apenas um instrumento, pois fazia parte do plano espiritual o marido dela passar por aquele sofrimento. Peço perdão, falo estar arrependida. Ela compreende, e diz para eu continuar o trabalho: eu vou reencarnar em breve e você também - elucida. Sinto-me mais leve, mais alegre e continuo a trabalhar.

Meu mentor diz que tenho uma tarefa:

- Você vai receber os espíritos que desencarnaram.

Muitos estão chegando. Subitamente, alguém se destaca do grupo e corre ao meu encontro. É ele! O homem que eu amo! Nos abraçamos, ele diz que me amava também e pergunta por que fiz aquilo. Você deveria saber esperar, ralha-me com ternura.

Meu espírito é menos evoluído que o dele. Soube me perdoar com facilidade, e passamos a trabalhar juntos, e durante muito tempo somos felizes. Porém, é chegado o momento de voltar. Choro muito, não quero, não quero me separar dele!

- Vocês nunca estarão separados. Porém, agora não é o momento dele ir junto. Você deverá se redimir dos seus atos - esclarece o mentor.

Ainda tento brigar, procuro uma forma de continuar com ele, falo que aceito qualquer missão, desde que não me separe dele, mas não há como evitar.

Neste momento, a paciente entra espontaneamente na próxima encarnação.

Sou um menino bravo, moro numa casa bem humilde, minha mãe é severa, as vezes me bate. Tenho mais ou menos cinco anos. Estou sempre na rua, quando volto, acabo apanhando. Meu pai é alcoólatra, não liga para mim, e minha mãe vive de esmolas - é uma pobreza!

Agora tenho uns 12 anos. Apesar da pouca idade, a vida na rua me ensinou a lutar para sobreviver. E sei que não é esta vida que quero para mim. Decido fugir: pego um trem, como clandestino, chego numa estação e saio andando, meio sem rumo. Não tenho nada - nem dinheiro, nem mala, nem comida. Chego em uma fazenda, peço comida e trabalho. Um casal de idosos, os donos da fazenda, procuram me ajudar - eles permitem que eu cuide dos animais, e arrumam um lugar no porão, onde posso dormir. Os velhos não tiveram filhos e acabam se afeiçoando a mim. Ganho balas, roupas, também me dão um cachorro. Depois de um tempo, querem que eu vá para a escola, mas não me sinto bem: os alunos são todos pequenos e eu já sou grande, as crianças me chamam de burro, fazem brincadeiras - não gosto disso.

Com os velhos nos entendemos muito bem. Eles gostam de mim e o sentimento é recíproco - procuro ajudar em tudo, e eles colaboram nos meus estudos. Aprendo a ler e escrever.

Cresco, tenho uns 25 anos e já passo a administrar a fazenda. Não fiz amizades, apenas dedico-me ao trabalho e aos cuidados com os meus pais adotivos - eles estão com a idade bem avançada e adoecem facilmente. Nesta época, o velho morre, deixando-me muito triste. Cinco anos após, a esposa dele se

vai, e eu acabo herdando tudo. Queria ter uma namorada, mas tenho vergonha, não me aproximo das mulheres.

Resolvo ir procurar meus pais verdadeiros. Vou até o lugar onde morava - tudo está mudado, não há mais nada lá, acho que não vou encontrar mais ninguém. Com o coração apertado, ainda insisto, procuro na vizinhança, pergunto e recebo uma informação do local onde eles poderiam estar. Vou checar, é muito longe, mas quero encontrá-los.

É uma favela, muito pobre e suja. Descubro meus pais morando num lugar horrórico, meu pai está de cama, vomita muito, e minha mãe também está doente, esfomeada. Tenho uma irmã de mais ou menos 13 anos de idade.

Quero levá-los dali, mas meu pai diz que se tenho alguma coisa é porque roubei, que só estou mentindo. Minha mãe e minha irmã aceitam partir comigo. Acabamos deixando-o ali mesmo. Mas não aceito esta situação, retorno e o levo comigo também.

Vivemos juntos, eu cuido dos meus pais, doentes pela vida miserável que tiveram, o tempo passa, minha irmã se casa e tem um filho. Eu continuo solitário, sinto-me triste, amargurado. Meus pais morrem, e fico mais sozinho ainda.

Estou andando numa carroça, o cavalo dispara. Sinto uma dor aguda no peito, caio, bato as costas e a cabeça, ainda sinto a dor no coração, antes de morrer.

Não demoro muito a reconhecer que já estou desencarnado. O espírito daquele homem que amo está me esperando. Ele parece satisfeito. Diz que cumpri minha missão e revela-me que o meu pai, nesta vida passada, era o espírito da esposa dele, na outra vida. Complementa que ela sabia como seria esta encarnação, mas preferiu não dizer nada - era uma situação necessária, para nós duas. Para mim, era preciso cuidar do meu pai, sem ter raiva.

Eu e ele ficamos juntos novamente. Nós estávamos muito unidos por um amor, uma bonita afinidade. Trabalhamos juntos. Soube que aquela amiga minha reencarnou e iríamos visitá-la à noite.

Fizemos um repasse por esta vida, e não foi visto mais nada. Então, pedi a Amanda que visse como foi a infância da vida como prostituta, pois não foi revelada, e ela relatou ter nascido dentro do bordel - sua mãe também era prostituta e nunca conheceu o pai. Foi crescendo neste ambiente, a mãe morreu relativamente cedo e as moças procuraram educá-la - elas não queriam que aquela criança seguisse o mesmo caminho, tentavam convencê-la a estudar, mas não adiantou. Tão logo a menina pôde decidir, resolveu também se tornar uma prostituta. A sua beleza e graciosidade logo lhe trouxe muitos clientes e dinheiro... Por fim, ela revelou que seu marido de hoje era o homem que ela amara na vida passada, e a filha com a qual tem dificuldades de relacionamento, foi a esposa assassinada.

As duas vidas e o espaço entre elas que minha paciente relatou, em uma sessão, demonstra todo um ciclo cármico, unido por detalhes que, num todo, revelam a justiça da reencarnação - cada situação foi determinada pelas atitudes da própria paciente.

Na primeira vida, encontramos um espírito orgulhoso, vaidoso, egoísta, capaz de chegar a extremos para alcançar seu intento. Na tentativa de conquistar um amor, não só matou, como também levou o sofrimento a uma família toda - enfim, teve seu carma agravado por esta atitude insana.

Por outro aspecto, não soube se utilizar da sua beleza e charme para buscar um amor verdadeiro - preferiu usar o sexo apenas como maneira de ganhar dinheiro e satisfazer seus desejos. Quando viu frustrada a aproximação com o homem que julgou ideal, entregou-se à bebida, maltratando o organismo, acumulando sentimentos negativos, reprimindo possíveis amizades, praticamente parou de viver.

Morto o corpo físico, encontrou todo o “inferno” que já existia na sua cabeça - a culpa, a angústia, a solidão, o sofrimento físico e moral já estavam presentes antes da morte. Foi perseguida e vagou solitária, e a única sensação boa relatada era quando percebeu sua amiga rezando pela sua alma. Daí a prática da oração ser aceita em praticamente todas as religiões.

Encontrando um espírito protetor, que a conduziu para a recuperação, para o entendimento da situação, pôde também auxiliar outros espíritos, em companhia de pessoas queridas. Notamos que o espírito da esposa assassinada, mesmo tendo evoluído a ponto de compreender e perdoar o ato, também

tinha suas dívidas cármicas - voltou como o pai alcoólatra e humilde, numa vida difícil. Tal é a justiça da reencarnação: ao mesmo tempo em que este espírito pôde se desenvolver numa encarnação paupérrima, permitiu à minha paciente a oportunidade de se redimir, cuidando, sem rancor, deste pai com o qual tinha ligações mais profundas que a simples relação familiar, e novamente tendo que conviver com este espírito na encarnação atual.

Enfim, o que ficou claro no espaço entre vidas relatado é a possibilidade de se reprogramar, de maneira que possamos evoluir e “suavizar” nosso caminho, transformando, para melhor, o nosso carma. Nada é definitivo: situações negativas, sejam elas econômicas, sociais, familiares, psicológicas, são barreiras pelas quais devemos e temos condições de ultrapassar.

A sensação do dever cumprido

A mesma paciente Amanda, em outra sessão, demonstra que, em se passando por cima dos problemas, procurando evitar a revolta diante de situações traumáticas, o espírito pode alcançar uma felicidade que nenhum outro prazer material é capaz de trazer: a sensação do dever cumprido.

Estávamos procurando os momentos passados que tinham relação com suas dores nas pernas, e a paciente entrou nesta vida:

Vejo um salão imenso, estou num baile - moro aqui, o lugar é lindo, desço as escadas e sinto-me feliz. Estou com 15 anos. Os convidados formam um corredor, por onde passo, como que desfilando, num maravilhoso vestido, imenso. Meus pais sentam-se em tronos, é meu pai quem levanta primeiro, para dançar. Então todos dançam. Recebo uma coroa brilhante, ornada com uma pedra vermelha e outras brancas. A festa é em minha homenagem. Danço com as pessoas, converso com todos, e meu pai fica bravo porque sempre dou atenção aos criados.

Sempre fui assim: procuro tratá-los bem, escondo boas refeições para dar a eles, e por isso sou recriminada: não devo me misturar com gente de classe diferente da minha. Não adianta. Quando eles trazem comida no meu quarto, falo para eles sentarem comigo e compartilharem, apesar do medo que sentem - acham que se alguém descobrir, irão castigá-los. Choro muito quando sou repreendida, não entendo esta distinção, não aceito.

Sou moça, meu pai arruma um casamento. Este homem é pior que meu pai: autoritário, despreza e maltrata a todos - não quero me casar com ele. Converso com os criados, na realidade eles são os únicos que me ouvem, porém é impossível mudar a situação. Caso-me contra minha vontade, estou muito triste, mesmo na festa é difícil esconder minha frustração. Quando vamos para o quarto, não o deixo me tocar.

Este marido é violento, quer me obrigar, acabamos discutindo. Ele me bate, choro muito, minhas forças não são suficientes para reagir, continuo apanhando, até que entra um criado - o coitado acaba espancado. Mesmo sendo frágil, procuro defendê-lo, sou empurrada, bato minha cabeça na cama. A pancada foi muito forte e desmaio. Meu marido continuou agredindo o criado, até matá-lo. Esta confusão chamou a atenção de todos - meu pai entra no quarto, vê toda a cena, e expulsa o homem violento, mesmo após ele declarar inocência.

Quando acordo, não consigo me lembrar o que aconteceu e também não sinto meu corpo. Explicam para mim o que ocorreu, começo a recordar, falam que o criado foi morto, sinto-me muito abatida. Meu pai está amargurado por ter escolhido aquele homem para mim, pede perdão, entre lágrimas. Arrepende-se por ter sido tão insensível comigo, e com todos os empregados, não aceitando o meu respeito por eles, repreendendo-me toda hora por isso. Neste momento, ele sabe que não há nada a fazer para melhorar meu estado: só movo a cabeça, nunca mais andarei e nem poderei sair da cama. É interessante: a partir deste dia, nunca mais fiquei sozinha, sempre havia algum empregado para me fazer companhia, contar histórias, trazer suas crianças para brincar comigo...

Tenho por volta de 25 anos. Sinto alguns problemas respiratórios, por ficar tanto tempo na cama. Alguém me diz que vou morrer, porém ainda quero fazer alguma coisa pelas pessoas, mesmo estando inválida. Chamo uma das criadas antigas, uma senhora, peço para ela pegar uma caixa que tenho guardada.

- Abra - digo.

Seus olhos observam todas as jóias que ganhei, desde a infância, inclusive a coroa recebida naquela festa.

- É para você e para os outros. Cuide das crianças com isso.

- Não posso aceitar, seus pais nunca vão permitir! Argumenta a velha serviçal.

- Pois chame meus pais agora - minha voz demonstra tanta firmeza que ela não contradiz.

Na presença deles, pergunto se aquelas jóias são minhas de verdade e, diante da afirmativa, ainda insisto:

- Posso fazer o que quiser com elas?

- Sim.

- Pois então estou dando tudo a esta criada. Ela saberá o que fazer com isso.

Sinto uma alegria radiante. A senhora se ajoelha, chora muito, de alegria... Ainda peço para meu pai cuidar dos empregados, ser compreensivo, ajudá-los no que for possível. Estou morrendo. Sinto como se o quarto se iluminasse, espíritos, como luzes, vêm me dizer que posso ir. Ainda vejo meu pai, vejo a velha criada, peço para dar uma última olhada em tudo, as luzes me acompanham, e parto.

Vou para um lugar onde não há estruturas, tudo é resplandecente de luz, sem formas definidas. Trabalhamos pelas pessoas necessitadas mas, depois de um tempo, sou avisada que é chegada a hora de voltar.

Tenho mais ou menos 20 anos. Vivo numa igreja bem pequena, sou uma mulher simples, e ensino o livro de Deus para todos os que desejam. Outras pessoas moram comigo, eles não tinham onde ficar, e juntos construímos uma espécie de igreja, rústica, humilde. Recebemos doações para sobreviver. Também plantamos e criamos alguns animais. Próximo a este local, há um rio, onde as vezes pescamos.

Quanto ao vestuário, usamos o que temos, o que ganhamos - tudo é dividido igualmente entre todos. Minha única intenção é ajudar as pessoas. Envelheço assim, no mesmo lugar, e me sinto feliz. Nossa morada pobre já não é tão rústica, temos camas, progrediu bastante.

Com a idade avançando, não sinto dores, nem tenho doenças, apenas vou morrendo de velhice. Penso que cumpri minha missão.

Volte para antes dos 20 anos, para a sua infância, relate como foi - peça à paciente.

Eu não conheci meu pai. Deixaram-me num barco, minha mãe não podia ficar comigo. Sou achada por crianças que brincavam no rio e elas, excitadas, gritam, chamam pessoas adultas para ajudar. Eu chorava muito de fome e cólica. O casal que me adotou contou como tudo aconteceu. Levaram-me para uma casinha, alimentaram-me e, mesmo tendo outros filhos, não se importaram em dividir o carinho comigo.

Com 10 anos, ajudo a cuidar dos animais, vou aprendendo com meus pais adotivos o valor da caridade, da união entre os que têm pouco, procuro ser uma criança como eles me ensinam. Aprendo a ler - tem um livro grande, um livro sagrado, e com o passar dos anos, passo a ensinar o que está escrito. São textos sobre Deus, a vida, o espírito, o amor, a eternidade da existência - as pessoas começam a me procurar, para ouvir as histórias que conto.

Ainda jovem, com uns 20 anos, penso em construir um espaço onde todos possamos nos reunir - muitos me ajudam, e conseguimos concluir uma pequena construção, rústica, que servirá para abrigar nossos encontros.

O espaço entre vidas, relatado após uma encarnação onde a virtude esteve acima dos defeitos nos dá uma visão de um outro estágio, onde há a existência espiritual, porém não há mais forma de se descrever o que se passou através de palavras. É o que o espiritismo considera uma “visita” a mundos superiores - o espírito alcançou um certo grau evolutivo e pelos seus méritos tem direito a conhecer estágios mais puros, o que não significa que esteja livre de reencarnar em lugares como o Terra, por exemplo. Conforme o Livro dos Espíritos, o espírito nestes mundos avançados “nada mais faz do que os entrever, e é isso que lhe dá o desejo de se melhorar para ser digno

da felicidade que neles se desfruta e poder habitá-los.” E assim foi, como vimos na encarnação posterior: uma vida toda dedicada ao próximo.

A evolução é progressiva, porém gradual. As duas vidas onde a paciente demonstrou ter aprendido a ser caridosa não significam a perfeição: em outras encarnações, confrontada com problemas diversos, muitas vezes a paciente escolheu o caminho do vício, do suicídio, do rancor, mostrando oscilações, mas dentro de um panorama geral de evolução. Essas últimas vidas relatadas vieram depois daquelas em que foi prostituta e guerreiro. Mostra causa e efeito. Se em uma encarnação foi muito violenta, sofreu de violência em outra. Ocasionalmente dor e tristeza, passou por isso também. Porém, soube passar por isso com aceitação, sem revolta, e foi uma pessoa boa, apesar da tragédia. Tudo isto tem relação com os seus sintomas e seu comportamento hoje.

CAPÍTULO 6

Espíritos - eles estão entre nós

Terminada a vida, perguntei à paciente se ainda havia alguma coisa que a prendesse nessa encarnação, se algum sentimento, algum fato ainda vinha ao seu inconsciente.

- Eles estão aqui, estou sentindo! Eles estão aqui!
- Quem está aqui?
- É o meu ex-noivo e o pai dele. E aquela empregada negra também!

Mariluci vira uma vida onde pensara ter encontrado o homem dos seus sonhos, e com ele se casou. Com os anos se passando, a relação entre os dois foi ficando enfadonha, cansativa. Segundo ela, o marido era muito ausente; aquele homem romântico e compreensivo dos tempos de noivado se transformou numa pessoa agressiva, distante. Certa ocasião, alguém lhe relatara que o marido estava frequentando um bordel, e a moça foi conferir - não o encontrou, mas todas as indicações garantiam ser ele um freguês assíduo da casa.

Chegando tarde, as vezes nem chegando, não havia como dialogar com o esposo. Era uma constante troca de acusações, ambos sentiam-se traídos, porém ela nunca dera motivos, até encontrar um amante. Na verdade, a esposa traída também começou a sair, frequentando a vida noturna, gostava da sensação de ser galanteada por homens e as vezes exagerava na bebida. Foi nessa situação que conheceu o amante.

Sujeito apessoado, bons trajes, o boné sempre cobrindo-lhe os cabelos curtos, não demorou muito para iniciarem um contato constante: aproveitando a hora de trabalho do marido,

marcavam encontros na própria casa dela, contando com a discrição da empregada que, no entanto, desaprovava a conduta da patroa. Esta empregada passou a ter atitudes claramente hostis, mas nunca revelou o caso.

O casamento foi desmoronando naturalmente. Do relacionamento proibido, nasceu um menino, tratado como filho legítimo do casal. Longe de servir como motivo de união para os dois, este fato transformou-se no marco do fim: a mãe, mesmo com a criança crescendo, preocupava-se mais com o bem-estar do amante, relegando a tarefa da criação do garoto à empregada, chegando ao ponto de ser flagrada pelo menino quando mantinha relações na cozinha. O marido ausentava-se cada vez mais, até resolver abandonar a família e ir morar com outra mulher, vindo a morrer precocemente de infarte.

Amante e viúva passaram a conviver no mesmo lar, desfrutando de uma vida confortável, proporcionada pelo dinheiro: o homem procura conquistar a confiança do afilhado, na realidade o seu filho, tenta agradá-lo de todas as maneiras, para quebrar uma barreira imposta pelo então rapazinho, talvez desde o dia em que viu o estranho e sua mãe na cozinha. Dinheiro não faltava - ele era rico, e até pagou um curso de pilotagem para o jovem, quando percebeu o fascínio deste por aviões. Concluído o curso, comprou um pequeno e ágil aparelho, modelo usado para apresentações aéreas.

Mesmo assim, o jovem tem raiva de quem ele considera padrasto:

- Ele me faz pilotar, reúne os amigos dele para a demonstração, quer apenas mostrar como ele é poderoso e tem dinheiro! Afirma.

- Não, não é isso! Ele gosta muito de você e só quer o seu bem...

- Não acredito, mãe! Você fala isso porque está com ele. E também só se casou por dinheiro...

Até o momento, o garoto não sabe ser filho deste homem. De certa maneira, tem até ciúme do relacionamento, pois sentiu-se rejeitado desde o início. A mãe só contou a verdade após o acidente

que deixou o filho paralítico: numa demonstração aérea, o aparelho apresentou problemas e ele se feriu gravemente.

Para andar, agora o rapaz necessita de muletas. Isso o revoltou, deixou-o transtornado, e os pais aceitaram deixá-lo morando na casa sozinho, apenas com a empregada para ajudá-lo - assim era a vontade dele. Mudaram-se para outro local próximo, mas a mãe apegou-se muito mais ao filho a partir desta fase. Procura apoiá-lo, suprir a carência do rapaz, ser a mãe que até então não fora.

Formado em direito, o filho demonstra sua inclinação homossexual quando traz um amigo para morar com ele. Os pais procuram não se importar, dão apoio. A paciente relata que, poucos anos depois, adoece, sofre muito e acaba morrendo num hospital, feia e gorda.

- *Há mais alguma coisa referente a essa vida?*

- Sim, sinto que o meu primeiro marido na vida passada foi o pai do meu noivo desta vida presente. E o rapaz, o meu filho, foi o meu noivo...

Este noivo foi um rapaz muito problemático: filho de uma família abastada, sentia que a ele, tudo era permitido. Apesar de sentir uma atração quase obsessiva pela paciente, tinha diversos relacionamentos "extra-oficiais", bebia e fumava muito. Pouco tempo depois da decisão dela de abandoná-lo, ele morreu de pneumonia, nunca tendo aceitado a separação.

Foi neste momento que as duas, ou melhor, três presenças se manifestaram. Veja o que eles querem, chame-os para conversar, pedi, e logo a voz de Mariluci mudou o tom:

- Eu tenho ódio, ódio desta mulher!

- *Quem é você?*

- Eu sou quem cuidou do filho desta infeliz, que nunca soube ser uma boa mãe!

- *Por que você diz isso?*

- Você acabou de ver a vida dela. Foi uma mulher fútil, vulgar, na verdade quem cuidou do menino e o amou como mãe fui eu. Ele deveria ser meu filho, não dela! Eu sempre quis ficar com ele, mas não como empregada...

- *Veja, não há motivos para você ter raiva dela. Afinal, ele era filho de...*

- Não importa! Não me interessa! Eu tenho raiva dela. Fiquei muito feliz quando vi esta mulher agonizando doente, até a morte. E agora também! Tenho prazer em vê-la sofrer, quero que fique gorda e feia como sempre foi.

- *Procure entender: quem está em agonia é você. Esta mulher que está aqui não é mais a mesma pessoa, pois está tendo a oportunidade de uma nova vida, aprendendo com os erros do passado. Enquanto você continua presa a este sentimento que não lhe ajuda a progredir.*

- É ela sim! É ela que está aí. E vai sofrer muito...

Muitas vezes, quando acontece este tipo de resistência, solicito à entidade (tendo a paciente como médium), que veja o porquê deste apego; Hermínio Miranda, em Diálogo com as Sombras, avaliza o método de fazer o espírito obsessor “ver” o seu passado. Diz neste estudo sobre a obsessão: “Para o espírito atormentado pelos seus desequilíbrios, o futuro não importa, o passado não interessa e o presente é a única realidade que aceitam e manipulam livremente, segundo os impulsos do momento. Comprimidos numa estreita faixa do presente, que procuram viver com toda a intensidade possível, entre um futuro que ainda não existe e um passado que procuram ignorar, esquecem-se de que não poderão, jamais, fugir às suas responsabilidades e compromissos.

... Para abrir diante dele uma janela sobre si mesmo, a chave mais importante de que dispõe o doutrinador (no caso, o terapeuta) consiste em levá-lo a contemplar seu próprio passado, fortemente protegido pelos mecanismos do esquecimento deliberado.”

Sendo assim, solicitei ao espírito que localizasse o que originou esta vida como empregada, por que nasceu pobre e viveu solitária, sem filhos e teve que criar o filho de outra pessoa. Foi contada então a vida de uma matriarca, dona de muitos escravos, mulher cruel e egoísta, que agredia moral e fisicamente tanto os filhos como qualquer outra pessoa que lhe conviesse. Com mão-de-ferro, foi controlando a vida de todos ao redor, até que a doença tirou seu poder de decisão e com o tempo, a própria vida, inspirando-lhe mais revolta.

Somente assim pude demonstrar toda a relação cármica - ele, o espírito, não havia tido méritos para uma vida melhor. Precisava aprender a humildade, e por isso nasceu apenas para servir. A paciente era uma participante, não tendo culpa pelo sofrimento deste ser que se identificou como sendo o da empregada. Após bastante explicações, aceitou deixar a paciente e seguir junto com os Mestres de Luz, para Ter o apoio que certamente receberia.

Pedi então que o espírito do ex-noivo se apresentasse.

- Eu sou o Ivan.

- Ivan, por que você continua acompanhando esta moça. Não compreende que esta vida já passou?

- Não sei. Eu estou aqui, é diferente mas estou aqui. E não aceito que ela tenha me abandonado. Quem ela pensa que é? Como ela pode querer ser feliz com este homem (o marido da paciente) e me deixar nesta infelicidade tão grande? Não vou aceitar nunca!

O trecho do Livro Tibetano dos Mortos transcrito no início do capítulo anterior demonstra que, em certos casos, o espíritos não tomam consciência exata do estado de desencarnado e, apegados a sentimentos materiais e errôneos referentes à vida recém encerrada, e sem o conhecimento da natureza espiritual (reencarnação e carma), insistem em permanecer junto ao seu objeto de fixação (pode ser um local, uma pessoa, uma cidade, etc.).

Continuo a conversar com ele, procurando demonstrar toda a situação: o sofrimento que ele está causando a si mesmo por não aceitar a morte física e insistir em perseguir obstinadamente uma pessoa que, pelo menos no momento, ele não tem mais relações. Explico que, se ele aceitar a ajuda dos amigos espirituais e seguir o seu caminho evolutivo, poderá, se estiver programado, voltar a reencontrar sua ex-noiva, em outra situação, em outra vida talvez. No entanto, ele é relutante, teimoso, insistente.

- Não vou. Do jeito que está, está bom.

Usei então a mesma tática aplicada anteriormente, onde solicitei que fosse vista a razão desta obsessão. E assim narrou o espírito desencarnado:

Vejo uma vida onde sou muito rico. Sou bonito, tenho uns 30 anos, vários amigos me cercam. A beleza, o dinheiro e minha lábia atraem muitas mulheres, desfruto de todas, é quase

uma por noite - não me importo em enganá-las, jurar falsos amores, prometer coisas que não vou cumprir. Minha mãe e meus irmãos aprovam minhas atitudes: acham que sou esperto, garboso, sedutor. Não recebo muito apoio do meu pai, pois ele quer que eu trabalhe, tenha uma mulher seriamente, para casar. Que bobo! Só quero me divertir!

Os anos vão passando, e minhas atitudes vão deixando marcas: algumas moças que tive e descartei enfrentam problemas - suicídio, prostituição, loucura, solidão. As vezes ouço alguns comentários sobre este fato, mas finjo não ter nada a ver com isso. Porém, a vida boêmia me traz uma doença no fígado. Eu bebia muito, não cuidava da saúde, morri assim, sem me casar e doente.

- Veja, você apenas repetiu a mesma vida, o mesmo comportamento agora, e por isso morreu de pneumonia. Recusou-se a evoluir. Os vícios, a infidelidade, atitudes de velhaco, o orgulho e autoritarismo. Toda a sua infelicidade é reflexo do que semeou. Na vida em que havia sido filho dela (da paciente), não havia mudado. Muito revoltado, não se casou, não soube aprender a amar, mesmo com sua mãe na vida passada, e ex-noiva hoje procurando fazer o melhor, apesar de todos os erros.

Sendo incisiva e até usando argumentos duros, procurei demonstrar que o único caminho para acabar com o sofrimento deste espírito e com este apego doentio à paciente era compreendendo, perdoadando e aceitando o auxílio que viria.

Não devemos nos esquecer da situação enfrentada pelo espírito que está neste estágio - vimos no capítulo anterior que enquanto não se desliga destes sentimentos egoístas, mesmo pensando que está tendo alguma satisfação em obsessar as pessoas, provocando o mal-estar, o espírito na verdade está sofrendo. Mas quando ele aceita as suas imperfeições e procura uma ajuda para melhorar, ela sempre aparece.

Assim, após muito diálogo, logrei êxito em demovê-lo da idéia de continuar perseguindo a paciente. Da mesma forma, conversando e explicando, mostrei ao espírito do marido traído - o marido visto pela paciente na regressão e identificado também como o pai do ex-noivo - que cada um é responsável pelos seus erros e ele aceitou partir.

Após esta sessão, estas entidades nunca mais se apresentaram e a paciente, ao longo do tratamento, foi melhorando paulatinamente dos sintomas,

dos quais o principal era uma estranha forma de edema, inchando praticamente todo o corpo, desde os 19 anos de idade.

A obsessão e a TVP

Este assunto é suficientemente vasto e controvertido que, por si mesmo, foi e é tema para inúmeros livros, filmes, documentários e teses. Desde religiões solidamente estruturadas até grupos tribais xamanistas possuem seus rituais exorcistas, tendo como ponto comum a crença na influência dos maus espíritos sobre a personalidade humana. A obsessão é geralmente explorada pelo seu conteúdo exótico e sobrenatural; daí generalizou-se a idéia de que é algo demoníaco, que ocorre com pessoas extremamente ligadas à má conduta.

Antes de qualquer comentário, é necessário fazer uma distinção dos termos: possessão, obsessão, personalidade intrusa ou personalidade subconsciente? Todas as palavras procuram exprimir sobre o mesmo fenômeno. No entanto prefiro utilizar o termo obsessão, por entender que através dele é possível encontrar o significado mais próximo para as descrições feitas pelos pacientes: a perturbação externa age sobre o consciente e inconsciente da pessoa, mas a liberdade de ação é sempre de responsabilidade individual. Possessão parece induzir que o ser está completamente dominado, não é mais senhor dos seus atos, um segundo espírito (maléfico) estaria quase que coabitando um mesmo corpo - mesmo admitindo ser possível tal dependência extrema, poderíamos enquadrar como um grave grau de obsessão, pois ainda assim a vontade do indivíduo pode se manifestar. Quanto aos dois outros termos, são designações da psicologia que, ao meu entender, não conseguem captar o real significado para o fenômeno.

Pois bem, utilizando a partir de agora a palavra obsessão para designar as más influências exercidas pelos espíritos pouco evoluídos, é necessário desmistificar o conceito: a obsessão está presente em toda a história escrita da humanidade, faz parte das tradições cristãs ocidentais, legadas principalmente por trechos

bíblicos explícitos, compreende igualmente todas as grandes religiões orientais, como o hinduísmo, budismo e shintoísmo e serviu inclusive como argumento para atrocidades cometidas pela Inquisição. Portanto, é uma realidade aceita pela maior parte dos povos através dos tempos, e só está hoje com o sentido natural - influência espiritual - um pouco diluído devido à compreensível diversidade de interpretações teóricas: religiões, seitas, crentes, descrentes, e a ciência, cada qual tem a sua idéia.

“O arifa (chefe cerimonial) arrastou uma mulher semiparalisada para o pátio... A música subitamente saltou para um espaço que não era deste mundo... como se estivesse sob a influência de um ajudante invisível... O espírito que a possuía sacudia seu corpo frágil, como uma tempestade sacode uma árvore no inverno, torcendo e curvando até que uma faísca de vida e vitalidade percorreu seus membros paralisados.” (Descrição de um exorcismo em tribo africana, conforme Jon Klimo - Channeling)

“Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo... E ele perguntou ao pai: Há quanto tempo isto lhe sucede? E ele respondeu: Desde a infância... Jesus repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno, sai dele e nunca mais tornes a ele. E o espírito clamou, e agitou-o muito e saiu...” (Marcos, 9:17-27)

“Não vou a parte alguma!”

A voz era estrondosa e roufenba, como se ele estivesse embriagado.

...Perguntei-lhe se era ele (o obsessor) quem decidia ir beber e pernoitar no motel.

“Sou eu mesmo... Mas aquele merda volta para casa quando se sente mal. Não posso detê-lo o tempo todo.” (Dra. Edith Fiore em Possessão Espiritual)

Exemplos de casos e citações não faltam em diversas épocas e situações diferentes. Mesmo na psiquiatria, um ramo da medicina tão rígido em seus valores, temos o registro de, quem sabe, o primeiro médico a tratar pacientes gravemente

perturbados através da desobsessão: o Dr. Carl Wickland. Em seu livro *Thirty Years Among the Dead*, publicado em 1924, o terapeuta lança a conceituação da doença mental provocada por espíritos obsessores, e relata casos captados durante trinta anos de trabalho.

A TVP não “descobriu” a obsessão, bem como não inventou a reencarnação - a existência das vidas passadas está gravada no inconsciente das pessoas e é este mesmo inconsciente que nos revela a proximidade de espíritos perturbadores. Pela quantidade de ocorrências e pelos danos provocados pela obsessão, - disfunções orgânicas com manifestação de sintomas generalizados - a responsabilidade da TVP em trabalhar a desobsessão é grande.

A Dra. Edith Fiore, hoje uma das mais conceituadas profissionais em TVP dos Estados Unidos, cedo se deparou com este aspecto da terapia. *“Meu trabalho com espíritos possesores levou-me a rever minhas próprias crenças tocantes à vida depois da morte e à sobrevivência da consciência. No correr dos anos, evolui de uma descrença no sobrenatural - embora fascinada por ele - para uma aceitação intelectual dos conceitos de reencarnação e de continuação da personalidade.”* Em seu trabalho de regressão, a Dra. Fiore verificou que os pacientes obsediados percebem variados tipos de sintomas: diminuição do nível de energia, dores, enxaquecas, insônia, obesidade, hipertensão, asma, alergias, falta de concentração, ansiedade, temores, fobias, etc.

É o que encontro também em meu consultório, porém não relaciono cada sintoma a uma única causa - no caso, a presença de um ou mais espíritos. Realço mais uma vez que o paciente é tratado como um ser holístico - vidas passadas, vida presente, obsessores, mente, corpo e espírito são tratados pela TVP e pelo próprio paciente, em busca da harmonização e conseqüente eliminação destes problemas. Mesmo porque a obsessão em si não é a causa dos problemas - nós é que causamos a obsessão. Nos casos já relatados, percebe-se dois pontos: o primeiro é a aproximação do espírito com o intuito, geralmente, de resgatar dívidas do passado (a própria regressão, onde ambos, paciente e obsessor, foram personagens, faz com que exista a aproxi-

mação); o segundo ponto é a predisponibilidade do paciente ao deixar que essa aproximação exerça sua influência, seja pelo estado emocional debilitado, ou outros fatores que, enfim, levaram a pessoa a procurar tratamento. Entende-se que, da mesma forma que um corpo adoecido é território fértil para moléstias, o espírito impregnado por imperfeições e dívidas também atrai a obsessão.

Trabalhos realizados por médiuns e por pessoas como a Dra. Fiore em torno deste tema demonstram que não é apenas a vingança por erros cometidos em outras encarnações que resultam em obsessão. Já vimos o exemplo do espaço entre vidas da paciente Nise, onde havia equipes dedicadas a semear a dor, o infortúnio, a desgraça. Pode também ocorrer quando há, por parte de um espírito desencarnado, a vontade de continuar usufruindo dos mesmos condicionamentos quando em vida: vícios ou qualquer outro comportamento exagerado. O espírito então se aproxima de alguém com o qual possua afinidade de temperamento e atitudes. Um outro caso é o apego às pessoas, por amor excessivo e incompreensão da realidade espiritual - a alma desencarnada gravita em torno do ser idolatrado.

Em *Possessão Espiritual* encontramos a constatação do porquê os espíritos permanecerem ligados ao mundo material, e às pessoas encarnadas: *“As mais comuns (causas) são a ignorância, a confusão, o medo (especialmente o medo de ir para o inferno), apegos obsessivos a pessoas ou lugares, ou às inclinações pelas drogas, pelo álcool, pelo fumo, pela comida ou pelo sexo. Um sentido despropositado de negócios não concluídos também compele amiúde os espíritos a ficarem no mundo físico. Alguns se quedam determinados a vingar-se”*. Não tivesse a Dra. Edith Fiore afirmado ter sido completamente descrente desses aspectos espirituais, antes de começar a trabalhar com a terapia através da regressão de memória, poder-se-ia certamente concluir que a psicóloga americana recebera influências de movimentos espiritualistas. Isto não é verdade. Assim como ela, grande parte dos terapeutas que utilizavam o relaxamento ou hipnose como método de trabalho, acabaram sendo obrigados a encarar as evidências relatadas pelos pacientes e aceitar a reencarnação como

verdade. Da mesma maneira, também começaram a surgir casos de obsessão em sessões de TVP. Daí a importância de se saber conduzir a desobsessão.

O preparo para a desobsessão

O terapeuta que se utiliza da TVP como forma de tratamento, deve confiar amplamente no processo da regressão, e ser convicto também nas relações cármicas entre as vidas passadas, dentro do contexto reencarnacionista já citado anteriormente. Assim, consegue-se trabalhar vidas inteiras, desde a concepção ou infância até o momento da morte, e entender as origens e desenvolvimento dos problemas que atormentam o paciente. É um processo minucioso, onde é necessário todo o envolvimento do terapeuta para acompanhar e esclarecer os “caminhos” do espírito do paciente diante das situações apresentadas.

Por outro lado, a desobsessão exige a mesma dedicação, mas há uma diferença fundamental: o espírito que será orientado já não é mais o do paciente - é uma outra entidade, com relações cármicas distintas, que em algum momento passou a acompanhar e interferir na vida do paciente. Quando trabalho com espíritos obsessores, procurando esclarecê-los, não estou conversando com aquela pessoa que marcou um horário para a sessão, que apresenta determinados sintomas, que já tem idéia de como é a TVP e em que consiste o tratamento - estou em contato com um ser que julga possuir motivos suficientes para permanecer obsediando, com personalidade independente. Se ouço em meu consultório um relato onde se diz “*não vou embora, este indivíduo vai pagar pelos seus erros*”, tenho que deixar de lado os conceitos de histeria e fragmentação da personalidade. Mais que isso, tenho que acreditar que existe um outro ser se expressando através do meu paciente, caso contrário não poderia afirmar:

- Você já morreu, deve então seguir o seu caminho de evolução, onde poderá ter uma nova encarnação, novas chances...

Aceitar a obsessão e realizar a desobsessão é, portanto, um trabalho que exige credulidade, conhecimento, firmeza e

proteção. Credulidade no fenômeno, conhecimento dos mecanismos espirituais, firmeza no diálogo e proteção, palavra que resume uma série de circunstâncias por parte do terapeuta: mentalização positiva; atitudes e pensamentos positivos; profundo controle ou abstinência de vícios como o álcool, drogas, fumo; oração, sinceridade dos propósitos; enfim, uma busca do auto-controle necessário para este tipo de função.

Tudo isto porque o pensamento, como uma forma de energia, pode ser direcionado para a construção, inércia ou destruição, conforme a vontade de cada um. Ao lidar com espíritos que, voluntária ou involuntariamente, prejudicam outros, estamos em contato com pensamentos destrutivos, energias negativas, cujos efeitos abrangem todos os envolvidos no processo obsessivo. Patrick Drouot afirma, em *Nós Somos Todos Imortais*, que pessoas portadoras de emoções negativas podem transmitir ao psiquismo de outras a mesma negatividade, e isto acarretaria, em alguns casos, grandes males. *“E se, no universo psíquico, houvesse outras consciências mais do que humanas obcecadas por pensamentos do mal, do egoísmo e da rebelião, isso talvez explicasse parte da maldade absolutamente extravagante e inverossímil do comportamento humano”*, vai mais além Aldous Huxley, em *A Filosofia Perene*.

Como age o obsessor

Em alguns casos, conforme as sessões vão decorrendo, acontece a desobsessão de dezenas de espíritos, todos ligados por uma determinada razão à vida do paciente. Encontro tipos variados de obsessores: o obstinado em seu desejo de vingança, frio e calculista, procurando por todos os meios exercer uma espécie de hipnose na vítima, com o objetivo de destruí-la. Há o ensandecido, cujas atitudes são desordenadas, não tem noção de tempo, espaço, procura o *acerto de contas* enquanto também é dominado por um sentimento de angústia, dor, desespero. Outros, não tem consciência do mal que praticam, agem como numa rotina de trabalho, dominados por líderes mais inteligentes e cruéis.

A TVP permite um ângulo de visão bem abrangente sobre a ação do obsessor porque demonstra não somente o paciente que se conecta com entidades dominadoras - há situações onde o paciente, em vidas passadas, vê-se como obsessor e descreve os motivos, sensações e forma de atuação.

Estou ao lado do caixão. Ah, que sensação! Quanto tempo esperei por isso! Infernizei a vida dele, até conseguir que ele morresse... Enquanto a carruagem e os cavalos disparavam, eu podia observar seu corpo sendo arremessado para o precipício, sua pele sendo esfacelada, seus ossos arrebatados, sua vida sendo extinguida em segundos. Ele sai cambaleando, parece não saber o que aconteceu, abandona aquela massa disforme sobre as pedras, e vai para a estrada pedir socorro. Isso me faz rir muito. Sinto um calor pela emoção, mas meu sangue parece gelado. Sou um espírito - *diz meu paciente em regressão.*

- *Volte para o tempo em que ainda era encarnado e veja qual a relação quem você mantinha com este homem... O que aconteceu, quem era você?*

Há uma roleta, gosto de jogar, ele também participa. É quem recebe as apostas e comanda a roleta. Este homem é um safado! Através de um mecanismo, pode controlar os números que vão ganhar e um dia descobrimos a trapaça. Fui eu quem descobriu.

Estamos em muitos: homens, mulheres; revoltado, seguro-o pelo colarinho e desfiro um soco, iniciando a confusão. Neste instante, entram vários homens armados, seguranças do local, levo um tiro no ombro. Saco minha arma, reajo, e sou atingido novamente - desta vez o disparo é fatal. Continuo brigando, parto para cima do vigarista, bato muito nele, como um louco. Porém, ele não sente nada. Estou morto!

Que engraçado: muitas pessoas brigando, as coisas se quebram, nada me atinge. Vou para o bar, peço uma bebida, o desgraçado do atendente não me ouve. Xingo enraivecido e saio para a rua. Subo no cavalo, ele não quer andar. Três homens aparecem, armados, vestidos como vaqueiros, estes homens são

diferentes: eles me escutam, conseguimos conversar. Percebo que são espíritos também. Convidam-me para beber alguma coisa, e entramos no bar.

Que coisa estranha! Bebemos, usamos copos, uma mulher nos serve, é como se fosse uma outra dimensão. É difícil explicar, tudo funciona como um espelho da realidade, se entrelaçando, o mundo material com o nosso mundo. Conto a situação que culminou na minha morte, mostro toda a raiva acumulada contra o sujeito da roleta, eles dizem que vão me ajudar a pegá-lo. Procuramos no salão de jogos, não há mais ninguém ali, os três vão embora.

Sozinho, sob uma árvore, penso numa maneira de acabar com a vida do homem. Enquanto me ocorre idéias de vingança, surge uma mulher, um ser me estendendo as mãos, convidando-me a acompanhá-la. Muito bonita por sinal, cabelos negros, compridos, uma roupa azul cintilante, ela diz para não fazer o que passa pela minha cabeça. Tenta me convencer, explicar o porquê do acontecido, mostra que eu ainda estou ferido, sangrando. Não quero ouvir nada e, por fim, este espírito vai embora, como se estivesse levitando. Acho muito estranho, mas para quê prestar atenção? Meu interesse é naquele homem...

Saio em busca do infeliz. Encontro a casa onde mora: o baixinho está sentado na mesa, com a família. Ando sempre atrás dele - onde vai, cada movimento que faz, quando está dormindo, acompanho todos os seus passos. Você vai morrer, Você vai morrer! Eu estou morto, sei disso, então quero que ele morra também! Percebo que minha perseguição começa a fazer efeito: ele não tem mais paz, sente dificuldade para trabalhar, se concentrar, o pensamento fica confuso, a cabeça está atrapalhada.

Certo dia ele está na carruagem, correndo feito um louco. Quando surge uma curva, coloco-me na frente dos cavalos, agitando uma capa. Parece que os animais me enxergam, e se assustam. Ocorre o acidente, ele é atirado longe e morre. Posso vê-lo, mas ele não me vê. Que diabo! Minha frustração é grande: queria tanto continuar minha vingança, mas como posso, se ele está na mesma situação e não me percebe?

Sinto remorso, choro pelo que fiz, sem razão e, agora, sem efeito... Ando, chego até o funeral, sinto a comoção dos parentes, tem muitos outros espíritos ali. Surge um homem me convidando para ir com ele. Explica-me que aquele corpo sendo enterrado é apenas matéria, um invólucro que irá se decompor. O espírito que o habitava já está em outro lugar, onde não tenho acesso, mesmo com toda a minha insistência. Em outro momento, argumenta, você poderá encontrá-lo talvez. Devo ir com ele agora, para uma assistência ao meu espírito e também mais explicações sobre a vida espiritual.

Outros nos acompanham, até uma construção na montanha. Aguardamos mais espíritos, conduzidos por guias diferentes, até a chegada de um aparelho, uma espécie de ônibus com asas: o nosso transporte. Pelo caminho, transcorremos paisagens inóspitas, tenebrosas, fumaça escura e um cheiro amargo impregnam estes locais.

Muros altos, um enorme portão - é onde devemos entrar. Dentro dos muros existe algo como uma cidade fortificada, com seguranças que impedem a entrada de seres estranhos, que se parecem com macacos pré-históricos.

O ônibus pára em frente a um prédio grande, branco, cercado por jardins, uma parte dos passageiros desembarca. Eu permaneço dentro do veículo, até chegarmos do outro lado da cidade, onde há um campo, como uma área de esportes, tendo ao fundo várias casas. Uma delas é onde devo me hospedar - um casal de velhinhos me espera. Não sei quem são, mas me recebem com um sorriso amável, amistoso. Dizem-me para descansar. Tratam-me do ferimento, através de aparelhos que emitem uma luz verde, muito verde. Eu durmo... Não vejo mais nada.

- Volte então para a vida que acabamos de ver, antes da hora em que estava jogando. Como era a sua vida?

Sou um homem solitário, não tenho família, porém tenho posses. Relacionamento com pessoas não me atrai - não gosto de compromissos nem obrigações. Tenho 28 anos, mais ou menos. Meus pais me deixaram muito dinheiro, nem preciso trabalhar

pois o que tenho é suficiente para viver muito bem. Aproveito: jogo, gosto de caçadas, muitos querem a minha amizade, mulheres me procuram, porém não me prendo com nenhuma. Sou uma pessoa chata, autoritária, gosto de tudo muito organizado, exijo as coisas da minha maneira...

Frequento muitos bordéis. Mesmo com toda minha vida boêmia, os anos se passam e penso que devo me casar. Encontro uma moça bonita, agradável, com dinheiro e ela gosta muito de mim. Tenho agora uns 37 anos, e ficamos noivos. Na verdade, acho que estou ficando velho, o relacionamento é confortável e por isso decido me casar. O noivado não me impede que continue tendo muitas aventuras. Mas morro antes do casamento.

O espírito do paciente, na encarnação descrita, conforme vimos, deixou uma vida onde praticamente não construiu nada: ligou-se aos bens herdados, não teve nenhum esforço para construir seu patrimônio material. Os relacionamentos eram fúteis, não havia carinho e nenhum sentimento de amor pelo próximo - nem familiares, nem amizade, nem mulheres. Não houve nenhuma preocupação em procurar o progresso espiritual, daí vê-se claramente a frustração quando o bem que ele julgou tão importante lhe foi tirado: a vida. Segundo a visão estreita dele, acabou-se o prazer, o dinheiro, não se podia mais desfrutar das coisas que o dinheiro pode trazer. Do rancor sobreveio o ódio por aquele "culpado" pela morte física. Isto foi motivo para obsediá-lo, até perceber que suas ações malévolas em nada lhe beneficiou.

O trabalho de desobsessão consiste em demonstrar a inutilidade desse esforço em prejudicar outro ser. Quando os obsessores se apresentam nas sessões de TVP, estão cientes de tudo o que está ocorrendo com o paciente: a reformulação íntima, a profunda compreensão do passado e as relações com o presente - percebem que, de acordo com a evolução apresentada pelo paciente durante a terapia, vão perdendo o "controle", a influência está cada vez mais difícil de ser mantida. Muitos demonstram raiva contra a própria TVP, dizem tentar impedir que a pessoa chegue ao consultório, mas fracassam. Pela própria condição de seres desencarnados, os espíritos obsessores tem a

percepção do inconsciente de quem estão tentando prejudicar, e assim podem também ver as vidas passadas descritas.

É então com muitos argumentos, lógicos para a visão do obsessor, que realizo o desligamento, sem esquecer de sempre solicitar a ajuda dos mestres de luz, os guias espirituais que também transmitem a energia positiva necessária para o trabalho.

Tive um paciente onde o obsessor se enquadrava na situação descrita acima: procurava impedi-lo de comparecer à sessão, queria de alguma forma interromper o tratamento.

Quando o rapaz chegou para mais uma sessão, apresentava-se abatido. Dizia estar com muita dor de cabeça, sofria de insônia nos últimos dias, um cansaço físico e mental enfraquecia o seu ânimo. Fizemos o relaxamento, em busca da causa de todos estes sintomas, mas o paciente dizia não conseguir entrar em nenhum momento passado.

- Não consigo ver nada, não consigo ver nada! Há alguma interferência - dizia com angústia.

- *O que é? perguntei. O que está atrapalhando? Então uma voz conversa comigo - era o obsessor.*

- Não era para ele vir até aqui. Estou fazendo de tudo para ele desistir, mas é teimoso, insiste este desgraçado. Eu não quero saber de nada, não vou ver vida nenhuma, porque eu não vou embora! A dívida é grande, estou todo mutilado por uma faca e ele é quem fez isto! Não está vendo? Olhe, veja o que ele fez comigo...

- *Entenda - respondo. Não tenho condições de vê-lo. Tenho certeza de que está falando a verdade, mas tenho que ouvir o que aconteceu, quero saber toda a história para poder ter alguma conclusão. Fique ao lado, por favor, e nós três iremos ver a vida, juntos, e então poderei ajudá-lo.*

A energia dos mestres de luz sempre intervém nestes casos, e o obsessor não vê outra saída além de permitir que o paciente entre na vida passada.

Sou uma mulher. Tenho o cabelo desganhado e estou matando um homem, com toda a minha força - desço o braço com ódio, meu corpo está coberto pelo sangue asqueroso desse indivíduo. Levanto, desfiro um violento chute no corpo inerte - ele rola pelo morro.

- *Volte para antes deste momento, veja o que aconteceu, por que você teve esta atitude?*

Acho que é na África. Sou branca. Há uma mulher socando um pilão, é minha mãe. Somos simples, rústicos, sou pequena. Um homem, não sei se é meu pai, vestindo roupas brancas vem, manda eu sair do local, para ficar com minha mãe. Ele não mora conosco. Ele faz sexo com ela, me dá um presentinho e vai embora. Tenho muita raiva dele.

Mesmo abraçada pela minha mãe, digo sentir ódio deste homem.

- Não adianta, diz ela. Você tem que ter paciência, pois precisamos dele.

Cresco, já estou jovem, a situação não mudou - ele continua vindo aproveitar da minha mãe. Porém, agora ele me quer. Brigamos, com uma faca evito que ele se aproxime. Um grito. Na confusão, ele não conseguindo se aproximar de mim, agride minha mãe com violência, ela cai. Vejo um ferimento em sua cabeça, o sangue escorre, minha mãe não resiste. O assassino não a socorre, e ainda diz que vai voltar.

Enterro o corpo dela, junto com a faca com a qual me defendi - juro vingança.

O homem volta. Estou em casa, sentada no chão, quando a porta é aberta com estardalhaço. Dominada, amarrada, desesperada, lançando maldições, sou estuprada. Somente depois que ele sai, consigo escapar, e saio correndo. Corro muito, pareço insana. Tenho uma faca na mão, e o pensamento fixo em matá-lo, cortá-lo em pedaços. Como conheço um caminho por onde ele tem que passar, subo em uma árvore e fico aguardando que ele apareça.

Ele vem, parece distraído e não percebe a minha presença. Pulo feito um animal sobre as costas dele - o primeiro golpe é

na nuca. Não deixo tempo para nenhuma reação: logo que o corpo cai, enterro várias vezes a faca, até que a minha sede de vingança esteja consumada. Neste momento, já não sei o que fazer. Ando automaticamente para o túmulo da minha mãe, penso que ela está vingada. Minha mente está confusa - não vejo mais sentido em nada. Desenterro a faca que deixei no local, e a enfio na barriga.

A dor é terrível. Estou sozinha, desesperada, quero ajuda... Cambaleante, vou até o rio, procuro limpar o ferimento, aliviar a dor, procuro estancar o sangue com algumas folhas... Não há tempo para mais nada, morro desta forma, sob uma árvore.

- *Ainda vê alguma coisa a respeito desta vida?*

- Aquele homem não era o meu pai. Meu pai era um escravo deste homem, e por isso ele se utilizava da minha mãe - tínhamos pela vida do meu pai.

Então volto a conversar com a entidade:

- *Vêja, você a acusava de assassina e culpada, mas não contou como foram os fatos. Não disse que a levou ao desespero, escravizando o pai, abusando sexualmente da mãe, sendo o culpado pela morte dela e ainda estuprando a moça. Isto era certo?*

- Eu já não me lembrava que tudo havia sido desta maneira. Apeguei-me ao sentimento de perseguição e ódio, e era apenas isto que me interessava.

- *Então você reconhece que não há mais motivos para continuar ao lado do rapaz, atormentando-o? Entenda que realmente este espírito que aqui está o matou nesta vida passada, mas você foi igualmente culpado: levou-o a cometer este crime. No entanto, após isso, ele tem evoluído, pôde passar por outras vidas e se aprimorar. Neste momento, ambos merecem perdão. Você pode perdoar? pergunto.*

- Sim.

- *Muito bem. Neste instante você está na presença de amigos espirituais, os mestres de luz. Perceba o auxílio deles, perdoe sinceramente, e poderá caminhar a sua própria jornada de evolução, livre deste sentimento que o prende.*

A entidade aceitou partir. O tratamento do jovem perdeu por mais algum tempo, mas os sintomas que ele havia sentido na semana ante-

rior à sessão, desapareceram. E acredito que o espírito deste obsessor pôde seguir para um estágio de tratamento e um aprendizado para ter condições novamente de reencarnar - no fundo, era um espírito necessitando de auxílio.

“Temos consciência de que a obsessão é um processo bilateral, em que, de um lado, temos o cobrador, que, pelo seu pouco desenvolvimento moral, acha que tem o direito de julgar, dar sentenças e executá-las e, por isso, é muito infeliz, é um enfermo que também carece da terapia do amor e da compreensão. Por outro lado, temos o obsediado que vive as culpas e as cobranças em função dos seus equívocos. Ambos precisam de tratamento específico”, diz o Dr. Inoval Moreli Heiderick, médico ortopedista espírita, em um estudo intitulado “Refletindo sobre a Obsessão” - Boletim Médico-Espírita do ano de 1995.

Entendo que a TVP, da maneira como atuo, age sobre os dois aspectos: tanto paciente como obsessor recebem os benefícios da terapia, embora, como não poderia deixar de ser, esteja centrada no progresso do paciente - o obsessor recebe a orientação inicial quando é feita a desobsessão, porém, como vimos, o tratamento, o estudo e o acompanhamento do espírito é realizado em outras dimensões, por mentores especialmente dedicados à essa função. Estes mentores, os *mestres de luz*, já estão atuando antes da desobsessão iniciar - eles zelam pelo bom andamento do trabalho terapêutico como um todo, e por isso também estão presentes na hora de conduzir entidades obsessoras, colaborando para que elas se desliguem do paciente.

Conforme já frisei anteriormente, um problema em específico não pode ter sua causa relacionada exclusivamente a uma origem. Sendo assim, apenas a obsessão não é a única responsável por um determinado sintoma do paciente, embora possa estar profundamente relacionada, como veremos no caso a seguir.

Este paciente procurou o meu consultório por um motivo que o abalava muito: após terminar o relacionamento com uma namorada, não mais conseguiu manter relações sexuais com outras mulheres. Tornara-se impotente. Outras queixas

também foram apresentadas e trabalhadas durante o período de tratamento, no entanto foi a quarta sessão que apresentou um vínculo estreito com o problema sexual.

Um estábulo, uma mulher vestindo uma saia longa, lenço na cabeça, está furiosa comigo. Ela se aproxima e parece que vai me agredir. Sua mão segura um bastão pesado - sem que eu possa me esquivar, sou atingido nos meus órgãos genitais e desabo no chão. Dói intensamente, sinto-me fraco, encolhido, e choro...

- Por que? Pergunto. Por que fez isso?

- *Volte para antes do incidente. Quem era esta mulher, o que aconteceu para ela agredi-lo?*

Há uma escadaria, um quarto lá em cima. Sobre a cama grande e alta, uma mulher deixa escapar gargalhadas escandalosas. Ela não é minha esposa. Ao mesmo tempo que sinto a sensação de prazer, tenho a consciência pesada, perturbada... Está claro lá fora. O dia vai amanhecendo lentamente, tenho que sair, voltar para casa. No caminho vou me recriminando:

- Não deveria ter feito isso, que grande besteira!

Logo a seguir há uma casa antiga, térrea, uma construção pesada. Abro a porta, procurando fazer o menor barulho possível, na cama uma moça está dormindo. Ah, a minha esposa dorme... Deito ao seu lado, fico pensando naquela noitada, até ser dominado pelo sono.

Quando acordo, ela já se levantou. Sento à mesa, sou servido, meu ar é cínico. Quase não conversamos, ela parece angustiada e sai para trabalhar. E eu tomo o meu rumo, vou a um local cheio de ferros, é onde trabalho. Estou cansado, quando retorno, minha mulher me espera, com o avental e o lenço na cabeça.

Durante um bom tempo saio para encontrar a minha amante - se no começo havia a culpa, esta sensação foi sendo substituída pelo enorme prazer que sentia em fazer sexo com ela. Tornei-me até afoito e hipócrita. Juro para a moça que irei abandonar minha esposa e casar com ela - a mais pura mentira.

Somente penso em usufruir da situação. Porém, após algum tempo, ela insiste, não quer mais esperar e quer que eu cumpra minha palavra. Está clareando quando volto para casa.

Minha esposa dorme. Como de costume, me deito e durmo. Quando desperto, ela me serve novamente. Vou até o estábulo, começo a me ocupar com alguns afazeres, quando chega a minha esposa, muito nervosa:

- Sei de tudo o que está acontecendo!!! Dispara. Você vai me pagar por isso!!

Não acredito e nem imagino que ela vai me agredir. Ela pega o cabo de um machado, e desfecha um golpe nos meus órgãos genitais.

- Por que você fez isso? Sussurrei.

- Você mereceu, canalha...

Arrasto-me até a casa. Acabo aceitando isso como um castigo – minha mente também sentia culpa. Não volto a procurar aquela moça, vou ficando resignado.

- *Volte para antes do casamento, veja como era a sua vida – solicito.*

Foi um casamento arranjado. Tenho pais, irmãos, não somos pobres. Meu pai arrumou este casamento, acha que será bom para mim, e eu não discuto – aceito me casar com uma mulher que não amo. Vamos morar perto. Ela é uma mulher séria, não me sinto a vontade, principalmente na hora de fazer sexo – sua frieza, falta de iniciativa e ar de indiferença me deixa entediado. Não reclamo, porém. Apenas começa a amadurecer na minha cabeça a vontade de procurar uma mulher que me dê prazer, e penso em ir ao bordel. Quando finalmente criei coragem e fui, conheci esta mulher que se tornou minha amante.

Depois do que aconteceu, fiquei impotente. Me resignei com a situação, principalmente porque já tínhamos dois filhos e achei que deveria cuidar deles. Morro velho e cansado.

- *Ainda há alguma coisa relacionada a esta vida? Pergunto.*

- Sim, a minha esposa está aqui, está furiosa, ainda tem muita raiva de mim. Diz que não vai embora e que está muito satisfeita com a minha impotência...

Dialogamos bastante, mostrando a este espírito obsessor que ele não deveria mais permanecer com o paciente, sempre usando a lógica e firmeza necessária para convencê-lo, conforme já demonstrei anteriormente. Enfim, o desligamento foi efetuado. O mais importante foi notar que esta presença, aliada ao sentimento de culpa do paciente por uma traição no passado, gerou uma impotência acionada a partir do momento que um namoro foi desfeito. Após esta sessão, já com uma nova namorada, o rapaz conseguiu normalizar a relação sexual, e até ao final do tratamento, não teve mais nenhum problema neste sentido.

Perseguidores obstinados

Muitas vezes, as ações dos obsessores extrapola o limite do que poderíamos imaginar como bom-senso: a perseguição arrasta-se durante numerosas encarnações, os motivos e até os alvos da obsessão se perdem. Nestes casos, percebo que o espírito acaba se tornando vítima da sua própria obsessão, por um motivo: a reencarnação é um processo evolutivo e educativo, conforme a TVP mostra - enquanto o espírito está ocupado em provocar o mal a outros, continua preso à sua problemática, numa dimensão onde não há evolução. Alguns voltam até a reencarnar, mas ao se encontrarem no estado imaterial novamente, repetem o erro da perseguição, acumulando outra vez mais carma negativo para resgatar. Em contrapartida, a vítima da obsessão continua o caminho do aperfeiçoamento, se distanciando cada vez mais do perseguidor, terminando, invariavelmente, a se colocar fora de alcance, por méritos morais. Conforme foi dito um pouco acima, a TVP é um limite para este obsessor, pois o paciente, ao longo do tratamento, adquire a consciência dos erros passados e se dispõe às mudanças íntimas, afastando-se das influências negativas.

Quando o espírito obsessor percebe estar perdendo o poder de atormentar a sua vítima, ou ele aceita, por força da lógica, continuar na sua própria evolução, abandonando a obsessão, ou então ele se põe no papel de instrumento de vingança, perseguindo e atingindo outros espíritos relacionados com a vítima inicial,

sejam eles parentes ou não. Não devemos esquecer que o carma reflete uma sublime justiça: só serão afetados aqueles que se encontram em débito perante a lei - ninguém sofre injustamente.

Dois espíritos estavam obsediando o marido da paciente Cibeli. Entretanto, a moça tinha a singular capacidade de perceber a presença deles: um revelou-se durante uma sessão, e outro, figura estranha e grotesca, foi sentido ainda na casa dela, sendo realizado o diálogo de desobsessão também no meu consultório.

Numa das sessões, estávamos trabalhando o fato dela ter muita sensibilidade mediúnic, e isto lhe trazia problemas na convivência diária. Também buscávamos as causas que traziam problemas no relacionamento dela com o marido, e quando pedi que localizasse a origem disso, então um espírito se manifestou. A paciente relata:

Não estou vendo uma vida passada - estou vendo um espírito. Ele acompanha o Pedro, meu marido. Usa uma túnica vermelha . Diz ser um prolongamento da existência do Pedro.

- Como prolongamento? Cada espírito é uma individualidade eterna. Explique-se melhor. Qual a relação entre você e o Pedro? Por que você o acompanha?

A paciente então incorpora a entidade e passa a falar em primeira pessoa:

Meu nome é Arturan. Eu morri numa guerra - uma grande pedra atingiu minha cabeça, e durante muito tempo nem soube que estava morto. Matei Pedro e a família dele. Éramos mongóis, guerreiros vivendo de sangue, mas Pedro era um bom rapaz e tentou defender a irmã. Eu me sinto muito culpado. Durante estes anos todos venho procurando os mongóis por causa desta culpa - queria ajudá-los de alguma maneira e por isso estava com o marido dela - não sabia que estava atrapalhando. Também conheci você.

- Eu? - perguntei surpresa.

Sim, eu te conheci na França, há muito tempo atrás. Bonita, elegante, não é? Um de seus parentes também era mongol e eu estava com ele.

Quando descrevi o primórdio do meu contato com a TVP, disse que o nosso grupo original formado por psicólogos interessados no assunto, antes de começar a praticar a terapia, realizou testes práticos, em duplas, onde nos defrontamos com nossas próprias vidas passadas. A minha vida mais marcante foi, sem dúvida, uma em que eu era francesa - não havia como alguém saber disso...

Realizei o trabalho de desobsessão - este era um espírito necessitando instrução, e com paciência argumentei que, da mesma forma que os espíritos perseguidos por ele estavam experimentando novas encarnações, muitos dos quais não permitindo mais a aproximação devido à evolução que conquistaram, ele também poderia progredir. Veja, disse-lhe, que os laços étnicos nada tem a ver com a afinidade espiritual - esta se faz através dos laços de amor, respeito, e não importa a raça, a cor, o continente onde nasce, quando há afinidade pelo amor, não existem barreiras. Esta moça que está aqui, Pedro, o marido dela, todos nós passamos por diversas vidas e só assim poderemos evoluir. Este também é o seu caminho. Aceite a ajuda dos Mestres de Luz, estes espíritos que lhe estendem os braços e o guiarão...

Ele aceitou partir. Repetiu não saber estar atrapalhando, mas após as explicações, ficou consciente. Pediu desculpas e assegurou que, quando tivesse condições, voltaria para ajudá-los. “Sinto vergonha em acompanhar seres tão evoluídos” - declarou. Não tema, assegurei - eles não estão aqui para julgar, mas para auxiliar.

Na sessão seguinte, a paciente relatou que o comportamento do marido mudara bastante: antes ele estava agressivo, ríspido, mas no decorrer da semana revelou-se mais calmo e carinhoso.

Decorrido algum tempo de terapia, encontrávamos outros obsessores, no entanto um em especial chamou a atenção, pela sua característica animalésca: assemelhava-se a um lagarto.

Embora podendo parecer uma visão muito fantasiosa, encontra-se em obras a respeito da obsessão variados graus de deformações sofridas por espíritos obsessores. Hermínio Miranda, em Diálogo com as Sombras, afirma: “Muitos casos desse tipo tenho presenciado, desde pequenos cacoetes, ou apenas sensações quase físicas, até deformações e mutilações terríveis, culmi-

nando com as mais dolorosas ocorrências de zoantropia”. Patologicamente, entende-se zoantropia como uma variedade de perturbação mental onde o doente se julga convertido em animal - o termo acabou sendo emprestado para designar este tipo de ocorrência espiritual. O autor, afeito às experiências mediúnicas, possui um vasto arquivo de manifestações de obsessores e é ponto de referência a inúmeras obras do assunto, sendo, portanto, um especialista em fenômenos espíritas.

- Estou assustada - disse-me Cibeli. Estava olhando para o meu marido, em casa, quando vi ao seu lado um bicho grande. Parecia um lagarto. Mas é um espírito, um espírito maléfico. Coincidentemente, Pedro não tem dormido bem, sente muita insônia.

Após passar pelo processo de relaxamento, perguntei o porquê do susto, do medo, o que origina isso?

- É um ser. Vejo os olhos dele. É desconfiado e prepotente. Eu conheço esse jeito... Uma vida... uma vida que já vimos. Um homem sobre um cavalo, outro em cima de uma muralha; o cavaleiro foi responsável pela minha morte e também da minha irmã. Ele ateou fogo à campina. Este ser estranho foi este assassino.

Havíamos visto algumas vidas onde a paciente e o marido tiveram encarnações conjuntas - este obsessão demonstrou estar acompanhando ambos, há tempos. Você pode entrar em contato com ele? Perguntei, e quase que imediatamente, a voz da paciente transformou-se, a entonação denotava desafio:

- Seu jeito me diverte muito. Eu tenho o controle sobre o rapaz, que vocês chamam Pedro. Nestes últimos tempos, eu percebi que ela (a paciente) ficou forte e consegue me achar - isto não acontecia antes. Mas ela está enganada. Eu não era nenhum dos homens que ela viu naquela vida. Não, eu os controlava, meu trabalho é feito com os encarnados.

Eu obedeço um ser muito superior a mim. Tenho que cumprir o que me mandam fazer, sou como um soldado - se falharmos, somos rebaixados e sofremos. A este tipo de obsessão, Hermínio Miranda denomina executor. “Sente-se totalmente desligado da responsabilidade quanto às atrocidades que pratica, pois não é o mandante; apenas executa ordens. Usualmente, nada tem de pessoal contra suas vítimas

inermes. Agasalham-se na crueldade agressiva e fria, sem temores, sem remorsos, sem dramas de consciência”.

Já estive em outras vidas com este casal - *continuou o espírito. Peço então para que a paciente veja uma vida que ainda não tivéssemos visto nas sessões, onde este ser estivesse presente.*

Uma floresta muito fechada, há um rio cujas margens não possuem contornos visíveis: tudo está encharcado, a água encobre grande parte do terreno. Répteis, insetos, muitos animais infestam o pântano.

Pedro é um rapazinho que mora próximo à esta região tenebrosa, na parte mais seca. Habita uma construção tosca, junto ao pai e uma velha senhora que não é a sua mãe. Eu sou uma moça, moro num descampado - a cidade é pequena, bem perto deste lugar que acabei de descrever. Os homens da vila costumam caçar onde mora o Pedro.

Tenho mais idade que o menino. Estou indo para lá, onde ele vive; levo algo para a senhora. O homem, pai do garoto, é rude, estúpido - sempre carrego alguns víveres para eles, mas este homem fica com tudo, não reparte as coisas.

Vejo o menino. Arredio, fala pouco, se surpreende com a minha chegada. Quando chego mais perto, a velha diz para sair dali e nunca mais ver o rapaz.

- Ele tem uma maldição!

Penso que a maldição é o pai, ser tão ignorante. Mas não falo nada, e vou embora. No caminho de volta, começa a ventar forte, escurece rapidamente, acabo errando o caminho. É isto, este bicho, o espírito está aqui! Vejo o menino, numa árvore, me assusto, e também vejo o lagarto ao lado dele. É como se o garoto estivesse possesso. Grunhe, tenta me arranhar, ataca. Começo a sangrar, sou morta com violência. Posso ver o menino, ele fica três dias sem voltar para casa, está cercado por maus espíritos.

Quando regressa, a velha, que é sua avó, já sabe o que aconteceu e chora muito. Os homens da cidade, sabendo da minha morte, partem para a vingança, matando o garoto e o pai dele também. Estão muito revoltados.

O bicho, o lagarto, ri muito...

- *Vê mais alguma coisa?*

- Sinto que em todas as vidas onde fui muito agredida, este espírito estava presente.

- *Então vamos conversar outra vez com ele. Você pode falar comigo?*

- *pergunto ao obsessor.*

- Sim.

Da mesma forma que nas outras desobsessões, usei de muito diálogo para convencer este “inimigo obstinado” a reconsiderar seus atos, ver seus erros, sentir a possibilidade do progresso - mesmo os obsessores mais tenazes, agressivos, na verdade são espíritos desorientados e devem ser tratados com autoridade, mas também com compreensão.

Os espíritos protetores

Todos nós temos nossos espíritos protetores - muitas vezes eles nos acompanham além do espaço de tempo de uma vida, e seguem através de numerosas experiências corpóreas. Algumas religiões denominam guias, outras, anjos da guarda, porém o significado e a função é a mesma: são seres superiores cuja missão é aconselhar, sustentar moralmente, mostrar o melhor caminho. Eles se fazem ouvir da mesma forma que os espíritos obsessores: através da intuição, formulando pensamentos, e a maneira de distinguir suas palavras das más influências é observar o teor delas - mentores espirituais jamais incitarão a maldade, pensamentos moralmente condenáveis, atitudes incorretas.

Quando o paciente está em estado de relaxamento, estas intuições vêm de forma clara, verdadeiras lições e aconselhamentos são expostos. A sensação provocada pelo contato com obsessores é antagonicamente oposta ao prazer da comunicação com os espíritos guardiães: ao invés de mal-estar, o indivíduo é tomado por uma emoção indescritível por perceber a existência de um amigo imaterial, sábio, amoroso, rígido se necessário, refletindo uma organização universal coerente e justa. A maioria dos pacientes, até o término do tratamento, recebe a comunicação dos seus mentores - geralmente estes espíritos afirmam a satisfação

em vê-los sob os cuidados da TVP, e deixam alguma orientação quanto ao futuro dos mesmos.

Nem todos os terapeutas que desenvolvem a Terapia de Vida Passada admitem a existência dos *espíritos protetores* e a dos *obsessores*. Se estes tipos de relatos foram ocultos por algum motivo, não se sabe - certo é que numerosas experiências com pessoas em estado alterado de consciência constataam a frequência de contatos com entidades. “*São exemplos comuns as experiências de encontro com espíritos de pessoas mortas ou entidades espirituais sobre-humanas*”, diz Stanislav Grof, em *Além do Cérebro*. Especificamente quanto aos mentores espirituais, Patrick Drouot tanto considera verdadeira a existência deles, que solicita, em voz alta ou pensamento - conforme o grau de aceitação do paciente - a proteção destes seres que velam pela evolução de cada indivíduo, antes de iniciar uma regressão. O terapeuta Brian Weiss, por sua vez, deparou-se com o caso da paciente intitulada Catherine, que recebeu constantes mensagens dos mestres, em sessões de hipnose, conforme está relatado no livro *Muitas vidas, muitos mestres*.

Pela minha experiência, distingo várias “classes” de espíritos protetores: o chamado “anjo da guarda” é um ser elevado, responsável por um espírito que esteja num nível de evolução inferior, com o qual possui afinidade - mesmo quando o acompanhamento e proteção reveste-se de uma aparência de missão, existe a afinidade entre o protetor e o protegido. Muitos pacientes narraram vidas passadas onde conviveram com o espírito que hoje transformou-se em seu guardião. Em alguns casos, foram descritas verdadeiras legiões de benfeitores, organizados hierarquicamente, cujo trabalho compreendia o auxílio não apenas individual, mas coletivo - por exemplo, uma equipe era designada para assistir um hospital, outra, para esclarecer as almas errantes, em outros casos, para proteger uma comunidade. O *espírito familiar* também pode ser considerado protetor, porém difere dos *guias* por estarem ligados a certas pessoas por laços mais ou menos duráveis, e pela limitação do poder: mesmo bons, muitas vezes são pouco evoluídos, e por isso necessitam de autorização dos mentores para poderem atuar.

A atuação dos espíritos protetores é limitada, no sentido de que cada indivíduo tem o seu livre-arbítrio. Voltando um pouco aos casos de obsessão, percebemos que o próprio obsediado, por atitudes e pensamentos, atraiu a presença de um espírito pouco evoluído, interessado em prejudicar. Entretanto, quanto mais se luta pelo progresso espiritual, mais fácil é o desligamento das entidades perturbadoras - paralelamente, as entidades protetoras sentem-se revigoradas com o esforço do seu protegido em busca do bem, e conseguem estar presentes de forma mais eficaz.

Num caso muito bonito que tive, onde a complexidade dos problemas de uma paciente tornou os resultados da terapia mais admiráveis e gratificantes, logo na primeira regressão foi recebida a comunicação do mentor, que a acompanhou ao longo de todo o tratamento, deixando esclarecimentos profundos, orientações e ponderações surpreendentes. A lista de queixas e problemas era homérica, e a eliminação de todas, uma a uma, no desenrolar das sessões, acompanhada da transformação radical na vida da paciente, demonstra o alcance da TVP - somente este caso é suficiente para preencher toda uma obra. Porém, agora quero transcrever apenas o trecho da primeira comunicação recebida pela paciente, após o término da primeira regressão que realizamos:

Eu vejo uma pessoa, é o meu irmão dessa vida que acabamos de ver.

A paciente tinha muita facilidade na incorporação, e passou a se expressar na primeira pessoa.

“Minha irmã, como eu estou feliz. Você não imagina a quanto tempo estou trabalhando para trazer esta minha irmãzinha até você. Já reencarnei com ela em muitas vidas, inclusive nessa que vimos hoje, onde me chamava Rick. Procurei ajudá-la de todas as formas, fiz tudo para que ela não morresse, pois, de qualquer forma, foi um suicídio (o mentor estava se referindo às condições da vida passada vista pela paciente) Ela teve que passar por aquela situação, mas não soube compreender. Da mesma forma ocorreu muitas vezes, em vidas que você irá ver aqui, com ela.

Eu assumi a responsabilidade pela encarnação que ela vive neste momento, agora. Não sou o guia espiritual dela, ela tem outro guia, que

se apresentará depois (conforme ocorreu) mas sou o responsável pela vida atual dela. Quero muito ajudá-la, principalmente porque a irmãzinha esteve próxima ao suicídio muitas vezes. Sabia que a única forma de evitar isso era fazendo ela chegar até você.

Por isso, hoje eu vim aqui dizer da minha satisfação. Agradeço muito, pois este trabalho tem auxiliado muitas pessoas e vai auxiliá-la também. Sempre estarei por perto. Gosto muito desta moça e me preocupo com ela. Vocês me verão fazendo parte de muitas vidas, durante o tratamento. Despeço-me agora, muito feliz...

Em outro caso, as comunicações que a paciente Cibeli recebeu são um exemplo de como o espírito é guiado através dos tempos, e isso é particularmente interessante porque os conselhos incluíam mudanças de atitudes nesta vida presente - a paciente tinha um débito cármico e deveria resgatá-lo em pouco tempo, conforme disse o protetor, sob pena de provocar existências futuras mais penosas e sofríveis.

A paciente apresentava dificuldades em conduzir normalmente sua vida. Caminhando entre relacionamentos confusos e imaturos, via seus problemas emocionais agravados pela situação financeira: mãe de três filhos não planejados, separada do homem com quem não chegou a se casar, deixava as crianças sob os cuidados da mãe para poder trabalhar fora. A mãe reclamava constantemente de tudo, demonstrando insatisfação com a filha, deixando-a por isso mais irritada.

No trabalho, tinha que conviver lado a lado com o homem por quem sentia um amor profundo, mas sem a menor correspondência. Já tínhamos visto duas vidas onde a paciente relatou ter vivido com esta pessoa - eu procurava encontrar as possíveis explicações para o desinteresse do rapaz, com quem apenas mantinha uma relação de amizade. Mesmo assim, essa não aceitação a deixava deprimida.

Nesta sessão que vou relatar, pedi que seu inconsciente visse a causa do nascimento dos três filhos, devido à forma como ocorreu: sem planejamento, nascidos de um relacionamento desastrado, deixando-a em dificuldades materiais para sustentá-los - deveria haver uma explicação cármica para isso.

Estou no tempo de Jesus, *começa a paciente*, e vejo soldados procurando, perseguindo e matando as crianças recém-nascidas. Algumas mulheres são presas e acabam sendo obrigadas a forçarem o parto de gestantes, para em seguida matar os bebês. Eu sou uma das mulheres que realizam esta função homicida - tenho nojo do que faço, porém cumprio as ordens por medo de ser assassinada pelos soldados. Assim, sou culpada por muitas mortes de crianças.

Arrependo-me. Vou fugir. Saio procurando me esconder dos guardas - eles são brutos e sanguinolentos, e me encontram. Uma lança trespassa-me o peito, morro enquanto sinto o sangue esvaindo-se pelo ferimento.

Alguns homens estão na minha frente. Não é o espaço entre vidas - estou percebendo esta comunicação neste momento. Dizem-me que tive muitas existências sem ter filhos (*realmente, em sessões anteriores e outras posteriores, encontramos muitas vidas onde foi desprezada a oportunidade de constituir família*) e que estou trazendo este carma há muito tempo. Vejo um lugar, com paredes brancas - é onde eu estava antes de renascer nesta vida presente; é como se eu estivesse revivendo o momento antes de reencarnar para a vida atual. Há algo como um mapa e, numa espécie de televisão posso ver todas as encarnações em que neguei os filhos. Estou dizendo que não quero ter filhos agora também, mas sou repreendida. Não dá mais para adiar, dizem-me. Já adiou demais.

Um homem calvo, claro, expressão muito bondosa, fala que não haverá mais evolução enquanto eu não tiver filhos - estudar apenas não é suficiente. Filhos, para você, também significam evolução e aprendizado. Sinto raiva dele - não quero este tipo de responsabilidade..

Mostram-me, porém, que desde 1500, mais ou menos, sempre busquei uma forma de não assumir responsabilidades com filhos - numa vida, rejeitei um menino, em outra, me suicidei e mais além, fui homossexual e morri precocemente, sem filhos..

Está na hora de você assumir - você nunca assumiu seus casamentos, sempre os arruinou praticando adultérios, desviando

o caminho de outros homens. Nós vamos te ajudar, talvez você permaneça sozinha, nesta vida presente, talvez não - vai depender de você. Virão filhos.

Começo a chorar: não quero voltar, ter filhos, faço qualquer coisa para ficar aqui...

- A escola é na Terra. Somente lá poderá se educar. É uma lição, uma prova, e você tem condições de passar por ela. Mas não tente outra vez o caminho do suicídio. Sabe muito bem que se matar é apenas prolongar o resgate indefinidamente. Três filhos serão seu carma, mas caso se proponha a ter mais, será abençoada e resgatará suas dívidas mais rapidamente. Você diz que não quer mais voltar à Terra - então, faça tudo o que for colocado a sua frente. Tenha coragem nas provas, e conseguirá.

Tudo isto que me foi colocado me deixa brava, nervosa, apavorada. Não me sinto capaz de enfrentar tais desafios. Corri daquele lugar, e encontrei o Irmão Inácio (*um espírito protetor já conhecido de outras sessões*). Não vai dar, quero estudar ainda e não vou conseguir, digo.

- Uma existência é apenas uma gota, e passará tão depressa que você nem perceberá. Sempre que você orar, estaremos lhe socorrendo.

Acabo voltando à Terra, não sem antes implorar, suplicar, fazer de tudo para não vir.

A comunicação contínua:

Este tempo todo estamos consigo, mas você está fechada para nós, não quer ouvir. Lembre-se que, para atenuar seu sofrimento, deve haver aceitação, abnegação e caridade. Neste momento da sua vida presente existe uma forma para aliviar seu carma: à noite, durante o sono, deverá estar conosco para repensarmos os projetos de vida. Aceita?

Sim, respondo. Não estou aguentando mais.

Terá que adiar algumas coisas para outras existências, continuam. A carga será aliviada aos poucos. Mas terá que permitir a nossa aproximação e auxílio. Você estará adiando agora

certas coisas, mas depois terá que passar por elas - não adianta depois reclamar, dizer que não quer voltar... Precisa orar e acreditar em nós, pois não queremos o seu mal. Chame-nos, peça ajuda e orientação. Até agora, nós sempre estamos te aconselhando, mas você não quis ouvir e se revoltou.

Esta sessão ocorreu em março de 1987. Em agosto do mesmo ano, o rapaz que ela amava, sem ser correspondida, modificou os sentimentos a ponto de começarem o namoro. Em novembro, com a paciente sentindo-se bem, após um tratamento mais longo que o normal, porém extremamente produtivo, decidimos pela alta. Pouco tempo depois, os dois se casaram e vivem bem até agora. Recentemente, quando mantivemos contato outra vez, ela me contou ter nascido um filho deste relacionamento. Apesar de alguns problemas, alguma dificuldade financeira, sente-se feliz, satisfeita. O marido é um excelente pai para todos os quatro filhos, ainda trabalham juntos e ambos lutam pelo progresso da família - perto do que era vida dela antes da terapia, a mudança foi radical.

CAPÍTULO 7

A terapia que vai além do paciente

Cremos que a psicanálise, unida à reencarnação, mas adotando os processos educativos da reencarnação no espaço e no tempo, seria para o mundo de hoje uma realização ideal.

Chico Xavier - Janeiro de 1977

Além da existência espiritual, as regressões de vidas passadas demonstram relações, vínculos de afinidade ou dívida cármica entre dois ou mais espíritos: constantemente os pacientes reconhecem parentes da vida presente atuantes em outras encarnações. Admitindo-se que o espírito processa a sua evolução num longo estágio reencarnatório, é coerente aceitar que, durante este percurso, crie-se ligações entre eles, e que uma inteligência superior os coloque, repetidas vezes, nas mesmas situações.

Quando um paciente meu recebe alta, significa que ele está apto a prosseguir na sua rotina diária com atitudes mais ponderadas, pensamentos sadios e consciência ampliada - logicamente, as pessoas que convivem ao seu lado vão sentir as transformações positivas, aparentemente não importando se elas estavam ou não presentes em vidas passadas vistas nas regressões. Porém, a minha experiência demonstra que os relacionamentos em torno do paciente melhoram na proporção da evolução do tratamento. Credito isso à realidade dos laços entre os espíritos, laços estes estabelecidos em nível inconsciente - os dois podem se comunicar, captar as experiências, e por isso a TVP também age além do próprio paciente. A extensão da atuação depende, e é difícil estabelecer algum parâmetro, contudo, vou citar um

caso onde a mãe, enquanto realizava a terapia comigo, viu uma encarnação onde sua filha atual também era sua filha naquela vida. O curioso foi ter a menina sarado, após esta sessão, de uma insólita rejeição crônica a alimentos sólidos.

Esta paciente procurou-me por uma série de problemas. Além disso, sentia-se preocupada com Fabiana, sua filha de cinco anos, que não conseguia ficar na escola, pois criou a idéia fixa de que a mãe (minha paciente) iria morrer - você vai morrer? perguntava a todo instante. A situação agravou-se após um sonho da menina, em que a mãe havia falecido. A minha paciente passou a sentir até dificuldade para sair de casa, pois a filha chorava, se desesperava, sentindo que poderia nunca mais vê-la. Por fim, desde a mais tenra idade não ingere alimentos que não sejam pastosos ou líquidos.

Vamos à regressão:

Estamos num campo, tenho uma filha. É a Fabiana! Ela está com a mesma idade, uns 5 anos. Seguro suas mãos, corremos desesperadas. Para trás, além do trigo, ou arroz plantado, há um animal. Ele nos persegue. Tenho que salvar minha filha!

Uma árvore... É onde a coloco, procurando isolá-la do perigo. Não consigo subir, o animal - parece um urso me alcança, e então tenho que lutar com ele. Com um pedaço de madeira procuro afastá-lo, sou ferida, sangro muito, mas não desisto. A menina se desequilibra, está assustada, e cai da árvore. Entre ela e o urso, uso toda minha energia. Recebo uma patada violenta, na garganta, e caio. Sou arrastada em direção à montanha, e devorada. Meu espírito permanece ali, procuro minha filha, ela está apavorada, atrás da árvore.

A casa onde morávamos é perto, vejo fumaça na chaminé. A menina sai correndo, entre choro e soluços, grita agoniada pelo pai. Um homem, era meu marido, vai ao seu encontro, pergunta o que aconteceu, e ao saber do ocorrido, mune-se de uma arma e vai me procurar. Encontra os rastros de sangue e cai em estado de choque: ele viu meus restos mortais, a aparência é horrível.

Meu marido ficou muito abatido. Todos, na casa, estão amargurados. Tínhamos mais dois filhos, e uma senhora também morava conosco. A menina foi quem mais sofreu. Vai crescendo, eu continuo lá, acompanhando a família.

Vejo minha filha, ela deve ter uns 15 anos, é uma moça bonita, mas tímida e tristonha. Todos estão jantando, ela come um pedaço de frango. Subitamente, começa a tossir, algo ficou entalado na garganta, está se sufocando, meu outro filho dá tapas nas costas, ela desmaia e, quando o socorro chega, não há mais nada a fazer.

- *Como era a sua vida antes do ataque do animal?*

Minha filha está sentada numa cadeira alta - o pai construiu. Ainda não tem um ano, bate palmas, é um belo nenê. Meu marido é trabalhador, eu também, adoro cuidar da terra e da plantação. Tenho 29 anos. Nós vendemos nossa pequena produção na cidade, os meninos já frequentam a escola.

No dia do acidente, estamos voltando de um passeio, no rio, quando ouvimos um ruído. Corremos, tentamos fugir, vejo que é um urso.

A região onde moramos é fria, montanhosa, é um lugar muito bonito. Mas depois de tudo o que aconteceu, tudo ficou triste, meu marido não crê mais em nada, não deixa nem as crianças rezarem.

Mostro à paciente as relações, o porquê do pavor da filha ante uma improvável morte da mãe. Muitos sonhos são revivências do passado. Inconscientemente, a pequena Fabiana se lembra de ter perdido a mãe, de ter ficado triste e deprimida e também de ter morrido daquela maneira.

Pedi que a paciente compreendesse que foi escolhida esta vida em conjunto para permitir encerrar o que não foi acabado, e ainda solicitei que ela mentalizasse a menina, dizendo que tudo aquilo acabara, aquele passado não existia mais, e deveria ser desligado.

Pouco tempo depois, Fabiana já conseguia ingerir, pouco a pouco, alguns alimentos mais consistentes, bem como deixou de falar em uma morte prematura da mãe. Telepaticamente, o inconsciente da filha captou todo o contexto da regressão da mãe, e com isso conseguiu se libertar de um problema

crônico, sem ao menos estar presente na sessão - creio que isto é uma grande evidência dos laços mantidos entre espíritos com afinidade, vindos de encarnações passadas.

A TVP, neste sentido, pode ser considerada uma experiência mística ou espiritual - é uma integração com nossa essência divina, onde cada peça faz parte de um universo maior, principalmente nestes casos, quando o paciente interage com outras consciências durante o processo, e provocam mudanças de comportamento em pessoas distantes da terapia. Somente estas mudanças já seriam suficientes para crer na empatia espiritual - mas realizar a terapia em casais, cada parceiro em sessões diferentes, também revela o mesmo conceito. O casal é capaz de ver a mesma vida passada, claro que sob ângulos diferentes.

Vou citar um exemplo, em que ambos, marido e esposa, fizeram a terapia comigo, cada qual com seus problemas específicos mas também com dificuldades de relacionamento e, além de reencarnações distintas, viram também vidas onde estiveram juntos - um não sabia dos detalhes do tratamento do outro, mas a semelhança do conteúdo é muito grande.

Sessão da esposa

Tem um homem sentado na porta de um barraco de madeira. É um rapaz humilde. Entardece, uma carruagem vem chegando pela estrada, e pára em frente à choupana. Uma sinhazinha desce - ambos os jovens se amam.

Eu sou esta moça. Desde criança nos conhecemos, ele é inteligente, filho de um empregado da casa, acabamos nos apaixonando e jurando nosso amor. Por incrível que possa parecer, minha família, apesar de abastada, não proibiu o romance - meu pai até oferece um cargo melhor para ele, dando assim a oportunidade dele ter condições para se casar comigo - mas o rapaz é orgulhoso, não aceita.

Fico muito triste, não entendo esta reação dele. Neste dia, estou indo até a casa dele para pedir que aceite a oferta, vá

morar comigo na casa grande. Não aceita de nenhuma maneira, nem quer me ouvir, acabo indo embora.

Estou revoltada - fiz tudo para tentar ajudá-lo - por que ele não quer? Converso com minha mãe, ela é uma mulher compreensiva e sensata:

- Você só pode esperar, filha...

É o que faço. Espero, e cedo descubro o jovem namorando com outra moça, humilde como ele. Isto arrasa com minha vida. Os dois se casam, têm filhos, desgostosa com a situação, decido me tornar freira, e vou para um convento. Meu ex-namorado acabou aceitando o cargo de administrador que meu pai oferecera, sua vida melhora, prospera. Neste momento, ele pensa que foi por capacidade do seu trabalho, e por isso quis a promoção.

Com o tempo, esquecendo a desilusão, consigo direcionar meu pensamento para a caridade, dedico-me muito aos pobres, alfabetizo as crianças. A filha dele é minha aluna, trato-a com muito carinho; ao mesmo tempo, ela gosta muito de mim. Com idade suficiente para formular suas próprias opiniões, a menina diz que vai ser freira. O pai então vem me procurar:

- Tire isto da cabeça dela, ela não pode se tornar uma freira.

Não posso fazer nada, tento convencê-lo que a escolha é da moça, não minha. Não demora muito para ela também ingressar na vida religiosa, meu ex-namorado e sua mulher não me perdoam, por achar que fui eu a culpada pela atitude da filha.

Meus pais morrem, ele se torna o responsável por tudo na fazenda. Alguns anos se passam, e a esposa acaba falecendo. Solitário, somente com um filho homem, ele vem até o convento pedir para que eu largue o hábito e fique com ele. Não posso aceitar, respondo. Fiz os votos, estou contente com a vida que tenho... Ele se vai, triste, aborrecido - morre solitário.

Estou com mais ou menos 60 anos. Uma doença no estômago me corrói, perco muito peso, as dores são fortes, e morro - um sentimento de frustração me passa, instantes antes de falecer.

A regressão do marido

Vejo um campo, uma fazenda, eu sou o capataz - trabalho com os empregados, sou ríspido, severo. Há uma grande plantação, ando por ela toda, castigo os escravos desobedientes, espanco os mais atrevidos com um chicote. Faço com que eles trabalhem muito, além da energia - quando não correspondem, o castigo é certo. Alguns chegam a morrer devido aos maus tratos.

Moro na casa grande. Minha diversão é beber e frequentar o bar das prostitutas. Abuso também das escravas... Uma das escravas, empregada dentro da casa grande, vive fugindo de mim, não aceita minhas intenções. Entretanto, sou violento e só quero me divertir com ela.

Minha família, esposa e filhos, moram comigo - trato-os bem, mas sem carinho verdadeiro. Eu amo realmente a filha do dono da fazenda. Namoramos durante um período, até ela ir embora - nos gostávamos muito. Íamos casar. Fiquei com a cabeça confusa neste período, pensava na minha liberdade, tinha a idéia de que se casasse com a filha do dono da fazenda, seria manipulado pelo pai, perderia a liberdade, não poderia sair com as prostitutas. O velho era a favor do casamento. Dizia que minha negativa era um desrespeito ao amor sentido pela moça, discutimos muito, mas não arredei o pé da minha decisão:

- Não me caso com a sua filha!

Ela foi embora da fazenda, depois disso - entrou num convento. Sinto muita saudade. Conheci minha mulher, e mesmo sem amá-la, casei-me. Se pudesse voltar atrás, voltaria; me arrependi muito do que fiz. Tivemos dois filhos...

Tenho agora uns 50 anos. Sou frio, severo, seco. A moça que eu amava vem visitar a fazenda, pergunta-me por que continuo tão orgulhoso. Eu nunca disse a verdade a ela - respondi que, naquele momento, não poderia aceitar a proposta do pai dela. Não poderia dizer que eu não queria perder minha vida promíscua e irresponsável. Também não disse que me arrependi. Sinto muito tristeza quando ela vai embora - está abatida.

Vivo amargurado e revoltado. Acho que a vida não vale a pena. Fico viúvo, com a idade, meu filho fica no meu lugar. Morro de ataque cardíaco, com muita falta de ar. Não queria morrer...

Percebemos as semelhanças nos relatos, onde os dois personagens, com personalidades, sentimentos diferentes viram a mesma vida - hoje, na vida presente, podem desfrutar de uma união que não deu certo no passado. Aprenderam com os erros, e após a terapia, têm um auto-conhecimento maior, sabem em quais pontos falharam, e por isso, a possibilidade de acerto é grande.

Ocasões onde tenho pacientes da mesma família são comuns. Há alguns anos atendi a uma família inteira, mas em períodos de tratamento distintos - pai, mãe e quatro filhos, todos eles fizeram a TVP comigo e os mesmos se surpreenderam, ao conversarem entre si: muitas das vidas passadas vistas nas sessões coincidiam - a família já esteve reunida em outras encarnações.

TVP - a redescoberta da alma

Etimologicamente, a palavra psicologia significa ciência da alma. Aristóteles foi quem primeiro elaborou um estudo sistemático da alma, tratando em sua doutrina todos os graus da vida terrestre (vegetativa, sensitivo-animal e intelectual) - via na alma o princípio formal substancial dos processos vitais, o que permite colocá-la num patamar infinitamente superior à vida material, pois a alma antecede a “vida”.

Percebe-se que a TVP não veio “inventar” novos conceitos para a psicologia - está apenas recolocando a psicologia no seu caminho original, amparada por provas incontestáveis: os pacientes libertos dos seus sintomas. Expus neste livro o método e o resultado -, provar a preexistência da alma e a reencarnação não foi o meu objetivo. A ciência se encarregará disso.

O Homem está se reaproximando do espírito e isso quer dizer se aproximar de uma consciência mais ampla, uma compreensão mais clara das responsabilidades e dos deveres; é um processo irreversível. Não é verdade que a proximidade do final

do século está tornando as pessoas mais abertas espiritualmente ou esotéricas, como querem alguns. O espiritualismo, o movimento ecológico, o esboço de união entre países, o feminismo, as ONGs, o avanço da física quântica, o pacifismo, a TVP, tudo é fruto de um desenvolvimento de consciência natural. Os valores materialistas e cartesianos estão esgotados - foi necessário e importante para o desenvolvimento tecnológico da humanidade, ao dar prioridade ao intelecto, mas agora está sendo substituído por valores morais, éticos, sociais e econômicos adequados a uma nova realidade.

Renegar o materialismo não é jogar fora todo o progresso, repudiar a ciência, nem é deixar de trabalhar e estudar, para adquirir uma atitude contemplativa e falsamente espiritual. O trabalho, o desenvolvimento intelectual e até material é inerente ao homem, mas este progresso não deve mais vir acompanhado da exaltação exacerbada da individualidade, do esquecimento do eu espiritual infinito, da negação da responsabilidade perante nós, Deus e o próximo.

Quando vejo, por exemplo, um curso de pós-graduação ministrado numa das mais conceituadas universidades da América Latina, a USP (Universidade de São Paulo), intitulado *Bases Biofísicas e Epistemológicas da Integração Cérebro-Mente-Corpo-Espírito*, cujas vagas são arduamente disputadas pelos interessados, conscientizo-me da nova mentalidade em formação. Durante três anos, as aulas procuram relacionar ciência e fenômenos ainda não explicados cientificamente, tais como a existência do espírito, a origem da mente e da inteligência, o poder da oração e outros temas que, seguramente, não encontrariam espaço á algum tempo no âmbito acadêmico, principalmente numa universidade de tal renome.

A profundidade filosófica percebida através da TVP, além das evidências da reencarnação e da lei de causa e efeito, mostram um retorno às tradições antigas - a crença no espírito, na reencarnação e no carma. Por outro lado, a TVP é extremamente moderna em muitos sentidos: é uma terapia realmente

eficaz; praticada por psicólogos e médicos, profissionais capazes de diagnosticar e trabalhar os desvios do comportamento humano, e acaba, de certa forma, unindo a ciência ao espírito, também objeto de pesquisa da física quântica; elimina as causas e os sintomas da doença; não se utiliza, pelo menos no meu método de trabalho, da medicação por drogas psicoativas - é um método totalmente natural e inofensivo ao organismo; enfim, consegue integrar o conceito de saúde psíquica envolvendo o contexto biológico, social, existencial e transpessoal do paciente, respeitando e incentivando a capacidade individual da evolução e da cura - após a alta o paciente está mais saudável não apenas organicamente, como também social e espiritualmente. O trabalho que realizo há 30 anos trouxe-me esta satisfação em poder constatar a evolução das pessoas que passaram pela terapia. Muitos me ligam, anos após, apenas para darem conta da situação que se encontram, o que fazem, como reagem frente às dificuldades, ou somente para realçarem a satisfação em terem feito a TVP. Outros indicam a terapia a amigos ou parentes, dizendo ser este um caminho que os levará rumo ao verdadeiro auto-conhecimento, sem ilusões ou falsas interpretações.

Estes ex-pacientes demonstram a maturidade de saber que, apesar de todos os erros e sofrimento passados, evoluíram, e aceitam ser esta vida de hoje, com todas as dificuldades que possam aparecer, um estágio a mais na busca do desenvolvimento. Perderam o medo da morte, pois descobriram a eternidade do espírito. Abrem seus conceitos, uns mais, outros menos, às novas dimensões de realidade; tornam-se assim, menos preconceituosos e mais sensíveis.

Tal comportamento indica que estar reencarnado não significa necessariamente estar sofrendo e pagando pelos erros do passado: a possibilidade de estar bem, absorvendo conscientemente as adversidades e progredindo é real, mesmo carregando resquícios de outras vidas. A TVP ocasiona a mudança de valores, onde a noção de tempo, espaço, bem-estar material, amor, responsabilidade, ganham novos contornos: o indivíduo passa a não esperar a felicidade suprema imediata, uma vez que aprende que

a vida é transitória. Ao mesmo tempo, não deixa de batalhar no seu dia-a-dia, para não acarretar novas barreiras que atrasariam a evolução.

As regressões deixam claro estar o espírito se despidendo, pouco a pouco, dos seus vícios, ódios, culpas, medos - a cada encarnação, vai se identificando gradativamente com a maior lei universal, a Lei do Amor. Da paixão insana, descobre a responsabilidade pela família. Da luta pelas riquezas materiais, descobre a beleza sutil da vida humilde. Da vingança, descobre o valor do perdão. Neste caminho árduo, com tropeços e acertos, chegará a hora em que a aproximação com o significado abrangente e verdadeiro do amor estará completa - será o desligamento do carma, quando romper-se-ão as constantes idas e vindas à escola Terra, pois estará depurado os laços cármicos que prendem o espírito à necessidade de um corpo material.

Isto tudo seria muito utópico se imaginássemos uma evolução instantânea: do caos, passar à harmonia; dos erros, à perfeição. Porém as regressões também demonstram o quanto é demorado o processo - pessoas ainda trazem problemas e sintomas originados em épocas distantes, persistindo na vida atual. Este passado era para estar esquecido - uma nova vida deveria ser um novo momento de recomeçar sem olhar para trás. O sentimento do apego às emoções passadas, entretanto, continua arraigado, mesmo após o aprendizado em inúmeras encarnações, como também no espaço entre vidas, conforme vimos em alguns exemplos. Por isso voltamos com estas gravações inconscientes, fazendo repetir emoções, atitudes, comportamentos que não cabem no contexto atual.

A Terapia de Vida Passada é capaz de desligar estes elos entre o passado e o presente, dá ao indivíduo a capacidade de discernir a sua condição evolutiva do momento, e a inteligência e bom-senso de cada um estará livre para saber como agir de modo a não provocar mais culpas. Ter o espírito livre de culpa significa estar livre para passar a mundos superiores.

O mais importante, antes de pensar em mundos superiores, é aceitar, deixar fluir o material presente no inconsciente de

todos - a memória extra-cerebral está repleta de vidas, ou seja, experiências, lições, verdades reveladas por pessoas de cultura, raças e credos diferentes. Os casos relatados neste livro são exemplos deste material, tal qual afloraram durante as sessões - se fantasias fossem, os pacientes ainda estariam com os problemas que os levaram à procura da terapia. Mas aceitaram, ainda que devido aos problemas sofridos, se submeter à regressão, alguns contrariando credos, convicções e conceitos. Hoje não se arrependem.

Estes indivíduos souberam redescobrir o verdadeiro significado da alma.

Espero que este livro tenha servido ao meu intento, de esclarecer as pessoas todo o processo terapêutico, enfim, o que é na realidade a TVP. Pessoas inescrupulosas, preconceituosas ou sem conhecimento podem desvirtuar o significado da Terapia de Vida Passada, induzindo considerações errôneas, tanto no sentido de atribuir a esta técnica maior poder que o real, quanto para denegrir a imagem do tratamento e dos terapeutas que a praticam.

A ponderação e o bom-senso deve conduzir o pensamento dos homens. Procurei demonstrar que mesmo possuindo uma eficácia terapêutica espantosa, a TVP não é a cura para todos os males - por outro lado, não é um engodo. Se praticada por profissionais competentes, imbuídos de conhecimento psicológico e espiritualista, além de convicção, é tão útil quanto uma técnica psicoterapêutica pode ser. Como disse em capítulo anterior, a psicologia deve estar aliada ao completo entendimento da lei de causa e efeito, da reencarnação, um domínio sobre toda a fenomenologia mental e espiritual - há a necessidade da mente livre de preconceitos, para que o paciente receba a ampla assistência proporcionada pela terapia. O terapeuta, antes de tudo, deve se trabalhar, de diversos modos, para manter também as suas emoções em harmonia. Se assim não for, o próprio terapeuta estando com o seu eu espiritual desregulado, verá seu trabalho fadado ao fracasso. Como ninguém é perfeito, a vigilância deve ser constante.

Considerações finais

A mente pode ser programada e reprogramada através de novas informações. Nós somos o que o nosso programa é - a diferença que afasta irremediavelmente qualquer semelhança entre a mente e o computador é a possibilidade que temos de decidir nossos próprios atos e aperfeiçoar o nosso próprio programa. Certos padrões, comportamentos, são definidos pelo contato com os pais, escola, sociedade, e pela herança recebida de reencarnações passadas. Acredito que o fato do consciente não se recordar espontaneamente das outras vidas é uma simples defesa que a natureza, ou Deus, nos proporcionou, devido ao nosso grau de evolução. Se a dificuldade em aceitar e conviver com os traumas do presente já é tamanha, o que seria do indivíduo se ele soubesse das atitudes cometidas em outros tempos, como poderia compreender o fato de ter nascido num lar onde, muitas vezes, afetos e desafetos estão reencarnados sob o mesmo teto? O que dizer do milionário, acostumado aos prazeres materiais, que renascesse na pobreza, onde justamente foi colocado para aprender os sublimes sentimentos de humildade? No entanto, a experiência com a TVP - se bem trabalhada - demonstra que lembrar estes fatos não é uma catástrofe - os pacientes que concluíram todo o tratamento mostraram que podem conviver muito bem com estas lembranças, a medida que entenderam a responsabilidade de cada um, hoje. Eles estavam preparados para o confronto com o passado, caso contrário, simplesmente não entrariam em regressão, se recusando (inconscientemente) a ver qualquer coisa relacionada com vidas passadas.

Porém, estas memórias não se apagaram. O inconsciente está ali, repleto de informações - funciona como uma câmera de vídeo poderosa, onde as imagens, sentimentos e sensações estão registrados. A regressão proporciona o acesso a esta “câmera”, permitindo reprimir os fatos que estão relacionados com problemas atuais - o que somos hoje é a soma de tudo o que fomos no passado. Os programas destas vidas se mantém conosco e nos definem: traumas, emoções mal resolvidas, assim como acertos e virtu-

des moldam nossa personalidade. Uma vez que as energias das emoções traumáticas permanecem as vezes durante muitas encarnações, legando-nos os problemas, é necessário revivê-las, compreendê-las num contexto amplo, e desligá-las.

Isto somente é possível em nível inconsciente, pois o consciente não consegue definir com exatidão os traumas passados: para o consciente, eles são expressos através de medos, fobias, desvios de atitudes. A TVP faz com que o indivíduo preparado para tal vá desligando todos estes sintomas paulatinamente, no decorrer das sessões, ao mesmo tempo em descobre toda a profundidade das relações entre passado-presente, contida dentro do próprio inconsciente - começa então a pensar, a sentir e intuir em si mesmo as respostas.

O indivíduo aprende a conversar com a sua alma

Muitos dos ex-pacientes assumiram o lado espiritual e, quando desejaram, eu indiquei quais os caminhos que poderiam seguir, para se aprofundarem mais, ampliarem seus conhecimentos, desenvolverem o dom que já estava impresso na alma.

Procurei transcrever neste livro uma pequena amostra do que vejo diariamente em meu consultório. Tenho dezenas de casos interessantes, incríveis, dentro das 26.000 horas de regressão arquivadas nestes anos, mas procurei selecionar alguns casos que ilustrassem e representassem como é o meu trabalho dentro da TVP. Espero ter deixado claro que esta é a minha maneira de atuar, os conceitos expressos nesta obra são visões que aplico por entender serem corretos - conforme escrevi no início, com o passar dos anos, a experiência e o estudo foram moldando o modo como conduzo a terapia e felizmente tenho descoberto resultados alentadores a cada paciente. Não existe nenhum milagre instantâneo, somente um trabalho sério, onde também quem me procura participa do processo terapêutico.

Sinto-me feliz por dividir com você, leitor, o que há tantos anos me fascina - não apenas o paciente encerra o tratamento

agradavelmente surpreso com os resultados. Eu também, na realidade a cada sessão, vejo o meu trabalho recompensado.

Olhando perifericamente, percebo que muitos estão enfrentando os tantos problemas cotidianos com uma atitude cada vez mais coerente com a nossa evolução atual – voltam-se para dentro, para a luz interior, aquela energia infinita capaz de operar milagres... Em todas as áreas é possível vislumbrar pessoas que buscam a centelha divina existente no nosso íntimo, realidade afirmada pela maioria das religiões. No entanto, aquela imagem de um Deus onipotente vai sendo substituída pelo credo de um “Deus interativo”, - palavra tão em voga. Deus atribui responsabilidades, e reage conforme nossas atitudes. O processo da TVP coloca esta espiritualidade de forma mais palpável, atingindo indiscriminadamente todos que se submeteram ao tratamento, dando a oportunidade ao paciente de encontrar o seu caminho, o seu “Deus interativo”, da maneira que melhor lhe convier. E isto coloca a Terapia de Vida Passada num patamar distinto, unindo um método sério a resultados alentadores, enfim, demonstrando ir além do que se espera de uma terapia. Ela é, sobretudo, uma iniciação espiritual.

BIBLIOGRAFIA

A Doutrina de Buda; Bukkyo Dendo Kyokai; 1979; Tóquio.

Anais do Instituto Nacional de Terapia de Vivências Passadas;
INTVP; 1990; São Paulo.

Andrade, Hernani Guimarães; Morte, Renascimento, Evolução;
Pensamento; 1991; São Paulo.

Azevedo, Murillo Nunes de; O Olho do Furacão; Civilização
Brasileira; 1973; Rio de Janeiro.

Banerjee, H. N.; Vida pretérita e futura; Nórdica; 1987; São Paulo.

Boletim Médico-Espírita no 8 - MEDNESP - 91; FEESP; 1993;
São Paulo.

Boletim Médico-Espírita no 9 - MEDNESP - 93; FEESP; 1994;
São Paulo.

Boletim Médico-Espírita no 10 - MEDNESP - 95; FEESP;
1996; São Paulo.

Brugger, Walter; Dicionário de Filosofia; EPU; 1977; São Paulo.

Capra, Fritjof; O Ponto de Mutação; Círculo do Livro; 1982;
São Paulo.

Cabral, Álvaro e Nick, Eva; Dicionário Técnico de Psicologia;
Cultrix; São Paulo.

Dethlefsen; Thorwald; *A regressão a vidas passadas como método de cura*; Pensamento; 1993; São Paulo.

Drouot, Patrick; *Reencarnação e Imortalidade*; Nova Era; 1996; Rio de Janeiro.

Drouot, Patrick; *Nós somos todos imortais*; Record; 1996; Rio de Janeiro.

Evans-Wentz, W. Y. (Organizador); *O Livro Tibetano dos Mortos*; 1992; Pensamento; São Paulo.

Fiore, Edith; *Possessão Espiritual*; Pensamento; 1991; São Paulo.

Franco, Divaldo P.; *Nos bastidores da Obsessão*; FEB; 1970; Rio de Janeiro.

Goldberg, Bruce; *Vidas Passadas, Vidas Futuras*; Nórdica; 1993; Rio de Janeiro.

Griscom, Chris; *Êxtase*; Siciliano; 1989; São Paulo.

Grof, Stanislav; *Além do Cérebro*; McGraw Hill; 1987; São Paulo

Grof, Stanislav e Grof, Christina (Orgs.); *Emergência espiritual*; 1989; São Paulo.

Huxley, Aldous; *A filosofia perene*; Cultrix; 1991; São Paulo.

Kardec, Allan; *O que é espiritismo*; FEB; 1994; Rio de Janeiro.

Kardec, Allan; *O Livro dos Espíritos*; FEB; 1978; Rio de Janeiro.

Kardec, Allan; *O Evangelho segundo o Espiritismo*; Editora Três; 1973; São Paulo.

Kardec, Allan; *O Livro dos Espíritos*; Lake; 1994; São Paulo.

Klimo, Jon; Channelling; Siciliano; 1987; São Paulo.

McClaim, Florance Wagner; Guia Prático de Regressão à Vidas Passadas; Siciliano; 1985; São Paulo.

Miranda, Hermínio C; Alquimia da Mente; Publicações Lachâtre; 1994; Niterói.

Miranda, Hermínio C; Condomínio Espiritual; FEESP; 1993; São Paulo.

Miranda, Hermínio C; Diálogo com as Sombras; FEB; 1983; Rio de Janeiro.

Miranda, Hermínio C e dos Anjos, Luciano; Eu sou Camille Desmoulins; Lachâtre; 1993; Niterói.

Moody Jr., Raymond A. e Perry, Paul; Investigando Vidas Passadas; Cultrix; 1992; São Paulo.

Netherton, Morris e Shiffrin, Nancy; Vidas Passadas em Terapia; ARAI-JU; 1989; São Paulo.

Nobre, Marlene Rossi Severino; Lições de sabedoria: Chico Xavier nos 22 anos de Folha Espírita; FE; 1996; São Paulo.

Pincherle, Livio Tulio (Organizador); Terapia de Vida Passada; Summus; 1990; São Paulo. (192)

Pincherle, Livio Tulio (E outros); Psicoterapia e Estados de Transe; Summus; 1985; São Paulo.

Robillard, Edmond; Reencarnação - sonho ou realidade?; Paulinas; 1984; São Paulo.

Rohden, Huberto; Bhagavad Gita; Freitas Bastos; 1963; São Paulo.

Schubert, Suely Caldas; Obsessão-desobsessão; FEB; 1985; Rio de Janeiro.

Tendam, Hans; Panorama sobre a reencarnação; Summus; 1993; São Paulo.

Tendam, Hans; Cura Profunda; Summus; 1997; São Paulo.

Wambach, Helen; Recordando Vidas Passadas; Pensamento; São Paulo.

Weiss, Brian L.; Muitas Vidas, Muitos Mestres; Salamandra; 1991; Rio de Janeiro. (185)

Weiss, Brian L.; Só o amor é real; Salamandra; 1996; Rio de Janeiro.

Weiss, Brian L.; A cura através da Terapia de Vidas Passadas; Salamandra; 1996; Rio de Janeiro.

Whitton, Joel L. e Fisher, Joe; Vida, Transição Vida; Pensamento; 1992; São Paulo.

Wingate, Peter; Dicionário de Medicina; Publicações Dom Quixote; 1977; Lisboa.

Wooger, Roger J.; As várias vidas da alma; Cultrix; 1994; São Paulo.

Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo; Desobsessão; FEESP; 1964; São Paulo.

Xavier, Francisco Cândido; Encontro Marcado; FEB; 1991; Rio de Janeiro.